



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

GUILHERME EWERTON ALVES DE ASSIS

DOS ARROUBOS DO COLO MATERNO À CUMPLICIDADE
PUSILÂNIME DO PAI: A FAMÍLIA E O ENCLAUSURAMENTO
INDIVIDUAL N'A *FUGA*, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

João Pessoa

2023

GUILHERME EWERTON ALVES DE ASSIS

DOS ARROUBOS DO COLO MATERNO À CUMPLICIDADE
PUSILÂNIME DO PAI: A FAMÍLIA E O ENCLAUSURAMENTO
INDIVIDUAL N'A *FUGA*, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), por Guilherme
Ewerton Alves de Assis, como parte dos requisitos
exigidos para obtenção do título de licenciatura em Letras
- Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues.

João Pessoa

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A848a Assis, Guilherme Ewerton Alves de.

Dos arroubos do colo materno à cumplicidade
pusilânime do pai : a família e o enclausuramento
individual n'A fuga, de Lygia Fagundes Telles. /
Guilherme Ewerton Alves de Assis. - João Pessoa, 2023.
149f.

Orientador : Hermano de França Rodrigues.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes, 2023.

1. Telles, Lygia Fagundes. 2. Winnicott, Donald. 3.
Maternidade. 4. Família. 5. Psicanálise. I. Rodrigues,
Hermano de França. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82.09

Seu filho hoje aprendeu uma palavra
seus ossos dormem crescendo
em breve andará com firmeza
saberá a ciência do chão
em breve a língua tomará
conta dele
vai emudecer o mundo
moldar seus pequenos dentes
em breve a língua será a mãe
mais do que você é mãe
(Ana Martins Marques)

RESUMO

Saudavelmente em um estado (quase) doentio, bordejando à psicose, a mãe suficientemente boa se identifica e, de modo empático, possibilita que o bebê tenha, em seu mundo, a ilusão de ter criado onipotentemente o objeto primevo, que aparece quando o deseja: o seio. Venturosamente capaz de adaptar-se, o bom ambiente materno, nos estágios primitivos, oferta braços que, ao rebento não-integrado, é capaz de juntar os vitrais fragmentários e, gradualmente, funcionando como um ego auxiliar, pôr em marcha duas tarefas essenciais: integração e personalização. Entre mamadas, o bebê, através de uma “experiência estética”, escuta os sussurros sibilantes e o *handling* (manejo) que o manuseia e, sem perceber, engatinha num colo suficientemente bom. Com passos cambaleantes rumo à independência, a mãe deve, de modo paulatino, ser capaz de realizar adaptações e atendimentos cada vez *menos* diligentes, permitindo que a criança lide com falhas e, capaz de estar só, trace rotas espontâneas e autênticas. Há casos, todavia, que distúrbios maternos, psicopatologicamente, interditam o crescimento emocional do filho: eis o caso de uma mãe – e, por extensão, família – que, uma vez formando uma “monâda” com o bebê, é incapaz de desmamar. Preso às saias da mãe, a criança, ante a preocupação psicopatológica, tenta, por meio de um *falso self*, responder a essa figura materna que não recobrou a “lucidez” de uma vida para além dele mesmo e permanece embriagada pelos licores da maternidade. Nas tramas dos primeiros tempos – que ecoam ululantemente no desenvolvimento emocional e na vida adulta –, o presente trabalho investigará o conto “A fuga”, do livro *A estrutura da bolha de sabão* (1991), de Lygia Fagundes Telles, no intento de compreender a arquitetura familiar, visto que ora deparamo-nos com funções que escorrem, ofertando um colo esgarçado e em frangalhos para os mais novos, ora com posições maternas e paternas capazes de, pela sua onipotência parasitária, criar uma redoma claustrofóbica e asfixiante. Para tanto, recorre-se, como arcabouço teórico-metodológico, às contribuições da ciência psicanalítica, com ênfase nos estudos de Donald Winnicott e seus continuadores contemporâneos, quais sejam: *A criança e seu mundo* (1964); *A família e o desenvolvimento individual* (1965); *O ambiente e os processos de maturação* (1965); *Tudo começa em casa* (1986); e *Os bebês e suas mães* (1987).

Palavras-chave: Maternidade; Família; Lygia Fagundes Telles; Psicanálise; Winnicott.

ABSTRACT

Healthily in an (almost) unhealthy state, bordering on psychosis, the good enough mother identifies herself and, in an empathetic way, allows the baby to have, in her world, the illusion of having omnipotently created the primeval object, which appears when desired. : the breast. Fortunately capable of adapting, the good maternal environment, in the primitive stages, offers arms that, to the non-integrated offspring, are capable of joining together the fragmentary windows and, gradually, functioning as an auxiliary ego, set in motion two essential tasks: integration and customization. Between feedings, the baby, through an “aesthetic experience”, hears the hissing whispers and the handling that handles him and, without realizing it, crawls into a good enough lap. With staggering steps towards independence, the mother must, gradually, be able to make adaptations and provide less and less diligent care, allowing the child to deal with failures and, able to be alone, chart spontaneous and authentic routes. There are cases, however, in which maternal disorders, psychopathologically, impede the emotional growth of the child: this is the case of a mother – and, by extension, family – who, once forming a “monada” with the baby, is unable to wean. Trapped by the mother's skirts, the child, faced with psychopathological concerns, tries, through a false self, to respond to this maternal figure who has not recovered the “lucidity” of a life beyond himself and remains drunk on the liquors of motherhood. In the plots of the early days – which echo loudly in emotional development and adult life –, this work will investigate the short story “A fugi”, from the book *A Estrutura da Búlbula de Sabão* (1991), by Lygia Fagundes Telles, in the attempt to understand the family architecture, as we are sometimes faced with functions that drain, offering a frayed and tattered lap for the youngest, sometimes with maternal and paternal positions capable of, due to their parasitic omnipotence, creating a claustrophobic and asphyxiating dome. To this end, we use, as a theoretical-methodological framework, the contributions of psychoanalytic science, with an emphasis on the studies of Donald Winnicott and his contemporary followers, namely: *The child and his world* (1964); *The family and individual development* (1965); *The environment and maturation processes* (1965); *It all starts at home* (1986); and *Babies and Their Mothers* (1987).

Keywords: Maternity; Family; Lygia Fagundes Telles; Psychoanalysis; Winnicott.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A INFÂNCIA NO COLO LITERÁRIO: INDUMENTÁRIAS DA MATERNIDADE, MÁSCARAS DA FAMÍLIA	14
1.1 “TUDO COMEÇA EM CASA”: HISTÓRIA SOCIAL (E PSÍQUICA) DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA.....	14
1.2 O INCONSCIENTE NA TERRA DO NUNCA: ENTRELAÇAMENTOS ENTRE PSICANÁLISE E ‘COLO LITERÁRIO’	19
1.3 SEMBLANTES DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA: AS <i>FUNÇÕES</i> (PARENTAIS) E SEUS DESTINOS	24
2 O AMBIENTE E OS PROCESSOS DE (I)MATURAÇÃO: A LETARGIA DA CRIANÇA NO CLAUSTRO-COLO DA MÃE	28
2.1 A MATERNIDADE EM WINNICOTT.....	28
2.2 O AMBIENTE E OS PROCESSOS DE (I)MATURAÇÃO: ENTRE MÃES <i>EXCESSIVAMENTE</i> BOAS E SUAS FALHAS IMPOSSÍVEIS.....	60
2.3 OS BRAÇOS DO PAI NOS CUIDADOS DA MÃE: (RE)APARECIMENTO DA LETRA PATERNA NA SINFONIA DA MÃE AO BEBÊ	78
3 ARROUBOS DO COLO MATERNO, PAIS CÚMPLICES: A FAMÍLIA E O APRISIONAMENTO INDIVIDUAL EM LYGIA FAGUNDES TELLES	89
3.1 ESTÉTICA LITERÁRIA DE LYGIA FAGUNDES TELLES.....	89
3.2 A FAMÍLIA E A PARENTALIDADE NO ARCABOUÇO LYGYANO.....	99
3.3 REGÚGIOS APRISIONANTES, AMBIENTES CLAUSTROFÓBICOS: ANÁLISE DO CONTO “A FUGA”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS	134

INTRODUÇÃO

E a mãe sou eu. Mãe túmida. Mãe seiva. Mãe árvore. Mãe que dá e nada pede de volta. Mãe música de órgão. Hasteia a bandeira, filho, na hora de minha sagrada morte. E dou tal profundo grito de horror e louvor que as coisas se partem à vibração de minha voz única. Choque de estrelas. Pelo enorme monstruoso telescópio me vês. E eu sou gélida e generosa como o mar.

(Clarice Lispector)

Com força sedutora, onipotente e ctônica, Gaia, a Grande Mãe, depõe sobre o semblante – arquetípico – ‘devorador’, canibalesco e enclausurador da maternidade e, quiçá, da família, uma vez que o encerramento do ventre de Gaia, receoso de que os filhos usurpem o poder, foi empreendido por Urano, o Grande Pai. Ao gemer em dores pungentes, sem poder expurgá-los de seu útero, Gaia suplica aos filhos, moradores de si mesma, para que, em um movimento de *fuga*, libertem-se e se vinguem do patriarca. Da fratria, apenas Cronos, percebendo que o tempo de caminhar rumo à independência chegara, aceita a urdidura conspiratória. Ao castrar o pai, em um movimento de agressividade e rebeldia, Cronos possibilita a travessia do ventre ao mundo, do colo à cultura. Eis que as roupagens nefastas e terríficas da família e da parentalidade, desde as indecifráveis calendas mitológicas, que prorrompem do Caos até as novas configurações familiares da modernidade, pululam nos alfarrábios mítico-literários. Não à toa, a Psicanálise e a Literatura, juntas, desde a gênese de suas existências, sempre demonstraram interesse especial na *arquitetura familiar*, nos seus artefatos, à primeira vista, mais sacrossantos às suas metástases espúrias e torpes. A família, desde as primícias das urdiduras literárias, pré-históricas e psicanalíticas, na esteira das fissuras indelévels que a recobrem e aviltam-na, enobrece-se pelos diversos relicários que a parentalidade e a conjugalidade ofertam, com seus descompassos constitutivos e, amiúde, (des)estruturantes.

Nas tramas dos primeiros tempos – que ecoam ululantemente no desenvolvimento emocional e na vida adulta –, o presente trabalho investigará o conto “A fuga”, do livro *A estrutura da bolha de sabão* (1991), de Lygia Fagundes Telles, no intento de compreender a arquitetura familiar, com suas particularidades escusas e contraditórias, que, às vezes, deturpam e corrompem os seus próprios alicerces nucleares. Capaz de espiar, pelas fissuras, os enquadres nefastos, violências hediondas e amores pútridos que atravessam a “família tradicional”, a contística da Dama da Literatura¹ põe, em palco, múltiplos semblantes dos

¹ Alcinha antonomástica que Lygia Fagundes Telles, ainda em vida, recebeu.

porosos e, por vezes, canibais, lugares existentes das estruturas de parentesco. Ora deparamo-nos com funções que escorrem – ofertando um colo esgarçado e em frangalhos para os mais novos – ora com posições maternas e paternas capazes de, pela sua onipotência parasitária, criar uma redoma claustrofóbica e asfixiante. Pode-se, no conto analisado, entrever uma mãe que, permanecendo imobilizada em um lugar psicopatologicamente preocupado, enclausura, com excesso de cuidados, um filho já crescido; enquanto o pai, ao invés de ser um ‘abre-alas’ para a cultura, torna-se cúmplice pusilânime dos desejos maternos e agente ativo do próprio encasulamento. Sintomaticamente claudicante em seu desenvolvimento emocional, o adulto-*infans*, em termos metafóricos, permanece com os pés – lânguidos como os de um bebê – emaranhados nos fios do tecido do vestido de sua mãe, com o rosto soterrado no colo e, por isso, incapaz de “fugir para o mundo”. Para decifrarmos tal enigma, recorreu-se, como arcabouço teórico-metodológico, às contribuições da ciência psicanalítica, articulando-a a um profícuo e copioso diálogo já existente com a Literatura, com ênfase nos estudos do pediatra e psicanalista inglês Donald Winnicott, quais sejam: *Da pediatria à psicanálise* (1958); *A criança e seu mundo* (1964); *A família e o desenvolvimento individual* (1965); *O ambiente e os processos de maturação* (1965); *Tudo começa em casa* (1986); e *Os bebês e suas mães* (1987).

O presente empreendimento almeja inscrever-se no panorama de investigações que aspiram amalgamar, de maneira sólida, os escritos literários com as profundezas enigmáticas da psicanálise, orientando, sobretudo, sua bússola epistemológica em direção à exuberante doutrina winnicottiana. Conscientes da lacuna ostensiva, na esfera da produção científica, de empreitadas investigativas que ousam erigir um diálogo fértil e interdisciplinar entre as teorizações psicanalíticas, forjadas por Donald Winnicott, e a tessitura literária, delineamos a proposição de que a pesquisa desenvolvida poderá reverberar como um tributário substancial para preencher uma ínfima parte de tais fissuras. Aliás, ao efetuar uma incursão que promete repercutir em futuras explorações, aspiramos catalisar o florescimento de uma coletânea abastada de estudos que, sob as luzes da teoria winnicottiana, desvendem a manifestação literária e estética. Subjacente a nossa incursão investigativa, encontra-se a premissa fundamentada de que o cerne de Winnicott, com suas raízes profundamente imersas na psicanálise, não apenas oferece um substrato teórico densamente estruturado, mas também emerge-se como uma lente prismática através da qual os textos literários podem ser escrutinados proficuamente. Urge, portanto, a confluência desses domínios – aparentemente divergentes –, mas que se organizam em torno da linguagem; ambas as disciplinas, conquanto suas especificidades epistemológicas, apresentam-se como sofisticados artefatos

comunicativos, discursivos e languageiros, interconectados por uma rede de significados e significantes.

No capítulo primordial, um panorama foi apresentado, abordando a infância – estágio inaugural da subjetividade humana, juntamente com os contornos inextricáveis da célula familiar – a partir de uma perspectiva não apenas histórica, mas também imbuída de nuances culturais que plasmaram tais realidades. Alicerçado em manuscritos de cunho sócio-histórico, uma arqueologia documental foi confeccionada, desvelando os matizes mutáveis que caracterizaram a construção social da criança e da família através dos séculos – a partir da Idade Média – com vistas a estabelecer uma matriz contextual sólida e instrutiva. Nesse escopo, retratou-se o curso das interações sociais e das injunções culturais que orquestraram as narrativas da infância e da família até o contemporâneo. Foi por meio dessa retrospectiva cultural que as fundações desta pesquisa foram lançadas: fornecendo o solo fértil e essencial no qual as germinações conceituais da psicanálise, a respeito da família e da infância, irromperam-se e ganharam vitalidade, principalmente nos albores do século XX – na ocasião, fez-se um breve diálogo entre a ciência psicanalítica e os alfarrábios literários, a partir dos escritos freudianos. Desvelam-se, pois, de maneira amplamente reconhecida, as incursões efetuadas pelo pai da Psicanálise nos distintos domínios da expressão artística, englobando desde as manifestações teatrais até as realizações plásticas; tais movimentações, inequivocamente, materializam-se como confluências (im)possíveis da arte com os preceitos da psicanálise. No âmbito da literatura germanófona, um espaço que galvaniza a preferência de Freud e no qual destacam-se figuras como Friedrich Schiller, Goethe e Heinrich Heine como proeminentes interlocutores, desenvolve-se um fenômeno análogo: em muitos momentos, fragmentos célebres são habilmente convocados para ilustrar conceituações e, de maneira intrínseca, insuflar vitalidade ao encadeamento argumentativo, por vezes ensimesmado e árido, do mestre vienense. Entretanto, e acima de tudo, tais citações cumprem a função de prover um fulcro de sustentação, quando as elaborações mentais empreendidas desembocam na exaustão diante dos entraves teóricos e conceituais. Tão somente este fato se apresenta como um testemunho eloquente da magnitude pragmática conferida por Freud à esfera artística e à autoridade detida pelos mestres das manifestações criativas. Em seguida, pôs-se em relevo a interseção peculiar entre as funções maternas e paternas; um exercício exegético desdobrado a partir do prisma psicanalítico que, com perspicácia, desatrelou esses papéis das amarras unicamente biológicas e sanguíneas, e os recontextualizou considerando as novas indumentárias da família no contemporâneo, como expressões inerentes às dimensões simbólicas e psíquicas. Nesse arranjo de significados, a maternidade e a paternidade são,

transcendendo os liames genéticos e hematológicos, arcanos dos desígnios do imaginário humano. Tais posições tornam-se, destarte, intercambiáveis, fluidas e permeáveis, na tessitura complexa do inconsciente.

No segundo capítulo, erigiu-se uma abordagem da teoria concebida por Donald Winnicott. Esta exposição, ao abarcar múltiplos segmentos de reflexão e transcendendo os limites conceituais, bem como os domínios clínicos, buscou elucidar os alicerces basilares que sustentam a construção teórica desse notório psicanalista. O cerne deste capítulo debruçou-se sobre os pródromos conceituais, articulando uma engenhosa incursão pelos meandros das fases tríplexes do desenvolvimento emocional, que, em sua complexa sequência, orquestram a movimentação do colo à cultura. Através da delimitação dessas etapas, a análise mapeou as manifestações primordiais, que engendram o indivíduo, desde seu estágio embrionário até os limiares da maturidade psíquica. Além disso, subjacente a essa imersão, apresentaram-se as três tarefas integrativas que, como lentes interpretativas, outorgam uma perspectiva inovadora à compreensão dos processos de maturidade e crescimento psíquico. Essas tarefas, entrelaçadas ao mosaico da interdependência, revelam-se como cruciais pontos de ancoragem no arcabouço teórico winnicottiano. Nessas urdiduras das primícias dos tempos, a emblemática noção de “mãe suficientemente boa” irrompe-se como um pilar fundamental no cenário discursivo, apontando para a intersecção complexa entre os cuidados parentais e a forja do *self*. Inevitavelmente, são desvelados os descaminhos psicopatológicos que podem emergir quando as bases da interação mãe-bebê se apresentam fustigadas por contingências adversas. No mesmo diapasão, a noção de “pai suficientemente bom” surge como um contraponto, de modo que se expande a arquitetura teórica winnicottiana para abarcar a complexa dinâmica das influências paternas. Esse matiz, muitas vezes negligenciado, também se mostra como uma função primordial para o psíquico do infante – quer para a constituição psíquica quer para a ruína nas veredas do “adoecimento”. O ápice das teorias arroladas foi alcançado através de férteis interlocuções com a literatura, considerando que o cenário literário se apresenta como um território fecundo para a elaboração e dissecação das proposições winnicottianas. Através desse prisma, as histórias se transformam em veículos que conduzem ao entendimento estético e artístico, ao proporcionar um substrato profundo e multifacetado para a exploração da subjetividade dos personagens-humanos. Essa interlocução entre os postulados winnicottianos e as narrativas literárias, as quais se escoram em uma perspicácia incomensurável na análise da infância e na exploração das interfaces entre a realidade e a fantasia, revelou-se, pois, um desdobramento paradigmático.

Por fim, no último capítulo, arquitetou-se a apresentação da fortuna crítica que circunda o universo literário de Lygia Fagundes Telles, em um panorama que congregou eminentes críticos e estudiosos, que traçaram suas incisivas análises sobre o arcabouço lygiano. Entre os eruditos que deram voz à avaliação dessa ímpar escritora, foram arrolados luminosos nomes como Alfredo Bosi, Antonio Candido, Massaud Moisés, Silviano Santiago e Nelly Novaes Coelho, cujos escritos perspicazes alçaram-se a desbravar as camadas polifônicas que entrecruzam os textos da autora, destilando interpretações que enriquecem e ampliam o entendimento sobre suas obras primordiais. Ao penetrar nas temáticas que permeiam os manuscritos lygianos, emergem os anseios etéreos e subjetivos, que alicerçam seu imaginário literário, por exemplo: o sonho – metamorfoseado em linguagem, vem à tela como portal para a exploração da psique humana, materializando-se em alegorias que aludem tanto ao mundo onírico quanto à realidade desperta; a morte e a loucura – como íntimas companheiras do ser humano – são desdobradas por Lygia em narrativas que imbricam o trágico e o poético, alinhavando uma rede de sentidos que tangenciam as fronteiras da existência. Ademais, destaca-se, com um halo de singularidade, a exibição das tramas da infância e dos enigmas familiares; os narradores da escritora paulista erigem-se, pois, como arqueólogos dos afetos e das memórias, capazes de desvelar os subterrâneos emocionais que perpassam as relações familiares e as gerações. Os fios do passado, enredados em narrativas que trespassam o presente, ressaltam a complexidade das dinâmicas familiares, ao passo em que escrutinam as reverberações das experiências infantis na construção do eu-adulto.

A meticulosa escavação dos sítios arqueológicos inerentes à infância e à família, cujos nuances encontram-se dispostas em uma dicotomia ambivalente entre ambientes claustrofóbicos e claudicantes, veio à tona não somente nos contos da eminente escritora Lygia Fagundes Telles, mas também, e de maneira proeminente, nos fulcrais romances que compõem seu ilustre repertório literário, a saber, *Ciranda de Pedra* (1954), *Verão no Aquário* (1963) e *As Horas Nuas* (1989). Nessas formidáveis narrativas, qual lapidadora das facetas caleidoscópicas da alma humana, Lygia Fagundes Telles engendra, com louvor, um mosaico no qual as relações familiares e as reminiscências da infância surgem como elementos catalisadores. A tessitura das tramas revela-se, não raras vezes, como um labirinto enigmático, com passagens ora estreitas e asfixiantes ora cambaleantes e imprecisas, lançando luz sobre a complexidade inescapável das interações intrafamiliares e dos vínculos íntimos que moldam os contornos do ser. Por último, por meio do prisma da teoria psicanalítica forjada por Donald Winnicott, examinou-se o conto “A fuga”, integrante do volume *A Estrutura da Bolha de Sabão* (1977), habilmente tecido por Lygia Fagundes Telles. Nesse âmbito, a narrativa

emerge-se como um microcosmo emblemático no qual o cenário, aparentemente virtuoso, torna-se, de modo paradoxal, um antro de confinamento, cuidadosamente gerido pelos alicerces parentais, que se erguem como cárceres engolfadores do protagonista em sua órbita asfixiante.

1 A INFÂNCIA NO COLO LITERÁRIO: INDUMENTÁRIAS DA MATERNIDADE, MÁSCARAS DA FAMÍLIA

1.1 “TUDO COMEÇA EM CASA”: HISTÓRIA SOCIAL (E PSÍQUICA) DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA

Ondulante ao longo da história e escoante às investigações científicas, o conceito de “infância”, tal como maior parte do Ocidente conhece hodiernamente, longe de ser hegemônico e consolidado, assume, em diferentes culturas, múltiplas roupagens – a depender dos costumes, vivências e experiências das sociedades que os acolhem. Por isso que os esforços atuais, promovidos pelos estudos antropológicos sobre a criança, não preceituam uma “cultura infantil”, posto que, para tanto, seria necessário – em um movimento ‘atacadista’ – universalizar o que é criança e a infância, negando as particularidades socioculturais (COHN, 2005). Ao longo das descobertas antropológicas, o “ser criança”, historiograficamente, foi vislumbrado sob múltiplas lentes e variáveis. Em um primeiro momento, algumas correntes estudam a primeira infância, considerando o modo de ninar, ensinar, embalar, cuidar, manejar e disciplinar, fomentado pelas figuras tutelares, como movimentos fundamentais para o comportamento do *adulto em potência*, definindo padrões culturais. Advindos, entre 1920 e 1930, da escola culturalista, fundada por Franz Boas, os antropólogos, ao tomarem a cultura como precípua para a formação, compreendiam que a criança assimilava e adquiria competências culturais esperadas/desejadas para a vida adulta, ao partirem do pressuposto de que a infância é marcada pela imaturidade rumo à personalidade madura. Depois, a escola britânica estrutural-funcionalista, contra o “psicologismo” dos norte-americanos, interessava-se pelas práticas e pela dinâmica de socialização e inclusão da criança na sociedade. Em outros termos, não se tratava, nessa vertente investigativa, de uma aquisição de competências culturais, mas de uma “construção da infância”, baseada nas delimitações de papéis, que circunscrevem o lugar social do indivíduo em sociedade: o lugar da criança – passiva em seu desenvolvimento – é atribuído, por “herança”, pelo próprio sistema cultural: “[...] elas [as crianças] são vistas como um receptáculo de papéis funcionais que desempenham, ao longo do processo de socialização, momentos apropriados.” (COHN, 2005, p. 11).

Cumprido salientar que tais pressupostos antagônicos limitam-se, por situar, nos extremos, a compreensão do que é “ser criança”. Ora vista como um produto cultural ora como elemento imerso em práticas socializadoras, tais posicionamentos demarcam, amiúde, lugares estáticos para a infância. A partir da década de 60, ao passo que os mecanismos

metodológicos e conceitos centrais da própria Antropologia foram reformulados, os modos de compreensão acerca dos primeiros tempos também sofreram mudanças significativas: não mais observando, pragmática e empiricamente, em si, costumes, valores e crenças, os estudos antropológicos investigaram os sistemas simbólicos: “Ao contrário de seres incompletos, treinando para a vida adulta, encenando papéis sociais [...] ou adquirindo competências e formando sua personalidade social, *passam a ter um papel ativo na definição de sua própria condição.*” (COHN, 2005, p. 23). Na paradigmática *História social da criança e da família* (1981 [1960]), de Philippe Ariès, percebe-se que a “infância”, *não existindo desde sempre*, é uma construção histórica e social. Segundo o historiador francês, o *sentimento da infância* foi uma “criação” moderna, que ganhou robustez apenas no contemporâneo: as crianças só foram apreendidas enquanto seres que demandavam cuidados e preocupações em meados do século XVII, com a sociedade industrial². Através de monumentos, estátuas, imagens iconográficas e túmulos, Ariès traça uma “história da infância”, partindo da Idade Média ao Antigo Regime francês, nos séculos XVII e XVIII. Conforme o pesquisador, durante a idade mediévia, a concepção de criança foi diferente do mundo moderno e contemporâneo; não havia o chamado ‘sentimento de infância’: “Essa sociedade [medieval] via ‘mal’ a criança e pior ainda o adolescente. A duração da infância era reduzida a um período mais frágil [...]. A criança, então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos [...] ela se transformava imediatamente em homem.” (ARIÈS, 1981 [1960], p. 13). Sem atravessar cadenciadamente as etapas da juventude, a criança era logo lançada no universo dos adultos, partilhando trabalhos e jogos – o que não significa dizer diretamente que os pequenos seres eram abandonados ou negligenciados (MARCÍLIO, 2018). Como o sentimento de infância, nesse período, não existia: “[...] assim que a criança tinha condições de viver sem solicitude

² Del Priore (1997), investigando o cenário brasileiro, afirma as crianças, na sociedade colonial, resgata a tessitura das vivências infantis no Brasil colonial, revelando como as crianças foram moldadas pelas dinâmicas de poder, pelas relações familiares e pela complexa teia cultural da época. No âmago da sociedade colonial, a criança ocupava um lugar que, embora fundamental, encontrava-se entrelaçado com as demandas e expectativas de um ambiente de transformações constantes. A influência das estruturas patriarcais e a disseminação do catolicismo conferiram aos jovens uma posição subalterna, muitas vezes limitando suas vozes e autonomia. Ainda assim, Del Priore desnuda as formas sutis pelas quais as crianças exerciam agência dentro dos limites impostos, construindo suas próprias identidades e traçando trajetórias peculiares. A infância colonial, de acordo com Del Priore, era permeada por uma série de práticas, crenças e rituais que moldavam as experiências dos jovens. O trabalho, por exemplo, era uma realidade precoce para muitas crianças, revelando como a sobrevivência e a dinâmica econômica imprimiam-se no cotidiano infantil. A educadora Maria Graham, por exemplo, salienta a precoce independência das crianças indígenas na região amazônica, onde aprendiam desde cedo a nadar e pescar, habilidades fundamentais para a subsistência. Del Priore também lança luz sobre os rituais de iniciação e as formas de socialização que marcaram a infância colonial. O batismo e a catequese, por exemplo, eram ferramentas poderosas de conversão e assimilação cultural, moldando as identidades religiosas e culturais das crianças. A educação formal, por outro lado, era muitas vezes restrita a poucos privilegiados, enquanto o conhecimento transmitido no seio da família e da comunidade assumia um papel preponderante na formação das crianças.

constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.” (ARIÈS, 1981 [1960], p. 156). As crianças de famílias aristocráticas passavam pouco tempo enleadas no seio parental, sob a tutela e os cuidados da mãe e do pai, visto que era comum o recém-nascido ser entregue a uma ama-de-leite. Conforme Badinter (1985), na Idade Outonal, além das doenças e pestes, que varriam a Europa, os altos índices de mortalidade infantil se referiam, sobretudo, à falta de leite materno e cuidado familiar, visto que muitas crianças não eram amamentadas e sustentadas parentalmente durante o tempo necessário. Além disso, quando atingiam cerca de oito anos, as crianças logo eram mandadas a internatos ou conventos, para receberem educação (HEYWOOD, 2004). Antes da Idade Moderna, o funcionamento pedagógico era conduzido por outras casas familiares; por meio de contato com outros adultos, a criança aprendia a respeito dos costumes, modos e comportamentos – não por acaso, os pequenos eram vistos como adultos em miniatura³. Nesse período, *não* havia o chamado “sentimento materno” ou o “sentimento do amor materno”. Inclusive, durante a égide da Igreja Medieval, acreditava-se que o chuchar da criança no seio da mãe, como também as carícias e excesso de cuidados endereçados pela figura materna ao recém-nascido, eram movimentos de volúpia e ensaios do desejo pecaminoso – ameaçava-se que, caso as mães amantassem ‘com prazer’, perderiam a guarda dos filhos. Com efeito, ante os cuidados precários, havia uma tentativa de *adultecer* as crianças, representando-as, na maioria das expressões artísticas, como adultos em miniatura: corpos pequenos, com feições e roupagens adultecidas.

A partir de obras de artistas medievais, Ariès (1960) conclui que a sociedade feudal desconhecia a infância ou, pelo menos, custava em representá-la. A mudança paradigmática da percepção do “ser criança” e o fomento do “sentimento de infância” advêm de fontes exteriores à própria família, quais sejam: a constituição do Estado Moderno; as reformas religiosas; os moralistas, que se preocupavam com a disciplina dos costumes; e a frequência das crianças nas escolas – grandes responsáveis pela transformação. A partir de estudos sobre

³ Diferente do pensamento de Ariès, para Del Priore (1997), a criança, sobretudo nas Américas, emerge como um produto mutável das forças culturais e sociais que a circundam, com suas experiências e vivências sendo intrinsecamente entrelaçadas com os desígnios da sociedade que a envolve. Através de meticulosa pesquisa histórica, ela delinea a evolução das atitudes e percepções em relação à criança, expondo a complexidade das transformações que a infância atravessou, desde um passado distante até a contemporaneidade. Del Priore resgata as nuances das práticas educacionais, das representações culturais e das políticas sociais, que ao longo do tempo conferiram distintos contornos à experiência infantil. Suas análises penetram nas camadas mais profundas do tecido social, revelando como concepções acerca da infância foram moldadas por variáveis como classe social, gênero e etnia, contextualizando as crianças em diferentes esferas culturais e estratificações sociais. Nesse sentido, a percepção de Del Priore sobre a criança e a infância se revela não apenas como uma análise histórica, mas também como um olhar crítico sobre as contingências sociais e culturais que definiram os papéis, expectativas e oportunidades das crianças ao longo das eras. Ela lança luz sobre a criança não apenas como um ser em desenvolvimento, mas também como um sujeito imerso em um mosaico complexo de relações e normas.

a Educação, encabeçados por Comenius, Rousseau e Locke, observa-se a função substancial que teve a estruturação das escolas para o gérmen do sentimento de infância: “[...] a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. [...] a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo.” (ARIÈS, 1981 [1960], p. 15). A partir do século XVI, com seu ápice no XVIII, o sentimento de infância, inventado na modernidade e cristalizado pela Europa Ocidental, foi erguido e ganhou novas indumentárias, dentro da própria rede familiar. Longe de ser uma hipersensibilidade à criança, o sentimento de infância, conforme Ariès (1981 [1960]), diz respeito, sobretudo: “[...] à consciência da *particularidade infantil*, essa particularidade que *distingue essencialmente a criança do adulto*, mesmo jovem. Essa consciência não existia [na sociedade medieval].” (ARIÈS, 1981 [1960], p. 156). No Renascimento, gradativamente, movimentado pelos princípios iluministas, o sentimento de infância vinculou-se ao “sentimento de família”, à vista de que a própria estrutura parental e o modo de relacionamento entre pais e filhos contornaram e atravessaram a percepção do que é “ser criança”⁴. Paralelamente, o chamado *mito do amor materno*, uma criação moderna, surge quando convocado por discursos médicos e pedagógicos, entre 1760 e 1770. Badinter (1985) ressalva que, outrora, antes do século XVIII, existia esse sentimento, no entanto não era um pilar em que se escorava a família. Para fomento da concepção do amor “instintivo, natural e espontâneo” da mãe ao filho, *três discursos* foram postos em marcha – impondo às mulheres uma dedicação aos cuidados dos filhos –, tais quais: “[...] um alarmante discurso econômico, dirigido apenas aos homens esclarecidos; um discurso filosófico comum aos dois sexos e, por fim, um terceiro discurso, dirigido exclusivamente às mulheres.” (BADINTER, 1985, p. 149). Eis que, no século da Revolução Industrial, ergue-se uma nova imagem da maternidade: a mãe devotada, idealizada e vigilante, cujos “predicados culturais” ornaram a sociedade até o contemporâneo. Tornaram-se motivos de orgulho o sacrifício, a devoção e o aleitamento de uma mãe ao filho: “Não havia hora do dia ou da noite em que a mãe não cuidasse sozinha, carinhosamente de seu filho. Quer estivesse em boa saúde ou doente, ela

⁴ Todavia, como os rumos da história são labirínticos e sinuosos, o sentimento de infância, eis o que Ariès (1981 [1960]) deixou escapar, *não foi* “distribuído” de modo hegemônico durante a Idade Moderna, uma vez que, em pleno movimento de industrialização, os filhos dos proletários continuaram vivendo em condições precárias, visto que eram obrigados a trabalhar em fábricas: “*O trabalho infantil não era novidade. A criança era parte intrínseca da economia industrial e agrícola antes de 1780.*” (THOMPSON, 2012 [1963], p. 253). Em outros termos, a “democratização” do sentimento de infância, da família, assim como os cuidados maternos ficaram restritos à aristocracia e à burguesia, posto que a classe trabalhadora, em plena época de Revolução Industrial, estava alheia a esses “sentimentos” – eis a dualidade entre a criança burguesa, protegida em um ambiente suficientemente bom e a criança-operária, explorada e alheia a um cuidado necessário.

devia permanecer vigilante. Se, porém, ela adormecia, estando o filho enfermo, eis que se sentia culpada.” (BADINTER, 1985, p. 211). Em pleno Romantismo, o amor idealizado e espiritual também atingira a relação entre mãe e filho, a exemplo da dedicatória, autobiográfica e poética, de José de Alencar a sua figura materna, na peça intitulada *Mãe*: “[...] diamante inalterável é o coração materno, que mais brilha quanto mais espessa é a treva. Rainha ou escrava, a mãe é sempre mãe. Tu me deste a vida e a imaginação ardente que faz que eu me veja tantas vezes viver em ti, como vives em mim.” (ALENCAR, 1960 [1859], p. 293). Como se percebe, para a constituição do mito do amor materno, houve um apelo ideológico a pensamentos médicos, psiquiátricos, pedagógicos e psicológicos, endereçados às mulheres, obrigando-as a serem mães e a se dedicarem – exclusivamente – à maternidade. Lançadas brutalmente as diretrizes, estava instituído o *mito do amor materno*, o qual, envernizado por ternura, cuidados, sacrifícios e devoções, criou uma nova imagem do “ser-mãe” na modernidade e contemporaneidade. A partir do final o século XIX, inicia-se uma nova transição: do paradigma ortodoxo da maternidade (mulher-do-lar) para a inserção no mercado de trabalho. Munida por motivações feministas, a mulher assume outras posições na sociedade – além de poder também ser mãe. Essa movimentação é captada, por exemplo, no emblemático romance russo *A mãe* (1906), de Górkí, que ilustra, num primeiro momento, uma mãe que se dedicava laboriosamente ao seu marido e ao seu filho, enclausurada no trabalho doméstico. Em um segundo momento da narrativa, após ter seu filho, Pável, deportado, por causa do seu envolvimento com a causa operária e a organização de movimentos contra o regime czarista russo, a mãe identifica-se com os ideais revolucionários e, em uma ação libertária, encabeça ações políticas na luta de classes contra o Estado do czar (GÓRKI, 2019 [1906]).

Ao longo deste tópico, adentrou-se em um cenário histórico e cultural que revelou as transformações da família e da infância, por meio do prisma da história, antropologia e sociologia. Percorrendo essa jornada, foram desveladas as raízes profundas da concepção de “infância”, desde a sociedade medieval, que rapidamente assimilava as crianças aos adultos, até a gradual construção do “sentimento de infância” na Era Moderna, enriquecida por discursos sobre o amor materno e a ascensão da educação formal. A perspectiva histórica e sociocultural permitiu compreender como a noção de “ser criança” é intrinsecamente moldada por seu contexto. No entanto, ao lançar um olhar mais abrangente, emergem vozes adicionais que aspiram a contribuir para esse diálogo complexo. Chega-se a um ponto de inflexão em que a Literatura e a Psicanálise assumem seus lugares de destaque: essas duas disciplinas,

alimentadas pelo fundamento histórico e social delineado, surgem como lentes poderosas que enriquecem ainda mais a compreensão das complexidades da família e da infância.

1.2 O INCONSCIENTE NA TERRA DO NUNCA: ENTRELAÇAMENTOS ENTRE PSICANÁLISE E ‘COLO LITERÁRIO’

Ao regressar de Paris para Viena, Freud apresenta uma conferência, na Associação de Psiquiatria e Neurologia, defendendo a teoria da sedução como etiologia da histeria. A recepção dos médicos presentes fora, como menciona Freud em carta a Fliess, desagradável e gélida. Kraft-Ebing⁵, presidente da mesa, comenta, após o eloquente discurso do Dr. Freud: “Parece um conto de fadas científico” (GAY, 1989, p. 100). Sem saber, esse importante psiquiatra alemão estava antevendo o que Freud, em seguida, perceberia: no inconsciente, não há traços da realidade – o que perambulam são as fantasias. Krafft-Ebing, afinal, acertara: eram, realmente, “contos de fadas” ou um *compêndio de contos de fadas* que seus pacientes teciam, pela via da fantasia. O discurso dos neuróticos, do mesmo modo que os contos de fadas – carregando o mágico e o fantasístico – mora na terra do nunca, no terreno infantil do adulto e num tempo de “Era uma vez”. O roteiro do teatro da análise, cujos conteúdos são, repetidamente, “contos de fadas”, é escrito pela *criança do adulto*. Em síntese, a infância do adulto⁶, na análise, coloca a sua fábula em cena com a persona do analista – a fada que permite a realização (ou não) de suas fantasias. Em 1913, n’*Os sonhos com material de contos de fadas*, Freud apregoa que as narrativas populares e contos de fadas detêm a função de lembranças encobridoras, posto que, em seu bojo diegético, escamoteiam reminiscências e dinâmicas inconscientes. Aproximando os contos (artefatos culturais) e os sonhos (fantasias individuais), Freud consigna que estes são um arcabouço profícuo para a criação e para a estética literária. Como paradigmas exemplares, apresenta dois breves relatos de sonhos: no primeiro, aparece o fausto matrimônio de uma mulher que deseja, pelo sonho, “rasgar em dois”, o próprio marido, tal como no conto *Rumpelstilskin*, dos Grimm, que se parte ao meio após a rainha acertar seu nome; no segundo, há uma aproximação entre o mundo onírico e a imagem do lobo, junto com a fobia que o animal evoca, existente em *Chapeuzinho Vermelho*, também dos Grimm. Não por acaso, na análise d’*O Homem dos Lobos* (1918), o mestre

⁵ Psiquiatra alemão, cuja obra *Psychopathia Sexualis* (1886), categorizou os desvios/perversões sexuais, investigando ideias como fetichismo, sadismo, masoquismo.

⁶ Assim como Freud (2019 [1900]) percebera que o conteúdo latente dos sonhos dos adultos eram sempre uma realização de um desejo de natureza infantil: “[...] numa Psicanálise, descobre-se que a vida adulta é sempre menos adulta do que parece: ela é pilotada por restos e rastos da infância.” (CALLIGARIS, 2010, p. 1-2).

vienense declara: “A criança não vê diferença entre sua própria natureza e a do animal; não se surpreende de que os animais pensem e falem nos contos de fadas; desloca para um cão ou um cavalo o sentimento de medo que tenha em relação ao pai, sem pretender com isso depreciar o pai.” (FREUD, 2010 [1918], p. 149). Na mesma gramatura, n’*O lugar da monarquia* (1970), Winnicott, ao perceber a função simbolizante dos contos de fadas, declara: “Pode ser que contos de fadas sejam encarados como algo familiar, aconchegante, que traz alegria, um enriquecimento da vida diária. Ou pode ser que o conto de fadas seja sentido como um exercício escapista [...]” (WINNICOTT, 1999 [1970], p. 240).

Ciente dos subsídios literários para a ciência psicanalítica, junto com as contribuições alçadas pela psicanálise para ler/escutar os ‘personagens’ no divã, Freud acolhe, em sua clínica, uma das peças trágicas mais emblemáticas da Literatura Ocidental: *Édipo Rei*, de Sófocles. Antevista por Aristóteles como o ápice do trágico grego, Freud embebeda seus escritos teóricos e preenche sua escuta clínica com as desventuras do herói sofocliano, *Óidipous Rex*. Nesse sentido, as vozes do teatro grego começam a ecoar ululantemente dentro do pequeno consultório do Dr. Freud, em Viena, bem como as velhas e novas roupagens, desse personagem trágico, passam a ser compreendidas em sua transeunte clientela, em plena Era Vitoriana. Nesse enquadre, o pai da ciência psicanalítica, ao fazer do divã um tablado, percebe, em cada paciente, algum legado edípico ou, quiçá, um espécime de Édipo. Por isso, três semanas após o abandono da teoria da sedução, lança uma das pedras angulares da Psicanálise, em uma correspondência a Fliess: [...] a lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada [...] (FREUD, 1986 [1897], p. 273). Três anos depois dessa missiva, n’*A interpretação dos sonhos* (1900), em um capítulo acerca de “Sonhos com morte de pessoas queridas”, Freud remonta o teatro sofocliano: resume a narrativa e constata que a trajetória de Édipo capta uma compulsão que todos os seus espectadores têm: “Deve existir uma voz dentro de nós disposta a reconhecer o poder imperioso do destino de Édipo [...]. Seu destino nos comove apenas porque poderia ter sido o nosso.” (FREUD, 2019 [1900], p. 303). Freud, desse modo, reconhece que a desventura de Édipo não é uma trajetória solo, individual e restrita ao herói grego, mas se trata do destino de toda a civilização; Édipo teatraliza a tragédia coletiva da vida humana. Enquanto, nesse sentido, o teatro de Édipo é o sonho público, o sonho é teatro de Édipo privado. O pai da Psicanálise, para chegar a essa noção, não se volta para o mito/lenda de Édipo Rei – que reverberara antes de Sófocles – entre os gregos. Mas, sim, dirige-se à experiência e ao gozo do espectador ao perceber seu inconsciente encenado no

teatro. Por essa razão, a Psicanálise e a Tragédia bebem de uma mesma fonte: tragédias familiares, sonhos, ignorância, atos falhos, chistes, amor e ódio, sobredeterminações (inconscientes ou oraculares). Posteriormente, ainda em escritos metapsicológicos, cujos vínculos entre literatura e psicanálise são laboriosamente confeccionados, tal é o caso de *Personagens psicopáticos do teatro* (1906), em que o mestre vienense se debruça sobre o drama e a tragédia; e, em *Alguns tipos de caráter elucidados pela psicanálise* (1916), que investiga a bissexualidade, tomando, como emblema, Macbeth, da peça homônima de Shakespeare. No trabalho de 1906, o pai da ciência psicanalítica, recorrendo a Aristóteles, procura compreender o efeito catártico que a arte engendra, especialmente o que o *drama* provoca no espectador. Eis que Freud recorda que, no início da Psicanálise, o método *catártico*, cuja significação remete a outras palavras-chave, a partir de uma óptica aristotélica, quais sejam: ab-reação, descarga e uma figuração dos afetos incorporados pela arte. Ulteriormente, descreve que, pelos postulados artísticos, o indivíduo pode experimentar e vivenciar aquilo que lhe foi negado na vida.

A cena, enquanto segmento de uma narrativa teatral, refere-se a uma unidade de ação. Autor de conceitos como “cena primitiva”⁷ e do inconsciente enquanto a “Outra cena” [*eine anderer Schauplatz*], Freud descreve, n’*A interpretação dos sonhos* (1900), que a manifestação onírica é a (re)montagem de uma *cena* da infância: “o sonho poderia ser descrito também como o substituto de uma *cena infantil* modificado pela transferência para algo recente. A *cena infantil* não consegue realizar sua própria renovação; tem de se contentar com seu retorno como sonho.” (FREUD, 2019 [1900], p. 549, grifos do autor). O paciente, nessa dinâmica, funciona como um ator e dramaturgo, pois, a partir do discurso, pela fantasia, põe em marcha cenograficamente a montagem de cenas. Ao se ter em vista que, no divã, ocorre o ressurgimento da infância e suas vicissitudes, o paciente, à semelhança de uma criança que fantasia e teatraliza a vivacidade de seus brinquedos, é sustentado pelo que Freud chamou de *onipotência de pensamentos*⁸. Mais à frente, n’*O escritor e a fantasia* (1908), o psicanalista reaproxima o infantil e os escritores criativos, posto que, ambos, em suas criações, esgarçam a vida. Brincando com bonecos ou caracterizando um personagem literário, encharcam seus

⁷ “Cena de relação sexual entre os pais, observada ou suposta segundo determinados índices e fantasiada pela criança, que é geralmente interpretada por ela como um ato de violência por parte do pai.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 62).

⁸ “Os contos maravilhosos se apresentam muito abertos em relação ao ponto de vista animista da onipotência de pensamentos e desejos, e eu não saberia nomear nenhum conto maravilhoso autêntico no qual aparecesse algo de infamiliar. Ouvimos que o mais alto grau do infamiliar ocorre quando coisas sem vida, imagens ou bonecas ganham vida, mas, nos contos de Andersen, os utensílios domésticos, os móveis, os soldados de chumbo ganham vida [...]” (FREUD, 2019 [1919], p. 76).

mundos de fantasias: “Não deveríamos buscar na infância os primeiros traços da atividade criativa? A ocupação mais querida e mais intensa da criança é a brincadeira. Talvez possamos dizer que toda criança, ao brincar, se comporta como um escritor literário, pois constrói para si um mundo próprio [...]” (FREUD, 2015 [1908], p. 326-327). Winnicott (2019a [1967]) remonta essa noção freudiana ao colocar as origens da literatura e das artes na primeira infância. Como um deus, o bebê “cria”, ilusória e onipotentemente, o seio que deseja, num ‘instante mágico’ situado entre a realidade e a fantasia: eis o fundamento do espaço potencial, do lugar da experiência cultural e da criação artística/literária. Se *tudo começa em casa*, a arte e a criação literária, para Winnicott, antes de um artefato cultural, surgem como produções transicionais e inconscientes, cujo gérmen está lançado nos ensaios e gestos criativos, empreendidos pelos pequenos e flácidos dedos do bebê, que servem como caneta, na folha de papel do colo materno.

Sete anos depois da paradigmática teoria dos sonhos, Freud faz uma revisão em seus escritos conceituais sobre os estados oníricos, tomando como base a literatura n’*O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen* (1907). Leitor do escritor alemão Wilhelm Jensen, o mestre vienense recupera o romance, em uma psicanálise ‘aplicada’, a fim de compreender o fenômeno literário e sua estética: “Mesmo que essa investigação nada de novo nos ensine sobre a natureza dos sonhos, talvez permita-nos obter alguma compreensão interna, ainda que tênue, da natureza literária (FREUD, 2015 [1907], p. 20). Além de galardoar os escritores criativos como aliados valiosos, cujas poéticas estão sempre à frente da filosofia e das ciências, Freud, longe de tentar descobrir o significado único de uma obra literária, aproxima-se das noções todoroveanas do ‘fantástico’, enquanto gênero literário: “Mas é um dos privilégios do escritor poder deixar-nos na incerteza”. (FREUD, 2015 [1907], p. 24). Pelas frestas da dubiedade e do não-dito, o leitor, à revelia, preenche os espaços (in)conscientemente deixados pelo narrador/escritor. A obra literária, aberta a múltiplas interpretações, convida o leitor a completá-la, conforme descrito em *O papel do leitor* (2004), de Umberto Eco: “O texto está, pois, entremeado de espaços brancos, de interstícios a serem preenchidos, e quem o emitiu previa que esses espaços e interstícios seriam preenchidos [...]. O texto é um mecanismo preguiçoso [...] que vive da valorização de sentido que o destinatário ali introduziu.” (ECO, 2004, p. 37). Retomando o que foi dito no seu texto sobre o escritor e a fantasia, n’*O romance familiar dos neuróticos* (1909), Freud, ao colocar em diálogo a literatura e a inventividade das fantasias infantis, condensa sua clínica da sexualidade edípica: os romances familiares são obras ficcionais da criança, à vista de que a hostilidade dirigida aos pais encobre, em seu âmago, uma afetividade – componentes da chamada “ambivalência

de sentimentos”, que atravessa todas as relações e ganha contornos agudos nas relações de parentesco.

No transcurso deste segmento expositivo, a correlação entre a esfera literária e a disciplina psicanalítica emerge embebida numa abordagem que ecoa, primordialmente, a propensão de Sigmund Freud por trazer à tona elementos estéticos, artísticos e literários, a fim de fundamentar e elucidar suas teorias, sobretudo relativas às tramas intrincadas da instituição familiar. Ao longo de seu percurso intelectual, o mestre vienense foi ávido em empregar a literatura como uma ferramenta, não apenas para reforçar, mas também para desvelar as nuances profundamente entrelaçadas do tecido psíquico humano. Um exemplo saliente, dessa simbiose entre campos, reside na maneira pela qual Freud imergiu, de forma perspicaz, nos matizes do âmbito estético, bem como na fértil tessitura das narrativas literárias, com vistas a discernir fenômenos de crucial pertinência, tais como as dinâmicas familiares complexas. Um testemunho latente dessa interação transdisciplinar é apreendido na forma com que o conceito do complexo de Édipo, uma peça central da psicanálise, foi entrelaçado com a trama da tragédia grega homônima. Tal amálgama não somente ilustra o modo pelo qual a psicanálise está imbuída no *ethos* cultural, mas também desvenda como narrativas literárias (des)velam os enigmas insondáveis da psique humana.

Ademais, Freud, através de uma minuciosa exploração das vertentes literárias, logrou oferecer perspectivas ímpares sobre dilemas morais, psicológicos e sociais que subjazem às complexas teias das relações intrafamiliares. A confluência singular entre os domínios literário e psicanalítico, tal como esquadrihada ao longo deste tópico, não apenas ressalta a capacidade latente de Freud para transpassar os limites das disciplinas, mas também sublinha como a literatura serve como um espelho multifacetado para a mente humana ou, ao contrário, como o inconsciente, à revelia, fornece os artefatos do fenômeno da linguagem, através da sublimação. Na próxima seção, apresenta-se a concepção das funções materna e paterna, partindo das raízes seminalmente plantadas por Freud e Winnicott, alcançando os horizontes contemporâneos que abarcam uma miríade de configurações familiares. As reflexões de Freud e Winnicott, concernentes à dinâmica parental, desvelarão a gênese de suas perspectivas sobre o papel fundamental da maternidade e paternidade na construção do universo psíquico infantil. Desse modo, como que em um movimento progressivo da história do pensamento psicanalítico, o itinerário se desdobra em uma investigação rigorosa e perspicaz sobre os desígnios multifacetados da criação familiar. Essa análise, portanto, com suas raízes na tradição pioneira de Freud e Winnicott, convergirá em um panorama que abarca diversas e fluidas configurações familiares emergentes na contemporaneidade.

1.3 SEMBLANTES DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA: AS *FUNÇÕES* (PARENTAIS) E SEUS DESTINOS

Entre o século XIX e XX, o discurso psicológico alastra-se a fim de, além de outras investigações, tentar compreender a infância e sua localização na família. Nessa corrente epistemológica, os avanços científicos, sobretudo psicológicos, tornaram, em alguns casos, os pais e a família submissos aos preceitos científicos colocados. Ou seja, de um momento de “desconhecimento da infância” da Idade Média, com o passar dos séculos, chegou-se a uma compreensão ‘absoluta’ da criança que, colocada, constantemente, como assexuada e imatura, era capaz de ser moldada e domesticada pelo discurso adulto – concepção que perde, com os estudos psicanalíticos, sua credibilidade (COSTA, 2006). Na base do pensamento psicanalítico, Freud acreditava que o discurso histérico era, na verdade, queixas e denúncias inconscientes de abusos, perpetrados pelos pais ou cuidadores, que os(as) pacientes sofreram na infância. Desde a histérica Anna O., paciente fundadora da Psicanálise e analisanda de Breuer, Freud entrevia uma etiologia sexual na moldura dos conflitos. Embora figurante no caso, o pai da psicanálise, através do relato de seu amigo, foi *além* na exploração dos relatos. Para Breuer, a etiologia histérica decorria tão somente de uma *retenção* ou uma contenção frente a um determinado *incidente*. Como a paciente não conseguira reagir, retém emoções e afetos, que, por conversão, deslocar-se-iam para uma parte do corpo e surgiria, desse modo, a sintomatologia histérica. No fim de suas férias de 1887, Freud escreve a Fliess: “Não acredito mais na minha neurótica.” (FREUD, 1986 [1887], p. 265). Não por coincidência, três semanas depois do envio epistolar dessa emblemática frase, Freud se corresponde novamente com Fliess, na carta de 15 de outubro de 1897, afirmando que entrara em rumações solitárias (*autoanálise*), cujo movimento foi uma recondução a sua própria infância, a fim de buscar traços residuais (reais ou não).

Para pôr em marcha essa mudança crucial para a teoria psicanalítica e, finalmente, chegar ao campo das *fantasias* e da sexualidade infantil, Freud levou em consideração um conjunto de incidentes: a) fracasso nas análises; b) número expressivo de históricas – a pressuposição de um abuso/trauma real delatava, equivocadamente, que grande parte dos pais são perversos e abusadores; e c) no inconsciente, não há vestígios da realidade, não há uma distinção entre verdade e ficção. As revelações de supostas sedução, de pais e cuidadores *stripper teases*, eram, verdadeiramente, fruto de fantasias e imaginações da criança. Afirmar que a criança, inconscientemente, tem fantasias de ordem sexual, equivale dizer, por consequência, que há *sexualidade infantil*. No campo fantasístico da parentela, não há uma separação bem definida entre os papéis sociais e, também, a diferenciação entre as gerações

torna-se inócua. Extraviada pelos séculos, o pai da Psicanálise (re)encena a peça sobre o Édipo, utilizando a psique como palco. No século XIX, a tragédia sofocliana não foi bem recebida pelos espectadores/leitores de Sigmund Freud, pois, admitir ímpetos edípicos, abalaria as estruturas parentais moralistas da época. Os estudos psicanalíticos inferem, dessarte, que a família “tradicional” (moral) teatraliza – sob novos andrajos –, à revelia, o que fora vivenciado por Édipo (ROUDINESCO, 2003). Assombrosamente herdeira dos mitos fundadores do Ocidente, a tragédia *destino* de Sófocles, na Psicanálise, ganhou novas vestes. Eis o paradigma da infância freudiana: *a criança, um pequeno Édipo, na cama dos pais*.

Nessas tramas, a maternidade e paternidade são, em Psicanálise, *lugares simbólicos, deslocantes e cambiáveis*, não necessariamente sustentados por elos biológicos e sanguíneos. Desde Freud, sobretudo com os conceitos de ‘transferência’ e ‘identificação’, os papéis em que, historicamente, os sujeitos estavam ancorados, tornam-se porosos. Logo, quando se fala em ‘mãe’ e ‘pai’, nos estudos psicanalíticos, tais noções *extrapolam* o mero vínculo sexo-função: mulher-mãe/homem-pai. Conquanto reconheçamos o esforço do pai da psicanálise de apontar para os aspectos *transferenciais* da maternidade e da paternidade, o modelo freudiano da compreensão do inconsciente, sob a tutela de um esquema edípico – interpretado erroneamente como constituído por pai-mãe-bebê reais –, outorgou, à revelia, ainda que não fosse a intenção de Freud, a anatomia nuclear da família. Enquanto, outrora, a relação mãe-bebê (biológicos) sustentava a parentalidade, a Psicanálise, sobretudo contemporânea, dissolve os espaços prototipicamente demarcados, posto que novas configurações surgiram, quais sejam: crianças cuidadas por outros membros familiares, que não pai ou mãe biológicos; cuidadores sem parentesco sanguíneo; mães e/ou pais com filhos adotivos; famílias monoparentais; procriações medicamente assistidas; entre outras configurações. Com o ensino de Lacan, surgiram novos contornos para a compreensão da família, uma vez que apresentou a ideia de “função”, seja materna ou paterna, que cindiu a *figura* da mãe/do pai de sua *função* que exercem (ou não). Por isso, a função – ambiental – materna não pertence exclusiva e necessariamente à mãe biológica e real, mesmo em lares em que essa figura se faz presente, visto que, enquanto um lugar *deslocável* e *separável*, o pai, a avó, a tia e outros cuidadores(as), poderiam, se suficientemente bons, serem ‘maternais’: “a noção de família em psicanálise está ligada à estrutura de funções simbólicas. Nem família biológica nem família sociológica ou etnológica. Ainda que as formas de família mudem, como ocorreu com a família patriarcal [...] as funções de pai e de mãe vão continuar sempre.” (CHECCHINATO, 2007, p. 96). A compreensão lacaniana de ‘função’ alarga os horizontes sobre o entendimento da família – que outrora, por vezes, estava restrito à nuclearidade – e compreende outras

configurações parentais, em seus múltiplos elementos subjetivos: “[...] essa noção delimita parâmetros para entender como, a partir do laço entre o bebê e o adulto que ele se encarrega, fundam-se relações entre o sujeito que se constitui e o Outro – escrito assim, com letra inicial maiúscula, para marcar o lugar simbólico e primordial.” (GARRAFA, 2022, p. 56). Ainda que a teoria de *funções*, enquanto espaços simbólicos, possa, à primeira vista, autorizar ‘qualquer um’ a *funcionar* como mãe, cumpre dizer que essa função não pode ocorrer no anonimato – para a função, eis a nomeação: “Nem um papel de exclusividade referido às mulheres, nem uma função de anonimato.” (IACONELLI, 2020, p. 84).

Donald Wood Winnicott, no fervor da Segunda Guerra, descreveu os descaminhos psicopatológicos da falta e/ou falha nos cuidados endereçados (ou não), pela “mãe” e pelo “pai”, ao recém-nascido, nos primeiros tempos. Esses termos, se, na época, não causaram problemas conceituais ao psicanalista, nos dias hodiernos, considerando que a nomenclatura se tornou *separável* da figura que lhe remetia, vêm se desgastando, perdendo suas âncoras que outrora os sustentavam. Além de novas configurações, como monoparentalidades, adoções, criação de filhos por casais homossexuais, pais separados: “[...] os homens estão assumindo posições antes exclusivas de mães, do mesmo modo que mulheres assumem lugares que eram entendidos do pai; as crianças vão cada vez mais cedo para as escolas [...]” (PITLIUK, 2022, p. 38). A fim de desestruturar o “mito do amor materno” e de não culpabilizar a mãe, sobrecarregando-a por todas as psicopatologias na vida da criança, vale dizer ainda que, em Winnicott, quando se fala na importância da mãe enquanto ambiente, preocupada primariamente com o pequeno rebento, além de *não* se referir apenas à mãe biológica e à mulher, não se apaga o papel fundamental da função paterna ou de seus substitutos nos cuidados dos primeiros tempos e na constituição do *ambiente total* (família). Outrossim, ainda no intento de *não imputar* culpa à função materna, fatores externos, que escapam ao poderio da mãe e da família, podem interferir na dupla-dependência dos primeiros tempos: “Alguns bebês, criados num deserto de palavras e carinhos fracassaram em seu ingresso na vida relacional, por motivos que aliás *nem sempre são, como se diz, culpa da mãe, e que se devem a muitas condições [...]*” (DOLTO, 2006 [1972], p. 239, grifo nosso). Ainda problematizando o *mito do amor materno*, a preocupação primária, como descreve Winnicott, nem sempre – ou quase nunca – ocorre, em virtude de que esse sentimento de “*amor mágico*”, que se espera da mãe, em termos culturais, trata-se mais de uma construção psíquica, ideológica e social. Em suma, malgrado as terminologias “pai” e “mãe” no sentido de *cuidadores* – por falta de sinônimos capazes de abarcar suas respectivas funções – prevaleçam na tradição psicanalítica, cabe, ao longo das investigações, *relativizá-las*, levando-se em consideração o contexto e seus

possíveis substitutos, que estão para além do vínculo biológico e sanguíneo dos atores que compõem – ou não – o quadro familiar⁹.

No capítulo seguinte, debruçar-nos-emos sobre a doutrina psicanalítica de Donald Winnicott, um expoente de inestimável valia nos círculos de indagação psicanalítica. As contribuições do pediatra inglês ostentam uma pertinência assaz expressiva no que tange ao afunilamento da ótica psicanalítica em direção às nascentes da existência, cujos alicerces da subjetividade são firmados e as raízes das interações familiares são entrelaçadas com os fios da identidade em formação. Destarte, ao nos aproximarmos da enunciação crítica e minuciosa das prerrogativas winnicottianas, avizinha-se um profundo questionamento sobre os meandros da infância, aquela arcaica fase da vida, repleta de gestos iniciais e marcos fundacionais que ressoam, de forma inelutável, em todo o itinerário vital subsequente. Paralelamente, o escrutínio das engrenagens familiares, concebidas como a malha originária onde os primeiros encontros com a alteridade e as primeiras formações de apego e intersubjetividade se desenrolam, assume um papel crucial nesta incursão hermenêutica.

⁹ Ao longo deste trabalho, adotou-se “pai” e “mãe”, a fim de sintetizar as *funções*. Mas estamos cientes de que tais termos *extrapolam* o biológico, o sanguíneo e a ligação parentesco, erroneamente “direta”, em termos culturais, de: homem-pai / mulher-mãe.

2 O AMBIENTE E OS PROCESSOS DE (I)MATURAÇÃO: A LETARGIA DA CRIANÇA NO CLAUSTRO-COLO DA MÃE

*Mãe é doida. É tão doida que dela nasceram filhos. Eu
me alimento com ricas comidas e tu mamas em mim leite
grosso e fosforescente.
Eu sou o teu talismã.
(Clarice Lispector)*

2.1 A MATERNIDADE EM WINNICOTT

Após o pioneirismo de Sigmund Freud, lançando as bases da ciência psicanalítica, as investigações do inconsciente reverberaram em várias partes do mundo, sobretudo após 1910, quando a psicanálise alcançara algum respeito no meio socioinstitucional. A partir do discipulado, encabeçado pelo pai da psicanálise, para além de solos vienenses, as investigações psicanalíticas estavam em Budapeste, com Sándor Ferenczi; na Suíça, durante algum tempo, com Carl Gustav Jung; e, em 1913, Ernest Jones, discípulo e biógrafo de Freud, funda a Sociedade Psicanalítica de Londres que, apesar de dissolvida nos anos da Grande Guerra, retorna em 1919 com o nome de Escola Britânica de Psicanálise, fundamental para a dispersão da ciência psicanalítica em terras inglesas. Com a presença de Freud nos bastidores, os estudos na Sociedade Britânica continuaram, nos primeiros anos, norteados pelos escritos fundamentais do mestre. Com o crescimento e a chegada de novos membros, a Psicanálise fora ganhando novos contornos, ora continuando sob à tutela de Freud ora discordando dos escritos ortodoxos freudianos (MEZAN, 2019). Na época, a Psicanálise se voltou para a compreensão do mundo infantil, no sentido de arquitetar uma clínica para crianças. A técnica da associação livre¹⁰, pleiteada por Freud e utilizada na análise dos adultos, não tinha aplicabilidade prática, posto que não era coerente uma criança ficar falando por horas, no *setting* psicanalítico. Eis que uma senhora austríaca, que sonhara em ser médica, Melanie Klein, por meio da análise com Ferenczi, mediante à observação dos seus filhos, bem como através da leitura das obras freudianas, surge e percebe que *as crianças, enquanto estão brincando, estão: livre associando*. Klein, em sua obra germinal, *Psicanálise da criança* (1932), averigua que, por intermédio do brincar (caixas lúdicas, bonecos, massas de modelagem etc.), as crianças encenam e teatralizam seu mundo interno: eis que a brincadeira

¹⁰ “Método que consiste em exprimir indiscretamente todos os pensamentos que ocorrem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 38).

é a linguagem, por excelência, dos infantes e, por meio dela, projetando suas fantasias, são expressos medos e inseguranças, por exemplo. A partir do *fort-da*, “Klein viu que o brincar da criança poderia representar simbolicamente suas ansiedades e fantasias.” (SEGAL, 1975, p. 13). Enquanto a escola francesa, com Lacan, retornava ao Pai (pelo menos aos *seus* Nomes), a escola britânica, com a chegada, em 1926, de Klein, com as publicações sobre o ‘apego’ de John Bowlby, com as contribuições de Anna Freud sobre a análise com crianças e, depois, com as análises de Winnicott realizadas com crianças despejadas durante a guerra, retornava à Mãe. Cumpre salientar que, em solo anglo-saxão, os estudos psicanalíticos atraíram diversos públicos, inclusive “não especializados” e sem formação médica. O problema da “análise leiga”, também discutido por Freud¹¹, não alcançou a homogeneidade entre os membros que compunham a Sociedade; inclusive, as duas grandes mentes, Anna Freud e Melanie Klein, não tinham formação médica especializada, apenas uma formação institucional em Psicanálise. Em 1939, com a morte de Freud, intensificaram-se os embates, tomando um verniz político, visando ao “trono que estava sem dono”, entre os kleinianos e os annafreudianos (DAVIS; WALLBRIDGE, 1982). Surge espontaneamente e sem liderança específica, o chamado *Middle Group*, cujos psicanalistas, não assumindo posição na contenda, ao recusar a égide de Anna Freud e a de Melanie Klein, tornaram-se independentes. Embebidos pelos saberes plurais dos dois grandes grupos, o Grupo do Meio era formado por nomes como Donald Winnicott, Masud Khan, Michel Balint, Ronald Fairbairn e Guntrip, que, em um desenvolvimento teórico mais eclético, observam o paciente no divã sem, necessariamente, enroupá-lo nas vestes de Édipo, como alguns freudianos empreendiam, ou caracterizá-lo em posições, como alguns kleinianos o fizeram (GREENBERG; MITCHELL, 1994).

Desde que quebrara a clavícula enquanto praticava esportes, quando criança, Donald Winnicott quis cursar Medicina. Na tradição da Pediatria, trabalhou durante anos em hospitais ingleses, desejando tornar-se clínico geral em uma área rural. Em 1919, quando um amigo lhe empresta *A interpretação dos sonhos* (1900), de Sigmund Freud, o então pediatra fica encantado com as contribuições da ciência psicanalítica para a compreensão do inconsciente (MELLO FILHO, 1989). Logo, faz análise, por dez anos, com James Strachey e, doravante, com Joan Rivière. Durante suas análises com Strachey e debruçando-se sobre os escritos fundamentais da Psicanálise, enquanto pediatra, atentava-se, achando-se inovador, para uma clínica infantil. Quando Strachey constata os escritos de Melanie Klein, que há tempos já

¹¹ Freud, n’*A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial* (1926), defende fervorosamente a prática da Psicanálise por não-médicos (FREUD, 2014 [1926]).

preparara um *setting* ‘dos primeiros tempos’, ao passo que Winnicott se fascina, abala-se: “[...] vim aprender algo da imensidão de coisas que descobri que ela já sabia. Isto foi difícil para mim, porque da noite para o dia deixei de ser um pioneiro para me tornar um estudante da mestra pioneira.” (WINNICOTT, 2013b [1962], p. 158). Conquanto na esteira, em um primeiro momento, de Klein, as contribuições de Winnicott, com o tempo, tornaram-se autênticas e criativas, *distorcendo* a tradição sem apagá-la, conciliando as diferentes contribuições da Sociedade Britânica, conforme declara Clare Winnicott, sua segunda esposa: “D. W. W. podia ficar excitado com as ideias de outras pessoas, mas só podia utilizá-las e sobre elas erguer algo após haverem passado pela refinaria de sua própria experiência. [...]. Tratava-se de um processo criativo no qual ficava totalmente envolvido.” (WINNICOTT, 1994e, p. 2). Ao passo que aprendeu com Melanie Klein acerca das fantasias e do mundo interno das crianças, o psicanalista inglês considera a presença *real* dos pais, como entendia Anna Freud, como significativa para o desenvolvimento infantil. O mestre inglês percebe que, em meados dos anos 20, os estudos psicanalíticos centravam-se no complexo de Édipo e das psicopatologias dele decorrentes, contemplando vivências entre 4 e 5 cinco anos, com indivíduos constituídos. Como pediatra e psicanalista, constata casos em que, *antes mesmo de se tornarem sujeitos*, ou seja, ainda em uma condição de *não-ser* primário, os bebês podem desenvolver distúrbios psíquicos: “[...] inúmeros históricos de casos me mostraram que as crianças que se tornaram perturbadas, tanto psiconeuróticas, psicóticas, psicossomáticas ou antissociais, tinham demonstrado dificuldades em seu desenvolvimento emocional na infância, *mesmo quando bebês*.” (WINNICOTT, 2013a [1962], p. 162).

Na tese do desenvolvimento emocional, Winnicott apresenta uma teoria a respeito da saúde, como também das dinâmicas psicopatológicas, que têm seus gérmenes nos primórdios da vida. Longe de se deter na análise do mundo interno infantil, como fizera Klein e Freud, a teoria do desenvolvimento de Winnicott se debruça, proficuamente, na tradição psicanalítica, sobre a importância da constituição primitiva do infante, a partir de sustentáculos ambientais, como a mãe e o pai. Enquanto Freud situa a origem das catástrofes psíquicas no pós-Édipo, em crianças formadas, Winnicott diz que, amiúde, estruturas adoecidas, como quadros psicóticos e *borderlines*, erigem-se nos primeiros meses de vida, em decorrência de falhas nos cuidados endereçados (ou não) nas primícias da existência. Enquanto o paciente do divã freudiano, a despeito de seus sintomas e conflitos, ocupava o posto de um indivíduo “completo”, o paciente do *playgroud* winnicottiano, em decorrência de estar, às vezes, em fases primitivas do desenvolvimento, não chegou a ser um sujeito, um ser diferenciado em relação ao outro. Se, em Freud, o paradigma era uma criança edípica itinerante na cama dos

pais; em Winnicott, sua escuta fazia ecoar ora o choro ora o júbilo de um bebê no colo da mãe (ou de seus cuidadores). Em um momento inicial, o bebê ainda não é uma unidade, mas um todo-disperso, não integrado, com sua psique e soma em discordância, incapaz de separar o eu do não-eu (BRUM, 2021). Como resultado, necessita de um ego auxiliar materno, para sobreviver, realizar certas tarefas integrativas, como também para progredir maturacional e emocionalmente, tornando-se um indivíduo criativo e autêntico – saindo do seio materno, engatinhando e andejando rumo à independência (AB’SÁBER, 2021). O psicanalista compreende o desenvolvimento emocional do ser humano como uma travessia da dependência absoluta à independência. Refere-se, na verdade, de uma independência com ressalvas, dado que, na teoria winnicottiana, ninguém é plenamente independente. Logo, quando se chega ao mundo, o qual se apresenta de modo terrificante, faz-se necessário que o bebê seja sustentado, no objetivo de que as forças integrativas silenciosas – tendência inata à integração – operem proficuamente. Para que o bebê “seja”, um outro tem que sustentá-lo, manejá-lo e suportá-lo, de modo que exista uma continuidade, sobretudo nesses períodos absolutamente dependentes das primeiras semanas: “No início o lactente é completamente dependente da provisão física pela mãe viva em seu útero e depois como cuidado do lactente. [...]. O processo maturacional depende para a sua evolução da provisão ambiental.” (WINNICOTT, 2013a [1963], p. 81).

Malgrado o pequeno rebento, nessa fase inicial, seja (in)capaz de perceber os cuidados que lhe são (ou não) ofertados, e tampouco, controlar o que é bem ou mal feito, está suscetível a angariar proveitos ou sofrimentos. O ambiente materno, na dependência absoluta, deve fornecer condições suficientemente boas e uma adaptação diligente às necessidades do bebê. O desenvolvimento emocional só ocorre quando é disposto, para o bebê, um colo suficientemente bom, capaz de ampará-lo, acolher seus pedaços dispersos, juntando-os e formando uma unidade. Ao instaurar-se essas condições ambientais, ocorrem integrações egoicas e, por conseguinte, a criança depende, paulatinamente, cada vez menos do ambiente, deparando-se com um estágio que Winnicott denominou de *dependência relativa*, um estado intermediário, no qual o bebê depende apenas de alguns elementos do cuidado materno. Ulteriormente, se tudo ocorreu suficientemente bem, o bebê começa a distinguir entre o eu e o não-eu, ao tempo em que ocorrem, homeopaticamente, falhas necessárias e desadaptações maternas. Trata-se de um afastamento gradativo para que a criança saia do colo (do isolamento inicial) e comece a engatinhar por conta própria – ainda sob o olhar materno. Em seguida, Winnicott consigna o crucial *rumo à independência*, último estágio do desenvolvimento, protagonizado por um ego que, depois de experiências integrativas nos

primeiros estágios, tornou-se enrijecido. Então, como uma unidade, a criança consegue discernir entre o eu e o outro, inserindo-se em círculos cada vez mais amplos (DETHVILLE, 2019). Winnicott desenvolve uma teoria acerca do desenvolvimento emocional e do amadurecimento humano, que abarca a arquitetura da saúde, assim como as vicissitudes psicopatológicas, carregadas pelas distorções no crescimento. Inicialmente, para observar a simbiose mãe-bebê, o psicanalista conjectura que o *infans*, nos primórdios da vida, é um não-ser (imaturo e inexistente), num estado não integrado. Nessa condição, o lactente não pode, como afiançava alguns escritos de Klein, ter inveja, amar ou odiar¹², visto que, para tanto, seria necessária uma instância egoica apta a estabelecer diferenciações entre o eu e os objetos – o que não há, no princípio. Parte, pois, de uma situação inicial de imaturidade (física, cognitiva e afetiva) e não integração (psique e soma em desencontro) em direção a várias integrações e experiências unificadoras ao longo da vida, a partir das quais, gradativamente, pode-se conquistar uma corporeidade não dispersa, o “EU SOU”¹³, responsável por instituir relações objetais mais complexas com outras unidades, de igual modo, integradas. Para Winnicott, antes do “fazer” com os objetos – amando-os, invejando-os, odiando-os, como demarcava Klein¹⁴ –, o ser humano tem que “ser”. Afinal, as experiências *feitas* antes do “ser” caem em um não-vivido, o sujeito “não estava” para viver a experiência. Vale dizer que, longe de negar totalmente o pensamento de Melanie Klein, o bebê winnicottiano é, em outros termos, um ancestral, um precedente do bebê kleiniano. Vários fenômenos podem acontecer, mas, se não houver a atuação de um ego frente às intempéries externas e internas, hábil em “pensar” essas experiências, tais eventos “caem”, não ficam no bebê – permanecem em um não-acontecido. Semelhantemente, caso insurja algo de ordem traumática, sob o ponto de vista do pequeno rebento, nem sequer poder-se-ia considerar um trauma, pois, para inscrever-se, é preciso, *antes*, existir um “eu sou” capaz de traumatizar-se. Winnicott, em *O medo do colapso* (1963), assevera que, nesse caso, fica apenas o rastro do colapso¹⁵, pois a integração

¹² “Mas quando o bebê está com fome e seus desejos não são atendidos, ou quando sente dor e desconforto físicos, a situação imediatamente se altera. Surgem sentimentos de ódio e agressividade, e ele é tomado por impulsos de destruir a mesma pessoa que é o objeto de seus desejos e que, em sua mente, está ligada a tudo aquilo que está sentindo – seja bom ou ruim.” (KLEIN, 1996 [1937], p. 349).

¹³ “O monoteísmo parece estar muito vinculado à expressão EU SOU. Sou o que sou. (*Cogito, ergo sum* é diferente: o *sum* aqui [na psicanálise] significa que tenho um sentido de existência enquanto pessoa, que sinto em meu juízo que minha existência foi provada [...])” (WINNICOTT, 1999 [1968], p. 43).

¹⁴ “O bebê, que vê a *mãe basicamente como o objeto* que satisfaz todos os seus desejos —o seio bom, por assim dizer —logo começa a reagir a essas gratificações e ao seu carinho criando sentimentos de amor em relação a ela como pessoa. Contudo, esse primeiro amor já é perturbado em suas raízes por impulsos agressivos.” (KLEIN, 1996 [1937], p. 348 – 349).

¹⁵ “Afirmo que o medo clínico do colapso é o medo de um colapso que já foi experienciado. Ele é um medo da agonia original que provocou a organização de defesa que o paciente apresenta como síndrome de doença. [...]. Segundo minha experiência, existem momentos em que se precisa dizer a um paciente que o colapso, do qual o

dessa experiência na personalidade não opera. Cumpre salientar que o “eu sou” só é possível graças ao percurso rumo à maturidade, que, em termos winnicottianos, remete-se à *capacidade de estar só*¹⁶ na presença de alguém:

A maturidade individual implica movimento em direção à independência, mas não existe essa coisa chamada ‘independência’. Seria nocivo para a saúde o fato de um indivíduo ficar isolado a ponto de se sentir independente e invulnerável. Se essa pessoa está viva, sem dúvida *há dependência!* (WINNICOTT 1999c [1967], p. 3, grifo nosso).

Nesse corolário, malgrado o não-sou e a não-integração, reside, no pequeno rebento, o que Winnicott chamou de *tendência inata à integração*¹⁷, um potencial vital herdado, uma força que conduz ao desenvolvimento, fundamental para o seu crescimento e maturação: “Em cada bebê há uma centelha vital, e seu ímpeto para a vida, para o crescimento e para o desenvolvimento, é uma parcela do próprio bebê, algo que é inato na criança e que é impelido para frente [...]” (WINNICOTT, 1978, p. 28). Sua atuação só funciona graças à presença da mãe, que proporciona um terreno ideal, um ambiente suficientemente bom. Como uma massa amorfa, o bebê, em prol de sua sobrevivência (física e psíquica), reclama um *ambiente* capaz de sustentá-lo: “Sem essa provisão ambiental, o bebê não faz as gradações desenvolvimentais que são herdadas como tendência.” (WINNICOTT, 1999b [1968], p. 49). Semelhante Deméter simboliza o solo fecundo para o plantio e florescimento dos brotos, a mãe personifica uma planície copiosa, nutridora, proficiente em ofertar aos pequenos rebentos o alimento indispensável e alentador. Não surpreendentemente, no início, como assegura Winnicott (1947), o *bebê não existe*, posto que, no anfiteatro que o cerca, sempre está a mãe, capaz de observá-lo e favorecê-lo com um ambiente propício ao desenvolvimento emocional. Em termos winnicottianos, desse modo: “Se você vê um bebê, você certamente vê alguém que cuida do bebê, ou ao menos um carrinho de bebê com os olhos e orelhas de alguém nele grudados. Vê-se um casal cuidador.” (WINNICOTT, 1978 [1947], p. 88). Para Winnicott, o

medo destrói-lhe a vida já, já aconteceu. Trata-se de um fato que se carrega consigo, escondido no inconsciente. [...]. Nesse contexto especial, o inconsciente que dizer que a integração do ego não é capaz de abranger algo. O ego é imaturo demais para reunir todos os fenômenos dentro da área da onipotência pessoal. [...]. A experiência original da agonia primitiva não pode cair no passado a menos que o ego possa reuni-la dentro de sua própria e atual experiência temporal [...]” (WINNICOTT, 1994a [1963], p. 73)

¹⁶ “[...] a habilidade de estar só tem sua base na experiência precoce de estar só na presença de alguém. Estar só na presença de alguém pode ocorrer num estágio bem precoce, quando a imaturidade do ego é naturalmente compensada pelo apoio do ego da mãe. À medida que o tempo passa o indivíduo introjeta o ego auxiliar da mãe e dessa maneira se torna capaz de ficar só sem apoio frequente da mãe ou de um símbolo da mãe.” (WINNICOTT, 2013 [1958], p. 34).

¹⁷ “No universo psicológico, há uma tendência ao desenvolvimento que é inata e que corresponde ao crescimento do corpo e ao desenvolvimento gradual de certas funções. [...]. Todavia, esse crescimento natural não se constata na ausência de condições suficientemente boas.” (WINNICOTT, 2011 [1965], p. 5)

ambiente traduz-se, em princípio, numa pessoa – a mãe – que, nas primeiras semanas de existência, dedica-se exclusivamente ao pequeno rebento. Para fomentar o desenvolvimento, a mãe deve, diligentemente, adaptar-se às demandas do infante¹⁸, proporcionando um ambiente e um cuidado ambiental, os quais, longe de oscilarem entre uma instabilidade intensa e calmaria agonizante, empurrando ou puxando o bebê, devem promover *sustento* (*holding*). O ambiente, por meio de uma identificação “bondosa”¹⁹ com o recém-nascido, interpreta e compreende suas necessidades; quando suficientemente bom, fornece e atende, por meio de objetos ou movimentos apropriados, tais como alimento, colo, olhar etc. Quando esse circuito de cuidados ambientais se torna padrão, mesmo com a iminência de pequenas falhas, o bebê se desenvolve e, por meio de uma confiança no “caráter” do ambiente, pode recorrer a essas experiências para integrar a si mesmo. Para ilustrar o sustento ambiental realizado pela mãe, Winnicott, em *A localização da experiência cultural* (1967), recorre aos alfarrábios literários, nos versos do poeta indiano Rabindranath Tagore²⁰: “Na praia do mar de mundos sem fim, crianças brincam.”²¹ O psicanalista inglês interpreta que, nesse trecho do poema, o mar é a mãe, que, por suas ondas, desembocam pequenos rebentos na areia da praia, que é o próprio corpo materno: “Os bebês surgem do mar e são vomitados sobre a terra, como Jonas o foi da baleia. Assim, a praia do mar era o corpo da mãe, após a criança nascer, e a mãe e o bebê, agora viável, estão começando a se conhecer.” (WINNICOTT, 2019b [1967], p. 153). Filho do mar, o bebê necessita de um banco de areia para deveras abrigá-lo e, aos poucos, conduzi-lo *para além* das dependências litorâneas. O bebê, quando nasce, é um todo disperso, um elemento não-integrado e, em virtude de tal fardo, necessita que alguém o pegue, ofertando-lhe um colo (*holding*), em movimentos cuidadosos (*handling*), suscetíveis a acolhê-lo, juntando-lhe os pedaços e, ao mesmo tempo, permitindo-lhe uma unificação. Aos moldes do

¹⁸ “[...] a palavra infante (lactente) será usada para se referir à criança muito nova. [...]. Na verdade a palavra infante significa ‘sem fala’ (*insfans*) e não é inútil pensar na infância como a fase anterior à apresentação das palavras e uso das palavras como símbolo. O corolário é que ela se refere à fase em que o infante (lactente) depende do cuidado materno que se baseia na empatia materna mais do que na compreensão do que é ou poderia ser verbalmente expresso.” (WINNICOTT, 2013 [1960], p. 41).

¹⁹ “Deve-se contudo assinalar: a bondade, da mãe ou do analista, não é indulgente; a bondade consiste, bem mais, na capacidade de identificar-se com o bebê, na disponibilidade para uma compreensão profunda da necessidade e em uma vontade genuína de ajudar. O que é bom na bondade é que os cuidados se deixam pautar pela necessidade do bebê ou do paciente, e não pela necessidade da mãe ou analista, mesmo que esta seja a de ser muito boa. Isso tem a ver com a capacidade natural e também cultivada de se identificar com o outro, de pôr-se no lugar do outro, de calçar os sapatos do outro. Tem a ver ainda com a capacidade de deixar que o outro adoça, ou enfraqueça, quando isso se faz necessário, sem que a vaidade do cuidador obrigue a criança ou paciente a estar bem, ou seja, a uma nova submissão.” (LOPARIC, 2013, p. 197).

²⁰ Rabindranath Tagore (1861 – 1941), além de músico e ensaísta, foi um célebre escritor, contemplando textos poéticos, prosaicos e dramáticos. De origem indiana, Tagore foi o primeiro não-europeu a ganhar o prêmio Nobel de Literatura.

²¹ “A citação de Tagore sempre me intrigou. Em minha adolescência, não tinha ideia do que pudesse significar, mas sua marca ficou em mim e essa impressão não se desvaneceu.” (WINNICOTT, 2019a [1967], p. 153).

Dr. Victor Frankenstein, do romance gótico de Mary Shelley, o ambiente materno é adornado por um “poder” mágico e científico, capaz de costurar os retalhos e as fibras psíquicas do corpo do infante²².

A mãe, através do colo e do sustento ambiental, *recolhe e aglutina os retalhos dispersos do bebê*, retirando-o de um estado de um não-ser para a vida, proporcionando-lhe uma unidade, uma integração psicossomática²³. Enquanto o bebê kleiniano é, no estado puro, esquizoide, com o mundo interno em fragmentos²⁴, o bebê winnicottiano *deixa* esse estado quando a mãe comparece (FULGÊNCIO, 2022b). Juntando os pedaços e integrando o corpo – físico e psíquico – de sua pequena “invenção científica” (o bebê), a mãe, costurando-lhe os pedaços, possibilita à frágil *criaturinha* sentir-se *una*. Aos moldes do Dr. Frankenstein, para quem a organização humana situa-se num devir, dependente de uma “estrutura [futura] para recebê-la”, em termos winnicottianos, essa estrutura é o ambiente materno, que sustenta e suporta uma imago corporal, inicialmente em estilhaços, do infante. Tais tarefas integrativas, bem como o próprio processo maturacional do ego, dependerão, insofismavelmente, do ambiente materno em condições saudáveis de executá-las, a partir do amparo e da costura de um corpo rudimentar que, nos primórdios, está em ruínas. Winnicott, em *O desenvolvimento da capacidade de se preocupar* (1963), para ilustrar a dependência do bebê no tocante à reunificação de seus pedaços, recorre ao célebre personagem Humpty Dumpty, da tradição oral inglesa, que reaparece em *Alice através do espelho* (1971), de Lewis Carroll. O pequeno ovo antropomórfico ecoou, no imaginário popular, com a infamiliar cantiga: “Humpty

²² *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* (1918), de Mary Shelley, é um célebre romance de terror gótico, cuja trama principal é acerca de um cientista, o Dr. Frankenstein, que, em seu afã de “deus”, tenta gerar uma vida, através da sutura de partes de corpos cadavéricos e por meio de uma intensa carga elétrica nesse corpo já costurado. Assim como Prometeu roubou o fogo dos deuses para dar aos homens, o Dr. Frankenstein, astutamente, descobre o “enigma” da vida e da morte – o segredo dos deuses. Com efeito, o doutor cria um monstro, uma aberração: “após dias e noites de incrível esforço e cansaço, logrei descobrir a causa fundamental da geração e da vida. E mais do que isso, tornei-me capaz de animar a matéria sem vida.” (SHELLEY, 2017 [1818], p. 63).

²³ “A integração mente e corpo é descrita por Winnicott como uma trama psicossomática; chega a referir-se à “psique que habita o soma”. A psique-que-habita-o-soma reflete o efeito bem-sucedido do processo de “personalização” que se dá como resultado do “toque” materno no bebê no decorrer da fase de *holding*. [...]. Se a mãe não foi capaz de proporcionar um toque suficientemente-bom no decurso da fase de *holding*, jamais será possível ao bebê sentir-se integrado a seu próprio corpo. Consequentemente, ocorre uma cisão entre mente e corpo.” (ABRAM, 2020, p. 187).

²⁴ Com a projeção do instinto de morte no seio, este passa a ser visto como danoso e um perseguidor desalmado. Fantasiosamente, como resultado da intromissão do instinto de morte – expurgado pelo ego do bebê – no seio, tem-se, o sentimento de que o objeto que recebeu a projeção (o seio) foi *cindido* em vários pedaços algozes, que se tornaram uma multidão de perseguidores. Em contrapartida, a outra parte da pulsão de morte, que não foi projetada, ou seja, que permaneceu retida no *self* (ego), converte-se em uma agressividade dirigida aos pequenos objetos perseguidores (*seio perseguidor*). No palco hediondo do sujeito esquizo-paranoico, após a pulsão de morte ser enxertada no seio, há-se uma fantasia de fragmentação do peito em muitos pedaços, os quais “perseguem” o homicida responsável pelo esfacelamento: “[...] o objeto desintegrado é principalmente uma multidão de perseguidores, pois cada pedaço se transforma em um deles.” (KLEIN, 1996 [1935], p. 313).

Dumpty sentou-se em um muro/Humpty Dumpty caiu no chão duro/E todos os homens e cavalos do rei/Não conseguiram juntá-lo outra vez!” (CARROLL, 2013b [1971], p. 353). Dumpty surge como um personagem que, no *borderline*²⁵ do muro²⁶, não tem um ambiente para acolhê-lo e, com isso, permitir-lhe um processo maturacional e integrativo. Diante disso, a queda do muro ou, em termos winnicottianos, o “cair para sempre”, pode resultar em uma desintegração, deixando-o esfacelado. Malgrado os homens e cavalos do Rei, como se percebe ao final, tentem juntar os pedaços, a reintegração, por vezes, é intrincada; sobretudo quando não é realizada por alguém capaz de embarcar na preocupação primária materna e desempenhar a função de mãe, tal como ocorre na rima infantil. Sem um ambiente suficientemente bom, “habilitado” para juntar-lhe os pedaços, reintegrando-os com vistas a retirá-lo das *bordas do muro*, o que significaria dedicar-lhe um colo, Dumpty permanece despedaçado no chão. Winnicott agencia que, com a continuidade de cuidados, com o suporte egóico materno, a própria criança autonomamente conquista o manejo desse auxílio. Em síntese, recorrendo e modificando o célebre enunciado freudiano²⁷: onde havia o *Id do bebê*, o *ego materno* há de comparecer²⁸. Quando há cuidados, o todo disperso do bebê, sucessivamente, torna-se uma unidade e, o ego, agora integrado, é capaz de acolher experiências vivenciadas. Dessa maneira, a saúde do bebê (e do sujeito, ao longo da vida) é fornecida – ou não – pela mãe nos primeiros tempos, que tanto pode ser um ambiente facilitador ou danoso:

[...] a experiência formativa na vida da criança, a forma com que a mãe, em seu sentido mais amplo, “abraça” a criança, o que inclui a maneira com que a criança é sustentada na mente da mãe, bem como em seus braços. O primeiro ambiente do bebê, nos termos de Winnicott, é a experiência de estar no colo. Este tem início antes do nascimento e abrange todo o cuidado

²⁵ “Pela expressão ‘caso borderline’ quero significar o tipo de caso em que o cerne do distúrbio do paciente é psicótico, mas ele possui sempre suficiente organização psiconeurótica para ser capaz de apresentar uma psiconeurose ou um transtorno psicossomático quando a ansiedade psicótica central ameaça irromper de forma grosseira.” (WINNICOTT, 2005d [1968], p. 172).

²⁶ “Não acha que ficaria mais seguro no chão?” Alice continuou, não com qualquer ideia de propor um outro enigma, mas movida pela simples ansiedade benévola que a estranha criatura despertava nela. “Esse muro é tão estreitinho!” (CARROLL, 2013b [1971], p. 353).

²⁷ Nas *Novas conferências introdutórias* (1933), Freud, retomando a sua segunda tópica, enuncia que os objetivos da psicanálise: “Sua intenção é, realmente, fortalecer o Eu, torná-lo mais independente do Super-eu, ampliar seu âmbito de percepção e melhorar sua organização, de maneira que possa apropriar-se de novas parcelas do Id. *Onde era Id, há de ser Eu.*” (FREUD, 2010 [1933], p. 132).

²⁸ Conforme Winnicott, não faz sentido existir um Id sem que exista um Ego antes para experienciar as experiências que advêm do próprio Id. Assim, não importa se existe um Id antes do ego, pois, se o ego não estiver em funcionamento ou for muito imatura, as demandas do Id não são experienciadas. Nesse ínterim, Winnicott inverte a tese freudiana de que o Ego é gerado pelo Id. Assim, mesmo que exista um Id primordial, se não houver um Ego, essas experiências são perdidas – o indivíduo “não está lá” para vivenciá-las.

materno que possibilita sua integração psicossomática, desde logo após o nascimento (PHILLIPS, 2006, p. 57).

Nos primórdios da existência, o bebê não existe²⁹. Winnicott, inclusive, prescreve que, quanto mais se recua na linha do desenvolvimento, mais se deve pensar em dinâmicas ambientais e menos em questões objetais. Não se trata, dessa forma, de um relacionamento entre dois objetos, uma vez que, para haver relação, ambos devem constituir-se “unidades” – o que o recém-nascido ainda não é. O ambiente é o onde o bebê se localiza, é a sustentação que a mãe, se suficientemente boa, fornece. A trajetória do pequeno *Bambi* (1923), de Felix Salten, é a travessia simbólica que cada criança, partindo de uma dependência absoluta da mãe para rumo à independência, tem que enfrentar: “É uma história sobre a necessária saída do colo, do corpo e do hálito materno para tornar-se alguém” (CORSO; CORSO, 2011, p. 373). O que acontece, com o personagem, impõe-se, semelhante e analogamente, a cada sujeito, visto que, primordialmente, vê-se enleado, fusionado e amalgamado ao corpo materno: “[...] ouvia apenas o pequeno chiado que passava sobre seu saiote, enquanto era lavado, aquecido e beijado, e *não sentia nenhum cheiro além do corpo próximo da mãe*. Bem aconchegado nessa proximidade benfazeja buscou faminto ao redor e encontrou a fonte da vida” (SALTEN, 2015, p. 15, grifo nosso). Alheio ao mundo e aos outros objetos, o que somente existe é a mãe, o ambiente materno que fornece os cuidados físicos e psíquicos. Conscrito numa relação simbiótica com a mãe, o caso de *Bambi* ilustra, arquetipicamente, a dinâmica dos primeiros tempos, da dependência absoluta entre a mãe e o bebê. Incapaz de engatinhar sozinho, o recém-nascido encontra, no colo e nos passos da mãe, artifícios para a imitação: “Assim foram os dias em que *Bambi* passou sua primeira infância. *Ele caminhava atrás de sua mãe* em uma faixa estreita que corria no meio dos arbustos” (SALTEN, 2015, p. 12, grifo nosso). Analogamente à *Bambi*, o ser humano, no outrora das estações, também *caminha atrás* de sua mãe, porquanto o ambiente materno funcionar como uma bússola para a existência e guia para a independência: “A mãe conhecia todas elas [passagens/vias], e quando *Bambi* às vezes era impedido por um arbusto como se fosse um muro verde intransponível, *a mãe sempre encontrava, sem hesitar ou muito procurar, o local onde o caminho estava traçado*” (SALTEN, 2015, p. 13, grifo nosso).

²⁹ “Nascemos um pedaço de carne que, se não for enrolado cuidadosamente numa mantinha, embalado e amparado amorosamente pelos braços e olhar da mãe, vai ser despedaçado, cair para sempre e perder, talvez também para sempre, a oportunidade de construir conexões entre esse corpo e a psique, de construir a própria *capacidade de ter experiências* e, portanto, uma identidade sexual com base em experiências. Assim, a encarnação, ou o modo como esse pedaço de carne se transforma numa pessoa, ou as dificuldades da realização dessa tarefa, vão estar na base da constituição da identidade de modo geral [...]” (LAURENTIIS, 2022, p. 2).

Na dependência absoluta, partindo do pressuposto de que se começa de um estado de não-ser para o ser, o bebê precisa, para *continuar a ser*, desse ambiente que proteja a continuidade e as suas tendências inatas – ou seja, o bebê demanda, a partir de si mesmo e do cuidado materno – ser, sem que existam cortes abruptos ou empurrões. Inclusive, o psicanalista inglês, em *O brincar e a realidade* (1971), recorre à *Hamlet* (1602), célebre dramaturgia shakespeariana, a fim de tomar o protagonista³⁰ como emblema de um indivíduo em estado de dissociação³¹, atravessando um dilema e, por isso, *em busca de ser*: “Ser ou não ser, eis o problema. Uma alma valorosa, deve ela suportar os golpes pungentes da fortuna adversa, ou armar-se contra um dilúvio de dores, ou pôr-lhes fim, combatendo-as? Morrer, dormir, mais nada, e dizer que por esse sono pomos termo aos sofrimentos do coração” (SHAKESPEARE, 2015, p. 91). O herói trágico, inibido em agir, busca debalde “ser”, pois, em dissociação como mecanismo, sobra-lhe o *não ser* (WINNICOTT, 2019b [1971]). Para fugir maldição dissociativa de Hamlet, que “se perde” após a perda do pai e o abandono da mãe, o bebê conclama um ambiente, uma pessoa ou um conjunto de indivíduos capazes de, por meio da continuidade e confiabilidade dos cuidados, responderem às exigências primitivas. Longe de ser um local mecânico e artificial, com cuidados perfeitos, o ambiente deve ser afetivo e humano, formado por sujeitos diligentes às necessidades e à promoção de um lugar seguro onde o pequeno rebento pode se desenvolver e se integrar. Para robustecer o argumento, Winnicott vale-se de uma metáfora:

No início, o indivíduo é como uma bolha. Se a pressão externa adapta-se ativamente à pressão interna, o elemento central da situação será a bolha, ou seja, o eu do bebê. Mas se a pressão do ambiente for maior ou menor que a do interior da bolha, então a bolha não será o elemento principal, e sim o ambiente. A bolha adapta-se à pressão externa (WINNICOTT, 2000d [1949], p. 264).

Se, por um lado, há o ambiente *não* suficientemente bom, que provoca distorções no desenvolvimento, por outro, insurge o ambiente suficientemente bom, que alberga, na fase mais primitiva, o bebê, permitindo-lhe existir e ter experiências constitutivas do seu ego pessoal: “sem a propiciação de um ambiente inicial suficientemente bom, esse eu que pode

³⁰ Masud Khan, um dos seus amigos psicanalistas e discípulos mais fiéis, frequentemente aproximava seu mestre de Freud e Hamlet, eis o elo inconsciente entre a literatura e os bastidores da Psicanálise, declarando: ‘Sabe, DWW, você tem uma coisa em comum com Freud, que a tinha com o Príncipe Hamlet’. ‘Que coisa?’, perguntava-me sempre. ‘Você, Freud e Hamlet podiam viver felizes numa casca de ovo se não tivessem maus sonhos.’ (KHAN, 1989, p. 302).

³¹ “[...] as partes não integradas do bebê se tornam, na visão de Winnicott, dissociadas. Na dissociação, as partes não integradas do self perdem contato com o processo de desenvolvimento que as une. É como se elas ficassem à deriva em algum lugar desconhecido, mas ainda na órbita do self [...]” (PHILLIPS, 2006, p. 124).

dar-se ao luxo de morrer nunca se desenvolve. O sentimento de realidade encontra-se ausente, e se não houver caos em excesso o sentimento final será o de inutilidade.” (WINNICOTT, 2000 [1956], p. 404). O cuidado ambiental bom, vale dizer, só é bom se for *suficientemente*, à vista de que favorece pequenas falhas, em doses homeopáticas, que deixam fissuras para que o bebê manifeste, inconscientemente, gestos criativos³². Somatório de todas as experiências, o chamado *self* passa a existir a partir do momento em que o bebê estabelece a diferença entre o eu e o não-eu (ARCANGIOLI, 1995). Na teoria winnicottiana, o *self* é o núcleo sagrado e primordial, o si-mesmo, que assegura ao indivíduo sentir-se subjetivamente, tal como, a depender da integralidade sélfica, sentir-se a vida é “real” ou que “vale a pena ser vivida”. No rebento, o *self* é apenas um potencial, um *vir a ser*, que se torna um *self* enrijecido e *total*, a partir de um ambiente suficientemente bom, capaz de ofertar experiências gratificantes para o pequeno indivíduo, equipando-o para diferenciar o eu e o não-eu. Winnicott admite que, desde as calendas da existência, há um *self* central, que só se manifesta autenticamente se permanecer protegido, isolado e incomunicável: “O *self* central poderia ser considerado como um potencial herdado que está experimentando a continuidade da existência [...]. Parece necessário considerar o conceito de isolamento deste *self* central como uma característica da saúde.” (WINNICOTT, 2013 [1960], p. 46). Caso ocorra uma ameaça ao isolamento primordial, através de um outro intrusivo, o *self* verdadeiro sentirá ansiedades inconcebíveis. Para manter o núcleo sagrado sem ranhuras, cabe à função materna proteger, instaurar esse isolamento e zelar pela existência do que deve ser preservado em seu bebê. Por vezes, é a própria mãe – ou o analista – que atribui muitas demandas ao bebê, impondo-se e sufocando o verdadeiro *self*. Este é um não-comunicado e isolado; caso a comunicação se imponha, desponta-se uma *violação*. Dispondo de elementos hiperbólicos, Winnicott arrola que o estupro e a devoração por canibais *não são vivências tão aterradoras quanto à violação do núcleo sagrado*, posto que viver reativamente, sustentado por um falso *self*, gera um sentimento de futilidade da existência (WINNICOTT, 2013d [1963]). Como estratégia de defesa, emerge, para ocultar e proteger o *self* central, um *falso self*, passível de reagir a uma falha do ambiente³³. Como efeito reativo, constitui um elemento do repertório defensivo, arqueado pela criança, cuja função é proteger, resguardar a vitalidade do *self* verdadeiro e

³² “Ser criativo aqui não diz respeito a produzir algo “novo” que tem valor social (no campo das artes ou de qualquer outro ramo do conhecimento), mas a ser espontâneo, a ser a partir de si mesmo, ainda que isto não tenha valor social.” (FULGÊNCIO, 2016, p. 70).

³³ “O ambiente deve ser um meio sem quaisquer exigências que distraiam o bebê de seu processo de crescimento. Qualquer coisa que o bebê não possa usar para seu desenvolvimento é – como uma ‘má’ interpretação na análise – potencialmente uma imposição. [...]. O que Winnicott chamará de Falso Self se torna habitual, através de uma falha ambiental precoce, no viver reativamente [...]” (PHILLIPS, 2006, p. 139 – 140).

responder às invasões da mãe, que, por vezes, força o bebê a vê-la. Conquanto, à primeira vista, a existência do falso *self* possa parecer patológica, todos os indivíduos atravessam experiências de ruptura na continuidade dos cuidados que, mais ou menos profundas, acarretam o aparecimento de um falso *self*. Necessário à existência, não à toa batizado por um paciente como *self*-cuidador, o falso *self* é um operador da saúde e uma maneira de “proteção da face” para viver em sociedade, desde que, na condução ativa do indivíduo “estar no mundo”, o verdadeiro *self* seja protagonista. Winnicott, em *O conceito de falso self* (1964), revalidando a função profética³⁴ da literatura, diz que: “Poetas, filósofos e videntes sempre se ocuparam da ideia do falso *self*, e a traição do *self* tem sido um exemplo típico do inaceitável.” (WINNICOTT, 1999e [1964], p. 53 – 54). Como expoente exemplar, o psicanalista invoca Shakespeare, que, na dramaturgia de *Hamlet*, transmite uma verdade sobre a dinâmica entre os *selves*, através do discurso de Polônio: “Que esteja acima de tudo: para que tu próprio sejas verdadeiro [teu próprio *self*]/Deve-se seguir, como a noite ao dia/Que tu não possas falsear [falso *self*] a nenhum homem.” (SHAKESPEARE, 2015, p. 38). Winnicott, prontamente, constata que qualquer grande poeta ou escritor tem como um dos temas centrais, nos seus alfarrábios literários, a busca por esse *self*. Além disso, o teatro moderno objetiva, à revelia, encontrar o núcleo sagrado da personalidade naquilo que é sentimental e engenhoso. Para a estruturação da maturidade *sélfica*, o ego do bebê atravessa experiências fortalecedoras, durante um tempo suficientemente bom, as quais são geradas e fomentadas por um ambiente especializado; um estado intitulado de “preocupação materna primária”. Para o estabelecimento desse ambiente materno suficientemente bom, é necessária uma espécie de “devoção” ao recém-nascido. Referimo-nos, aqui, a um estado em que a mãe saudável ingressa (e, depois, sabe sair)³⁵ e, porventura, se a entrada não seja possível, a mãe deixará o bebê cair para sempre. Oposta ao *holding*, a “queda contínua”, que desemboca em estados psicóticos do bebê³⁶, diz respeito a falhas maternas, por meio de ausências e/ou distorções,

³⁴ O próprio Freud já havia percebido que, antes dos estudos psicanalíticos, a literatura é uma “clarividente” do mundo psíquico; a psicanálise aprende com a literatura e com as artes em geral: “Mas os escritores são aliados valiosos e seu testemunho deve ser altamente considerado, pois sabem numerosas coisas do céu e da terra, com as quais nem sonha a nossa filosofia. No conhecimento da alma eles se acham muito à frente de nós, homens cotidianos, pois recorrem a fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência.” (FREUD, 2015 [1907], p. 16).

³⁵ “[...] comumente a mãe entra numa fase da qual ela comumente se recupera nas semanas e meses que se seguem ao nascimento do bebê, e na qual, em grande parte, ela é o bebê, e o bebê é ela. E não há nada de místico nisso.” (WINNICOTT, 1999 [1987], p. 4).

³⁶ “Os psicóticos, que são os bebês malsucedidos, reeditam as mesmas experiências de angústias impensáveis. Vivem o tempo todo, como os bebês não cuidados, suspensos entre viver e não viver. Agonizam. Por isso mesmo desprezam os neuróticos e seus mesquinhos problemas todos internos ao viver. E forçam o clínico atento a diagnosticar o problema do que está em jogo. Mesmo os adultos sadios sabem do perigo, embora momentâneo, de se sentirem irrealis, de não serem eles mesmos, de sucumbirem para sempre, de perderem a orientação, de

nos momentos mais decisivos, uma vez que é a mãe que o sustenta. Se o bebê fica em “queda livre”, não consegue estruturar um ego e, conseqüentemente, permanece em fragmentos, repleto de retalhos inconciliáveis, naufragando nos mares do esquecimento materno – posto que é a mãe, quando presente, em termos lacanianos, quem dá um *banho de linguagem*³⁷, que inscreve a criança na lógica do desejo:

[...] a saúde mental é algo que não devemos esperar a não ser enquanto fruto de um desenvolvimento prévio. A saúde mental de cada criança é possibilitada pela mãe, enquanto esta preocupa-se com a criação de seus filhos. A palavra ‘devoção’, se despida de seu sentimentalismo, pode ser usada para descrever o fator principal sem o qual a mãe não pode dar a sua contribuição, a adaptação sensível e ativa às necessidades de sua criança – necessidades que, no início, são absolutas. [...]. A saúde mental, portanto, é o produto de um cuidado incessante que possibilita a continuidade do crescimento emocional. (WINNICOTT, 2000c [1954], p. 306).

Identificada com o bebê, a mãe é capaz de pensar e, como uma vidente, prever o que o bebê está sentindo. Winnicott, em *A preocupação materna primária* (1956), agencia que a mãe sadia ingressa em um estado mentalmente “enfermo”, quase psicótico, antes de dar à luz, e permanece “moribunda” até algumas semanas depois do parto. Quando alcançar, em curto prazo, a saúde, abandonará esse estado morosamente. Trata-se de uma identificação³⁸ unilateral, por parte da mãe, não por parte do recém-nascido. Winnicott, inclusive, critica Klein, posto que o bebê da teoria kleiniana é demasiadamente “capacitado” para realizar alguns movimentos que, para tanto, seria necessário um mínimo de amadurecimento – desse modo, o reconhecimento do outro e a identificação, conforme Winnicott, são desempenhados apenas pela mãe. Nesse ínterim, o psicanalista afirma que, primordialmente, tem-se a *preocupação materna primária*, um estado de acentuada sensibilidade, ao final da gravidez e durante algumas semanas após o nascimento do bebê, que possibilita uma adaptabilidade

serem desligados do próprio corpo, de não serem nada e não estarem em lugar nenhum, de se sentirem aniquilados. De ver sendo desfeita a sua integração.” (LOPARIC, 2022a, p. 5).

³⁷ “A lálíngua é o que resulta para o sujeito do que lhe vem da língua materna. É a língua como idioma – o português, o francês etc. –, mas não só exatamente isso. A linguagem é para todos, lálíngua é própria de cada um. A linguagem é universal com suas leis para todo sujeito falante. A lálíngua é de cada um, própria a cada ser humano a partir da sua relação particular com a língua falada no lugar onde nasceu e foi criado. Lálíngua é aquilo da língua materna que o sujeito recebe – e cada um recebe de um modo distinto, resultado de contingências incalculáveis – como chuva, tormenta de significantes próprios àquela língua idiomática que se depositam para ele como material sonoro, ambíguo, equívoco, cheio de mal-entendidos, cheio de sentido e, ao mesmo tempo, sem sentido.” (QUINET, 2016, p. 3).

³⁸ “A mãe tem um tipo de identificação extremamente sofisticada com o bebê, na qual ela se sente muito identificada com ele, embora, naturalmente, permaneça adulta. O bebê, por outro lado, identifica-se com a mãe nos momentos calmos de contato, que é menos uma realização do bebê que um resultado do relacionamento que a mãe possibilita. Do ponto de vista do bebê, nada existe além dele próprio e, portanto, a mãe é inicialmente, parte dele. Em outras palavras, há algo que as pessoas chamam de identificação primária. Isto é o começo de tudo, e confere significado a palavras muito simples, como *ser* (WINNICOTT, 1999 [1987], p. 9).

delicada às demandas e necessidades do pequeno rebento. Winnicott define-o como um estado em que a mãe se esquece de si mesma ou, à revelia, abandona outros interesses para além do bebê. Naturalmente, a “mãe devotada comum”³⁹ embarca nesse estado, que, sem gravidez e bebê, seria uma doença: “Gradualmente, esse estado passa a ser o de uma sensibilidade exacerbada durante e principalmente ao final da gravidez. Sua duração é de algumas semanas após o nascimento do bebê. Dificilmente as mães o recordam depois que o ultrapassam.” (WINNICOTT, 2000 [1956], p. 401). Na esteira desse pensamento, desenhando as âncoras para um navegar mais seguro de Winnicott pelo conceito de mãe-ambiente, Sándor Ferenczi, em *A adaptação da família à criança* (1992 [1927]), antecipa a importância de um ambiente empático (“sentir com”), com o qual a mãe identifica-se e, a partir do qual, compreende diligentemente as demandas do bebê. O tutor, para ingressar suficientemente bem e, igualmente, sair desse estado, deve apresentar saúde suficiente. Todavia, uma simples diligência e devoção automáticas, um arcabouço de ações exageradamente perfeitas, com preocupações desmedidas, embota a dinâmica, tornando-a artificial e obsoleta – o que Winnicott chama de “fuga para sanidade”.

A preocupação materna primária, um adoecimento saudável em que a mãe adentra espontaneamente, consubstancia um ambiente necessário para que o recém-nascido coloque em marcha as tendências inatas à integração e ao desenvolvimento, com falhas que, nesse primeiro momento, embora provoquem “reações à intrusão” e interditem a continuidade do ser do bebê, revelam-se imperativas. Winnicott, inclusive, assevera que a posição esquizoparanóide, descrita por Klein como um *posicionamento* solidário a todos os bebês, significa, antes, da consequência dessas falhas, que são sentidas pelo recém-nascido, como uma “ameaça de aniquilação”. Em contrapartida, o ‘continuar a ser’, protótipo do estabelecimento saudável de um ego, só é possível quando a mãe está nesse estado de preocupação primária e, empaticamente, coloca-se no lugar de seu filho, respondendo as suas necessidades.⁴⁰ Além disso, a figura materna, preocupada, dirige-se ao encontro das necessidades do bebê, “metabolizando” pequenos fragmentos do mundo. Com o desejo pelo seio (se, em hipótese, a mãe preocupada maternalmente ofertá-lo), o próprio bebê, mergulhado na fantasia onipotente, responsabiliza-se pela criação do objeto. Uma mãe atenta, e não invasiva, apresenta algo “pensável” ao bebê, que equivale a satisfação das necessidades

³⁹ “Muitas mulheres são com certeza boas mães em todos os outros aspectos, e levam uma vida rica e produtiva, mas não têm a capacidade de contrair essa ‘doença normal’ que lhes possibilitaria a adaptação sensível e delicada às necessidades do bebê nos primeiros momentos.” (WINNICOTT, 2000 [1956], p. 401).

⁴⁰ “A princípio trata-se de necessidades corporais, que gradualmente transformam-se em necessidades do ego, à medida que da elaboração imaginativa das experiências físicas emerge uma psicologia.” (WINNICOTT, 2000 [1956], p. 403).

dele. Por entremeio de uma adaptação e de uma posição empática, próprias da preocupação primária, a mãe consegue sustentar “atos mágicos” da fantasia ilusória do bebê. Da ordem do fisiológico, a necessidade impulsiona o infante a buscar um caminho e, exatamente neste momento, o seio deve aparecer. Para o pequeno rebento, o outro – enquanto ‘um’ separado – não existe; logo, apenas para ele, o seio é um produto de sua criação onipotente:

O bebê é o seio (ou objeto, ou mãe, etc.); o seio é o bebê. Isto se encontra na extremidade última da falta inicial de estabelecimento que o bebê tem de um objeto como não-eu, no lugar onde o objeto é 100% subjetivo, onde (se a mãe se adapta suficientemente bem, mas não doutra maneira) o bebê *experiencia onipotência* (WINNICOTT, 2005b [1968-1969], p. 150).

Sob o olhar do bebê, nada existe para além de si próprio. Não havendo ainda uma separação entre o eu e o outro, o ambiente (o seio/a mãe) também o é. Conquanto do ponto de vista do observador seja uma dinâmica de duas pessoas – mãe e bebê –, na visão do recém-nascido, apenas ele existe. Em termos winnicottianos, corresponde-se um momento em que o pequeno rebento, imerso em seu narcisismo primário, realiza “atos mágicos”, capazes de criar e desaparecer o que deseja – em um primeiro momento, o seio. O instante ilusório e onipotente tem seu germen quando, desejante, faz aparecer o que tanto necessita: “Através da magia do desejo, podemos dizer que o bebê tem a ilusão de possuir uma força criativa mágica, e a onipotência existe como um fato, através da sensível adaptação da mãe.” (WINNICOTT, 1990 [1988], p. 54). Na verdade, corresponde a uma movimentação da mãe suficientemente boa, que comparece com o seio no momento em que o filho deseja. Para a criança, por seu turno, aquilo que aparece é o produto de seu próprio desejo, visto que aparece quando necessita e dissipa-se quando satisfeito⁴¹. O estado de preocupação primária materna permite que o bebê, engatinhando em seu gesto criativo, elabore, ainda que de modo ilusório, o que precisa. O recém-nascido faz um gesto e, caso o ambiente materno não estivesse para atendê-lo, cairia em um vazio (DIAS, 2003). Quando, em preocupação primária, a mãe sabe exatamente o que o bebê quer e, como resposta, oferece o seio: cria-se um momento mágico (uma ilusão), uma experiência âncora para a criatividade e a capacidade criativa do bebê e, a seguir, da criança e do adulto. Esse encontro da alucinação do recém-nascido com a apresentação homeopática do objeto, o seio, realizada pela mãe preocupada, é o que

⁴¹ “O mundo é criado de novo por cada ser humano, que começa o seu trabalho no mínimo tão cedo quanto o momento do seu nascimento e da primeira mamada teórica. Aquilo que o bebê cria depende em grande parte daquilo que é apresentado no momento da criatividade, pela mãe que se adapta ativamente às necessidades do bebê. Mas se a criatividade do bebê está ausente, os detalhes apresentados pela mãe não terão sentido. Sabemos que o mundo estava lá antes do bebê, mas o bebê não sabe disso, e no início tem a ilusão de que o que ele encontra foi por ele criado. Esse estado de coisas, no entanto, só ocorre quando a mãe age de maneira suficientemente boa.” (WINNICOTT, 1990 [1988], p. 57).

Winnicott nomeou de “primeira mamada teórica”⁴², posto que cria uma atmosfera ilusória, entre o interno e o externo do bebê: “A mãe faz com que ‘o que de fato’ é um diálogo entre ela e seu bebê apareça para ele como um *monólogo nascido de seu desejo*. Em virtude da adaptação da mãe [...] surge uma área de ilusão; é como se do ponto de vista do bebê, ele *criasse a fantasia* [...]” (PHILLIPS, 2006, p. 149). Nas tramas dos primeiros anos, a mãe suficientemente boa perde-se de si mesma, a fim de proporcionar a liberdade ilusória de que o bebê a criou, assim como a voz narrativa enuncia em *Um sopro de vida* (1978), de Clarice Lispector: “Um dia eu me abri e você nasceu para você mesmo. [...]. Mas valeu a pena: és pérola de meu coração que tem forma de sino de pura prata. *Eu me esvaí*. E tu nasceste. *E me apaguei para que tu tivesses a liberdade de um deus*. És pagão, mas tens a bênção da mãe.” (LISPECTOR, 2020 [1978], p. 82-83, grifo nosso).

Diferentemente de Freud, que observa a importância da desilusão das fantasias neuróticas infantis⁴³, Winnicott salienta que o bebê é um artista, um pintor cuja tela em branco é o colo da mãe, tal e qual os seus pincéis e tintas são ofertados, à revelia, pelo próprio ambiente materno (FULGÊNCIO, 2022a). A mãe, sem saber, lança os alicerces da criatividade e do brincar infantil, fornecendo o que o *bebê-deus* cria e descobre. Não por acaso, durante as brincadeiras, os contornos entre fantasia e realidade são porosos. Em *Quebra-nozes* (1816), de E. T. A. Hoffmann⁴⁴, deparamo-nos com Fritz e Marie, que dialogam com os brinquedos e atribuem a eles sentimentos e ações: “O armário estava milagrosamente iluminado e dentro dele reinava uma grande confusão: todos os arlequins, pierrôs, polichinelos e marionetes se agitavam, corriam para lá e para cá [...]. Por fim, o próprio Quebra-nozes livrou-se de suas cobertas e pulou da cama sobre os dois pés.” (HOFFMANN, 2018 [1816], p. 52-53). No imaginário do brincar⁴⁵, localizados em espaços transicionais, os bonecos ganham contornos humanos, tornam-se seres de ações e linguagens.

⁴² “A primeira mamada teórica é representada na vida real pela soma das experiências iniciais de muitas mamadas. Após a primeira mamada teórica, o bebê começa a ter material com o qual criar. É possível dizer que aos poucos o bebê se torna capaz de alucinar o mamilo no momento em que a mãe está pronta para oferecê-lo.” (WINNICOTT, 1990 [1988], p. 54).

⁴³ “Sabemos que a criança não consegue realizar bem o seu desenvolvimento rumo à cultura sem passar por uma fase de neurose, ora mais, ora menos perceptível. Isso resulta do fato de a criança não conseguir reprimir através do trabalho racional do intelecto muitas exigências, inúteis para a vida posterior, feitas pelos impulsos, mas precisa dominá-las através de atos de recalçamento atrás dos quais normalmente se encontra um motivo de medo. A maioria dessas neuroses infantis é superada ao longo do crescimento; esse é o destino, em especial, das neuroses da infância. Quando às restantes, deverão ser eliminadas mais tarde no tratamento psicanalítico.” (FREUD, 2019 [1927], p. 110).

⁴⁴ Ernst Theodor Amadeus (1776 – 1822): célebre escritor e compositor alemão, cujas obras, notadamente canônicas, além do *Quebra-nozes* (1816), são: *O elixir do Diabo* (1816); *O homem da areia* (1816); *Contos dos Irmãos* (1819 – 1821).

⁴⁵ Concepção, inclusive, compartilhada por André Green, em que credita o “brincar” de sua teoria a Winnicott, no seu livro *Brincar e reflexão na obra de Winnicott - Conferência Memorial de Donald Winnicott* (2013).

A criança, em um movimento ilusório e onipotente, atribui *anima*, vivificando seus brinquedos. Essa condição cosmogônica dos primeiros tempos, assim como seus artefatos necessários para, a seguir, desempenhar a atividade da brincadeira, só é possível graças à Grande Mãe, que sustenta e atende às demandas do pequeno Criador. Se, com Freud, a criatividade era um dos destinos da sexualidade infantil, que, por sublimação⁴⁶, encontrava um “fazer” de alto valor social, e em Klein, a criatividade era um movimento de *reparação*, por parte do indivíduo, por causa das agressões e hostilidades ocorridas na posição esquizoparanóide, com a teoria winnicotiana, a criatividade é inerente à condição ambiental: a partir de seu desejo, o bebê cria, e a mãe diligente satisfaz a necessidade do seu filho, proporcionando-lhe um “ato mágico”⁴⁷, uma ilusão, instigando-o à criatividade: “[Esta] é, portanto, a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo. Para o bebê, isso não é difícil; se a mãe for capaz de se adaptar às necessidades do bebê, ele não vai perceber o fato de que o mundo estava lá [...]” (WINNICOTT, 1999d [1970], p. 23). Para Winnicott, diferentemente do que pensava Freud⁴⁸, a ilusão é primordial para o desenvolvimento da criança, tornando-se fundamental, inclusive, para se chegar à realidade. Criar o momento ilusório, cumpre dizer, é um empreendimento entre dois participantes, embora, sob a perspectiva do bebê, seja uma experiência solitária: apenas ele existe enquanto criador do seio. Nos rudimentos da existência, a fantasia não é uma fuga da realidade, mas um mecanismo para encontrá-la. No início, a tarefa da mãe é abastecer o bebê com doses homeopáticas do mundo e possibilitar experiências que lhe oportunizem

⁴⁶ “A observação da vida cotidiana das pessoas nos mostra que a maioria delas tem êxito em dirigir consideráveis porções de suas forças instintuais sexuais para sua atividade profissional. O instinto sexual se presta muito bem para fazer tais contribuições, por ser dotado da *capacidade de sublimação*, ou seja, pode trocar seu objetivo imediato por outros, possivelmente mais valorizados e não sexuais. Consideramos isso provado quando a história da infância — isto é, do desenvolvimento psíquico — de uma pessoa revela que o instinto muito poderoso se achava a serviço de interesses sexuais quando ela era criança. Vemos outra confirmação disso quando há um notável definhamento da vida sexual nos anos da maturidade, como se uma porção da atividade sexual fosse substituída pela atividade do instinto muito poderoso.” (FREUD, 2013 [1910], p. 99, grifo nosso)

⁴⁷ Em *Totem e Tabu* (1912 – 1913), Freud já explicara que existe uma semelhança entre a vida dos selvagens e a vida dos neuróticos (sobretudo, os obsessivos), posto que são capazes de modular a realidade, inconsciente e fantasiosamente, por meio de pensamentos, em uma dinâmica supersticiosa e *onipotente*. Tal como as crianças, em seus complexos, que imaginam seus pensamentos e desejos ganhando concretude na realidade, como bonecos e bonecas capazes de falar, sentir e agir; os neuróticos, no universo animista, acreditam que seus pensamentos podem, narcísica e magicamente, assumir sua plena realização (FREUD, 2012 [1912 – 1913]). No mundo anímico das brincadeiras das infantis, não há uma separação bem definida entre realidade e fantasia. Nesses casos, Freud afirma que a raiz do infamiliar se alberga não no medo, mas no desejo infantil ou na mera crença, plasmada em uma onipotência de pensamentos, nesse mundo anímico – típico do universo lúdico das crianças (FREUD, 2019 [1919]). Freud intitula essa dinâmica de “onipotência de pensamentos”, no qual objetos inanimados ganham atributos de um ser vivo, animado. Hesitante, o infamiliar [*Das unheimliche*] logo irrompe sob as precárias divisórias entre a fantasia e a realidade.

⁴⁸ “É característico da ilusão o fato de derivar de desejos humanos; nesse aspecto, ela se aproxima da ideia delirante psiquiátrica [...]. Portanto, chamamos uma crença de ilusão quando se destaca em sua motivação o cumprimento de desejo, ao mesmo tempo em que não levamos em conta seu vínculo com a realidade, exatamente do mesmo modo que a própria ilusão renuncia a suas comprovações.” (FREUD, 2019 [1927], p. 88).

criá-lo. Por outro lado, se, com Freud, a realidade causa mal-estar e frustração⁴⁹, com Winnicott, a realidade é confortadora, pois, com ela, é possível dar contornos e dispor limites para a fantasia – caso contrário, resulta-se um processo alucinatório.

Quando, em *Cinderela* (2004 [1963]), de Perrault, a mãe boa morrera e resta apenas a mãe má⁵⁰, a fada madrinha encarna a mãe suficientemente boa, que promove momentos de ilusão para a Gata Borralheira. Assumindo o papel de “doadora mágica”, tal como a mãe é para o seu bebê, oferta o que a princesa necessita – exatamente no momento em que mais precisa. A fada proporciona um ambiente suficientemente bom, com os elementos mágicos indispensáveis à Cinderela para seu caminhar rumo à independência: “A madrinha, que era fada, disse a ela: ‘Você gostaria muito de ir ao baile, não é?’ ‘Ai de mim, como gostaria’, Cinderela disse, suspirando fundo. ‘Pois bem, se me prometer ser uma boa menina eu farei ir ao baile’” (PERRAULT, 2004, p. 42). Nada obstante proporcione esse momento ilusório e fantasístico, fornecendo o seio no momento em que precisa, garante ainda que o *fim* da ilusão, o desmame, ocorreria à meia-noite, com a dissolução dos artefatos magicamente criados. O auxílio mágico⁵¹ da fada materna oferece apenas os instrumentos e proporciona condições para o amadurecimento, cabendo à própria borralheira encontrar uma solução para permanecer nesse estado *rumo à independência*, sem, entretanto, continuar dependente do seio para sobreviver. Por outro lado, há mães incapazes de fornecer essas ilusões necessárias, seja por uma gravidez indesejada seja por causa de que o filho não nascera como fora pensado. A identificação da mãe com o recém-nascido, por vezes, não é direta ou suficientemente boa. A aterrisagem do bebê no mundo, longe de ser consolidada, refere-se mais a um percurso repleto por falhas, incongruências e inaptações. Essa instabilidade do ambiente reaparece, por exemplo, no terror sentido pelo rebento patinho feio, no célebre conto infantil de Andersen. O itinerário do pequeno cisne, que caíra em um ninho que não lhe pertencia, é lugar comum na trajetória do desenvolvimento humano: o elo biológico não

⁴⁹ “[...] é impossível não ver em que medida a civilização é construída sobre a renúncia instintual, o quanto ela pressupõe justamente a não satisfação (supressão, repressão, ou o quê mais?) de instintos poderosos. Essa “frustração cultural” domina o largo âmbito dos vínculos sociais entre os homens [...]” (FREUD, 2010 [1930], p. 33)

⁵⁰ Pode-se vislumbrar, inclusive, como duas faces da mesma mãe, da maternidade; o que ocorre, na verdade, é uma cisão, assim como vislumbra Klein (1996 [1935]), uma cisão do objeto, entre a mãe boa e a mãe má, uma mãe gratificante e uma mãe que, para o bebê, nega o seio: “[...] o ego introjeta objetos “bons” e “maus”, sendo que o seio da mãe serve de protótipo para ambos – ele é um objeto bom quando a criança consegue obtê-lo e mau quando ela o perde.” (KLEIN, 1996 [1935], p. 304).

⁵¹ “As ajudas benignas nos contos de fadas oferecem instrumentos, jamais uma solução. A vida raramente transforma alguém em outra coisa, ela apenas brinda com alguns acasos, fatos e contextos pelos quais uma vida pode mudar seu rumo. Os objetos mágicos são representantes dessas condições, dão oportunidade à personagem de revelar seus dons, são, por exemplo, vestes que ressaltam a beleza, botas de sete léguas que dão velocidade à esperteza do herói, o objeto surge então inserido no contexto de seus desafios e capacidades.” (CORSO, 2005, p. 138).

garante a existência de um ambiente, um ninho propício para o desenvolvimento do infante. A maternidade e a paternidade, malgrado a auréola sacra que a cultura coloca, nunca é dada como pronta; trata-se de uma “confeção” de laços que, considerando o seu teor não-instintivo, mas psicológico, torna-nos, paulatinamente, filhos adotivos, deslocados em determinados ninhos, com ímpetos constantes de mudança e exílio.

Cumprе salientar que, tal como na trajetória do patinho apátrida, entre a incubação do bebê no ventre, a quebra da casca no nascimento e o conhecimento da aparição do bebê aos pais, *não há*, por vezes, uma identificação automática entre o ambiente materno para com o bebê; mas, ao contrário, um estranhamento, por parte da mãe, como também ocorrera com a mãe pata, após o nascimento de seu filhote: “Misericórdia! Mas que patinho enorme! Nenhum dos outros se parece nada com ele. Mesmo assim, filhote de peru ele não é, disto eu tenho certeza...Bem, veremos daqui a pouco. Ele vai entrar na água, nem que eu mesma tenha que empurrá-lo.” (ANDERSEN, 2004, p. 377). A mãe, para Winnicott, é a responsável pela saúde do bebê, tanto nos primeiros tempos quanto pelo resto da vida: “A saúde mental do ser humano tem suas bases assentadas na primeira infância pela mãe, que fornece um ambiente onde os processos complexos mais essenciais no eu do bebê conseguem completar-se.” (WINNICOTT, 2000a [1948], p. 236). Destaca-se que nem sempre a mãe desempenha essa função ambiental suficientemente boa, por causa de que o relacionamento mãe-bebê está sempre passível de falhas. N’*O patinho feio* (2004 [1843]), o ventre da Dona Pata é, bem como é comum nas mães humanas, inflado pelo seu narcisismo, cujo resultado é projeção de seus ideais no pequeno filhote que viria; ou seja, as falhas acompanhadas da recusa do filho, como ocorre no conto infantil, podem ser provenientes, por exemplo, de uma quebra de expectativas da família ante o filho, que fora projetado como um ser perfeito⁵². De modo inverso à visão de Andersen, em *Branca de Neve* (2004a), dos irmãos Grimm, compete à mãe de Branca de Neve a idealização conforme seus interesses narcísicos: “— Ah, se eu tivesse um filhinho branco como a neve, vermelho como o sangue e tão negro como a madeira da

⁵² “Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado. Como todos sabem, a nítida marca da superestimação, que já na escolha de objeto apreciamos como estigma narcísico, domina essa relação afetiva. Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições — que um observador neutro nelas não encontraria — e a ocultar e esquecer todos os defeitos, algo que se relaciona, aliás, com a negação da sexualidade infantil. Mas também se verifica a tendência a suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que o seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e a nela renovar as exigências de privilégios há muito renunciados. As coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será centro e âmago da Criação. *His Majesty the Baby*, como um dia pensamos de nós mesmos. Ela deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe.” (FREUD, 2010 [1914], p. 20 – 21).

moldura da janela.’ Pouco tempo depois, deu à luz a uma menininha que era branca como a neve, vermelha como o sangue e negra como o ébano.” (GRIMM, 2004a, p. 117). Com o crescimento, os filhos, inobstante de que se tornem formosos cisnes, tal como ocorre na narrativa do patinho feio, permanecem, por vezes, hirtos no lugar em que a mãe desejara.

Vale dizer que, ainda que o ambiente seja suficientemente bom, o mundo (interno e externo) e as outras pessoas se impõem com todas as suas hostilidades. Para além dos infortúnios externos, o bebê ainda enfrenta fenômenos inéditos em seu próprio corpo, tais como cólicas e fome. Com ambientes cambiantes e múltiplos, o patinho, paranoico frente aos enfeitamentos da sua mãe e de seus irmãos, interpreta boas ações dos outros como maldades, quando, por exemplo, o cachorro não o devora: “Sou tão feio que nem o cachorro está interessado em me morder.” (ANDERSEN, 2004 [1843], p. 379). Para traduzir esses sofrimentos e permitir que o bebê estabeleça diferenciações entre objetos bons e hostis, a figura da mãe também é fundamental: “O auxílio do ego materno possibilita ao lactente viver e se desenvolver, a despeito de não ser capaz de controlar ou de se sentir responsável pelo que de bom e mau ocorre no ambiente.” (WINNICOTT, 1983 [1960], p. 39). Portanto, uma parte da teoria do desenvolvimento emocional refere-se à jornada do infante, através desse potencial herdado, rumo à independência dos cuidados; já a outra metade refere-se ao cuidado materno, que permite o pleno funcionamento da tendência inata à vida e ao crescimento, bem como é responsável por traduzir as novas experiências vividas pelo bebê. Assim, é responsabilidade do ambiente materno, sendo o *holding*, durante o estágio de dependência absoluta: “[...] proteger seu bebê de complicações que ainda não podem ser entendidas por ele e, regularmente, abastecer o bebê com a parte simplificada do mundo que este, através dela, virá a conhecer.” (WINNICOTT, 2015 [1955], p. 152). Em *Demian* (1910), de Hermann Hesse, o narrador-personagem descortina a existência dessa tendência ao desenvolvimento, como também o suporte materno:

A vida de todo ser humano é um caminho em direção a si mesmo, a tentativa de um caminho, o seguir de um simples rastro. Homem algum chegou a ser completamente ele mesmo; mas todos aspiram a sê-lo, obscuramente alguns, outros mais claramente, cada qual como pode. [...]. Todos temos origens comuns: as mães; todos proviemos do mesmo abismo, mas cada um — resultado de uma tentativa ou de um impulso inicial — tende a seu próprio fim. Assim é que podemos entender-nos uns aos outros, mas somente a si mesmo pode cada um interpretar-se (HESSE, 2012 [1910], p. 10).

A mãe, nesse ínterim, é a responsável por traduzir⁵³ e *apresentar o mundo em doses homeopáticas*, em virtude de que a exterioridade, à primeira vista, é insuportável ao bebê. Para tanto, precisa ser diluído em pequenas doses. À medida que a criança experencia-o, o ego se fortalece, bem como desenvolve capacidades integrativas por meio das quais seus fragmentos se reorganizam: “A mãe reparte com o seu filho um fragmento especializado do mundo, conservando esse fragmento suficientemente pequeno [...], mas ampliando-o gradualmente, de maneira que a crescente capacidade da criança para desfrutar do mundo seja alimentada.” (WINNICOTT, 1978, p. 80). Em síntese, ao passo que o bebê conhece o mundo homeopaticamente, seu ego, enrijecendo-se, torna-se capaz de integrar novas experiências. Se, para o patinho feio, a Mãe Pata *não* o apresentou ao mundo, deixando-o vivenciar experiências terrivelmente intensas, para os seus outros filhotes, sim: “Agora venham comigo e deixem que eu mostre o mundo para vocês e os apresente a todos os terreiros. Mas prestem atenção e fiquem bem junto a mim, ou alguém pode pisar em vocês.” (ANDERSEN, 2004, p. 5). Malgrado a mãe embarque na preocupação primária e seja suficientemente boa para o bebê, há situações, inclusive externas, que podem quebrar a díade, no começo fundamental, mãe-filho. Nos primeiros atendimentos, Winnicott se deparara com crianças que, em decorrência da Segunda Guerra, foram afastadas ou separadas de suas figuras maternas: “A mãe que mora na cidade é solicitada, aconselhada e, de fato, pressionada a separar-se de seus filhos. Com frequência, sente-se forçada a ceder, sendo incapaz de ver a premência do pedido resulta da realidade do perigo de bombas.” (WINNICOTT, 2015 [1939], p. 34). Era comum a essas crianças a permanência em abrigos insalubres, física e emocionalmente e, com efeito, como Winnicott agencia em *Privação e delinquência* (1987), o ambiente revelou-se um potente catalisador de tendências antissociais e psicoses. Semelhante às neuroses de guerra, copiosamente estudadas pela tradição psicanalítica, a evacuação de crianças pequenas poderia causar, em decorrência do rompimento dos laços, sérios problemas psicológicos. Para além da mera “tristeza”, a separação entre criança e o ambiente familiar poderia, como consigna Winnicott, “chegar a ser um blecaute emocional” (WINNICOTT, 2015 [1940], p. 51). O

⁵³ Para Wilfred Bion, célebre psicanalista contemporâneo a Winnicott, a função da mãe é ser um *continente*, capaz de acolher as cargas (partículas alfa), amiúde angustiosas, endereçadas por seu filho, decodificando-as, dando sentido e significado. Com efeito, a mãe continente devolve as cargas, já desintoxicadas e devidamente nomeadas (partículas beta), para o bebê, em doses parceladas. Ou seja, também na teoria bioniana, a função da mãe é ser um *container*, abraçando, traduzindo e devolvendo o que, até então, para o pequeno rebento, era incompreensível. Se a mãe winnicottiana embarca em uma preocupação primária, a mãe bioniana desenvolve a *capacidade rêverie*, que é a capacidade da mãe em captar, empaticamente, o que se passa com o seu filho. Se a mãe não for um ambiente, para Winnicott, o pequeno rebento permanece em um “cair para sempre”; em Bion, caso não exista a mãe continente, o bebê, em termos bionianos, vive em um “terror sem nome” (BION, 2021 [1962]).

infante, como o adulto, não é afetado apenas por uma dinâmica pulsional, como é colocado pelos freudianos, mas carrega um ambiente primordial e, caso tenha sido precário, reverberará em seu modo de experienciar o mundo.

Eis o que ocorre na célebre história de *Dumbo* (1941), de Helen Aberson e Harold Pear, em que a mãe, Sra. Jumbo, no afã de proteger seu filhote frente aos que o maltratavam, é encarcerada, separada do pequeno elefante. O percurso dramático de Dumbo, assim como das crianças que Winnicott tratava em abrigos em contextos de guerra, remete-se a um afastamento obrigatório da mãe. Diferentemente da Dona Pata, Sra. Jumbo aceita, de bom grado, o “defeito” de seu filho e, para protegê-lo, é capaz de morrer por ele. Privado dos cuidados maternos e desse ambiente suficientemente bom, Dumbo vive, como coloca Winnicott, em um “cair (do colo) para sempre”, desnorteado quanto ao caminho para o desenvolvimento. Surge, pois, o ratinho Timóteo, que, não obstante de seu tamanho quando comparado a Dumbo, pode ser visto como um pai, como sábio e conselheiro, desempenhando a função de uma *mãe substituta*, na ausência da mãe real: “O esposo da mãe também pode ser uma pessoa importante na casa, ajudando a criar um lar e pode ser um bom substituto para a mãe [...]” (WINNICOTT, 2013a [1963], p. 84). Além disso, o ratinho, funcionando como um abre-alas para o mundo, cria uma *peninha*, um objeto mágico, transicional⁵⁴ em si mesmo, que permite ao pequeno elefante perder o medo de voar. À semelhança dos pais humanos, amiúde, ensinam a seus filhos a andarem de bicicleta, possibilitando uma brecha para a independência da criança no mundo, o ratinho Timóteo, auxiliando no desenvolvimento, permite que Dumbo faça voos cada vez mais altos. Inclusive, a pena dada pelo ratinho faz com que o pequeno elefante, mesmo alçando altos voos solitários, sinta-se vigiado por alguém, tornando-se *capaz de estar só*.⁵⁵

Ainda há casos em que, diferentemente da Sra. Jumbo, que foi obrigada a se afastar, a mãe, ainda que presente, não consegue ser suficientemente boa ou sequer, no período de dependência absoluta, entra no estado de preocupação primária materna. Ou seja, mesmo presente é, para o bebê, ausente. Winnicott aborda esses casos ao falar de *mães depressivas* ou outro humor apático e retraído. Se o primeiro ambiente do infante é a experiência de se localizar no colo, em mães deprimidas, a criança pode ter a sensação de uma queda livre e

⁵⁴ “Na continuidade do desenvolvimento, com a conquista das integrações que advêm da sustentação ambiental adequada ao processo de desilusão, ocorrerá o surgimento de algo que, em certo sentido, materializa, num *objeto*, a área de ilusão na qual o bebê continua habilitado. Esse objeto é, ao mesmo tempo, *criado* pelo bebê (para atender à sua necessidade) e fornecido ou encontrado no ambiente: o objeto transicional.” (FULGÊNCIO, 2016, p. 42).

⁵⁵ “A capacidade de ficar só é um fenômeno altamente sofisticado e tem muitos fatores contribuintes. Está intimamente relacionada com a maturidade emocional. A base da capacidade de ficar só é a experiência de ficar só na presença de alguém.” (WINNICOTT, 2013 [1958], p. 37).

infinita. Aos moldes da toca do coelho na qual Alice⁵⁶, de Carroll (2013 [1865], p. 10), despenca ininterruptamente, e percebe que estava: “A descer, a descer, sempre a descer. Será que a queda nunca mais acabava?”, o bebê, com mães apáticas, depressivas ou que, por algum motivo, não se identificam com seus filhos, sente-se, em termos winnicottianos, “infinitamente caindo do colo da mãe.” (WINNICOTT, 2011 [1959], p. 75). O pequeno rebento, nesse caso, despreocupa-se quanto ao seu desenvolvimento e se dedica em cuidar do humor da mãe, num ímpeto de vivificá-la, em detrimento de seu próprio crescimento individual: “Inicialmente, a tarefa [dos bebês] consiste em lidar com o estado de espírito da mãe. Quando alcançam sucesso nessa tarefa imediata, na verdade apenas criam uma atmosfera na qual podem começar a viver a própria vida.” (WINNICOTT, 2000b [1948], p. 159). Winnicott aponta para as distorções provocadas por uma mãe depressiva em seu bebê, que, com a apatia materna, mesmo que tente encontrar o caminho do colo, pode se tornar também depressivo. Diferente da mãe suficientemente boa, que se adapta às demandas do infante, a “mãe morta”⁵⁷, como ensaiara ulteriormente André Green (1998), é incapaz de identificar-se com o bebê. A dinâmica é invertida, posto que a mãe se vale do bebê, *à deriva*, para se sustentar ou, por vezes, incapaz de preocupar-se com o filho, abandona-o, em sentido real e/ou simbólico. Esse é o caso dos Meninos Perdidos, de *Peter Pan* (1911), de Barrie. Na condição de crianças rejeitadas por suas cuidadoras, são levadas a *caírem do carrinho*; depois de sete dias, como não houve reivindicação nem lembrança, foram resgatadas para a Terra do Nunca. De igual modo, em *João e Maria*, dos Grimm, deparamo-nos com uma mãe que, em decorrência de uma situação extrema de miséria, propôs ao seu esposo o abandono dos seus dois filhos, João e Maria. Sem colo, o irmão, em uma tentativa debalde de voltar a um suposto sustento ambiental familiar, que também, dentro da própria casa, era inexistente, lança pedrinhas ao longo do caminho, no intento de reencontrar a rota de volta para casa e “revivificar” o humor materno. Quando retornam ao Paraíso perdido, percebem que o ambiente materno é quebradiço e inóspito: “Andaram a noite inteira e, quando amanheceu, chegaram à casa paterna. O pai ficou muito contente ao rever os filhos, porque ele não tinha

⁵⁶ *Alice no país das maravilhas*: Narrativa infantil escrita por Lewis Carroll, em 1865, que conta com o emblemático trecho em que a protagonista, Alice, cai infinitamente em uma toca, um buraco de coelho: “A toca continuou a direito como um túnel, e de repente afundou-se, tão de repente que a menina nem teve tempo de refletir e parar antes de dar consigo a descer o que lhe parecia ser um poço muito fundo. Das duas uma: ou o poço era realmente muito fundo, ou ela estava a cair muito devagar, pois enquanto descia teve tempo de sobra para olhar em redor, e interrogar-se sobre o que ia acontecer a seguir.” (CARROLL, 2013 [1865], p. 10).

⁵⁷ “[...] não se trata das consequências psíquicas da morte real da mãe, mas sim de uma imago que se constitui na psique da criança, em consequência de uma depressão materna, transformando brutalmente o objeto vivo, fonte da vitalidade da criança, em figura distante, átona, quase inanimada [...]. A mãe morta é, portanto, ao contrário do que se poderia crer, uma mãe que permanece viva, mas que está, por assim dizer, morta psiquicamente aos olhos da pequena criança de quem ela cuida.” (GREEN, 1988, p. 240).

gostado nem um pouco de abandoná-los sozinhos, e a mãe fingiu alegria, mas no fundo estava brava.” (GRIMM, 2018, p. 58-59).

Se a pata, do *Patinho Feio*, de Andersen, forneceu um colo inóspito, fazendo com que o pequeno pato fugisse e se tornasse um nômade, na narrativa de *João e Maria*, dos Grimm, por outro lado, é a Mãe-pata⁵⁸ a grande responsável pela (re)condução dos irmãos, permitindo-os uma travessia no rio que separava a casa da bruxa do ambiente familiar: “[...] deram com um rio largo. ‘Não vamos conseguir atravessar’, disse João. ‘Não estou vendo nenhuma ponte’. ‘Também não há nenhum barco por aqui’, notou Maria, ‘mas ali vem a pata branca. Ela vai nos ajudar a atravessar, se eu pedir’” (GRIMM, 2018, p. 61-62). Quando não são experiências vividas por indivíduo em um processo de amadurecimento avançado, já capaz de lidar com as desventuras da floresta, a cisão entre o bebê e o ambiente materno é trágica. Após a separação da mãe, resta uma bruxa má que tenta devorá-los, como em *João e Maria*, ou um lobo que tenta invadir o lar dos filhotes, após a saída da mãe, como em *O lobo e os sete cabritinhos*, também dos Grimm, ou um ogro insaciável que deseja comer o Pequeno Polegar, no conto homônimo de Perrault. Nesse corolário, Winnicott, observando a importância do ambiente nas primeiras fases do desenvolvimento emocional do bebê, consigna que o *rosto materno é o precursor do espelho* – do estádio do espelho⁵⁹. Winnicott, investigando a díade primordial mãe-filho, diz que o bebê, quando olha para a mãe suficientemente boa, *enxerga a si mesmo*. O recém-nascido experiencia o mundo psicossomaticamente, esperneia-se, encolhe-se, estica-se e se dobra (no sentido somático e psíquico). Demanda-se que, para que tais movimentos ganhem sentido de autenticidade, atravessem o rosto da mãe e, correspondentemente, seja devolvida essa alegria para o bebê, como se este necessitasse de uma resposta, uma afirmação que, obtida pelo rosto da mãe, dá contornos ao seu júbilo. Se a mãe for suficientemente boa, seu rosto refletirá o próprio bebê, tornando-o autêntico. Na saúde, a mãe olha para o bebê e *devolve o efeito* de alegria que o

⁵⁸ Na versão original do conto, após despedirem-se da casa gluttona da bruxa, os irmãos voltam para casa apenas graças à travessia do rio, permitida pela pata, que constitui um sustento para João e Maria.

⁵⁹ Lacan consigna que, nos primeiros tempos, a criança não percebe seu corpo como uma unidade (um objeto total), mas como uma matéria amorfa e disforme; o que o mestre francês intitulará de *fantasma do corpo esfacelado*. Doravante, a criança, plasmada no *estádio do espelho*, terá uma identificação primordial e fundamental, a fim de estruturar o Eu – que outrora estava fragmentado. Assim, a experiência fantasmagórica do corpo esfacelado tende a ser mitigada pela neutralização da presença do espelho, possibilitando uma unicidade do corpo – real, simbólico e imaginário: “[...] o estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de usa totalidade que chamaremos de ortopédica [...]” (LACAN, 1998, p. 200). Nesse quadro imagético, cumpre dizer que a imagem do espelho (vislumbreada) é arquitetada e forjada falsamente, visto que está imiscuída por desejos, fantasias, ódios e amores. Por conseguinte, o reflexo, ou melhor, o outro-eu existente na superfície refletora é uma imagem de um Eu deformado, e percebido, pelo sujeito, de modo enganador.

pequeno rebento causa nela para o próprio. Em outros termos, o que é sentido pelo bebê é, especularmente, um reflexo do rosto do outro materno. No momento da amamentação, não ocorre apenas um suprimento fisiológico, mas há, quando manejado suficientemente bem, uma “experiência estética”⁶⁰ – leva-se em conta o entorno para além do leite. Se o rosto da mãe, como um espelho, devolve experiências empáticas e jubilantes, o *self* do bebê, gradativamente, tornar-se-á mais autêntico (REIS, 2011).

Em *Alice através do espelho* (1971), de Lewis Carroll, observa-se uma passagem cara à compreensão do desenvolvimento emocional e do papel do rosto do outro – materno – para o reconhecimento de si mesmo. Quando Alice entra em uma loja em que Humpty Dumpty, um ovo personificado, estava à venda na estante, a pequena garota logo se interessa em adquiri-lo. À medida que a protagonista se aproximava, o ovo crescia, enrijecia-se e ganhava contornos humanos, como olhos, boca e nariz e, ao contrário, quando se distanciava, Humpty Dumpty se diluía em sua forma personificada e voltava a sua forma ovalada: “O ovo, porém, foi só ficando cada vez maior e cada vez mais humano. Quando chegou a alguns metros dele, Alice viu que tinha olhos, nariz e boca. E quando chegou bem perto, viu claramente que era HUMPTY DUMPTY em pessoa.” (CARROLL, 2013b [1971], p. 352). Com a aproximação do outro – materno – o bebê, ainda dentro da casca dos primeiros tempos, consegue assimilar, consciente e inconscientemente, a imagem do seu corpo através do seu reflexo no espelho do rosto materno. A proximidade, o olhar, o manejo, o colo e os gestos, componentes que dialogam silenciosamente, configuram modos de como a mãe pode (ou não) auxiliar na estruturação egoica do pequeno rebento. Aos moldes de Alice que, ao olhar, humaniza o ovo-personagem, os olhares e a proxêmica ambiental materna influenciam na integração e na personalização do bebê. Sem o ambiente e o rosto materno, para que ganhe contornos maduros, o bebê vive, analogamente ao ovo da narrativa, “em cima do muro”, sem situar-se em um colo estável. Solitário, o bebê dos primeiros tempos sempre necessita de um outro capaz de ofertar um rosto-espelho: “‘Por que fica sentado aqui sozinho?’ disse Alice, não querendo iniciar uma discussão. ‘Ora, porque não há ninguém aqui comigo!’ exclamou Humpty Dumpty.” (CARROLL, 2013b, p. 350). Na saída da pequena Alice da loja de utilidades, percebe-se a fragilidade egoica de Humpty Dumpty que, na iminência de uma

⁶⁰ Os cuidados maternos, em Winnicott, não são apenas atendimentos fisiológicos e biológicos, mas há uma *experiência* que circunda e atravessa o relacionamento mãe-bebê. Não se trata do leite somente, no momento da amamentação, mas o “entorno”: o cuidado, o acalento, as palavras que atravessam o período da mamada, o *modus operandi* do manejo, a qualidade do colo. Outrossim, a experiência é enriquecida, esteticamente, por elementos da realidade que se entremeiam, tais como o cheiro, as percepções e as sensações (SAFRA, 2009).

ansiedade inimaginável⁶¹, não consegue diferenciar o *eu* do *não-eu*: “‘Eu não a reconheceria se nós nos encontrássemos’, Humpty Dumpty respondeu num tom desgostoso, dando-lhe um de seus dedos para apertar: ‘você é tão exatamente igual às outras pessoas.’ [...] ‘Seu rosto é igual ao de todo mundo [...]’” (CARROLL, 2013b, p. 370). Para que ocorra a separação, que é produto de um processo maturacional, demanda-se que o recém-nascido utilize o rosto materno como um espelho, enxergando a si mesmo e, antes de estabelecer relações com o outro, assuma um *Eu*. A assunção e a tessitura egoica só é possível por causa de um ambiente suficientemente bom que espontaneamente permite os gestos do bebê. Por isso, no paradigmático *jogo da espátula*⁶², exposto por Winnicott em *A observação de bebês numa situação padronizada* (1941), pode-se observar que o bebê, nos primeiros tempos – ou no começo da análise –, maneja a espátula longe de si, afastando das mãos do seu corpo. Com o tempo, o pequeno rebento parte para um gesto criativo que requer coragem e espontaneidade: puxa a espátula para junto ao seu corpo, colocando-a, inclusive, na boca.

A partir dessa prática clínica, Winnicott consigna que o *Eu* aparece nesse momento, de trazer o objeto para perto e colocá-lo na própria boca ou na boca da mãe: agora, há um dentro e um fora, um *eu* e um *não-eu* – o centro de gravidade torna-se, gradualmente, mais definido. Esse ato só existe graças à sustentação ambiental do analista e da própria mãe que, quando devotada, coloca-se disponível para que o bebê em desenvolvimento realize gestos para a elaboração de si mesmo e dos outros. O bebê, no jogo da espátula, olhava o rosto materno (e do analista), para sair do momento de hesitação e partir para o gesto. Enquanto avaliava a situação, estava em um dilema, que o faz hesitar, e, aos moldes do personagem da narrativa de Carroll, permanecia *em cima do muro*: “Ele está num dilema. Ou ele pousa sua mão sobre a espátula e, com os olhos bem abertos, olha para mim e para a sua mãe, observa e espera, ou então, em certos casos, retira completamente o seu interesse e enterra a cara na blusa da mãe.” (WINNICOTT, 2000e [1941], p. 114). Portanto, o rosto da mãe, funcionando como espelho,

⁶¹ O imaturo bebê, nesses primeiros tempos, está na iminência de sofrer uma *ansiedade inimaginável*, que é evitada pela função materna, que é capaz de pôr-se no lugar e respondê-lo sob forma de cuidados. Entre os semblantes dessa ansiedade inimaginável, que o bebê sentirá, caso não exista uma mãe suficiente boa, Winnicott elenca: a) Desintegração; b) Cair para sempre; c) Não ter conexão alguma com o corpo; e d) Carecer de orientação (WINNICOTT, 2013 [1962]).

⁶² “Nas observações em uma situação estabelecida, Winnicott recebia o bebê com sua mãe. Fincava uma espátula na mesa, de modo que ela ficasse entre ele, o bebê e sua mãe. Fazia-a vibrar, e aguardava o gesto da criança. Ele observou que, com diferentes crianças, um determinado perfil de comportamento ocorria frente à espátula, naquela situação. No primeiro momento, denominado por ele de “período de hesitação”, observou que o bebê apesar de parecer estar interessado na espátula, não a tocava e nem a apanhava. Em um segundo momento, se a criança não era invadida por Winnicott ou por sua mãe, a hesitação era superada. O bebê, então, apropriava-se da espátula e realizava algum tipo de jogo com ela. A criança desinteressava-se por este objeto e iniciava um jogo em que se livrava da espátula, para em seguida recuperá-la. Essa atividade durava algum tempo, até que Winnicott finalizava a consulta, pois, para ele, esse último período significava que a criança estava pronta para ir embora.” (SAFRA, 1999, p. 2).

deve permitir que esse bebê se enxergue, assim como observe as espátulas que existem em sua frente. Por isso que Winnicott recorre a Humpty Dumpty para ilustrar um recém-nascido que, conquanto dado alguns passos rumo à integração, ainda tem um ego frágil e, eminentemente, pode se desintegrar por completo. Torna-se necessário, portanto, uma mãe suficientemente boa em condições de sustentar o tempo de hesitação, até que o bebê diferencie o *eu* do *não-eu*. Quando não há uma continuidade de colo e um esfacelamento ou apatia do rosto da mãe, o bebê estará em uma fase, aos moldes do enigmático ovo, em que está em cima do muro, prestes cair e estilhaçar-se, como diz a cantiga infantil⁶³, podendo: “[...] ser apelidado de ‘estágio de Humpty-Dumpty’, a parede à qual se pendura precariamente sendo a mãe que cessou de oferecer colo.” (WINNICOTT, 2013b [1963], p. 72).

Ademais, o cair do muro/colo para sempre de Humpty Dumpty, nem sempre os bebês se enxergam no rosto materno; há casos em que a mãe reflete, para a criança, o seu próprio humor. Nesses casos psicopatológicos, o rosto da mãe *não* é espelho: “a percepção toma o lugar da apercepção, toma o lugar do que poderia ter sido o começo de uma troca significativa com o mundo, um processo de duas direções no qual o auto-enriquecimento se alterna com a descoberta do significado das coisas vistas.” (WINNICOTT, 2019b [1967], p. 183). Mães depressivas ou que, por algum motivo, falham em sua tarefa, em decorrência do desânimo e da apatia, não devolvem o humor do bebê, mas o seu próprio humor. Com efeito, o bebê posterga o seu processo maturacional e se volta, como Édipo, para decifrar o rosto da mãe esfíngica, depressiva – a criança tenta interpretar o estado de espírito da mãe, em detrimento dos seus próprios. A capacidade criativa do infante, então, em consequência de encontrar um rosto-espelho opaco, rígido e embaçado, atrofia-se. Para atender às demandas da mãe, alguns bebês tantalizam o fracasso da (afeição) materna, no intento de estudar suas vicissitudes e, de algum modo, *predizer* o humor da mãe. Na saúde, no rosto suficientemente bom, o bebê se percebe, vê-se refletido na expressão materna.

Se esse semblante está preocupado com outras demandas, quando o bebê o procura, enxerga apenas o que sente. Em suma, para o indivíduo existir, depende de ser visto suficientemente bem pela mãe, pelo rosto materno. Não ser visto pelo rosto materno corresponde a uma experiência da ordem da não existência. A mãe é estruturante na constituição do *self* verdadeiro da criança: se a mãe viola a centelha vital do bebê, forçando-o a enxergá-la, ela ultraja o *self* do bebê, levando-o a esconder-se. Nesses casos, o

⁶³ Como já mencionado, neste trabalho: “Humpty Dumpty num muro se aboletou/Humpty Dumpty lá de cima despencou/Todos os cavalos e os homens do Rei a arfar/ Não conseguiram de novo lá para cima o içar.” (CARROLL, 2013b [1971], p. 353).

desenvolvimento é atravessado pela submissão, cujo produto é a elaboração de um falso *self*. A mãe que, ao invés de refletir o rosto do filho, busca encontrar seu próprio reflexo, é ilustrada proficuamente em *Branca de Neve* (2004a), dos Grimm, que, a despeito do esforço moral de preservar a maternidade, a rainha má *não* é uma madrasta, mas a própria mãe da heroína infantil. Incapaz de ingressar na preocupação primária materna e desinteressar-se parcialmente de outros assuntos, como a própria vaidade, a mãe má, rivalizando a atenção do espelho – que assume contornos simbólicos da função paterna –, (im)põe uma superfície opaca à visão da filha. Apesar de o espelho reconhecer o lugar de Branca de Neve, como “a mais bela do reino”, a mãe insiste em ofuscar essa superfície refletidora, tentando, debalde, através de seus estratégias alquímicas e sortilégios, interditar o reflexo de sua descendente⁶⁴.

Lançadas as bases da saúde, é o ambiente facilitador da mãe que possibilita experiências iniciais de confiabilidade, bem como, através da ilusão onipotente do aparecimento do seio, ensaios de atividade criativa do bebê e pequenas fendas de espaços transicionais: o seio, como rudimento do objeto transicional, pouco importa se é uma alucinação ou uma realidade externa; indefere se o bebê criou ou não aquilo que existia. Trata-se de um lugar transicional que, conforme Winnicott (2000 [1951]), não pode ser questionado. Na dependência absoluta, além de adaptar-se diligentemente, o ambiente materno é fundamental para a realização de *três tarefas integrativas*, quais sejam: a) integração; b) personalização; e c) realização, que constituem o desenvolvimento emocional, tal como são movimentos que deslocam o bebê de um todo-disperso para uma unidade. Em *Desenvolvimento Emocional Primitivo* (1945), Winnicott se debruça sobre o que acontece, no bebê, antes de ele enxergar a mãe como um ser separado e antes de vislumbrar a si mesmo como um ser inteiro. Nos primórdios, o bebê, em uma não-integração primária, necessita de uma mãe que junte seus pedaços, integrando-o em um corpo – de modo que dar ao bebê a percepção de um mosaico minimamente unificado e oferta uma imagem corpórea menos fragmentada.

Conforme a teoria winnicottiana, a tendência à integração ocorre através de duas experiências proporcionadas, sobretudo, pelo *holding*: “[...] a técnica pela qual alguém mantém a criança aquecida, segura-a e dá-lhe banho, balança-a e a chama pelo nome, e

⁶⁴ “‘Espelho, espelho meu, existe outra mulher mais bela do que eu?’ O espelho respondeu: ‘És sempre bela, minha cara rainha, mas na colina distante, por sete anões cercada, Branca de Neve ainda vive e floresce, e sua beleza jamais foi superada’. Ao ouvir estas palavras a rainha ficou pasma, pois sabia que o espelho nunca mentira. Compreendeu que o caçador certamente a enganara e que Branca de Neve estava viva. E pôs-se a maquinar uma maneira de se livrar dela. Se não fosse a mais bela de todo o reino, nunca seria capaz de sentir outra coisa senão inveja.” (GRIMM, 2004a, p. 92)

também agudas experiências instintivas que tendem a aglutinar a personalidade a partir de dentro.” (WINNICOTT, 2000 [1945], p. 224). A integração, longe de ser um processo automático, refere-se a um movimento do estágio primitivo não-integrado para integrado; se houver uma continuidade dos cuidados, a criança torna-se cada vez mais constituída e estruturada. A partir da integração, o bebê, em sua estrutura unitária, é capaz de valer-se, inconscientemente, do pronome pessoal “eu” – abrindo espaços para o EU SOU, que contorna o EU FAÇO (WINNICOTT, 1999b [1967]). Por meio de experiências unificadoras, possíveis pelo cuidado materno, ocorre a reunião⁶⁵ da personalidade do bebê. Apenas integrado, o bebê pode ter um *self*. Além disso, como existe uma não-integração inicial, fazem-se necessárias experiências aglutinantes de cuidado que colaborem para uma integração, posto a personalidade encontrar-se cindida: a psique e o soma estão, nos primeiros tempos, em desacordo. Através do manejo (*handling*), o corpo do pequeno rebento ganha bordas menos porosas, como também harmoniza-se a vida psíquica (psique) com o corpo (soma), intuindo uma atividade psíquica dentro do próprio esquema corporal: “[...] a chegada do lactente à existência psicossomática, que começa a adquirir um padrão pessoal; eu me referi a isso como a inserção da psique no *soma*. A base dessa inserção é a ligação das experiências funcionais motoras e sensoriais com o novo estado do lactente de ser uma pessoa.” (WINNICOTT, 2013 [1960], p. 45). Se os procedimentos ocorreram suficientemente bem, a criança de um ano, de acordo com Winnicott (2011 [1965]), está estabelecida em seu corpo; psique e soma estão em harmonia. Para tanto, a fim de que psique e soma estabeleçam um relacionamento, faz-se necessário um conjunto de cuidados físicos (e psíquicos) dedicados à criança por uma mãe suficientemente boa, em preocupação primária materna. O conluio psicossomático só existe graças à existência do ambiente materno, que segura, manipula, banha, nomeia e acolhe o bebê: “Gradualmente, a psique chega a um acordo com o corpo, de tal modo que na saúde existe eventualmente um estado no qual as fronteiras do corpo são também as fronteiras da psique.” (WINNICOTT, 1990 [1988], p. 144). Existindo falhas, nesse momento, pode ocorrer que a psique exista sem a compreensão da experiência corporal ou, ao contrário, um corpo em dissensão com a atividade psíquica. Para Winnicott, a despersonalização, a contrapartida da personalização, é um fenômeno psicótico que, desembocando em um retardamento da personalidade, refere-se ao que: “[...] chamamos de sono profundo e nos ataques de prostração com palidez cadavérica: ‘Ela está a quilômetros de distância’, dizem as pessoas, e têm razão.” (WINNICOTT, 2000 [1945], p. 225). Eis o caso das duas irmãs perversas de Bela, da insigne

⁶⁵ Entre os caminhos psicopatológicos, existe a desintegração, que significa uma falha na sustentação ambiental – um terror para bebê.

narrativa d'*A bela e a fera*, de Jeanne-Marie Beaumont, que, diferentemente da protagonista, escolhem seus maridos levando em consideração, de um lado, a beleza física (soma) e, do outro, a inteligência (psique):

Todas as duas [irmãs] estavam infelizes. A mais velha se casara com um fidalgo belo como o amor. Mas ele estava tão apaixonado por sua própria imagem que não pensava em outra coisa da manhã à noite, e desprezava a beleza da esposa. A segunda se casara com um homem muito inteligente. Mas só usava sua inteligência para espicaçar todo mundo, a começar por sua mulher (BEAUMONT, 2004 [1756], p. 83)

Bela, por ter escolhido seu marido por suas virtudes, encontra todas as qualidades *reunidas e em harmonia*, em uma única pessoa: “‘Bela’, disse-lhe essa dama, que era uma fada, ‘venha receber a recompensa por sua boa escolha: você preferiu a virtude à beleza e à inteligência, dessa maneira, merece encontrar *todas essas qualidades reunidas numa mesma pessoa*’” (BEAUMONT, 2004 [1756], p. 83). As duas irmãs sustentam, arquetipicamente, o desequilíbrio e a cisão entre a *psique* e o *soma*. Ao final, após a horrenda Fera se transformar em um príncipe encantado e casar-se com Bela, as duas irmãs, que sempre desejaram o mal da protagonista, são transformadas em estátuas pela fada madrinha: “‘Quanto às senhoritas’, disse a fada para as irmãs de Bela, ‘conheço seus corações, e toda a malícia que encerram. Vou transformá-las em duas estátuas’” (BEAUMONT, 2004 [1756], p. 83). A pedra, que recobre as irmãs inertes, ilustra a despersonalização, assim como, em termos winnicottianos: *não estarem vivendo no próprio corpo*. Separadas, as duas estátuas carregam, no âmago da petrificação, a cisão psique-corpo que, com efeito, favorece o sentimento de “não ser real para si” e, hirtas, demonstram a impossibilidade de continuarem no processo de desenvolvimento emocional. Ademais, um dos sintomas da despersonalização é a elaboração, feita por crianças, de amigos imaginários, que, longe de serem meras fantasias, são estruturados por um outro Eu primitivo. Enquanto um estratagema defensivo, a criação mágica dos “amigos imaginários”, como Wendy cria “magicamente” Peter Pan e os Amigos Perdidos, revela uma tentativa de contornar, ilusoriamente, todas as ansiedades (WINNICOTT, 2000 [1945]).

Para a teoria winnicottiana, quando há um ambiente instável, que falha em sustentar, pode-se desencadear uma desordem patológica no consórcio psicossomático. Depois da personalização, Winnicott aponta para a “realização”, a terceira tarefa integrativa, que é a tomada de consciência, no tempo e no espaço associado a outros aspectos da realidade. Em um momento em que o bebê está num *rumo à independência*, concerne ao início de um gesto criativo em que a criança *age* no mundo, relaciona-se com objetos e interage com a realidade,

fazendo gestos criativos. As três tarefas, em conjunto, podem ser observadas em *A Rainha Abelha*, dos Grimm, cujo enredo apresenta três irmãos que tentam realizar três tarefas para desencantar um castelo que estava petrificado. Os dois mais velhos levam uma vida em praticar maldades e maltratar os animais, enquanto Simplório, o filho mais novo, demonstra ser mais maduro que seus irmãos. Ante a perversidade dos seus pares para com a floresta e com os outros animais, Simplório tentava controlá-los, protegendo um formigueiro, uns patos e uma colmeia. Certo dia, os três irmãos chegam a um castelo que, enfeitiçado, estava sem vida, com os animais e as pessoas petrificadas. O único ser vivente era um pequeno homem grisalho que, a fim de desencantar o reino em que vive, pede ajuda aos irmãos:

Na manhã seguinte, o homenzinho grisalho chegou-se para o mais velho, acenou chamando-o e o guiou até uma placa, onde estavam escritas três tarefas que poderiam desencantar o castelo. A primeira dizia que no bosque, debaixo do musgo, estavam as pérolas da filha do rei, em número de mil, que precisariam ser catadas; e, ao pôr-do-sol, se ainda faltasse só uma, a pessoa que as procurava se transformaria em pedra. O mais velho foi e procurou o dia inteiro. Como, porém, o dia chegou ao fim e ele tinha achado só cem pérolas, aconteceu o que estava escrito na placa, e ele se transformou em pedra. No outro dia, o segundo irmão assumiu a tarefa, mas não se saiu melhor que o mais velho, pois só achou duzentas pérolas e ficou transformado em pedra (GRIMM, 2018, p. 267).

O irmão mais novo, por outro lado, diante dessas três tarefas, consegue realizá-las com auxílio *ambiental*. Primeiro, o ambiente facilitador o ajuda a juntar os pedaços do colar da princesa (integração): “era tão difícil encontrar as pérolas e demorava tanto, que ele se sentou numa pedra e chorou. Nisto, apareceu o rei das formigas, cuja vida ele salvara. Vinha acompanhado de cinco mil formigas. Não demorou muito, e os bichinhos acharam todas as pérolas e as *amontoaram* ali.” (GRIMM, 2018, p. 268). Depois da integração – do colar –, Simplório deveria encontrar, no fundo do lago, a chave do quarto da filha do rei, que estava enclausurada, aos moldes de Psique da mitologia, sem contato com o ctônico, com o terreno, com o *soma* (personalização): “Mas a segunda tarefa era ir pegar, no fundo do lago, a chave do quarto da filha do rei. Quando o Bobo chegou ao lago, vieram nadando os patos que ele uma vez salvara, mergulharam e pegaram a chave lá no fundo.” (GRIMM, 2018, p. 269). Por último, como terceira tarefa, Simplório deveria escolher a melhor das três filhas do rei que estavam dormindo. Elas, inclusive, eram exatamente iguais, diferenciando-se apenas por terem comido doces distintos antes de dormir: “Então chegou a rainha das abelhas, que o Bobo havia protegido do fogo, e foi provando da boca de todas três; por fim ficou pousada na boca da que havia comido mel, e assim o Bobo reconheceu qual era a filha de rei certa.”

(GRIMM, 2018, p. 269). Apenas quando ocorre a integração, personalização e realização, auxiliadas pelo ambiente facilitador – enroupado pelos animais –, chega-se à maturidade completa, com psique e corpo em harmonia, tal como a personalidade integrada. Por conseguinte, o encantamento se desfez, o castelo saiu do estado inanimado e Simplório, casando-se com a princesa, tornou-se rei – integrado, tornou-se senhor de suas responsabilidades.

2.2 O AMBIENTE E OS PROCESSOS DE (I)MATURAÇÃO: ENTRE MÃES EXCESSIVAMENTE BOAS E SUAS FALHAS IMPOSSÍVEIS

Com o tempo, o ego do bebê, que necessitava, para existir, da capacidade do ego materno de auxiliá-lo, ganha contornos cada vez mais firmes. Nesse primeiro momento, o ego do bebê, quando existente, ainda é raquítico, o que o faz necessitar de um *ego auxiliar materno*, capaz de sustentá-lo enquanto caminha rumo à maturidade e ao crescimento emocional. Se, todavia, a mãe não for suficientemente boa, o pequeno rebento, por si mesmo, não principia a maturação egoica; a integração do ego só é possível graças aos cuidados ambientais proporcionados pela mãe suficientemente boa, nos tempos primitivos da existência do recém-nascido: “o ego [do bebê] é forte ou fraco? A resposta a esta pergunta depende da mãe e de sua capacidade de satisfazer a dependência absoluta da criança no começo, no estágio anterior à separação entre a mãe e o *self*.” (WINNICOTT, 2013a [1962], p. 56). Progressivamente, localizando-se em um ambiente suficientemente bom, o bebê se desenvolve, de modo maturacional, integrando mais experiências em sua personalidade, enrijecendo o ego, bem como tornando-se *capaz de ficar só* – um dos sintomas de que conseguiu amadurecer suficientemente bem. A capacidade de estar só, para Winnicott, concerne-se a ficar só na presença do outro, a mãe. Longe de ser uma mãe intrusiva, consiste, antes, numa presença-ausente, que permite à criança a solidude, pelo menos por um período de tempo e possa, por si mesmo, brincar sem as demandas, por vezes narcísicas, maternas. Em outros termos, nesse momento, a mãe está presente não de modo exigente e suplicante, o que permite a própria criança preencher, pelo brincar, essas lacunas e possa *ser* nesse espaço transicional⁶⁶. Freud, pelo jogo do *fort da*⁶⁷, percebera que a mãe, quando ausente, conduza a

⁶⁶ “Onde há confiança e fidedignidade há também um espaço potencial, um espaço que pode tornar-se uma área infinita de separação, e o bebê, a criança, o adolescente e o adulto podem preenche-la criativamente com o brincar, que, com o tempo, se transforma na fruição da herança cultural.” (WINNICOTT, 2019d [1975], P. 178).

⁶⁷ “Acontece que essa criança comportada passou a apresentar o hábito, às vezes incômodo, de atirar todos os objetos pequenos que conseguisse pegar para bem longe de si, para um canto do cômodo [...]. Ao fazê-lo, ela

criança à simbolização através do brincar; deixando, desse modo, espaços “em branco” para que desenvolva a capacidade criativa, preenchendo tais lacunas. Não à toa, Winnicott propõe, n’*O jogo do rabisco*⁶⁸ (1964), que o analista, protótipo do ambiente materno, não deve fazer todas as interpretações e preencher os vazios do paciente; o analista deve, sim, fazer um pequeno gesto criativo, a partir de um rabisco inicial e, posteriormente, entregá-lo ao paciente para que, no desenho, dê continuidade à criação, instaurando um *encadeamento criativo*. Analogamente, a “capacidade de estar só” parte desse gesto materno em permitir que a própria criança, em transicionalidade, seja autêntica e autoral nos “espaços em branco da folha”.

Em casos psicopatológicos, Winnicott conjectura que, em decorrência de invasões maternas e ausências de falhas, a criança vive uma vida através de reações aos estímulos, submetendo-se, por meio de um falso *self*, aos ditames da mãe infalível. Vale ressaltar que a capacidade de estar só, vivenciada em estágios avançados do processo maturacional, é desenvolvida apenas quando, nos primeiros tempos, o ego imaturo, incapaz de ficar sozinho, é sustentado e compensado pelo apoio/presença materna. Ao passo que são vividas experiências de cuidado contínuo em um ambiente estável, a criança, paulatinamente, introjeta o ego auxiliar da mãe. Com isso, com esse espólio materno, torna-se capaz de ficar só sem necessariamente a presença da mãe. Ou seja, para não desabar, a capacidade de estar só está ligada à experiência de ter um ambiente *interno* assegurado. A criança, portanto, pode estar em uma situação que, malgrado não estar em um local familiar e longe dos pais, carrega consigo, no bojo do seu *self*, experiências suficientemente boas de continuidade no ambiente primitivo: “[...] o ambiente auxiliar do ego é introjetado e construído dentro da personalidade

produzia, com uma expressão de interesse e satisfação, um “o-o-o-o” sonoro e prolongada, que, segundo o julgamento unânime da mãe e do observador, não era uma interjeição, mas significava “*fort*” [desapareceu, sumiu]. [...] depois puxava o carretel pelo cordão de novo para fora da cama, mas agora saudava seu aparecimento com um alegre “*da*” [eis aqui, acho, chegô]. [...] A interpretação da brincadeira estava clara, então. Ela estava associada com a grande realização cultural da criança, com a renúncia pulsional levada a cabo por ela (renúncia à satisfação pulsional), ao consentir, sem oposição, que à mãe fosse embora. Ela estava se compensando, por assim dizer, quando ela própria colocava em cena o mesmo desaparecimento e retorno utilizando os objetos ao seu alcance.” (FREUD, 2020 [1920], p. 77 – 79).

“Freud contou a história de uma criança amada pelos pais, que não os perturbava à noite e nunca chorava quando a mãe se ausentava, mas que adquirira o hábito de brincar com um carretel de madeira atado a um barbante. Ele lançava e tornava a apanhar o carretel, gritando “*fort-da*”, expressando assim o sofrimento que lhe causava a perda do objeto e o prazer que tinha em fazê-lo reaparecer.” (ROUDINESCO, 1998, p. 326).

⁶⁸ “Vamos jogar alguma coisa. Sei o que gostaria de jogar e vou lhe mostrar.” Há uma mesa entre a criança e eu, com papel e dois lápis. Primeiro apanho um pouco de papel e rasgo as folhas ao meio, dando a impressão de que o que estamos fazendo não é freneticamente importante, e então começo a explicar. Digo: “Este jogo que gosto de jogar não tem regras. Pego apenas o meu lápis e faço assim...” e provavelmente aperto os olhos e faço um rabisco às cegas. Prossigo com a explicação e digo: Mostre-me se se parece com alguma coisa a você ou se pode transformá-lo em algo; depois faça o mesmo comigo e verei se posso fazer algo com o seu rabisco (WINNICOTT, 1994c [1964], p. 232).

do indivíduo de modo a surgir a capacidade de estar realmente sozinho.” (WINNICOTT, 2013 [1958], p. 37). Mesmo com a mãe não presente em cena, a imago materna sobrevive por um tempo na mente da criança, impedindo que a mãe se desvaneça. Se, em um primeiro momento, os bebês dormiam na cama/colo da mãe, chega-se a um ponto em que, crescidos, são conduzidos a dormirem sozinhos. Mesmo com medo de bichos-papões no guarda-roupa, a imago materna é conservada quando a mãe real fecha a porta; eis o caso, em *Peter Pan* (1911), quando a Sra. Darling, pela primeira vez, vai a uma festa e deixa seus filhos sozinhos: “– Mamãe, alguma coisa pode nos fazer mal quando os abajures estão acesos? – Não, meu amor – a senhora Darling respondeu. – Eles são os olhos que a mamãe deixa no quarto para proteger vocês. O pequeno Michael a envolveu em seus bracinhos: – Mamãe, que bom que você existe.” (BARRIE, 2012 [1911], p. 42).

Abandonando a dependência absoluta, atravessando a relativa, a criança (e o adulto) viverá rumo à independência com os despojos dos primeiros tempos e, deles, construirá a própria maneira de viver, autêntica e criativa – mas, com fragmentos do cuidado ambiental. Freud renunciara, citando⁶⁹ a cena I do *Fausto*, de Goethe, que os filhos, inevitavelmente, herdaram espólios dos pais, como um legado, uma maldição, uma herança, um sintoma: “Aquilo que herdaste de teus ancestrais, conquista-o, para que o possuas.” (GOETHE, 2016 [1808], p. 33). Em termos winnicottianos, o filho, em seu âmago, além da dinâmica pulsional, carrega traços do antigo ambiente, assim como herda, da tradição e dos seus ancestrais, *heranças* que o permite ser criativo, autêntico e atuar na cultura⁷⁰. Como percebera Winnicott: “[...] nenhum campo cultural é possível ser original, exceto numa base de tradição.” (WINNICOTT, 2019a [1967], p. 158). N’*A História dos Três Porquinhos* (2004c), de Joseph Jacobs, deparamo-nos com três filhos que – a despeito das versões contemporâneas, que os colocam como crianças – adultos, são mandados embora pela mãe. Esgotado o tempo de depender absolutamente, a própria mãe expurga os três filhos adultos, que estavam

⁶⁹ Antes de recorrer a Goethe, Freud está discorrendo acerca da *continuidade psíquica* entre as gerações ou, em termos dos estudos psíquicos contemporâneos, sobre a *transgeracionalidade*: trata-se de uma de até que ponto um indivíduo assume inconscientemente um legado da geração anterior, seja para superar seja para se apropriar. Freud reconhece, em *Totem e tabu* (1912 – 1913), que alguma coisa é transmitida de uma geração à outra, caso contrário, se a cada novo indivíduo excluísse tudo dos seus antepassados, não haveria desenvolvimento: “Então surgem duas novas questões: o quanto pode ser atribuído à continuidade psíquica na sequência de gerações, e de quais meios e caminhos serve-se uma geração para transmitir à geração seguinte os seus estados psíquicos. [...]. Uma parte da questão parece ser resolvida pela herança de disposições psíquicas, que, porém, necessitam de determinados ensejos na vida individual para se tornarem efetivas.” (FREUD, 2012 [1912 – 1913], p. 240)

⁷⁰ Para Winnicott, a cultura é, em resumo: “[...] uma tradição herdada. Estou pensando em algo que pertence ao fundo comum da humanidade, para o qual indivíduos e grupos podem contribuir, e do qual todos nós podemos fruir, se tivermos um lugar para guardar o que encontramos.” (WINNICOTT, 2019a [1967], p. 158).

conformados em estarem no ambiente “seguro” materno, a tentarem a própria sorte, a serem independentes e construir seus próprios refúgios.

Libertos para adulecer, os três irmãos encontram, separadamente, um homem que fornece os materiais necessários para a construção de suas próprias casas. Enroupando-se da função paterna, esse homem fornece as heranças, precárias ou firmes para suportar os “sopros” destrutivos da vida, solicitadas pelos filhos. Primeiro, é somente com o afastamento do ambiente materno que os espaços transicionais são abertos para que a criança – ou o adulto –, criativo e autêntico, possa voltar-se para atividades culturais e “construir sua própria casa”. Na narrativa de *Bambi* (1923), o pequeno Bambi, somente quando a mãe se afasta, em determinado momento narrativo, é que embrenha-se por caminhos jamais percorridos: “Mas a mãe havia saído, e *Bambi ficou pela primeira vez sozinho*. [...]. Ele espreitou, farejou. E nada. Chamou de novo. Bem baixinho, suave, implorando ele chamou – Mãe... Mãe... – Em vão. [...]. *Ele continuou e chegou aos caminhos que não havia percorrido*.” (SALTEN, 2015, p. 40). *N’Os três porquinhos*, apenas quando dispensados da dependência da casa materna, os filhos podem ser criativos e construir, com os ensinamentos da tradição ambiental e dos cuidados ambientais, seus próprios refúgios. Como se sabe, a palha e a madeira, solicitações respectivamente dos dois primeiros porquinhos, mostraram-se materiais (experiências) *inefazes* para a construção de uma casa – egoica – enrijecida, desmoronando ante os vendavais do lobo: “Então vou soprar, e vou bufar, e sua casa rebentar. E assim ele soprou, e bufou, e fez a casa ir pelos ares e comeu o porquinho.” (JACOBS, 2004a, p. 209). Se a palha ilustra o ego raquítico, que ainda precisava ficar na dependência absoluta, e a madeira testemunha um ego claudicante, localizado no entremeio da dependência relativa, apenas o terceiro porquinho é *capaz de estar só* e sobreviver na ausência materna. Valendo-se dos rígidos tijolos, foi capaz de construir uma casa egoica inabalável aos sopros que tentam “desestabilizar o existir”. Com o ego maduro, o terceiro porquinho é capaz de manter a imago materna viva, mesmo distante da presença real. Para tanto, em algumas versões, a tradição, a presença ancestral materna e o repertório de experiências suficientemente boas estão ancorados nas paredes da casa de tijolos, por meio de quadros da família dependurados. As casas dos três porquinhos também evidenciam o progresso da personalidade do indivíduo do pequeno rebento rumo à independência: enquanto, em um primeiro momento, há uma casa frágil, que necessita do ego auxiliar materno para não ser derrubada; depois, uma casa intermediária, localizada entre a dependência e a independência, que não precisa mais de um cuidado diligente da mãe e faz ensaios para além do território familiar; por último, tem-se a casa de tijolos, resistente e capaz de suportar os reveses. Diferentemente da figura materna

dos porquinhos, que os liberta para a cultura, no início da narrativa de *Peter Pan* (1911), percebe-se a empreitada de infantilização de Wendy, coordenada por sua mãe: “[...] a pequena brincava em um jardim, colheu outra flor do chão e decidiu levá-la correndo para sua mãe. Provavelmente, estava tão encantadora que a senhora Darling, ao vê-la, pôs as mãos no peito e suspirou: — *Ah, por que você não fica assim para sempre?*” (BARRIE, 2012 [1911], p. 21). Com sucesso, Wendy, que outrora colhia flores no jardim, encerra-se no quarto e, pela janela, vai ao mundo das fantasias, a Terra do Nunca, *sem os pés no chão*, voando através do pó “voador” de Peter Pan, o seu amigo imaginário. Enquanto, no cotidiano adulto, a realidade prevalece, com momentos tediosos de perdas e ganhos; na narrativa barrieana, o desejo é de continuar criança, inventar, perder tempo e não trabalhar materializa-se no paraíso (perdido) da Terra do Nunca:

Você vai ver muitas linhas em ziguezague. Provavelmente essas linhas são as estradas da ilha, pois a Terra do Nunca é mais ou menos uma ilha, com lugares que parecem explodir de cores por todo lado, recifes de corais e barcos prontos para zarpar, com nativos e esconderijos secretos, gnomos que na maioria das vezes são alfaiates, rios que correm por dentro de cavernas, príncipes com seis irmãos mais velhos, uma cabana praticamente caindo aos pedaços e uma velhinha baixinha de nariz pontudo (BARRIE, 2012 [1911], p. 27)

O cenário fantasioso da Terra do Nunca, mais interessante que a realidade, é o espaço transicional entre o eu e a mãe: “De todas as ilhas encantadoras que existem, a Terra do Nunca é a mais aconchegante e compacta; ela não é larga e extensa, com distâncias chatas entre uma aventura e outra. Lá, tudo é bem pertinho. Não dá nem um pouco de medo de brincar durante o dia [...] (BARRIE, 2012 [1911], p. 27). Se Peter Pan é o emblema da criança que fugiu de casa para eternizar o mundo utópico infantil – imerso no princípio do prazer, em que o “nunca” nunca existe –, a Terra do Nunca é o espaço das fantasias onipotentes, local onde o seio não falha em “ser criado” pelo bebê. Wendy, por sua vez, destinada pela Sra. Darling a permanecer no lugar do infantil, viaja para ser mãe e “maternar” os Meninos Perdidos, tal como *manter viva* a história na mente das crianças. Diferentemente dos seus irmãos, que sofreram uma “amnésia” e se esqueceram do lar verdadeiro, a residência dos Darling, Wendy, identificada com sua mãe, reconta as histórias que ouvira em casa para os seus dois irmãos que, por vezes, perdiam-se no mundo das fantasias. Winnicott diz, inclusive, que uma das funções da mãe é: “manter a história da experiência da criança viva e viável, guardando-a e contando-a novamente para a criança quando esta precisa saber.” (PHILLIPS, 2006, p. 105). Não por acaso, as aventuras na ilha das ilusões chegam ao fim quando Wendy

percebe que seus irmãos tinham se esquecido da verdadeira mãe e a brincadeira tinha ganhado contornos “sérios”. Enquanto um espaço potencialmente transicional, a Terra do Nunca não pode ser nem totalmente objetiva nem totalmente subjetiva. Responsável por preparar a alimentação, cuidar da casa e medicar os seus ‘filhos’ doentes, Wendy é a mãe (substituta) que ancora e torna possível o mundo fantasioso das outras crianças. Em sua falta, os Meninos Perdidos perdem o eixo ambiental que norteia suas vidas; quando Wendy fica desacordada, logo os meninos empenham-se em uma tarefa de revivificá-la, construindo uma casa ao redor de seu corpo: “– Mas se ela ficar deitada aí, vai morrer – disse Firula. [...]. – Vamos construir uma casinha em volta dela! Todos amaram a ideia. – Rápido, vocês todos! Tragam tudo de melhor que a gente tem. Esvaziem a nossa casa. Andem logo! – ordenou Peter.” (BARRIE, 2012 [1911], p. 62). Cativos pelas fantasias, os irmãos de Wendy esqueceram-se do mundo para além da Terra do Nunca; tanto é que Miguelzinho, o irmão menor, tinha certeza que Wendy *era* a sua própria mãe. A pequena mãe, por sua vez, identificada na posição materna, *brinca seriamente*. Em uma *reversão da passividade à atividade*⁷¹, o que Wendy vivenciara de forma passiva, sendo infantilizada pela Sra. Darling, agora, põe em cena de modo ativo: infantilizando o próprio Miguel. Impedido de dormir com os outros, o pequeno garoto foi colocado na prisão, no cárcere da mãe ditatorial: “E todos os meninos, com exceção de Miguel, dormiam nela [na cama] [...]. Miguel deveria ter dormido ali também; mas Wendy fez questão de *ter um bebê, e ele era o menor de todos*. [...]. Em resumo, ele acabou tendo que dormir num bercinho pendurado no teto.” (BARRIE, 2012 [1911], p. 68). A despeito das queixas, Miguel, já crescido, é preso nos cercados do berço por Wendy; movimento comum na dinâmica dos cuidados maternos. Ainda que desamparadora, a expulsão do Paraíso é necessária para crianças, aos moldes de João e Maria, capazes de caminhar sozinhas, elaborar planos de retorno, como jogar pedaços de pão na trilha, e encontrar abrigos não-maternos, como dentro da floresta – ainda que seja na casa de uma bruxa.

⁷¹ “Levando-se em consideração as forças moventes que operam contrapondo-se à sequência de seu fluxo direto, pode-se também descrever os destinos pulsionais como espécies de defesa contra as pulsões. A reversão em seu oposto, se observada com maior atenção, desdobra-se em dois processos diferentes: a passagem de uma pulsão da atividade para a passividade e a inversão de conteúdo. [...]. Exemplos do primeiro processo são dados pelos pares de opostos sadismo–masoquismo e voyeurismo³¹–exibicionismo. A reversão diz respeito apenas às metas da pulsão; sua meta ativa: atormentar, contemplar, é substituída pela passiva: ser atormentado, ser contemplado. A inversão de conteúdo pode ser encontrada no caso único da transformação do amar em um odiar.” (FREUD, 2013 [1914], p. 25 – 26).

De um lado, Winnicott percebe que há uma mãe sadia, que retoma às outras atividades, desmama⁷², abandona a identificação primária e permite que o bebê cresça, saia do cercado e depare-se com o mundo. Por outro lado, o psicanalista percebe a existência de uma mãe aprisionadora e tirânica, que é incapaz de permitir a saída da criança e, quiçá, do adulto – eternamente destinado a ser um bebê. Letárgica em sua posição, essa mãe não abdica dos cuidados e da preocupação para com o seu filho: “é mais fácil para ela sentir-se maternal quando seu bebê é dependente, do que quando, pelo crescimento, ele já começa a gostar de ser separado, independente e desafiador.” (WINNICOTT, 2011 [1965], p. 34). Enquanto há mães, cujos interesses próprios não podem ser abandonados e, por isso, não mergulham na condição da preocupação primária e no fornecimento de um bom ambiente; há, no outro extremo, mães que, por estarem sempre dedicadas e preocupadas, não falham e a criança se torna uma “preocupação patológica”. No conto “A noiva da morte”, publicado em *A vida como ela é* (2006), de Nelson Rodrigues, nota-se a asfixia, através de uma preocupação excessiva, que o cercado materno e familiar emprega a um filho:

Era o único varão numa família de mulheres. E, desde garoto, ouvia dizer: — Alipinho não casa! Nós não deixamos Alipinho casar...O Alipinho era ele. Cresceu num ambiente de absoluta predominância feminina, cercado de mulheres por todos os lados. Foi tiranizado, ferozmente, pela mãe, irmãs, tias e primas. Quase não saía de casa, quase não ia à rua. A parentela vivia no terror de outros meninos; fazia advertências: “Você não brinca com aquele menino, não. Ele diz nome feio, meu filho.” E o Alipinho, desde os quatro anos, sabia que dizer palavrão é pecado, que “Papai do Céu não gosta” (RODRIGUES, 2012b [1961], p. 68).

O pai de Alipinho, por sua vez, tentava movimentar-se para retirar o filho das garras maternas, chamando-o para o mundo, para uma vida além dos muros familiares: “[...] vez em quando, o pai, vendo o garoto estiolar-se entre saias, explodia: – Ora, bolas! Vocês estão pensando o quê? O Alipinho é homem!” (RODRIGUES, 2012b [1961], p. 68). O lugar do pai, impotente, tinha sua voz incapacitada e silenciada pelo discurso da mãe e das outras mulheres que cercavam Alipinho: “Mas as mulheres, inclusive a mãe, se atiravam em pânico, numa pavorosa histeria coletiva. Agarravam-se ao menino, absorviam o menino: a mãe, em crise, frenética, berrava: ‘O filho é meu!’ E atirava à cara do marido o grande argumento: – Fui eu quem teve as dores! Eu!” (RODRIGUES, 2012b [1961], p. 68). O pai, chamado muitas vezes de “Homem mau”, em sua ausência, foi diagnosticado com câncer e, por isso, restava-lhe três

⁷² Quando há um desmame suficientemente bom, recorrendo aos alfarrábios bíblicos, ocorre um regozijo, aos moldes da voz poética dos Salmos davídicos: “De fato, acalmei e tranquilizei a minha alma. Sou como uma criança desmamada por sua mãe; a minha alma é como essa criança.” (SALMOS, 131:2).

meses de vida – o que trouxe alívio para as mulheres, inclusive para a mãe, de Alipinho; eis o resultado da ausência paterna e do triunfo materno: “Enquanto isso, o Alipinho ia crescendo, cada vez mais agarrado às saias da mãe e das irmãs.” (RODRIGUES, 2012b [1961], p. 68). Winnicott evidencia que, prostrada no colo do ambiente, a criança, mesmo que goste de sair de casa, volta angustiada, por se preocupar com a própria mãe, que, autorizando o itinerário para o mundo a contragosto, talvez ficara em casa no vazio e na solidão: “Embora goste da escola, chega em casa aos soluços; a cada manhã, berra antes de entrar em aula. Tem pena de sua mãe, pois sabe que esta não suportaria perdê-lo e que, por sua natureza, não conseguiria deixá-lo ir. A criança sente-se melhor quando a mãe dá graças ao vê-lo ir [...]” (WINNICOTT, 2011 [1965], p. 34). Quando suficientemente boa, a mãe consegue desincumbir-se dessa tarefa e legitima a independência do filho, desobrigando-o de participar do restrito ambiente familiar, permitindo-lhe endereçar-se a círculos mais largos – separado da mãe, novos relacionamentos e horizontes são desvendados. Há mães, entretanto, que prendem seus filhos em altas torres, que, inacessíveis ao mundo, isolam qualquer movimento para independência. Possessivo, esse semblante da maternidade aparece em *Rapunzel*, dos Grimm, que, nada obstante da ação de encastelar seja movida por uma bruxa-madrasta, em algumas versões é a própria mãe – a própria madrasta seria, pois, uma de suas faces. A mãe, quando continua presente sem falhar e se torna a única pessoa na vida do seu filho, ganha indumentárias, pelo menos para a criança, dessa bruxa má que enclausura em uma torre. Nesses casos, a bocarra-de-crocodilo materna⁷³, que falou Lacan, n’*O Seminário 17*, corta, com a tesoura dos seus dentes, todas as tranças que tentam estabelecer elos com o mundo externo, prendendo e devorando o próprio filho, tal como a mãe do conto *Pé de Zimbro* (1812), de Phillip Otto Runge, que demonstra toda a sua força ctônica e inexorável no ritual canibalesco de comer o filho⁷⁴. O bebê, quando objeto de possessão, é enclausurado em uma torre (no colo) sem portas, que pode ser acessada apenas subindo pelas barras do vestido da mãe. Eis o célebre caso de Bentinho, em *Dom casmurro* (1899), de Machado de Assis, que nasce destinado a realizar os desejos maternos e marcado pelos auspícios de uma promessa pré-natal de sua mãe. Após a morte do seu esposo, resta, para a viúva, dona Glória, o seu filho Bentinho, que nasce e cresce, entrando como um substituto, “sob o túmulo” do seu irmão natimorto – o que o torna objeto valorizado e protegido do desejo materno:

⁷³ O papel da mãe é o desejo da mãe. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão. A mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha e de estalo fechar a sua bocarra. O desejo da mãe é isso. (LACAN, 1992, p. 105).

⁷⁴ “A mãe pegou então o menino e fez dele picadinho. Jogou os pedaços numa panela e preparou um ensopado. Marlene [a irmã] ficou junto ao fogo e chorou, mas chorou tanto que as lágrimas caíram na panela e nem foi preciso colocar sal na comida.” (RUNGE, 2004 [1812], p. 164).

Os projetos vinham do tempo em que fui concebido. Tendo-lhe nascido morto o primeiro filho, minha mãe pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, prometendo, se fosse varão, metê-lo na Igreja. Talvez esperasse uma menina. Não disse nada a meu pai, nem antes, nem depois de me dar à luz; contava fazê-lo quando eu entrasse para a escola, mas enviuvou antes disso (ASSIS, [1900] 2022, p. 25)

A perda do primeiro filho, numa tentativa de talvez revivificá-lo, desemboca em uma proteção excessiva a Bentinho: “Viúva, sentiu o terror de separar-se de mim; [...] Unicamente, para que nos separássemos o mais tarde possível, fez-me aprender em casa primeiras letras, latim e doutrina, por aquele padre Cabral, velho amigo do tio Cosme, que ia lá jogar às noites.” (ASSIS, 2022 [1900], p. 25). Além disso, próprio do narcisismo, os pais tendem a projetar seus próprios desejos na trajetória dos filhos, desejando que sua descendência realize feitos não realizados por si próprios. Amiúde, sintoma dos próprios pais, a história do filho é intrometida pelos cuidados excessivos e pelos projetos da família, que existiam antes do seu nascimento. Abandonando sua autenticidade e desviando-se de caminhadas rumo à independência, a existência de Bento Santiago estava marcada pelos projetos maternos. Não por acaso, após ser questionado por prima Justina, sobre seu interesse na profissão eclesiástica, Bentinho, ocultando seu desejo por Capitu, declara: “– Eu gosto do que mamãe quiser.” (ASSIS, 2022 [1900], p. 49). A dependência patológica e a liberdade completa são temíveis: quando coordenado por um outro, um líder, uma mãe apegada toxicamente, o alívio – para o filho ou para os dominados – está em não se responsabilizar pelas obrigações e consequências da existência. Em *Discussão dos objetivos da guerra* (1999i [1940]), refletindo sobre a postura de ditadores, como Hitler e Mussolini, Winnicott constata a *posição infantilizada* das pessoas, dispostas a adorar e confiar plenamente no líder. Nesse sentido, independentemente de que algumas pessoas defendam a liberdade e a independência, e não as desejarem tanto – a submissão é reconfortante –, como percebera Freud, em *Psicologia das massas e análise do eu*⁷⁵ (1921). Winnicott percebe que, não raro, o indivíduo é atraído por contextos em que é controlado e, para tanto, submete-se, consciente ou inconscientemente, a um “estado fascista”, a fim de solucionar o *medo do caos* e a *falta de controle*, que o *existir* carrega em seu bojo: “Tanto a inibição quanto a licenciosidade são fáceis, e pode-se comprá-las bem baratinho transferindo-se a responsabilidade a um líder idealizado ou a um princípio;

⁷⁵ “Assim, o caráter sinistro e compulsório da formação de massas, que se mostra em seus fenômenos sugestivos, provavelmente pode ser atribuído à sua proveniência da horda primordial. O líder da massa continua sendo o temido pai primordial, a massa ainda quer ser dominada por uma força irrestrita, anseia pela autoridade num grau extremo, tem, segundo a expressão de Le Bon, sede de submissão. O pai primordial é o ideal da massa, que domina o eu em lugar do ideal do eu.” (FREUD, 2020 [1921], p. 139).

o resultado, no entanto, é a pobreza de personalidade.” (WINNICOTT, 1940 [1999i], p. 222). Paradoxalmente, Winnicott consigna que a total liberdade é terrificante e desamparadora⁷⁶, à vista de que o indivíduo perde ou se tornam precárias as “âncoras” e referências que o sustentavam na tenra idade; por isso que conferir a outrem a própria liberdade e continuar eternamente na casa materna é aliviante, pois garante que não existem lobos, bruxas e gigantes: “É sabido que, ao primeiro gostinho de liberdade, as pessoas ficam paralisadas de medo, sem saber o que fazer com ela. E aí com ela se reconciliam, o que implica que, em maior ou menor medida, desistiram dela.” (WINNICOTT, 1940 [1999i], p. 222).

Nos primeiros anos, Branca Leitosa, em *João e o Pé de Feijão*, da versão de Joseph Jacobs, fora fundamental para a sobrevivência de João e sua mãe. Como sintoma do fim da infância, somente quando o leite da vaca, que personifica a mãe nutridora, seca, ou seja, quando ocorre o desmame e o seio desilude, João sai de casa, dispõe-se a trabalhar e se separa do ambiente materno: “Uma manhã, porém, Branca Leitosa não deu leite nenhum, e os dois não sabiam o que fazer. ‘O que vamos fazer? O que vamos fazer?’ perguntava a viúva, torcendo as mãos. ‘Coragem, mãe. Vou arranjar trabalho em algum lugar’, respondeu João.” (JACOBS, 2004b, p. 136). Semelhante aos porquinhos que se encontram com um homem que lhes provê materiais necessários para a construção de suas próprias casas, João depara-se igualmente com um homem, que assume contornos paternos⁷⁷, o fornecedor dos feijões, que permitem a sua saída do ambiente familiar e seu caminho para um mundo distante da mãe, através do grande pé de feijão: “Não tinha ido longe quando encontrou um homem de jeito engraçado, que lhe disse: Bom dia, João. ‘Bom dia’, João respondeu, e ficou a matutar como o outro sabia seu nome [...] ‘não importo de fazer uma barganha contigo – sua vaca por estes feijões.’, disse o homem” (JACOBS, 2004b, p. 137). O que ocorre, por vezes, é que nem a mãe desilude e desmama o filho, como fez a vaca Branca Leitosa, a mãe nutridora, nem o próprio filho, satisfeito em ser submisso, é capaz de protestar e subir ao pé de feijão, que o faz ultrapassar os portões de casa. Na primeira versão, escrita por Benjamin Tabart, em 1807, a história de *João e o pé de feijão*, ilustra a vida de um menino que, obediente e cumpridor das

⁷⁶ Em *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud havia percebido que a origem das ideias religiosas e, conseqüentemente, da existência de um Pai protetor (por vezes, tirânico e dominador) estavam ligadas ao desamparo infantil e a tentativa de recompor o acolhimento dos primeiros anos: “Já sabemos que a apavorante impressão do desamparo infantil despertou a necessidade de proteção – proteção através do amor –, que é satisfeita pelo pai; a percepção da continuidade desse desamparo ao longo de toda a vida foi a causa de o homem se afeitar à existência de um outro pai – só que agora mais poderoso. Através da ação bondosa da Providência divina, o medo dos perigos da vida é atenuado [...]” (FREUD, 2019 [1927], p. 85).

⁷⁷ “O personagem da estrada é uma das faces do pai que vem marcar a intervenção necessária para afastar o filho do seio materno, mas é uma face pacífica: mostra um caminho possível de crescimento, já que ele consome a vaca, mas cumpre o que promete.” (CORSO; CORSO, 2011, p. 150).

ordenanças de sua mãe⁷⁸, no lugar de se casar com uma princesa e conquistar um trono, como ocorre em muitas narrativas infantis, preferiu continuar preso ao ambiente materno, vivendo “muitos e muitos anos, e foi feliz para sempre.” O amadurecimento saudável demanda que o indivíduo se depare com a (terrível) liberdade e, pendularmente, seja capaz de, em termos winnicottianos, ter um “jogo de cintura”, entre movimentos de independência e retornos a estados parcialmente dependentes. Ser livre suficientemente bem, pois, para Winnicott, é oscilar, *sem restrições*⁷⁹: entre a liberdade e a dependência, entre a cidadania democrática e a submissão suficientemente boa ao ambiente materno. Em *Algumas reflexões sobre o significado da palavra “democracia”* (1999j [1950]), Winnicott reflete que o colo materno, suficientemente bom, produtor de indivíduos saudáveis, é onde está fundamentada a construção da democracia. Em outros termos, o psicanalista entrega, nas mãos da função materna, a possibilidade de elaborar a chamada “democracia inata”. A partir do *holding* materno, os indivíduos saudáveis forjam suficientemente bem a democracia, uma vez que o funcionamento desse regime de governo tem seus pilares no chão do colo e, mais além, na casa familiar. Sem estabelecer divisões entre a psicologia social e individual, Winnicott consigna que se pode investigar a constituição da sociedade e da cultura, espelhos do funcionamento psíquico, usando como objeto o próprio indivíduo, visto que o desenvolvimento emocional unitário constitui o social: “[...] uma sociedade democrática é ‘madura’, quer dizer, que apresenta uma qualidade que é aliada à maturidade individual que caracteriza seus membros saudáveis.” (WINNICOTT, 1999j [1950], p. 250). Dos braços da mãe, passando pelo relacionamento familiar e, a partir de falhas homeopáticas, chega-se a grupos mais amplos, cujas réstias são assimiladas quando a criança ainda está dentro do cercado dos braços maternos, tal como ocorre no romance *Levantado do chão* (1980), de José Saramago:

João solta-se da cerca, basta por agora de paisagem, faz uma difícil meia-volta e recomeça a sua longa caminhada na direção da mãe. Sara da

⁷⁸ Por vezes, os pais, por acharem que a saúde é sinônimo de obediência, procuram a análise para tornar o filho, assim como João, submisso e obediente aos desejos familiares. Contudo, no andamento das sessões, pode ser que o filho se mostre mais desobediente que outrora, uma vez que está se tornando suficiente e independente do lugar letárgico em que os parentes, amiúde, insistem em colocá-lo: “Sucedo que um casal de pais deseje que se cure o filho nervoso e desobediente. Para eles, filho saudável é aquele que não lhes cria problemas e que pode lhes dar alegrias. O médico talvez obtenha a cura desse filho, mas após o restabelecimento ele toma seu próprio caminho com maior decisão, e os pais ficam mais insatisfeitos do que antes” (FREUD, 2011 [1920], p. 72 – 73).

⁷⁹ “Uma criança normal pode empregar qualquer dos recursos (ou todos) que a natureza forneceu para defesa contra a angústia e o conflito intolerável. Os recursos empregados (em saúde) estão relacionados com o tipo de auxílio que estiver ao alcance. A anormalidade revela-se numa *limitação e numa rigidez* na capacidade infantil para empregar sintomas, e uma relativa carência de relações entre os sintomas e o que se pode esperar como auxílio.” (WINNICOTT, 1978d [1946], p. 143).

Conceição dá por ele, pousa a costura no regaço, estende os braços para o filho, Vem cá, meu menino, vem cá. Os braços dela são como dois valados protetores. Entre eles e João há um mundo confuso, inseguro, sem começo nem fim (SARAMAGO, 2020 [1980], p. 43).

A máquina democrática *inata* e a condução da sociedade são produtos de “bons lares” e cuidados suficientemente bons nos primeiros anos na ‘civilização matriarcal’; como diz o poeta americano William Ross Wallace: “A mão que balança o berço é a mão que governa o mundo” (WALLACE, 2017 [1865]). Winnicott afiança que o ambiente facilitador se converte num local onde a criança pode crescer emocionalmente, permitindo tornar-se uma pessoa “completa” e madura, capaz de contribuir com a sociedade e sustentar, com outros indivíduos, a democracia. Não à toa, a *noção de saúde*, para Winnicott, diz respeito a um indivíduo que tem uma vida real e pessoal, em relacionamento com o outro e com uma vida cultural, de modo que, saudavelmente, adapta-se ao mundo (extensão do ambiente materno), sem perder sua autenticidade e espontaneidade. Ademais, a existência suficientemente boa lhe conduz à responsabilização por sua atuação no mundo, desde os sucessos aos fracassos (FULGÊNCIO, 2016). Se o ambiente é precário, certamente o sujeito não atingirá a totalidade maturacional suficientemente boa para ser independente e responsabilizar-se por demandas culturais. Nesses casos, incapaz de cuidar de si mesmo e de ficar só, a criança – e o adulto – logo buscará submeter-se a um “líder”, único capaz de trazer conforto e ofertar proteção à criança que se alberga no adulto. Na vida saudável, há uma socialização com o ambiente cultural (objetivo), sem a perda do si mesmo (subjetivo) e da espontaneidade: “[...] o adulto é capaz de se identificar com a sociedade sem sacrifício demasiado da espontaneidade pessoal; ou, dito de outro modo, o adulto é capaz de satisfazer suas necessidades sem ser antissocial.” (WINNICOTT, 2013 [1963], p. 80). Ou seja, viver saudavelmente é existir no espaço transicional. Para serem saudáveis e constituírem o maquinário democrático, as crianças – ou os adultos – *não* podem continuar “felizes para sempre”, presos ao mundo mágico do seio, em um tempo de “Era uma vez”: em algum momento, Branca Leitosa para de fornecer leite e João tem que ser emancipado de casa; Alice deve sair do país das maravilhas; o porquinho deve ser expulso de casa pela mãe e construir seu próprio lar; e Wendy e seus amigos devem abandonar a Terra do Nunca.

Com semblantes (nada) ilibados, a maternidade, na historiografia de Nelson Rodrigues, mostra-se *como ela é*, em virtude de sustentar aspectos que escapam à auréola sacra que a cultura insiste em colocar. Em *O vadio* (2012 [1961]), a viúva, D. Laura, trata Eusébio, seu filho único, já noivo, como um bebê: “Tomou um banho implacável, que levou,

no mínimo, uns quarenta minutos, contados a relógio [...]. A mãe, que o tratava como uma criança, fez, do corredor, a recomendação: – Olha as orelhas, meu filho, limpa as orelhas! Depois do banho, pediu o talco; veio o talco.” (RODRIGUES, 2012c [1961], p. 212). Além disso, o próprio filho estava confortável em permanecer nas barras da saia da mãe. Não à toa, ao ser questionado por sua noiva, Crisálida, sobre a ida para uma casa própria, do casal, Euzébio assevera seu desejo de continuar no cômodo ambiente materno⁸⁰:

Ouvindo falar em apartamento, fez o natural espanto: – Pra que apartamento? – Mas claro! Euzébio foi pôr, em cima do piano, o copo vazio de refresco. Voltou, sentou-se novamente, ao lado da noiva e indagou: “Então tu achas que, com a casa de mamãe à nossa disposição, vamos pagar um dinheirão de aluguel?” Ela balbucia: – Vamos morar com tua mãe? – Mas, claro, evidente, minha filha! Crisálida ficou calada algum tempo. Por fim, suspirou: – Eu pensei que a gente ia ter a “nossa” casa! O noivo protesta: – Tem dó, Crisálida! E até me admira, francamente, certas ideias que você tem! Acaso você ignora que minha mãe sofre do coração? E se ela tiver um troço? Já imaginaste o bode? Já imaginaste o teu, o meu remorso? Deus me livre! (RODRIGUES, 2012c [1961], p. 213).

Ao contrário das tramas rodrigueanas, faz-se necessário um *desmame desilusório*; a criança naturalmente sadia desenvolve, em termos winnicottianos, a *capacidade para deprimir-se*, que, longe de ser um sintoma psicopatológico, é uma insígnia de saúde. De um lado, Winnicott compreende uma depressão considerada normal, saudável e constitutiva de crianças em seus processos maturacionais. Nesse caso, a depressão é um emblema de que a travessia pelo desmame foi bem realizada, assim como, a partir da desilusão, torna-se possível que o indivíduo reoriente o modo de lidar com o outro: de uma relação de objeto para uso do objeto. Conforme a teoria winnicottiana, essa depressão saudável é imprescindível para que o sujeito tenha consciência da culpa e da perda, assumindo responsabilidades e preocupações: “Chega um período em que a criança se torna uma unidade, torna-se capaz de sentir: EU SOU, tem um interior, é capaz de cavalgar suas tempestades instituais [...]. *A criança tornou-se capaz de se sentir deprimida*. Essa é uma aquisição do crescimento individual.” (WINNICOTT, 1999a [1963], p. 61). A depressão “saudável” é sinal que o bebê, outrora

⁸⁰ Em *A vida como ela é* (1961), há outro conto semelhante, intitulado “O sacrilégio”, em que, o filho, já noivo, incapaz de se separar da mãe, pretende levá-la para morar no apartamento em que viverá com a sua futura noiva: “Quando começaram a procurar apartamento, para casar, Márcio fez a advertência: – Olha, rua de bonde não serve porque mamãe tem o sono muito leve. Acorda com qualquer barulho. Osvaldina caiu das nuvens: – Quer dizer, então, que ela vai morar com a gente? E ele, quase ofendido com a pergunta: – Mas claro! Então, você acha o quê? Que eu ia abandonar minha mãe? E sofrendo do coração? Nem que o mundo viesse abaixo! Osvaldina suspirou, apenas. Mas sua decepção foi uma coisa tremenda. Mais tarde, contaria, em casa, a novidade. Foi um deus nos acuda. Disseram, francamente: – Sogra e nora morando juntas é espeto! Osvaldina admitiu, atribuladíssima: – Eu também acho! Eu também acho! Passaram-se dois ou três dias. E, então, a pequena, em conversa com o namorado, propõe o problema: – Tua mãe vai morar com a gente. E quem vai ser dona de casa? – Ela.” (RODRIGUES, 2012d [1961], p. 84).

fundido e iludido dentro do cosmo ambiental, está munido para enfrentar a desilusão e o desmame. A depressão suficientemente boa é um resíduo da travessia da simbiose com a mãe, para ver-se como um não-eu. Por outro lado, também pode ter semblantes psicopatológicos e decorrer de falhas e interrupções de cuidados no ambiente precoce. Nesse caso, o objeto não sobreviveu às agressões e, por consequência, o sujeito não o utiliza, sentindo-se culpado pela perda irreversível desse objeto⁸¹. Durante a amamentação, faz parte do “amor de boca” atos agressivos, que, vistos por um observador, podem ser perigosos ou cruéis. Para o bebê, são movimentos acidentais⁸², em virtude de que, na teoria winnicottiana, não se tratam de ações invejosas⁸³, como acreditava Klein. Para uma travessia suficientemente boa, cabe à mãe “sobreviver” a essas agressões inevitáveis e inconscientes do bebê, como também “estar lá” quando o bebê se sentir culpado pelas suas hostilidades.

Eis o célebre caso clínico *borderline* de Margarete Little, que fora paciente (adulta) de Winnicott e se tornou uma célebre psicanalista britânica. Em uma das sessões, Little, após pensar em atirar-se pela janela, derruba, agressivamente, um vaso cheio de lilases brancos do *setting*, quebrando-o e o pisando. A reação de Winnicott, longe de ser a esperada cólera, traduz-se em compreensão e acolhimento: abandona a sala e, ao voltar antes do fim da sessão, depara-se com Little, em um desejo de reparação, juntando os pedaços, limpando a sujeira e declara: “Eu poderia ter esperado isso (limpar, ou sujar?), mas mais tarde”. No outro dia, a paciente mira a sala organizada, com a réplica do vaso quebrado, com os mesmos lilases. Winnicott, a partir dessa movimentação, demonstrou que conseguiu sustentar e suportar a

⁸¹ “[...] depois de o sujeito relaciona-se com o objeto’, temos ‘o sujeito destrói o objeto’ (quando se torna externo), e, então, podemos ter ‘o objeto sobrevive à destruição pelo sujeito’. Porque pode haver ou não sobrevivência. Surge assim um novo aspecto na teoria da relação de objeto. O sujeito diz ao objeto: ‘Eu te destruí’, e o objeto ali está, recebendo a comunicação. Daí por diante, o sujeito diz: ‘Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer, confere valor à tua existência, para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia’ (inconsciente). Aqui começa a fantasia para o indivíduo. O sujeito pode agora usar o objeto que sobreviveu. É importante notar que não se trata apenas da destruição do objeto pelo sujeito, pelo fato de estar o objeto fora da área do controle onipotente do sujeito.” (LITTLE, 1992, p. 15).

⁸² O pequeno rebento, nas fases primitivas do desenvolvimento, é incapaz de sentir remorso ou preocupação, posto que não possui consciência de sua crueldade. Sadismo, inveja e ódio são conquistas obtidas por um bebê já capaz de estabelecer relações com os objetos; todavia, nos primeiros tempos, o bebê não separa o eu do não-eu.

⁸³ Para Melanie Klein, nos primeiros tempos, o bebê ainda não tem uma noção de realidade bem definida, logo o que corresponde à mãe é o seio – um objeto parcial, haja vista que o infante ainda não vê a figura materna como objeto total. Assim, na tenra infância, como é observável empiricamente, existe um sadismo (morder, mastigar, puxar, etc.) contra o seio da mãe – e contra o interior do corpo materno. O peito considerado “mau” não é apenas por ser frustrador (ausências da mãe), mas, sobretudo, porque o bebê projeta nele sua agressividade. Com a projeção do instinto de morte no seio, este passa a ser visto como danoso e um perseguidor desalmado. Fantasiosamente, como resultado da intromissão do instinto de morte – expurgado pelo ego do bebê – no seio, tem-se, o sentimento de que o objeto que recebeu a projeção (o seio) foi *cindido* em vários pedaços algozes, que se tornaram uma multidão de perseguidores. Em contrapartida, a outra parte da pulsão de morte, que não foi projetada, ou seja, que permaneceu retida no *self* (ego), converte-se em uma agressividade dirigida aos pequenos objetos perseguidores (*seio perseguidor*): “a criança também tem desejos libidinais vorazes e fantasias de escavá-los e devorá-los, ou, por causa de seu ódio e inveja, fantasias agressivas de morder, arrancar e destruir [...]” (SEGAL, 1975, p. 16).

agressão dirigida pela paciente, sobrevivendo. O psicanalista, como um ambiente, não retaliou a agressão de Little; pelo contrário, restituiu a sala, colocando um vaso idêntico ao destruído (LITTLE, 1992). Através desses atos, Winnicott mostrou a Little que, a despeito de seus endereçamentos destrutivos, conseguiu sobreviver, tornando possível que sua paciente o *utilize* como um objeto. Junto com o desmame e com o fim da ilusão onipotente, surge, em termos winnicottianos, o *estágio de concernimento*, que diz respeito a uma fase do desenvolvimento em que a criança, com uma organização complexa egoica, passível de sentir culpa, remorso e preocupação, reconhece a personalidade e a individualidade materna. Nesse momento, a culpa equivale ao dano que a criança acha que causou à mãe nos primeiros tempos. A mãe de Little, inclusive, personifica a mãe controladora e invasiva; ao passo que, por ser imprevisível, era caótica, tentava organizar obsessivamente a desordem que causava. No limiar da infância, Little, presa austeramente em um xale, ficava inerte, sem o movimento de nenhuma parte do corpo; por consequência, mantida sob o governo tirânico materno, qualquer ensaio de espontaneidade e gesto criativo era reprimido. Aliás, a ação despota⁸⁴ impedia que a filha escolhesse autenticamente o brinquedo, posto que impunha e direcionava não só os jogos, mas orquestrava toda a brincadeira (LITTLE, 1992).

Quando saudável, o bebê suporta a culpa a partir da presença viva da mãe, sinalizando que não morreu. Enquanto, no recém-nascido imaturo, existiam duas mães em sua mente: mãe-objeto, sentida nos estados de excitação⁸⁵, e a mãe-ambiente, tomada pelo bebê nos momentos de tranquilidade; no estágio do concernimento, ocorre a *fusão* dessas duas imagos que, outrora, estavam separadas. Agora, a criança percebe que a mãe, objeto de agressão nos momentos intranquilos, é a mesma que fornece cuidados e colo – por isso, a preocupação de perdê-la e a culpa de supostamente já tê-la perdido (WINNICOTT, 2013b [1963]). Cumpre dizer que, atravessados os primeiros tempos, as agressões inconscientes, reverberando sintomaticamente talvez sob a forma de vômitos, por exemplo, podem surgir como acenos-protestos à mãe que impede a saída do filho. Os próprios cuidados ambientais, que antes, se bons, adaptavam-se ativamente, de agora em diante devem auferir pequenas falhas, criando

⁸⁴ “Sempre que encontrava um dos filhos de boca aberta, fechava-a imediatamente e removia o dedo que estava sendo sugado; se o encontrava deitado de costas ou do lado esquerdo, fazia-o virar do lado direito, dizendo que era ‘para prevenir pressão no coração’. Os orifícios dos corpos eram constantemente investigados e lavagens intestinais noturnas ministradas, bem como sessões de espremer cravos e espinhas, na época da adolescência. Suas interferências, de forma geral, alternavam-se entre descaso e atenção excessiva, chegando à total omissão. [...]” (NETO, 2008, p. 114).

⁸⁵ “É necessário descrever o estágio teórico da ausência de concernimento no qual se pode dizer que a criança existe como uma pessoa e tem propósitos, mas não tem ainda concernimento quanto aos resultados. Ela ainda não considera importante o fato de que o que ela destrói quando excitada é a mesma coisa que ela valoriza nos calmos intervalos entre as excitações. Seu amor excitado inclui um ataque imaginário ao corpo da mãe. Aqui vemos a agressividade como fazendo parte do amor.” (WINNICOTT, 2000f [1950 – 55], p. 291).

brechas e facultando insatisfações à criança: uma casa – ou os seus objetos – que não “lhe cabem mais”, não a suportam. *N’A História dos Três Ursos*, exaurida e faminta, após emboscar-se na floresta, Cachinhos Dourados, em regressão⁸⁶, procura um ambiente que se adapte as suas necessidades e atenda diligentemente aos seus interesses. Ao encontrar refúgio, depara-se com objetos domésticos frustráveis e, por causa disso, um colo inóspito. Se o mingau do Urso Grande estava muito quente, o do Urso Médio, muito frio; se a cadeira do Urso Grande estava muito dura, a do Urso Médio, muito mole, e a do Urso pequeno, quebradiça. Esta partiu-se ao meio por não suportar o peso de Cachinhos, que se esparramou toda no chão. As assimetrias persistem: a cama do Urso Grande tinha a cabeceira alta demais e a do Urso Médio, o pé muito alto; a cama do Urso Pequeno é precária, acolhendo a menina somente por um tempo limitado: o retorno dos ursos para casa. Nas *bordas* da existência, Cachinhos ilustra a berlinda da adolescência, cuja casa está se tornando inabitável e a floresta (o mundo externo) *ainda* não é um lugar apropriado. Essa dinâmica, inicialmente conscrita a objetos físicos, esparge-se sobre as relações afetivas da menina, revelando o elo entre o mundo interno e externo. O pai-Urso demonstra um amor quente e duro, tal como o mingau e a cadeira do Urso Grande; a mãe-Urso, depois de tanto tempo cuidando, mostra sua flacidez e frieza, semelhante ao mingau e à cadeira do Urso Médio, o que impede Cachinhos de “ser” o Urso Pequeno, pois essa posição, além de já ocupada por um outro, transformou-se em um lugar diminuto, que não lhe cabe mais. No romance *Demian* (1917), de Hesse, essa desadaptação acontece a partir dos abalos sísmicos, começando pelo desmame, que o ambiente provoca no narrador-personagem, mesmo em seu ímpeto de permanecer, aos moldes de Peter Pan, no mundo infantil:

Minha consciência permanecia adstrita ao círculo familiar e lícito e negava o novo mundo nascente, enquanto que eu vivia em meus sonhos, instintos e desejos subterrâneos, sobre os quais aquela vida consciente construía pontes cada vez mais inseguras, já que o mundo infantil ia desmoronando-se em mim. Como quase todos os pais, também os meus não auxiliaram o despertar dos instintos vitais, assunto sobre o qual nunca se falou em nossa casa. Auxiliaram apenas, com inesgotável atenção, minhas tentativas vãs de negar a realidade e continuar habitando um mundo infantil cada vez mais irreal e fictício. Não sei se os pais podem fazer a esse respeito alguma coisa, e nenhuma reprovação tenho para com os meus. Eu devia encontrar meu caminho por mim mesmo [...] (HESSE, 2012 [1917], p. 46-47).

⁸⁶ “Eu diria que no estado de retraimento o paciente está dando uma sustentação para o eu, e que se no momento em que o retraimento aparece o analista consegue fornecer uma sustentação para o paciente, então aquilo que teria sido um retraimento transforma-se em regressão. A vantagem da regressão é a de que ela traz consigo a possibilidade de corrigir uma adaptação inadequada à necessidade do paciente na sua infância precoce. Ao contrário, o estado de retraimento não apresenta utilidade alguma, e quando o paciente recupera-se dele, nada mudou.” (WINNICOTT, 2013 [1954], p. 353 – 354).

É através dos choros e berros do desmame – uma das mais (des)estruturantes desilusões – que se abre o caminho para que a criança saia das barras das saias (do colo) da mãe e possa ser autêntica: “[...] não existe aquilo a que se chama uma vida sem lágrimas, exceto quando há anuência sem espontaneidade.” (WINNICOTT, 1978d [1946], p. 83). Aos poucos, é fundamental que a mãe, percebendo o desenvolvimento emocional, abra espaços cada vez maiores “entre seus braços”, outorgando que o bebê saia do seu colo e se enderece para ambientes mais largos, com mais pessoas – como os primeiros anos escolares, por exemplo. Para tanto, os fenômenos e objetos transicionais surgem como aquedutos que conduzem a criança do colo ao mundo⁸⁷, da subjetividade à objetividade, proporcionando-lhe uma *solução de não-submissão* para a perda homeopática dos cuidados maternos. O objeto transicional, num entrelugar, localiza-se em uma terceira área, uma combinação entre o subjetivo e o objetivo. Entre o dormir e o despertar, entre o mundo percebido e o mundo fantasisticamente criado, insere-se um mundo neutro, onde ocorrem os fenômenos transicionais – a criança criou o mundo e o mundo existia. Não atribuído à criança, mas eleito por ela, o objeto é especial, idiossincrático e não compartilhável. Seja um paninho, um urso ou, não sendo algo concreto, uma música, por exemplo, o objeto transicional é um artefato externo não-eu, adotado pela criança, que, ao fazer parte do mundo – que por ela é construído –, surge com o intento de *auxiliá-la* a lidar com as ansiedades provenientes da solidão e garantindo-lhe a sobrevivência ante o afastamento da mãe⁸⁸. Destarte, o uso do objeto transicional refere-se à passagem do uso da ilusão dos primeiros tempos, da experiência adaptativa da mãe, para a utilização de símbolos e objetos na dependência relativa (WINNICOTT, 2000 [1951]). Diferente dos objetos subjetivos, a existência do objeto transicional não é limitada pela necessidade do bebê – ou seja, não desvanece depois de satisfeita.

Convém salientar que não é tanto sobre o conteúdo ou o tipo de objeto, mas *de que modo* a criança se relaciona com o mundo através dele, uma vez que sua importância reside na *transição* do bebê de um estado simbiótico com a mãe para um rumo à independência, separado dos cuidados maternos: “O objeto transicional é usado tal como se fosse a mãe, no lugar da mãe, fazendo às vezes dela, desde que esta seja efetivamente uma presença para a criança. [...]. O objeto transicional é símbolo da mãe [...]” (FULGÊNCIO, 2016, p. 43). No

⁸⁷ N’O *mal-estar na civilização* (1930), Freud coloca a família e, portanto, os braços da mãe, como a “célula germinal da civilização”.

⁸⁸ “Quando o bebê principia a ser capaz de arredar essas e outras coisas [objetos transicionais], a mãe já sabe que chegou o momento em que poderá começar a afastar-se e voltar com a anuência do filho.” (WINNICOTT, 1978f, p. 81).

conto infantil *Valisa, a bela* (1855), de Aleksandr Afanasev, a protagonista, após perder sua mãe, é perseguida por uma madrasta má, que lhe institui trabalhos cruéis e degradantes. No leito de morte, porém, a moribunda mãe lhe entrega uma *boneca*, uma auxiliadora mágica – com atributos de um objeto transicional, um símbolo em miniatura da função materna – que lhe permite resistir às intempéries do ambiente inóspito que se tornara a própria casa: “‘Preste atenção às minhas últimas palavras e lembre-se do que vou lhe dizer. Estou morrendo e tudo que posso deixar para você é minha *benção* de mãe, com esta boneca. Leve a boneca aonde quer que você vá [...]’” (AFANASEV, 2004 [1855], p. 173). Antes de ser enviada para a casa da feiticeira Baba Iaga, a madrasta e as irmãs obrigam Valisa a trabalhar arduamente, no intento de deixá-la esquelética. Embora desgastantes, as tarefas imperiosas eram realizadas graças ao auxílio da boneca. Em dias que não comia, devido à perversidade da madrasta, era a boneca que colhia ervas, regava os repolhos e cozinhava, a fim de alimentar a pequena menina. Certa noite, quando as irmãs postiças apagaram, de propósito, o pavio da vela, mandaram Valisa para a casa da bruxa canibal, num empreendimento impossível de conseguir fogo sem ser devorada. A despeito do medo que sentira durante o percurso terrífico na floresta e o pavor de dividir a casa com uma antropófaga, a boneca – a benção da mãe – lembrava-lhe: “‘Não tenha medo, Vasilisuchka’, ela disse. ‘Vá aonde a mandam ir. Só não esqueça de me levar com você. Se eu estiver no seu bolso, Baba Iaga não poderá lhe fazer mal.’” (AFANASEV, 2004 [1855], p. 176). Winnicott (2011 [1965]) teoriza que a criança, ao carregar o objeto transicional para todos os lugares, está, na verdade, levando um pedaço do seu relacionamento com a mãe, um resquício, materializado no objeto, das primeiras experiências da dependência absoluta – capaz de garantir a sobrevivência da mãe no inconsciente infantil. Inclusive, Françoise Dolto, célebre psicanalista francesa, ainda que não use o termo winnicottiano, reconhece a existências desses *amparos* aos quais a criança recorre para lidar com o afastamento materno. No idioma doltoniano, portanto, tratam-se de objetos intermediários, objetos “mamãezados” – neologismo criado pela psicanalista: “Quando o bebê ‘tem’ ‘seus’ objetos, intermediários da relação com a mãe, é como se ela continuasse presente quando se ausenta. Uma criança que não tem nada [...] com que se divertir e brincar com seu desejo, nada que lhe recorde a presença da mãe, dispõe apenas de seu choro.” (DOLTO, 2006 [1972], p. 240). No fim, os objetos transicionais não são perdidos, nem internalizados e substituídos por outras coisas. O objeto, mesmo depois de “perdido”, permanece inconscientemente em uma área potencial, uma zona intermediária, que será a base para a

construção da chamada “atividade cultural”⁸⁹ ou *o lugar da experiência cultural* (VAISBERG; GRANATO, 2006). A mãe, então, deve funcionar até se tornar “inútil”, posto que o filho, sem mais necessitar dos seus cuidados, está amparado no colo do mundo; se o leite e o manejo materno eram fundamentais para a sobrevivência, com o amadurecimento, o filho mostra-se egoicamente preparado a lançar seus impulsos agressivos para o ambiente e, com isso, caminhar rumo à independência, tal como pensa Joana, em *Perto do coração selvagem* (1944), de Clarice Lispector: “Mas depois, quando eu lhe der leite com estes seios frágeis e bonitos, meu filho crescerá de minha força e me esmagará com sua vida. Ele se distanciará de mim e eu serei a velha mãe inútil.” (LISPECTOR 1998 [1944], p. 77). Vale salientar, nesse sentido, que a criança só elege um objeto transicional se a mãe permitir e se enxergar a si mesma não mais como necessária para o crescimento da criança. É possível, em casos psicopatológicos, que, frente a um rival (o objeto) da atenção e do amor da criança, a mãe ciumenta interdite a eleição e o uso do objeto transicional. Para tanto, a função paterna surge para ‘lembrar’ à mãe, que há uma vida para além da criança, fazendo-a com que recupere sua sanidade após o “estado doentio” da preocupação primária materna, apontando-lhe que não há problema de o filho ficar alheio com um brinquedo.

2.3 OS BRAÇOS DO PAI NOS CUIDADOS DA MÃE: (RE)APARECIMENTO DA LETRA PATERNA NA SINFONIA DA MÃE AO BEBÊ

Escapando moderadamente da ortodoxia psicanalítica, que consagra o pai, por vezes, em termos simbólicos e fantasísticos, Winnicott aponta para a importância da *presença real* do pai e dos seus respectivos cuidados. Cumpre dizer que essa presença, tanto quanto a *maternagem*, pode deslocar-se metonimicamente para além do vínculo biológico e genético com o filho. Às vezes, rupturas e letargias, no amadurecimento, podem decorrer de falhas paternas, seja por seu excesso ou por suas faltas. Por isso, desde suas primeiras análises, relatadas em *Consultas terapêuticas* (1984), Winnicott assevera, recordando os danos causados pelo afastamento dos pais durante a Segunda Guerra, a relevância da função paterna na formação e sustentação do ambiente onde o filho se localiza. Eis o caso do pequeno

⁸⁹ “[...] para o bebê (se a mãe puder proporcionar as condições corretas, todo e qualquer pormenor de sua vida constitui exemplo do viver criativo. Todo objeto é um objeto ‘descoberto’. Dada a oportunidade, o bebê começa a viver criativamente e a utilizar objetos reais, para neles e com eles ser criativo. Se o bebê não receber essa oportunidade, então não existirá área em que possa brincar, ou ter experiência cultural, disso decorrendo que não existirão vínculos com a herança cultural, nem contribuição para o fundo cultural. A ‘criança privada’ é notoriamente inquieta e incapaz de brincar, apresentando um empobrecimento da capacidade de experiência no campo cultural”. (WINNICOTT, 2019a[1967], p. 167).

Robert: “A criança nasceu quando o pai estava fora, no exército. Foi amamentado, mas na ocasião a mãe estava à mercê de outras pessoas. [...]. A mãe é boa e com auxílio [paterno] ela teria saído melhor com ele [Robert].” (WINNICOTT, 1984 [1971], p. 42). Na dinâmica do amadurecimento emocional, o pai é fundamental, primeiro, antes mesmo do nascimento do filho, assegurando e fornecendo um ambiente para a futura mãe; bem como, ao longo do desenvolvimento do bebê, o pai assume múltiplos papéis, se suficientemente bons, fornecendo condições e aparatos (ou não) para a integração do bebê:

A qualidade de sua presença, ou sua ausência, os distúrbios que o afetam e que transbordam para a relação com os filhos, a imaturidade de sua personalidade, sua incapacidade de dar apoio à esposa ou sua necessidade de ocupar o lugar desta, a impossibilidade de confrontar, de se envolver íntima e pessoalmente com as questões que afligem a criança ou o adolescente, sua omissão perante determinados assuntos, sua violência, ou total complacência, são exemplos de como o pai pode falhar em seu papel e afetar a vida dos filhos (ROSA, 2014, p. 16).

Nos primeiros tempos, no período de dependência absoluta, o pai ainda não pode ser entendido como um terceiro na relação, mesmo que esteja presente. O pai, indiretamente, permite a saúde do colo materno, influenciando sua qualidade e regulando o seu humor. Nesse primeiro momento, o pai, sendo o colo do colo, oferta sustentação à mãe, permitindo sua imersão e continuidade suficientemente boa no estado de preocupação primária, do mesmo modo que a figura paterna pode desempenhar o papel de *mãe substituta*, enleando-se com o bebê enquanto a mãe está ausente e ofertando um colo *essencialmente materno*: “O pai participa indiretamente enquanto marido, e diretamente enquanto mãe-substituta.” (WINNICOTT, 2000 [1955], p. 348). Na ‘psicanálise compartilhada’ (psicanálise *partagée*) do caso Piggie (1979), descrito por Clare, sua esposa, Winnicott salienta sobremaneira a importância do pai enquanto colo para Gabrielle (Piggie), a tal ponto que o utilizava transferencialmente na sessão, assim como a pequena paciente dele servia para lidar com suas ansiedades: “enquanto fazia acrobacias no colo do pai, contava-lhe todos os detalhes. [...] ‘Eu também sou um bebê’, anunciou. E desceu de cabeça por entre as pernas do pai até o chão”. Anotação de Winnicott: ‘Nascida do corpo do pai como se fosse do corpo da mãe’” (WINNICOTT, 1979, p. 39). Anteparo do ambiente materno, o pai, garantindo a sobrevivência de outras demandas para além da díade, permite com que a mãe embarque no estado ‘doentio saudável’ de identificação com o bebê. O colo ambiental é costurado a *quatro mãos*; por isso, pode-se dizer que, unidos, formam um ambiente total, ainda que o pai esteja por trás do colo materno: “O cuidado materno transforma-se num cuidado oferecido por

ambos os pais, que *juntos* assumem a responsabilidade por seu bebê e pela relação entre todos os filhos. [...]. O cuidado proporcionado pelos pais evolui para a família [...]" (WINNICOTT, 2011 [1965], p. 79). Conforme Winnicott, o pai, nas calendas da existência do bebê, é fulcral para *proteger a mãe*, outorgando-lhe o estado de alheamento hipersensível da preocupação materna primária. Enquanto a mãe é o colo do filho, o pai é o colo da mãe, protegendo o elo: "[...] de tudo o que pretenda interferir no vínculo entre ambos, que é a essência do cuidado materno." (WINNICOTT, 1978g [1949], p. 18). Dessa maneira, o pai funciona como um cuidador do ambiente materno⁹⁰, um protetor do elo mãe-bebê, responsável por criar as condições para que mãe possa entregar-se aos cuidados próprios da preocupação primária: "[O pai] pode ajudar a criar um espaço em que a mãe circule à vontade. Adequadamente protegida pelo seu homem, à mãe é poupado o trabalho de ter de ocupar-se das coisas externas que acontecem à sua volta, numa época que ela tanto precisa concentrar-se [no bebê] [...]" (WINNICOTT, 1978b, 27). A sua presença – ou ausência – suficientemente boa, infiltrada nas frestas do colo da mãe, é significativa para a qualidade do cuidado materno, tal como para o crescimento do próprio bebê:

[...] o que há na presença real do pai e do papel que ele desempenha na experiência do relacionamento entre ele e a criança e entre a criança e ele? O que isto causa ao bebê? Pois há uma diferença, que depende de o pai achar-se lá ou não, se é capaz de estabelecer um relacionamento ou não, se é são ou insano, se tem a personalidade livre ou rígida. Se o pai morre isto é importante, bem como quando ele falece, exatamente, na vida do bebê, e há muita coisa também a ser levada em conta que tem a ver com a *imagem* do pai na realidade interna da mãe e com o destino desta imagem aí (WINNICOTT, 1994f [1968], p. 188).

Além de englobar a mãe e o bebê, o pai, quando desempenha o papel de uma mãe-substituta, não age como um interventor, nem atua igualmente à mãe, mas assume contornos maternos, que são funcionais para o bebê, no período de dependência absoluta. Em *Pensando sobre crianças* (1993), seu compêndio de casos clínicos, Winnicott descreve o caso de Sally, uma bebê de 17 meses, cujo pai funcionava maternalmente⁹¹, ante o descuido da esposa que,

⁹⁰ "Isso é necessário, pois, nesses momentos, as mães se encontram, também elas, num grande desamparo devido a seu estado de preocupação primária [...] Em muitas passagens de sua obra, Winnicott aponta esse desamparo da mãe, insistindo na importância do suporte que o pai oferece a ela quando, identificada com seu bebê, está também parcialmente regredida e, de alguma maneira, dependente." (ROSA, 2009, p. 67).

⁹¹ "[A maternagem satisfatória] [...] inclui os pais, mas eles devem me permitir o uso da palavra 'maternal' para descrever a atitude global em relação aos bebês e o cuidado a eles dispensado. O termo 'paternal' tem, necessariamente, de chegar um pouco depois do termo 'maternal'. Gradualmente, o pai torna-se um fator significativo enquanto homem. Depois vem a família, cuja base é a união de pais e mães, compartilhando a responsabilidade por aquilo que fizeram juntos, aquilo que chamamos de um novo ser humano – um bebê." (WINNICOTT, 1994f [1968], p. 149-150).

transgeracionalmente, também não foi bem cuidada pela própria mãe: “A razão para Sally estar num estado bastante bom era o fato de seu *pai ser uma pessoa muito maternal* e ter dado ao bebê grande parte daquilo que a mãe não pudera. [...] Sally, aos 17 meses, procurava o pai o tempo todo, e era tratada por ele com um entendimento perfeito.” (WINNICOTT, 1993, p. 186). Há casos, todavia, em que ocorre uma desordem no que se refere ao lugar do pai na dinâmica mãe-bebê, nesses primeiros tempos. Quando o bebê, ainda imaturo e inábil em discernir o pai – como um outro da mãe –, submerge nas falhas paternas⁹², etiologias psicóticas podem irromper-se, posto que compõe, com a mãe, um *colo total* onde se localiza – ou, pelo menos, deveria se localizar. Uma falha materna, por exemplo, pode não consistir numa ranhura dos cuidados da mãe em si mesmos, mas *decorrer de uma precariedade de um holding paterno*, cujo resultado, como em Medeia, que fora abandonada pelo esposo, é o filicídio – seja por vingança seja por, sem apoio do pai, fragilidade ambiental – dos filhos, que desabam do colo materno e caem na sepultura da existência: “Filhos malditos de mãe odiosa, por que não pereceis com vosso pai? Por que não foi exterminada toda esta família?” (EURÍPEDES, 2021, p. 17). Se, por um lado, há pais incapazes, em termos winnicottianos, de se tornarem “homens maternais” e funcionarem como mães substitutas, consignando alívios à mãe, há outros que se identificam com o lugar materno e rivalizam, com a própria mãe da criança, procurando destituí-la e, ao mesmo tempo, exigindo dos filhos um amor incondicional que, no início, não lhe é dirigido. Aqui sobressai o célebre caso do rei Lear, no homônimo de Shakespeare, cujo desejo narcísico era, além de ter as filhas para si, ser obsessivamente venerado e adorado por elas, Goneril, Regan e, sobretudo, Cordélia. A única condição para o recebimento da herança, ou seja, o próprio reino, para as filhas, seria uma declaração de amor e lealdade incondicional ao velho rei. A herança material e simbólica – da sua paternidade – só seria transmitida apenas se as incautas descendentes garantissem apaixonadamente que jamais o abandonariam. Não à toa, Cordélia, diferente das suas primeiras irmãs, que mentiram, é deserdada e *despaternizada* por negar ao pai o desejo de “amor eterno”. Antes de ser expurgada do palácio, Cordélia faz uma ode à independência e à movimentação natural da existência – dos primeiros braços parentais em direção ao colo do mundo externo –, sendo necessário um “abandono” (da casa) dos pais:

Meu bom senhor, tu me geraste, me educaíste, amaste. Retribuo cumprindo o meu dever de obedecer-te, honrar-te, e amar-te acima de todas as coisas. Mas

⁹² “O pai falha aqui [na dependência absoluta] se não der sustentação à mãe, se atrapalha ou a sobrecarrega, impedindo-a de entrar ou mesmo permanecer no estado de preocupação primária pelo tempo necessário que a imaturidade do bebê exige.” (ROSA, 2014, p. 30).

para que minhas irmãs têm os maridos se afirmam que amam unicamente a ti? Creio que, ao me casar, o homem cuja mão receber minha honra deverá levar também metade do meu amor, dos meus deveres e cuidados. Jamais me casarei como minhas irmãs, para continuar a amar meu pai – unicamente (SHAKESPEARE, 2009, p. 4).

Por outro lado, devido ao fato de a mãe embarcar na preocupação primária e estar totalmente enleada com o bebê, o pai pode sentir-se desamparado e, a partir de então, passe a reivindicar a mulher para si, endereçando ciúmes atrozes à criança⁹³. Diante disso, ressentido, retalia e se afasta da díade mãe-bebê: “A mãe, que precisaria estar atenta exclusivamente às necessidades do filho e poupar-se de problemas extras, reservando-se para a tarefa de adaptação total ao bebê, passa a preocupar-se com o marido ou com a relação conjugal.” (ROSA, 2014, p. 32). Pode ser que a mãe, identificada narcisicamente com o pequeno rebento, interdite a entrada e a presença do pai; assim, mesmo que o pai esteja presente e disposto, a mãe, por vezes, “acha um pouco difícil saber quando utilizar seu marido ou quando desejar que ele saia do caminho.” (WINNICOTT, 1978c, p. 127). Conforme Winnicott, tudo depende do que a mãe decidir e permitir no tocante às ações ou imobilizações do pai. Nesse corolário, constitui-se uma falha materna e paterna quando, por algum motivo, a mãe, no lugar de infiltrar, em pequenas doses, o pai, afasta-o e barra o acesso à criança, assemelhando-se ao próprio pai, em vez de restabelecer seu lugar, torna-se cúmplice dos desejos maternos. Semblantes da cumplicidade e das projeções dos pais legendam o desejo patológico aprisionador familiar, e são expostos pela voz narrativa do romance *Manual de pintura e caligrafia* (1977), de José Saramago: “Os pais, às vezes, são loucos. Não sabem nada, ninguém pode ser mais ignorante do que eles, e fazem gestos que ninguém entende [...] decidem ambos, numa hora de crise mental, mansa, invisível, até risonha, [...] que o filho vai para as Belas Artes [...]” (SARAMAGO, 1992 [1977], p. 105). No entanto, se tudo ocorrer suficientemente bem, doravante, na dependência relativa, o pai assume novas indumentárias que lhe autorizam desempenhar novas funções. Nos primeiros anos, a mãe adapta-se, pela amamentação e pelo colo, às necessidades do bebê, impelindo-o a uma ilusão onipotente: “eu criei o seio”. Por isso que, com o amadurecimento, fazem-se necessários o desmame e a desilusão homeopática da criança, para que ocorram pequenos ensaios e tentativas de independência, autenticidade e autonomia. Em síntese, o pai auxilia a mãe na realização do

⁹³ “Alguns homens parecem acreditar que seriam melhores mães do que suas esposas e, nesse caso, podem-se tornar realmente incômodos.” (WINNICOTT, 1978c, p. 128).

desmame, ajudando-a a desembarcar⁹⁴ do estado em que está preocupada e de total identificação com o filho:

Mas eu espero que, em última instância, seja o pai que intervenha e defenda a esposa. Ele também quer estar apto a ter sua esposa para si, mesmo que em certos momentos isso signifique a exclusão das crianças. De sorte que, com o tempo, o pai acaba por fincar-pé, o que me traz de volta à minha palestra de várias semanas atrás a respeito de “Dizer ‘não’”. Num desses programas, sugeri que especialmente quando o pai bate o pé com firmeza é quando ele se torna significativo para a criança pequena, desde que ele tenha conquistado antes o direito de assumir uma atitude firme ao ter uma presença assídua e amistosa em casa (WINNICOTT, 1999 [1960], p. 100).

Além disso, por nunca ter se ‘perdido’ e se tornado fragmentado como a mãe, que se preocupou primariamente, o pai – ou o seu representante – é a primeira pessoa *total* que a criança encontra; é o primeiro vislumbre que ela tem do que é uma ‘personalidade total e completa’. Quando se faz presente e a mãe permite sua entrada homeopática, o pai funciona como um “esquema”: a criança o utiliza, em termos do estudo das funções matemáticas, como um *domínio*, cujas flechas são fundamentais para a formação de sua própria *imagem* (ROSA, 2022). A criança, inconscientemente, *parafraseia*, plagia e, quiçá, parodia o pai, sua personalidade completa e unitária, a fim de assumir a própria integração: “[...] o bebê tem probabilidade de fazer uso do pai como um diagrama para sua própria integração, quando apenas se torna, às vezes, uma unidade.” (WINNICOTT, 1994 [1968], p. 1988). Outrossim, na dependência relativa, Winnicott, em *A criança no grupo familiar* (1966), afiança que o pai adentra na dinâmica mãe e bebê, enquanto uma duplicação da figura materna. Já parcialmente integrada, a criança começa a diferenciar, no arcabouço dos cuidados maternos, contornos da paternidade, tais como dureza, intransigência e ordem: “[...] ele [o pai] acaba entrando na vida da criança como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem que se transforma num ser humano [...]” (WINNICOTT, 1999k [1966], p. 127). Ao passo que ajuda à mãe a recobrar a sanidade, retirando-a da imersão saudavelmente doentia da preocupação primária, o pai instiga a criança a executar movimentos rumo à independência para além dos braços e do colo da mãe. Por meio dessas frestas e falhas saudáveis da mãe, o bebê encontra vestígios da silhueta paterna e do mundo externo. Para tanto, escavando o seu próprio colo, com ajuda do pai, a mãe, a partir do amadurecimento emocional do pequeno

⁹⁴ “Dessa forma, é de grande ajuda que o pai ‘lembre’ à mãe que ela também é uma mulher, de modo que ela tenha mais um ponto de apoio para recuperar aspectos de sua personalidade e de retomar, aos poucos, a amplitude do mundo que havia se estreitado.” (ROSA, 2014, p. 18).

reberto, começa a negar *adaptações* ativas e imediatas, pondo, agora para a criança, o “não”. Na dependência absoluta, o “não” significava a renúncia ao mundo externo e a invasão perpetrada pelos monstros oníricos, a fim de protegê-la durante o longo percurso de desenvolvimento: “Durante todo esse tempo os pais estão dizendo ‘não’, estão dizendo ‘não ao mundo’, dizem ‘não’, não se aproxime, fique fora do nosso círculo; no nosso círculo está a coisa que é objeto de nosso desvelo e não permitimos que nada ultrapasse essa barreira.” (WINNICOTT, 1999 [1993], p. 44). Na dependência relativa, a mãe dirige o “não” para o filho, permitindo-lhe falhas e momentos de solidão. Enquanto uma etapa crucial para a continuidade do desenvolvimento maturacional, assim como para a entrada, de fato, do pai na constelação familiar – que constituirá, doravante, o triângulo edípico –, o desacolhimento materno, cujo símbolo maior é *não* à continuidade da amamentação (desmame), é efeito também de “nãos” paternos à mãe e ao filho. Com o pai, os espaços que, em um primeiro momento eram restritos à família, ganham contornos cada vez mais amplos, e os círculos tornam-se mais numerosos. Com doses homeopáticas de falhas maternas e sinalizações paternas, a criança passa a olhar, pelas frechas da porta da casa, para a floresta que existe para além de sua família. São necessários, destarte, em doses mínimas, lugares falhos, fendas para a criança existir distante da figura materna. A mãe suficientemente boa fomenta falhas não exageradas nem curtas, mas suportáveis e indispensáveis para a criança continuar o desenvolvimento emocional. Gradativamente, a mãe desembarca do seu estado preocupado e, introduzindo ranhuras em seu cuidado, permite um potencial criativo da criança, gestos e acenos para o mundo: “Muitas vezes o crescimento da criança corresponde muito precisamente à retomada pela mãe de sua própria independência.” (WINNICOTT, 2013a [1963], p. 82). O pai, nessa dinâmica, funciona como um indivíduo que “abre a porta do cercado” que enclausura, *lembrando* a mãe das outras atividades e funções para além da maternidade e, com igual intensidade, *chama* o filho para continuar seu desenvolvimento no colo e nos braços do mundo:

[...] os pais proporcionam para seus filhos um lar, no qual eles possam crescer como indivíduos e em cada um *vá gradualmente acrescentando* a capacidade de se identificar com os pais, e em seguida com agrupamentos cada vez maiores, começa no início, quando a mãe entra em acordo com seu bebê. (WINNICOTT, 1999j [1950], p. 259).

Durante o período do desmame, podem ocorrer falhas paternas que desestabilizam o ambiente materno e a criança. O pai, nesse momento, deve auxiliar a mãe no desmame de forma homeopática, sem ansiedade – apressando ou pressionando a separação –, a fim de que

não ocorram atropelos na desadaptação gradual, do mesmo modo que a própria criança, que tem um ritmo, desiluda-se compreensivamente: “[...] o pai prejudica a tarefa materna relativa ao desmame, não por que a separação mãe-bebê não acontece, mas porque sua ação leva a que essa separação se dê de maneira brusca e imposta [...]” (ROSA, 2014, p. 34). Por outro lado, constituindo falhas que se acoplam às falhas paternas, a mãe contraria os protestos do pai, negando a saída da díade e prendendo o bebê. Há outros casos, ainda, em que esse claustro da mãe é resultado de falhas paternas, devido ao fato de ele, por vezes, não ajudá-la nos cuidados com o filho, a fim de garantir novos horizontes para o infante e retomada das outras demandas, para a mulher, além de *ser mãe*⁹⁵. Com efeito ao abandono, seja por separação física ou alheamento simbólico – presente em casa, mas ausente em função –, do outro cuidador (o pai): “[...] a mãe, vendo-se desamparada, pode, de maneira oposta ao desejável para o momento, colar-se ainda mais ao lactente e não efetuar o desmame. Tanto a urgência do pai quanto o seu descaso podem, dessa forma, prejudicar a tarefa da mãe e afetar o bebê.” (ROSA, 2014, p. 35). Para a criança, as falhas saudáveis maternas, facilitadas pelo auxílio do pai, abrem possíveis espaços transicionais e ambientes de criatividade impulsiva, onde podem ser empregados, no intuito de gerar ensaios de autenticidade e sinalizações para o mundo exterior, movimentos destrutivos. A mãe suficientemente boa assemelha-se à mãe gata, descrita pelas divagações solitária da pintora, que narra *Água viva* (1973), de Clarice Lispector:

Nascer: já assisti gata parindo. Sai o gato envolto em um saco de água e todo encolhido dentro. A mãe lambe tantas vezes o saco de água que este enfim se rompe e eis um gato quase livre, preso apenas pelo cordão umbilical. Então a gata-mãe-criadora rompe com os dentes esse cordão e aparece mais um fato no mundo. Este processo é it. Não estou brincando. Estou grave. Porque estou livre. Sou tão simples. Estou dando a você a liberdade. Antes rompo o saco de água. Depois corto o cordão umbilical. E você está vivo por conta própria (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 23).

Ser mãe, pois, é ser capaz de, através de lambidas, romper o saco de água que engloba o filho, como também, doravante, com ajuda do pai, romper o cordão umbilical, salvaguardando a liberdade e uma existência autenticamente “por conta própria”. Nessas tramas, o pai, enquanto figura indestrutível, delimita o campo onde a criança pode destruir,

⁹⁵ “[...] ao precisar recuperar aspectos do seu mundo que ficaram restritos em virtude do estado de preocupação materna primária, o pai não mostra novamente interesse pela esposa, deixando, entre outras coisas, de procurá-la como mulher, a mãe perde um importante ponto de apoio, em termos, por exemplo, da retomada de aspectos de sua feminilidade e da potência que adviria desta, e que a ajudaria no processo de separação do bebê.” (ROSA, 2014, p. 34).

sem que afete a mãe, o principal e único alvo – no mundo – dessa hostilidade inconsciente. Destarte, o pai garante a sobrevivência materna e evita uma depressão na criança, durante o estágio de concernimento, por ter a certeza de que a instância paterna protegeu e remediou estragos causados à mãe por sua potência destrutiva. Com a garantia da existência do ambiente materno, fornecida pelo pai, a criança pode ser criativa fora dos braços da mãe: “Um novo mundo se abre para elas quando o pai gradualmente desvenda a natureza [...]. O trabalho que o pai realiza [...] amplia os horizontes infantis do mundo.” (WINNICOTT, 1978c, p. 130 – 131). É possível que, em alguns casos, absorta nos cuidados com o bebê, a mãe enderece um “não” ao pai, impedindo-o de participar e, sem perceber, impotencialize sua voz, cujo resultado, frequentemente, é a prevalência do filho no mundo infantil. Em “O gato cego”, nas paragens ordinárias desestruturantes d’*A vida como ela é* (1961), de Nelson Rodrigues, há um menino que, excessivamente cuidado pela mãe e pelas outras mulheres da casa, é alçado a um lugar de veneração: “O menino era a adoração daquela família de mulheres. [...]. Criado nas saias da mãe, das tias, da babá negra, submetido a um carinho extremo e histérico, o guri saíra um fenômeno.” (RODRIGUES, 2012a [1961], p. 328). O pai, nessa redoma estruturada pela mãe e por suas representantes, era incapaz e debilitado, pelo discurso materno, de entrar e abrir o claustro onde o filho habita: “A verdade é que o dr. Sinval carregava nas costas o peso de um duplo fracasso, na clínica e no lar. Ele próprio, com uma brutal amargura, bufava: ‘Sou um fósforo apagado na minha própria casa!’ Todas as suas opiniões eram consideradas, textualmente, ‘palpite errado’.” (RODRIGUES, 2012a [1961], p. 328). Diante disso, o menino, embora crescido, permanecia letargicamente rijo no seio materno: “Apesar da idade, ainda usava chupeta e, na falta desta, metia os cinco dedos na boquinha glutona e os chupava, ferozmente.” (RODRIGUES, 2012a, p. 328). Em outras configurações familiares, pode ser que a mãe, mesmo permitindo a entrada, o pai, ainda que presente fisicamente, seja ausente em termos de função (falha paterna). Consequentemente, aos moldes de como ocorre n’*A terceira margem do rio* (1962), conto paradigmático de Guimarães Rosa, o inquietante, para a criança, não é o sumiço do pai, como ocorre em casos de falecimento, mas a sua presença-ausência, apática ou silenciosa. Na narrativa, enquanto há uma mãe enérgica, que governa a família, o pai é inerte e silente em seu funcionamento: “Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo [...]. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente.” (ROSA, 2019 [1962], p. 49). Certo dia, o pai, repentinamente e sem explicações, mandou fazer uma canoa, com uma única vaga, para partir: “Sem alegria nem cuidado, nosso pai enalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras

palavras, não pegou matula e trouxa, não fez alguma recomendação.” (ROSA, 2019 [1962], p. 49). Longe de afastar-se totalmente de casa, o pai não perde de vista a margem onde sua família ficara e permanece com a canoa estática no meio do rio. Talvez se o pai se estivesse morto fosse menos intragável aos vivos, posto que o corpo cadavérico não suplica explicações, é um corpo inviolável e “explicado”. Todavia, o corpo vivo, mas silencioso e distante, convida aos “abandonados” a fazerem questionamentos, a redistribuírem a culpa e erigirem motivos para o afastamento. No conto, a *ausência* do pai, inexplicável, e, por isso, da ordem da insuportabilidade, sobretudo para o filho, ulula nos ouvidos dos que ficaram relembrando-os de sua *presença*: “Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.” (ROSA, 2019 [1962], p. 50). Num entrelugar, entre o vivo e o morto, entre o presente e o ausente, a canoa que sustenta o pai é a mesma que lança suas âncoras ao filho, que o faz naufragar enquanto sujeito: “Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. *Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei* – na vagação, no rio no ermo [...]” (ROSA, 2019 [1962], p. 49). Esse pai morto-vivo, aos moldes do conto de Guimarães Rosa, compõe a família de Virgínia, na inquietante e claustrofóbica Granja Quieta, em *O lustre* (1946), de Clarice Lispector. A figura paterna, enquanto silencioso no seu relacionamento com a esposa e com os filhos – Esmeralda, Virgínia e Daniel –, era verborrágico e vivaz no breve tempo em que recebia visitas: “quando depois de alguns dias as visitas se retiravam, a *vida no casarão era novamente aspirada pelo ar do campo e as moscas zuniam mais alto, brilhando à luz. O pai retomava sua solidão sem tristeza*, empurrava a toalha e os talheres, aproximava um candeeiro, lia o jornal [...]” (LISPECTOR, 2019 [1946], p. 23). Assumindo o silêncio e a inércia do pai como símbolos, na narrativa prevalecem a imobilidade, a letargia e a claustrofobia – a começar pelo nome do próprio ambiente em que vivem: “[...] a *solidão* de Granja Quieta permanecia agora de um modo incompreensível acima dela e se antes o *silêncio dos campos* e o ruído indecifrável da mata continuavam suas próprias sensações, agora ela deveria mover-se numa *terra fria e indiferente*.” (LISPECTOR, 2019 [1946], p. 23, grifo nosso). No cenário idílico, cercado por paisagens bucólicas, Granja Quieta isola a família de Virgínia e, não obstante o seu silenciamento, o próprio pai enrijece essa insulação, barrando e encolerizando-se ante qualquer tentativa de escape dos filhos: “Eu e Daniel não podemos viver sempre aqui...Estarrecido o pai ouviu como se ouvisse uma árvore falar. [...] ele [o pai] encheu-se de

uma cólera que o fazia vermelho e tenso, numa comoção quase perigosa:– Mentira, doida! doida! doida! (LISPECTOR, 2019, p. 23). Eis o pai que, além de fracassar em sua função de esgarçar os horizontes dos filhos, é hábil em aprisioná-los, além do tempo suficientemente bom, no reduto (sufocante) familiar. Semelhantemente, no livro *Carta ao pai* (1952), de Kafka, encontramos um ente paterno que, longe de abrir novos horizontes para o filho, interdita os movimentos de independência e castra as sinalizações ao mundo externo: “Você dizia: “Nenhuma palavra de contestação!” e com isso queria silenciar em mim as forças contrárias que lhe eram tão desagradáveis, mas essa influência era muito forte para mim, eu era dócil demais, emudecia por completo, me escondia de você [...]” (KAFKA, 1997 [1952], p. 22). Interventor dos protestos e de rebeldias saudáveis do filho, o próprio pai, por vezes, empreende o encastelamento do descendente que, sequestrado, permanece parálítico perante os quereres paternos e cerceado de qualquer investida para o mundo externo. Em suma, nos seus escritos, malgrado Winnicott enfatizar a relação diádica entre mãe-bebê, o pai e suas contribuições para o desenvolvimento emocional da criança também são privilegiados pelo psicanalista. Para além de um interventor do laço edípico, como consignara Freud, a figura paterna assume diferentes semblantes, nas três fases do desenvolvimento maturacional, a fim de permitir o crescimento do bebê. Dessa maneira, para a criança desejar e odiar ambivalentemente seus genitores, faz-se necessário, antes disso, um grande percurso para se tornar uma unidade e poder se relacionar com os objetos. Adotando múltiplas peles, o pai assume vários posicionamentos ao longo do desenvolvimento emocional da criança (ABERASTURY; SALAS, 1984). Quando suficientemente bom, começa tacitamente sustentando a mãe durante a dependência absoluta e, doravante, torna-se um representante do mundo para além da díade, clamando à mãe e ao filho para abandonarem o lugar de dupla dependência.

3 ARROUBOS DO COLO MATERNO, PAIS CÚPLICES: A FAMÍLIA E O APRISIONAMENTO INDIVIDUAL EM LYGIA FAGUNDES TELLES

Mãe não tem limite,
 é tempo sem hora,
 luz que não apaga [...].
 Mãe não morre nunca,
 mãe ficará sempre
 junto de seu filho
 e ele, velho embora,
 será pequenino
 feito grão de milho.
 (Carlos Drummond de Andrade)

3.1 ESTÉTICA LITERÁRIA DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Em meados dos anos 40, durante o curso de Direito na Faculdade do Largo de São Francisco, a paulistana Lygia Fagundes começa a se encaminhar para ficcionalidade literária, escrevendo e publicando os seus primeiros escritos, como os livros *Porão e sobrado* (1938) e *Praia viva* (1944). Nessa época, a jovem Lygia frequentava Jaraguá – uma mistura de livraria, salão de chá e galeria de arte – visitada por muitos artistas e escritores, como Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Em contexto de Estado Novo e Getulismo, prevalecia a censura à imprensa e a muitos movimentos artísticos. A escritora de *As meninas* (1973) já era bastante subversiva e resistia, juntamente com os intelectuais de Jaraguá, às perseguições do governo Vargas. Doravante, sepultando esses escritos primevos, os quais os nomeia de “juvenilidades”, Lygia considera o início de sua carreira literária a partir do seu célebre romance *Ciranda de Pedra* (1954), reputado, por Candido (1989), como a sua maturidade literária. Com sua estreia oficial em 1944, com *Praia Viva*, Lygia é, comumente, albergada na chamada Geração de 45, também conhecida como a Terceira Fase do Modernismo ou, para alguns críticos, Contemporâneo. Após o ardor ufanista da Semana de 22 e o apego ao regionalismo dos anos 30, a Geração de 45, ao se impregnar do neoclássico, embebedada-se do Existencialismo sartreano, cujas ideias chegaram ao Brasil, assim como, ainda prevalecentes, recorre ao experimentalismo das vanguardas, tais como o Expressionismo e o Surrealismo: “A literatura das décadas de quarenta e cinquenta vê surgir, na prosa, tendências diferentes do romance regionalista: desenvolve-se a prosa psicológica e introspectiva, o romance e o conto intimista.” (MONTEIRO, 1980, p. 99). Segundo alguns críticos, como Bosi, em *O conto brasileiro contemporâneo* (1996), a literatura brasileira contemporânea foi formada por dois grandes *topos*: uma vertente da brutalidade ultrarrealista, iniciada por Guimarães Rosa e

Graciliano Ramos e, em seguida, conduzida por Rubem Fonseca, Dalton Trevisan e Moacyr Scliar; e outra vertente que parte da elaboração de universos íntimos, sensíveis, epifânicos e psicológicos, presidida por personalidades como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Murilo Rubião e José J. Veiga. Segundo Schollhammer (2009), tal divisão é, pois, reducionista, posto que, talvez, tenta reelaborar a divisão clássica entre a ficção “neonaturalista”, de um lado, e a intimista ou psicológica, de outro. Concerne a uma separação problemática, visto que, uma literatura que lida com temas considerados “sociais”, não necessariamente se exime de abordá-los intimamente; assim como, uma literatura subjetiva e “psicológica” também certamente não ignora os ecos do contexto cultural e social. Dialogando com a tese de Barthes (2003), o “lugar” da escrita literária não é nem o reflexo do mundo externo, da brutalidade dos grandes centros urbanos, nem, ao menos, a expressão das subjetividades e dos complexos psicológicos e jogos da memória; a escrita literária, conforme o pensamento barthesiano, é uma região *neutra* – o neutro (ou o meio) é o lugar da escrita literária:

“[...] a ficção [brasileira] contemporânea não pode ser entendida de modo satisfatório na chave da volta ao engajamento realista com os problemas sociais, nem na chave do retorno da intimidade do autobiográfico, pois, nos melhores casos, os dois caminhos convivem e se entrelaçam de modo paradoxal e fértil (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 16).

Além, também, de recorrer a aparatos literários, como o estilo indireto livre e o fluxo de consciência⁹⁶, essa Geração Pós-Moderna, afastando-se, de modo reticente, do regionalismo, prefere representar, caleidoscopicamente, os áridos registros da vivência interior e subjetiva dos personagens. Não à toa, em 1944, no mesmo ano em que Lygia publica *Praia Viva*, o primeiro livro de contos, Clarice Lispector, grande representante do chamado “intimismo à brasileira”, publica *Perto do coração selvagem*, seu primeiro romance. Entrando no rol com Clarice Lispector, Murilo Rubião, José J. Veiga, Osman Lins e outros da Geração do pós-guerra, e debruçando-se sobre os “porões e sobrados” da interioridade dos personagens, a ficção lygiana é essencialmente *introspectiva* (PAES, 2022). Para tanto, sua prosa, notadamente marcada por elementos do período em que se insere, apega-se ao existencialismo de Sartre, ao experimentalismo das vanguardas, como os mosaicos e a

⁹⁶ “Caracterizam também os contos desse período a narração fragmentada, resultante do abandono da linearidade temporal, evidenciada pela linguagem sintética, despojada e elíptica. O abandono de um conceito tradicional de conto como um relato episódico de uma situação ou acontecimento surpreendente ou diferenciado, com estrutura sequencial de início, meio e fim, permite o esgarçamento e dissolução de seus limites [...]” (BITTENCOURT, 2019, p. 107).

composição cortante do Expressionismo e Surrealismo. Outrossim, conforme sua fortuna crítica delineia, as técnicas e temáticas da escritora manifestam características próprias da associação livre⁹⁷: “pronta adesão ao estilo pontilhado da oralidade, ao lado de pendor muito forte para explorar manifestações do inconsciente. Com a oralidade, sua prosa conquistou fluência; com exploração do inconsciente, ganhou densidade.” (LUCAS, 1999, p. 62). Se, no contexto externo (sociopolítico), desde a virada do século XX, prevalecia a desordem, com as duas Grandes Guerras e a Queda da Bolsa em 29, que levou a uma onda de suicídios, dentro do sujeito moderno também havia erupções bélicas, conflitos internos e “grandes depressões”, como percebera Freud, nas três formas de sofrimento, n’*O mal-estar na civilização* (1930). O ser humano moderno é *desbussolado* na existência; sem mais as escoras rijas da fé e ante a desmedida da ciência, que servima à guerra, depara-se com as agonias existenciais e os colapsos subjetivos, que tanto o perturbam e quanto infamiliarmente o inquietam:

[...] Com seus contos Lygia nos revela o lado mais radical da existência quando suas personagens se batem contra uma complexa perda de identidade, de direitos, de consciência, assim como nos dá o gosto de vivenciar as insólitas experiências das frágeis personagens seduzidas por objetos, solitárias, em busca de identidade, do passado, a caminho da morte (BETELLA, 2010, p. 28).

Despontando esse retrato do interior dos personagens, as narrativas de Lygia exploram, constantemente: manifestações do inconsciente; fantasias e memórias infantis; estados oníricos; intimidações da velhice e da morte; loucura; estruturas edípicas; linguagem vertiginosamente fragmentada; e outros retratos incôscios. Não à toa, alinhando-se a escritores da Geração 45, como Carlos Heitor Cony, Otto Lara Resende e Aníbal Machado, Bosi (2017 [1982], p. 414) consagra Lygia Fagundes Telles na categoria de “escritores de invulgar penetração psicológica”. Nesse sentido, a Dama da Literatura brasileira sinaliza, em seus escritos, a estética memorialista, intimista e autoanalista⁹⁸, em que os personagens, esquivando-se, não se dispõem a lidar com o contraste eu/mundo e, com efeito, preferem

⁹⁷ “O método das associações livres, ou da livre associação, permitia atingir com muito maior facilidade, segundo ele, os elementos que estavam em condições de liberar os afetos, as lembranças e as representações. Para tanto, era preciso convidar os pacientes a “se deixarem levar” e “exigir” deles “que não [deixassem] de revelar um só pensamento ou ideia, a pretexto de o acharem vergonhoso ou doloroso” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 649).

⁹⁸ “Lygia Fagundes Telles, com seus contos e romances que narram cinco décadas de transformações femininas, abrangendo perturbações adolescentes (em livros como *Verão no aquário*, de 1963, e *As meninas*, de 1973) até os transtornos da velhice (como em *As horas nuas*, de 1989, e em algumas narrativas de *A noite escura e mais eu*, de 1995), consumiria, então, boa parte da dessa discussão. Suas protagonistas, de um modo geral, são mulheres sufocadas pelas exigências sociais, pelos compromissos familiares, pelas máscaras que já não descolam do rosto. *Dáí confiná-las numa casa, para fazer ressoar seu confinamento interno.*” (DALCASTAGNÊ, 2012, p. 46, grifo nosso).

subjetivar as tensões e os conflitos. Tal apego à interioridade dos personagens, que não ignora o aparecimento do *cotidiano e do realismo*⁹⁹, como anunciou Bosi (2013), torna a ficção de Lygia um terreno fértil a ser explorado pela ciência psicanalítica: “[A narrativa de Lygia] nos obriga a contemplar o avesso das almas, os intervalos do pensamento, os reversos do espírito humano. Com ela, iniciamos um longo passeio pela paisagem das consciências, às vezes calmo, às vezes tenebroso.” (RÉGIS, 2002, p. 87). Uma outra característica própria da gramática lygiana é que se privilegia a existência, a um só tempo, de correntes, aparentemente opostas, situadas num entrelugar: “O detalhe entre o realista e o ‘literário’, entre o documental e o imaginário, é o seu forte, permitindo-lhe a notação intimista de acentos simbólicos e, não raro, fantásticos.” (MOISÉS, 2019, p. 636). Na tensão entre as demandas inconscientes e os ditames da cultura, aos moldes de como é próprio da vida psíquica inconsciente, sobretudo dos neuróticos, que Freud tanto analisou, eis a ficção lygiana, situada entre a loucura e a sanidade, o homem e o animal, o feminino e o masculino, a verdade e a mentira, o familiar e o infamiliar, a invenção e a memória – essas últimas palavras, inclusive, dão título a um dos seus livros de contos. Longe de expulsar os opostos, a criação literária de Lygia, realizando uma autópsia da subjetividade humana, compreende que a vida (e a morte) não é marcada pelo maniqueísmo, pelo apagamento dos opostos. Observa-se esse amálgama, por exemplo, no célebre conto “Venha ver o pôr do sol”, publicado em *Antes do baile verde* (1970), em que Ricardo, ao encaminhar a ex-namorada pela *via crucis* do cemitério, em que seria enclausurada, diz: “[...] a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio tom, nessa ambiguidade.” (TELLES, 2018 [1970], p. 113). Ademais, também prevalece a dubiedade subjetiva e a imprecisão, no conto “A estrutura da bolha de sabão”, publicado no livro de título homônimo de 1991, quando a voz narrativa disserta acerca do entrelugar da bolha de sabão: “Eu ficava olhando seu gesto impreciso porque uma bolha de sabão é mesmo imprecisa, nem sólida nem líquida, nem realidade nem sonho. Película e oco.” (TELLES, 2018 [2000], p. 377). Por fim, outro escrito lygiano, em que fica ululante a *copresença* de opostos, é “A sauna”, publicado no *Seminário dos ratos*

⁹⁹ “Dizer que estes contos de Lygia Fagundes Telles nos dão a anatomia do cotidiano é dizer pouco. As palavras, os gestos e o silêncio ameaçador que tantas vezes os rodeiam não só desenham partes e juntas da desolação de cada dia: vão além, decompõem os mecanismos implacáveis que não cessam de operar dentro do sujeito e da sociedade que nele se introjetou. É um realismo cru, cruel, cruento. Sempre me impressionou o terrível senso de pura imanência que atravessa os contos de Lygia Fagundes Telles. Não há saídas nem para o círculo do sujeito fechado em si mesmo nem para o inferno das relações entre os indivíduos. Tudo está submetido à lei da gravidade. Tudo tem peso, já caiu ou está prestes a cair. Natureza, História, Deus... cifras de alguma forma de transcendência habitam fora e longe do cotidiano dessas personagens sem horizontes para os quais possam dirigir o olhar: um olhar ferozmente centrado nos limites da própria impotência.” (BOSI, 2013, p. 113).

(1977), visto que uma das amantes do narrador afirma: “[...] ninguém é líquido nem sólido, pastoso?” (TELLES, 2018 [1977], p. 196). A estética de Lygia existe, pois, nesse *locus* do ambíguo, do duplo, do crepúsculo (nem escuro nem claro), da bolha de sabão (nem sólido nem líquido) e do pastoso (nem sólido nem líquido). É nesse terreno da imprecisão e da dualidade que, sorrateiramente, o *infamiliar* – tema caro aos estudos que dialogam com a literatura e a psicanálise – espreita e encontra solo fértil no universo ficcional lygiano; e, à revelia, como uma *compulsão à repetição*¹⁰⁰, um passado (infantil) sempre retorna:

[...] todas as personagens de Lygia vivem imersas na temporalidade. Elas não se livram da memória, do passado, das coisas antigas que se entranham no presente, do ontem que está no hoje e de uma espécie de gosto de fracasso que fica pela impossibilidade de fazer parar a roda do tempo e começar tudo de novo (TELLES, 1980, p. 103, grifo nosso).

Além disso, temas preciosos, que estão dispostos no divã, também atravessam os florilégios de Lygia Fagundes Telles, tais como: *regressos à infância*, eis o caso do conto “Noturno Amarelo”, em que Laura, a personagem principal, é transportada para um mundo de memórias dos primeiros tempos; *sonhos e estados oníricos*, os quais, aparecendo de modos inebriantes, podem ser observados em contos, como “A caçada”, “A mão no ombro”, “As formigas” e “O encontro”. Outrossim, a morfologia poética lygiana conta, como agencia a fortuna crítica: “Fantasias secretas, noturnas e diurnas, encontram expressão no seu texto, enfatizando ora a vida ora a morte. [...]. O racional, desse modo, entrelaça-se com a rotação do insólito, do maravilhoso e das propriedades mágicas.” (LUCAS, 1999, p. 68). O personagem, nas narrativas da Dama da Literatura, na maioria das vezes: “[...] mostra-se intimidado tanto pela morte, quanto pela realização do desejo. [...]. Enfim, tudo transcorre na prosa mágica de LFT como se os fantasmas aparecessem para corrigir a realidade que não conduz ao prazer” (LUCAS, 1999, p. 69). Aceitando a dialética própria da existência, o universo ficcional da escritora, aos moldes de um alquimista, é capaz de fazer misturas químicas homogêneas, cujos componentes, apesar de serem heterogêneos, diluem-se,

¹⁰⁰ Existem elementos, no inconsciente, que se repetem, mas não é tão simples de serem rememorados, pois aquilo que se repete não é o conhecido, existe um *mais além* que é desconhecido. Essa dinâmica se trata do que Freud chamou de “compulsão à repetição” ou “automatismo de repetição”. Ante a essa repetição, Freud diz que há uma certa estranheza, posto que se trata de uma questão familiar e, ao mesmo tempo, infamiliar. o que é da ordem do inconsciente foi, em algum momento, familiar (consciente). Porém, não sendo tolerado, curvou-se ao recalque e se tornou inconsciente. Desse modo, o *retorno do recalado*, retorno de emblemas inconscientes, é um produto conhecido ao sujeito, mesmo que não devesse ter retornado: “*Unheimlich* é nome de tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz” (FREUD, 2019 [1919], p. 58). O infamiliar, desse modo, ancora-se a um eterno retorno, a uma compulsão à repetição: “Só há *Unheimlich* se houver repetição. O estranho é algo que retorna, algo que se repete, mas ao mesmo tempo se apresenta como diferente.” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 24).

confundem-se e se penetram. Ambíguas em sua essência, as temáticas lygianas, ao tomarem personagens híbridos, paradoxais e trágicos – humanos e divinos –, oscilam livremente. Não à toa, segundo Silviano Santiago (2002), os contos de Lygia situam-se num local *entre*; os próprios personagens são, em termos metafóricos, pêndulos, oscilando entre um lugar e outro, sem, entretanto, albergarem-se, definitivamente, em um só local. Sem manter um maniqueísmo dualista – de que há os “bons” e os “maus” –, a ficção de Lygia compreende os personagens em seus múltiplos semblantes e ambivalências, como é próprio do sujeito em sua vida ordinária e factual. Como diz Otávia, em *Ciranda de Pedra* (1954): “[...] não separe com tanta precisão os heróis dos vilões, cada qual de um lado, tudo muito bonitinho como nas experiências de química. Não há gente completamente boa nem gente completamente má, está tudo misturado e a separação é impossível.” (TELLES, 2009 [1954], p. 101). Ainda nesse primeiro romance, avista-se o pêndulo do existir, no caso de Virgínia, visto que, após o divórcio dos seus pais, oscila entre: morar na casa da mãe “louca” e morar no casarão do seu pai apático com suas irmãs. Considerado por Candido (1989) o romance de maturidade da exímia escritora e ovacionado por Otto Maria Carpeaux, em 1954, *Ciranda de Pedra*, cujo enredo dispõe a história das entranhas de uma tradicional família – é erguido e vivificado por perversas (des)ordens que atingem o seio parental e que desestabilizam qualquer tentativa de manter erguido um núcleo familiar, quais sejam: traições, segredos e loucura (BURCHARDT, 2021). A partir dos anos 70, Telles inicia a publicação de várias obras que, em decorrência de suas perspicazes laborações, receberam vários prêmios literários nacionais e internacionais. Os contos de *Antes do baile verde* (1970) galardoaram-lhe, na França, o Primeiro Prêmio no Concurso Internacional de Escritoras e, depois, o romance *As meninas* (1973) conferiu-lhe o Prêmio Jabuti. Aliás, Novaes Coelho, na introdução ao livro *Seleta* (1971), de Lygia, constata que, desde os primeiros romances lygianos, a linguagem vertiginosamente fragmentada permite que se sobressaiam as arquiteturas psicológicas dos personagens:

[...] a ficção de Lygia Fagundes Telles insere-se no domínio do mítico, e percebemos em suas narrativas os *anseios, as frustrações, os temores e as esperanças que assaltam a mente do homem, tudo expresso pela tessitura enigmática da linguagem simbólica*. O paraíso e a queda, a morte e a ressurreição, todas as grandes antíteses e contradições da alma humana tomam forma nas tramas criadas pela ficcionista. (SILVA, 2009, p. 116, grifos nossos).

Em um fluxo livre de consciência¹⁰¹, os narradores lygianos se perdem no labiríntico caminho narrativo/inconsciente, cujo ondulante destino é, não raras vezes, a espiral das memórias – reais ou fantasísticas¹⁰². Em uma conversa com Lygia, o escritor José Saramago elabora uma *teoria*: “a instabilidade relativa da memória”, para compreender o *modus operandi* dos escritos da escritora paulista, que, mais se parecendo com um jogo de vitrais, testemunha os imprecisos percursos do inconsciente dos narradores/personagens: “[...] isto é, a múltipla diversidade dos agrupamentos possíveis dos seus registros, evoquei o caleidoscópio [...], com os pedacinhos de vidro colorido e o seu jogo de espelho, produzindo a cada movimento combinações de cores e de formas, variáveis até o infinito.” (SARAMAGO, 1998, p. 16). Preponderantemente, a temporalidade narrativa lygiana – como percebera Todorov (2011), ao teorizar sobre o “tempo” enquanto estrutura literária – sustenta-se na berlinda, no entrelugar do caos e da ordem, na tensão entre duas forças opostas, mas não excludentes: a inexorabilidade dos acontecimentos e o ordenamento temático. A poética lygiana é atravessada pela interposição/interpenetração de múltiplos planos temporais: ao passo que o presente lança os contornos da estrutura narrativa, há o *passado*, que, em gotículas, é reinserido pelo narrador e pelos personagens a todo momento. Intercalados e intercambiáveis, tais planos, o presente e o passado, às vezes, em Lygia, sucedem-se um ao outro, de modo a colocar o leitor num pêndulo, ora distanciando-se do tempo cronológico para se achegar ao psicológico ora do psicológico ao cronológico, dinamizando e pondo em cena, pois, o tempo interior, conforme explica Massaud Moisés, em *A criação literária* (2012):

[...] utilizam-se dois planos dinâmicos no transcurso da história: o do presente e o do passado da personagem. O processo para trazer o passado à superfície é a do associacionismo involuntário: cenas do presente e do passado se alternam conforme o próprio fluxo da vida diária e das lembranças despertadas por associação. De passagem, vale acentuar que essa técnica rememorativa se afigura mais verossímil que a busca integral do passado (à Proust e à Machado), a qual opera como se fosse possível à

¹⁰¹ Sua linguagem é substantiva, despojada dos excessos qualitativos. O resultado desse trabalho árduo é a vivência realista que temos de seu imaginário. Ao adensar o discurso na intensidade do movimento mental das personagens, acompanhando-as em seu pensamento, faz com que fiquemos à mercê de conteúdos que enaltecem nossa capacidade de reconhecer no outro nossos próprios conteúdos. [...]. O aperfeiçoamento das inflexões sintáticas conseguido por Lygia Fagundes Telles é admirável, assim como as variações de entonação das falas, o registro das pausas expressivas, as inusitadas cadências frásicas. Ela segue a incompletude dos pensamentos com cuidados de artesã. Seus períodos são dinâmicos, acompanhando o deslocamento da atenção e a velocidade do pensamento das personagens, prontos a assumir as rupturas e desagregações do fluxo da consciência, a convergência ou divergência daí resultantes.” (RÉGIS, 2002, p. 89).

¹⁰² “A maior preocupação de Lygia Fagundes Telles é enunciar essa condição de mistério da palavra, principalmente da palavra poética, as analogias do conhecimento, os elos vão se encaixando na memória, formando um tecido simbólico que causa assombro, pelo ineditismo, e reflexão, pela qualidade humana registrada. Sua narrativa questiona a ambiguidade do aparente para dar forma à realidade em mutação constante da consciência.” (RÉGIS, 2002, p. 87).

personagem deter o tempo-presente a fim de permitir-se viver a sondagem exclusiva do passado, ou como se pudesse desligar-se do presente, passar-lhe uma esponja, para emergir no passado e vivê-lo em lugar do presente (MOISÉS, 2012, p. 221).

Dessarte, o presente e o passado interrompem-se, aos moldes de “ondas concêntricas”, e formam o chamado *tempo psicológico*¹⁰³: “[...] imerso no tempo mental de cada um, apenas cronometrado pelas sensações, ideias, pensamentos, pelas vivências, em suma, que não tem idade.” (MOISÉS, 2012, p. 215). Não raras vezes, espelhando o funcionamento psíquico do próprio ser humano, as recordações do passado irrompem-se e, não raro, intensificam-se ao longo da narrativa, de modo que o passado vivido se une ao presente narrado. Por sua aproximação com o caos e desordem interior, na maior parte das narrativas de Lygia, o tempo escapa e extrapola às convenções cronológicas, tornando-se psicológico e, quiçá, metafísico e metaempírico – o que, por conseguinte, estraçalha a noção de *espaço*, dado que o tempo passado carrega *espaços arcaicos* que, quando se interpenetram no presente, tornam-se psicológicos também. Ou seja, tal e qual o próprio tempo, o espaço torna-se interno e subjetivo. Em outros termos, nas narrativas da Dama da Literatura, às vezes, o cosmo em que os seres ficcionais habitam não é cronometrado temporalmente, uma vez que, com o passado vivo na experiência e na subjetividade dos personagens, eis que surge a transcendência temporal, cujo tempo real é falho em regular as ações: sobressaem-se devaneios, meditações, lapsos e lembranças, sejam reais ou fantasiosas, de experiências que atravessam e compõem o texto: “[...] recordar é um ato quase integral, na medida em que passamos em revista não só acontecimentos passados, mas outros em derredor e correlatos, ao mesmo tempo que as associações do presente atual do narrador desenterram fatos ‘esquecidos’[...]” (MOISÉS, 2012, p. 211). Em constante fluxo narrativo, imersa, como afiança Humphrey (1976), em camadas pré-verbais da consciência, a verborragia dos personagens de Lygia, emudecidos no trato vocal, alberga-se no campo psíquico – verborragia psíquica. Ao explorar, por meio de atropelos associativos, as camadas da memória e da (in)consciência, os personagens *remontam* o passado através de elos, símbolos e artefatos do presente:

[...] pode-se distinguir o presente-presente e o presente-passado: o primeiro seria apreendido como ‘dado imediato à consciência’, como ‘tempo vivo’,

¹⁰³ “[...] pode-se distinguir o presente-presente e o presente-passado: o primeiro seria apreendido como ‘dado imediato à consciência’, como ‘tempo vivo’, formado duma cadeia ilimitada de associações dinâmicas provocadas pela cor, som, movimento, perfume, etc., ao passado que o outro é formado pelas camadas da memória, por sua vez resultantes dum ‘tempo vivo’ passado que se recobra por meio de associações. Noutros termos, a consciência recebe um profuso impacto da realidade, ao mesmo tempo que, por descarga associativa, desenterra o passado impresso na memória e torna-o presente [...]” (MOISÉS, 2012, p. 203).

formado duma cadeia ilimitada de associações dinâmicas provocadas pela cor, som, movimento, perfume, etc., ao passado que o outro é formado pelas camadas da memória, por sua vez resultantes dum ‘tempo vivo’ passado que se recobra por meio de associações. Noutros termos, a consciência recebe um profuso impacto da realidade, ao mesmo tempo que, por descarga associativa, desenterra o passado impresso na memória e torna-o presente [...] (MOISÉS, 2012, p. 203).

Nessas tramas, capazes de lançar o personagem – e o leitor – nos porões do inconsciente, desestabilizando o prosseguimento e a cadência sequencial da narrativa, é muito caro, para tanto, a criação de um mundo exterior – simbólico – que reflete a vida epifânica dos personagens: a (des)ordem do cenário e do espaço objetivo testemunham e antecedem, por vezes, a ação interior. Nessa berlinda real e fantasística, objetiva e subjetiva, a estética lygiana assemelha-se, por exemplo, à noção de *transicionalidade* da doutrina winnicottiana. Não à toa, o psicanalista inglês, ao conceituar “objetos transicionais”, conforme o seu discípulo Massud Khan (2000) descreve, respaldou-os em predicados literários e artísticos, como na estética de Mallarmé e no conceito de “epifania”, de Joyce¹⁰⁴ – eis o diálogo entre epifania literária e objetos transicionais: “Winnicott acreditava inteiramente que o conceito de objeto transicional tinha estreita correspondência com certos conceitos da literatura e da arte. [...] A estética literária de Mallarmé e o conceito joyciano de epifania tratam do mesmo tipo de atividade e experiência humana.” (KHAN, 2000, p. 21). A vida dos personagens, ao passo que é, sobretudo, interior, regada com uma movimentação psicológica, é atravessada pelo exterior. Para o monólogo epifânico, com o brusco aparecimento do passado, a construção (des)estruturada da linguagem sobrepõe transicionalmente à vida objetiva e ao mundo íntimo/subjetivo. Por isso, a estética lygiana oscila entre os cenários internos e externos, ficando, por vezes, num espaço *entre* – no linguajar winnicottiano, num espaço *transicional* –, pois registra as minúcias do espaço narrativo objetivo, significativas para o espaço psicológico e interno. Eis o caso do *aquário dos peixes*, que se torna um representante do mundo interno de Raíza, em *Verão no aquário* (1964): “Fiz girar uma folha dentro do aquário. Sentia-me mais exposta do que os peixes.” (TELLES, 2010 [1964], p. 57). Semelhante técnica narrativa ocorre em *Ciranda de Pedra* (1954), entre a ciranda dos anões – que ornamentam o jardim da casa paterna – e Virgínia, a protagonista desse romance: “– Quero entrar na roda também! – ela exclamou apertando as mãos entrelaçadas dos dois anões

¹⁰⁴ Conforme o autor de *Ulysses* (1920), descrito no registro autobiográfico pelo discurso de Stephen Dedalus, personagem de *Stephen Hero* (1904), *epifania* é: “Uma manifestação súbita, quer na vulgaridade do discurso ou do gesto, ou em uma fase memorável da própria mente. Ele acreditava que cabia ao homem de letras registrar estas epifanias com cuidado extremo, visto que elas mesmas são os momentos [...] evanescentes.” (JOYCE, 2012 [1904], p. 115).

mais próximos. Sorriu desapontada com a resistência dos dedos de pedra.” (TELLES, 2009 [1954], p. 53). Enquanto narrativas psicológicas, o enredo é orquestrado por uma sucessão de fatos narrados; todavia, existem, no subsolo, marcas *íntimas* que sustentam os personagens e seus dramas vivenciados, como ocorre, por exemplo, com Joana e o “tempo que se passa” – ou se perde –, em *Perto do Coração Selvagem* (1943), de Clarice. Ao avistar a paisagem externa à janela de casa, soturnamente, como pano de fundo, antevê-se, pelas frestas da *janela psíquica*, a *paisagem interna*, também desvaída: “Muitos anos de sua existência gastou-os à janela, olhando as coisas que se passavam e as paradas. Mas na *verdade não enxergava tanto quanto ouvia dentro de si a vida*.” (LISPECTOR, 1998 [1943], p. 39). Perdendo o seu sentido objetivo consolidado, a descrição cronística torna-se, nos alfarrábios lygianos – assim como nos escritos lispectorianos –, de modo paradoxal, subjetiva e interna, uma vez que espelha o interior dos personagens, *interiorizando, pois, o objetivo* – as descrições não se propõem apenas a relatar, mas, antes, refletirem a interioridade dos personagens: “Sendo a preocupação constante da autora, o desenvolvimento do desvelamento da complexidade do eu e do ilogismo do mundo interno [...]. Os episódios narrados se sucedem e se interpenetram, mas não como conjunto ordenado de uma ação.” (OLIVEIRA, 1972, p. 28). O mecanismo dos cenários da Dama da Literatura, embebidos de planos dinâmicos e polifônicos, não são meramente reais *por fora*, mas *reais por dentro*, como consigna Massaud Moisés, em *A criação literária* (2012). O cenário exterior, o aquário de peixes ou a ciranda dos anões de pedra, configura o mundo interno, uma *mise-en-scène* da subjetividade dos seres ficcionais: enquanto, em *Verão no aquário* (1964), o aquário de peixes apáticos, que se contentam com o claustro, é o signo da dependência e letargia de Raíza, a ciranda de anões petrificados no jardim, em *Ciranda de Pedra* (1954), representa a própria cristalização de um círculo familiar – constituído pelas irmãs e pelo pai –, no qual Virgínia estava impedida de entrar. Sem desamparar o mundo objetivo e cronológico, há um apego às camadas que subjazem do/no espírito – tomando o cenário exterior como suporte¹⁰⁵: “[...] a personagem tenderá a avultar, complicar-se, destacando-se com sua singularidade sobre o pano de fundo social.” (CANDIDO, 2009, p. 20, grifo nosso). Eis o caso d’*As meninas* (1973), também de Lygia Fagundes, que, em que pese o contexto de Ditadura Militar brasileira, o foco narrativo, ao deslocar-se entre as três meninas e o próprio narrador, cruza-se e se embriaga de si mesmo; ao mesmo tempo, sustenta, ainda que de forma espiralada ou orbicular, a continuidade narrativa:

¹⁰⁵ “[...] a natureza da personagem depende em parte da concepção que preside o romance e das intenções do romancista. Quando, por exemplo, este está interessado em traçar um panorama de costumes, a personagem dependerá provavelmente mais da sua visão dos meios que conhece, e da observação de pessoas cujo comportamento lhe parece significativo.” (CANDIDO, 2009, p. 20).

até que ponto a voz individual e o tempo interior são atravessados (ou não) pelas vozes e o tempo do mundo objetivo? Não obstante no fundo da narrativa de *As meninas* (1973) esteja a perseguição severa da ditadura – contando, em uma das páginas, com um relato de uma tortura – sentimentos e traços psicológicos configuram e (des)estruturam os personagens centrais da narrativa, sobressaindo-se, abundantemente, a vida interior. Na estética lygiana, encontramos o emblema da *psicologia demoníaca do personagem* – desamparado, no contemporâneo, pelos deuses da epopeia –, como diria Lukács (2009): “[...] o convencionalismo do mundo objetivo colide com a excessiva interioridade do mundo subjetivo.” (LUKÁCS, 2009, p. 32). Ao passo que não há, como percebera Freud, traços da realidade factual no inconsciente, há lugares transmitidos pela cultura (não sujeitos à temporalidade) que são ocupados pela criança, convertendo-as, sem saberem, em atores sociais, como percebera Lacan, em *Duas notas sobre a criança* (2003 [1969])¹⁰⁶. A criança, em articulação com a família, detém, pela ótica winnicotiana, uma tendência inata à integração e ao crescimento, movimentando-a para sair das “dependências” do discurso familiar e, em gestos de independência e de cessão ao “desmame”, montar seu repertório autêntico e criativo, como prenunciara Freud, em *O romance familiar dos neuróticos* (1909): “Desprender-se da autoridade dos pais é uma das realizações mais necessárias e também mais dolorosas do indivíduo em crescimento. É absolutamente necessário que ele o faça, e podemos presumir que isso foi alcançado, em alguma medida, por todo aquele que se tornou normal.” (FREUD, 2015 [1909], p. 420). Ou seja, no plano psíquico e inconsciente, em que pese a ausência de traços da realidade, há lugares simbólicos, sustentados e galardoados pelo mundo externo, objetivo e cultural. No entanto, os caminhos que conduzem a criança à independência são tortuosos, com paragens familiares que, quando não *petrificam* o crescimento, enclausurando os filhos eternamente no colo parental, podem não fornecer artefatos necessários e *transicionais* para o desenvolvimento emocional.

3.2 A FAMÍLIA E A PARENTALIDADE NO ARCABOUÇO LYGYANO

Nos enredos da Dama da Literatura, borbulham o caos psíquico, que conduz o leitor a mundos infantis, nos quais ainda habitam: “[...] é na evocação de *cenar e estados de alma da infância e da adolescência* que [Lygia] tem alcançado os seus mais belos efeitos.” (BOSI, 2017, p. 448, grifo nosso). Em outras palavras, a literatura de Lygia recorre, constantemente, a

¹⁰⁶ “[...] a irredutibilidade de uma transmissão – que é de uma outra ordem que não a da vida segunda a satisfação das necessidades, mas é de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo.” (LACAN, 2003 [1969], p. 369).

fantasias e vivências infantis que, há tempos, a Psicanálise, de modo pioneiro, anteviu. Com os estudos psicanalíticos freudianos e pós-freudianos, descobre-se que a vida adulta não é tão madura quanto aparenta; há sempre resquícios dos primeiros tempos e rastros da infância. No conto “Resposta a uma jovem estudante de Letras”, presente no livro *Durante aquele estranho chá* (2002), a voz narrativa, no espaço transicional entre a ficção e a memória, afirma, acerca do fazer literário: “O escritor escreve porque tenta recompor, quem sabe?, um mundo perdido, os amores perdidos. Não será uma tentativa de recuperar a família que ficou lá longe, assim despedaçada? [...]. O paraíso perdido. Nesse paraíso perdido não está a infância? (TELLES, 2010 [2002], p. 65). As ardentes narrativas lygianas permitem compreender, em um movimento de eterno retorno, alguns semblantes memorialísticos dos primeiros tempos, da infância e das estruturas parentais que a sustentavam (ou não): “[...] há também a relação dramática com o passado, reino da posse e da perda. O convívio da consciência com a memória tem produzido um intimismo de situações novas, algumas ousadas e desafiadoras. Recuperar a imagem do que já foi, mas que ficou para sempre [...]” (BOSI, 1996, p. 10). *Recordar, repetir e elaborar*, eis o esforço da ficção de Lygia Fagundes Telles, dada a recorrência de temas arraigados no seio familiar. Ao considerar os movimentos de muitos narradores lygianos, despontam-se intuitos de: voltar ao passado; rememorar, em elementos reais ou fantasísticos, as primeiras experiências; traumas e seduições; abandonos para fora das *cirandas de pedra*; e aprisionamentos abafadiços em redomas, em pleno *verão no aquário*. Por isso que as narrativas lygianas são, em essência, *instropectivas*, com um tempo psicológico, que desobedece aos calendários: “[...] o romance introspectivo invade a subconsciência e a inconsciência, o que equivale a perquirir o mundo da memória, dos sonhos, dos devaneios, dos monólogos interiores, dos lapsos de linguagem, das associações involuntárias.” (MOISÉS, 2007, p. 99).

Nas tramas de Lygia, a maternidade e a paternidade, além de ganharem novos contornos, repetem suas indumentárias arcaicas e seus primevos modos de elaboração, o que, por vezes, resulta em ora desamparar o filho ora aprisioná-lo asfixiantemente. Os próprios filhos, nessas prototípicas dinâmicas filiatórias, com frequência, ante o desamparo do existir, voltam ao colo materno e refugiam-se, como um recém-nascido, nos braços da mãe. No conto “16 de dezembro”, presente no livro *A disciplina do amor: memória e ficção* (1998), de Lygia Fagundes Telles, enquanto está ocorrendo sua festa de aniversário, o aniversariante, um menino, já crescido, procura o colo, mesmo que, em um primeiro momento, fosse a contragosto da mãe (narrador-personagem): “O movimento, ele completou de repente subindo nos meus joelhos e se enrodilhando em seguida, transbordando quase (tinha crescido tanto)

mas cabendo ainda no pouso ao qual estava acostumado. Mas desse tamanho e ainda querendo colo, filho? Queria.” (TELLES, 2010a [1998], p. 119). No ímpeto, talvez, de negar a maturidade em sua festa de aniversário, o adulto-bebê recorre ao ambiente primitivo, mesmo que a própria mãe reconheça seu crescimento e, à primeira vista, desejasse sua independência: “Daquele tamanho mesmo queria uma só coisa em meio da festa: colo. [...]. Mas como ele cresceu neste último ano! pensei. [...] aquela bem podia ser a última vez que ele me pedia para dormir no colo, andava tão independente, tão consciente da sua condição de homem.” (TELLES, 2010a [1998], p. 119). A mãe, ao mesmo tempo em que reconhecia o amadurecimento, agora, com o filho nos braços, retorna ao seu lugar ambiental, enroupa-se da preocupação primária e fornece, com seus braços, o primeiro cercado onde o seu filho existiu: “Assim tão junto que formávamos ambos um só corpo. Contornei-o frouxamente com os braços como costumava contornar o ventre quando não sabia o que fazer com as mãos. Entrelacei os dedos que se fecharam num círculo.” (TELLES, 2010a [1998], p. 119). Eis a díade dos primeiros anos, a dupla dependência que se fecha para o mundo e, paralelamente, cria um novo mundo para si, constituído por dois habitantes: mãe e filho no paraíso edênico.

Na contística lygiana, ainda há os silentes e letárgicos pais, que, frente aos arroubos maternos, mantêm-se adormecidos. No conto “Gaby”, do livro *A estrutura da bolha de sabão* (1990), deparamo-nos com Gaby, que, no balcão de um bar, conversa com um garçom enquanto ocorre uma analepse, uma retrospectiva, intercalada com o presente do personagem. Entre os *flashbacks* de Gaby, vem à baila cenas da sua infância: as vivências com sua mãe superprotetora e, por outro lado, seu pai silencioso e inerte. Assemelhando-se ao pequeno Hans¹⁰⁷, que desejava que o pai viajasse para que pudesse dormir na cama com a mãe, Gaby esperava que o seu pai adormecesse para retornar ao leito materno: “‘Estou com medo, mãezinha, quero dormir na sua cama!’ Ela o enrolava nas cobertas. O perfume da cabeleira desatada. O calor. ‘Vem, meu Gabyzinho, vem com a mamãe. Se assustou com o raio, foi? Ele se encolhia. ‘Choveu na minha cama, não quero a minha cama!’” (TELLES, 2018a [1991], p. 352). Aos moldes de um bebê que chora em seu berço e é trazido, por vezes, pela figura materna, para a cama dos pais, Gaby, em que pese seu amadurecimento, regressa ao seu primeiro laço e encontra a cumplicidade e a parceria no seu antigo ambiente. A mãe, por seu

¹⁰⁷ Célebre caso clínico em que Freud analisa o pequeno Hans através dos relatos do seu pai. Durante a análise, Freud percebera que a fobia de cavalos do garoto tinha como ponto de partida a “castração”, que poderia ser empregada pela sua figura paterna. Portanto, Hans deslocava sua “angústia de castração” do pai para os cavalos. Durante o relato do caso, percebe-se que Hans: “[...] gostaria de ter o pai “longe”, eliminado, a fim de ficar só com a bela mãe, de dormir com ela. Esse desejo originou-se nas férias de verão, quando as presenças e ausências alternadas do pai lhe revelaram a condição de que dependia a ansiada intimidade com a mãe. Na época ele contentou-se com a versão de que o pai deveria “partir para longe” [...]” (FREUD, 2015 [1909], p. 145, grifo nosso).

turno, autoriza o consórcio e os quereres do filho, assim como sustenta o descanso e o silenciamento paterno: “Ela lhe fazia cócegas, ‘Gaby, seu maroto’. Ele então abafava o riso no travesseiro para não acordar o pai [...]. A voz da mãe vinha velada, que o pai não acordasse na cama ao lado. [...]. A mãe o cobria de beijos e beliscões. ‘Seu maroto!...Seu preguiçoso.’” (TELLES, 2018a [1991], p. 352). Semelhantemente, no conto “Geleia de maçã”, presente em *A disciplina do amor: memória e ficção* (1998), uma mãe relata, rememorando, que, após as viagens do esposo, seu filho adolescente vinha deitar-se ao seu lado e, como um recém-nascido, mamar em seu seio: “Então ambos se deitaram chorando e se consolando, tamanha a solidariedade dessa mãe ainda jovem por esse filho que lhe pedia o seio assim como uma criança, deu-lhe o seio e com naturalidade, passaram para a ação num amor que durou essa noite [...]” (TELLES, 2010b [1998], p. 34). Ainda nos descaminhos para abandonar os enleios do ambiente primitivo, há textos lygianos em que, mesmo quando morta, o filho suporta a mãe e seus emblemas sobrevivem inconscientemente, ainda que, na realidade, assuma novas roupagens. Obcecado pela mãe que morrera, além de ir periodicamente, como um devoto, ao túmulo, o narrador-personagem de *O cacto vermelho* (1949) encontra, na própria esposa, imagos maternas: “Abriu-se o quarto de minha mãe, há tantos anos fechado, e Rosa instalou-se ali. Era como se minha mãe houvesse feito uma longa viagem e agora estivesse de volta. [...]” (TELLES, 1949, p. 241). A própria Rosa, por seu turno, sustentando a fantasia do marido, identifica-se com o lugar materno em que é colocada: “– Não é que eu pense em substituí-la. Apenas não quero que você se lembre de que a perdeu. Aqui estamos, eu e ela. Não há ausentes, não há mais saudade.” (TELLES, 1949, p. 241). Eis o desejo inconsciente de permanecer em dependência absoluta com a mãe, mesmo depois de alcançar a independência.

No conto *O muro*, observa-se, em narração que se intercala entre o presente e o passado, a estrutura aprisionante e claustrofóbica que, por vezes, a família proporciona, como também o anseio de muitos filhos de extrapolarem os “muros” erigidos pela parentela. Em reminiscências infantis, André relembra que, ao redor de sua casa, havia um alto muro que era proibido, sobretudo pela mãe, de ser ultrapassado: “Olhou lá fora o muro de tijolos. Tão alto. Mas o que tinha atrás? ‘O muro não’, a mãe avisava. O muro era proibido, ah, se pudesse fazer um buraco para espiar o quintal desse vizinho que não via nunca, quem era ele?” (TELLES, 2018, p. 637). A despeito do desejo da criança de contemplar o que existe para além do muro, como a silhueta das árvores e um vizinho – signo paterno – que *nunca comparece*, a mãe engaiola simbolicamente seu filho, impugnando seus questionamentos sobre o mundo externo: “– E o muro? Era proibido. ‘Mas por que não pode, por quê?’, ele perguntava e a Mãe dava respostas evasivas, mas enérgicas [...]” (TELLES, 2018, p. 638).

Porém, como o *preço da liberdade é a rebeldia*, como delineia Winnicott, em *A liberdade* (1999h [1969]), o filho-encarcerado sobe em uma escada e enxerga o mundo além dos braços murais e robustos da mãe: “Ah, subia na escada, que lhe pareceu enorme, altíssimo o muro vermelho. Montou nele e olhou: do outro lado só a folhagem compactada, banhada de sol, mas o sol varava de cipós e folhas. [...]. Quis ainda vislumbrar alguém, mas a folhagem já se fechara como uma cortina.” (TELLES, 2018, p. 640). Em *Verão no aquário* (1964), segundo romance da escritora, deparamo-nos com a jovem Raíza, narradora-personagem em primeira pessoa, que, em que pese seu apego à infância, ainda que bastante presa às barras da saia da mãe, começa a perceber a urgência de sua saída. Órfã de pai desde criança, Raíza divide a casa apenas com a mãe, cuja figura a perturba e lhe causa ciúmes, e sua tia, uma mulher bastante resignada, que vive confortavelmente em seu quarto. A narrativa, imersa em um verão abafadiço, que asfixia, movimenta-se pendularmente entre as reminiscências de Raíza, preenchidas pelo pai alcoólatra que morrera, e seu presente, cuja figura inquietante de Patrícia, sua mãe, enquanto uma escritora dedicada e madura, insere-se no seio familiar de modo alheio à filha. Ora prevalecendo a rejeição ora a rivalidade, a relação entre Raíza e a figura materna se desestabiliza ainda mais, tornando-se em frangalhos, quando um jovem ex-seminarista inicia um envolvimento misterioso com Patrícia – o que sustenta um triângulo ambivalente entre os três. Paralelamente, o próprio ambiente-casa, passada a validade de ser refúgio para a Raíza, começara a sinalizar sua senilidade e expulsar a jovem. Malgrado em pleno viço e fervura da juventude, Raíza insiste, ao longo do romance, em fincar suas *raízes* no sótão, parte mais isolada e inacessível do casarão, que soldava, por meio de um espelho, os elementos constituintes da família, agrilhoando-os à casa e os ancorando na dependência (absoluta) um do outro:

[...] era no sótão que eu queria ficar, sentada ao lado do meu pai que para lá subia quando ficava cheirando a hortelã, ao lado de tio Samuel que se refugia com sua loucura entre os móveis imprestáveis e caixotes de livros nos quais os bichos cavavam galerias. *Era ali o meu lugar*. E para certificar-me disso, bastava ver o velho espelho apoiado na parede, um espelho redondo todo cheio de manchas porosas com esponjas embebidas em tinta. Nele eu ficava amarela também, eu, meu pai, tio Samuel, todos da mesma cor do cristal doente, enfeixados no círculo da moldura dourada. *Então meus olhos se enchiam de lágrimas porque eu tinha medo de que um dia o espelho se quebrasse e nos perdêssemos um do outro*. Quem cuidaria do meu pai, delicado como uma folha murcha, dessas que caem ao primeiro vento?! E do tio, balofo como um fruto que apodreceu antes de amadurecer, quem cuidaria dele, quem? *No espelho, só no espelho eu via que fazíamos parte da mesma árvore [...]* (TELLES, 2010 [1964], p. 9).

Aos moldes de uma estufa, a redoma de vidro e o sol escaldante do verão asfixiam e sufocam os seus habitantes engaiolados, eis os personagens em um aquário. Nessa casa, com espaços apenas para três mulheres, como admite Raíza, o ambiente, paradoxalmente, mostra-se estreito para movimentação, tornando-as sentenciadas a sobreviverem enjauladas e, nos reflexos do vidro do aquário, depararem-se consigo mesmas. Ao passo que o “aquário” – localizado na sala do casarão da família –, que constitui o título, faz referência à “prisão” onde alguns peixes dourados se encontravam, afiança, ao mesmo tempo, a condição em que vivia Raíza: o aquário é a *metáfora* dos primeiros anos, o ambiente confortável, sem predadores, com oxigênio regulado, comidas dosadas e sob os cuidados do outro (materno). Por isso, insistentemente, Raíza não quer abandonar a comodidade de viver com sua mãe para *nadar rumo à independência*, em águas mais profundas, em pleno alto mar. Raíza, nesse sentido, não arrisca mergulhos profundos e permanece com os pés em contato com o banco de areia materno. Se, de um lado, a liberdade de sair do aquário traz angústia, há também, em seu bojo, a variedade do oceano, com suas múltiplas espécies: considerando que é um romance de formação, refere-se a uma transição dos *cuidadores aos predadores*; do aquário ao mar; e da dependência absoluta ao rumo à independência. Aos moldes do itinerário de Macabéa, em *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, ou da inadaptação de Joana, em *Perto do Coração Selvagem* (1943), também de Lispector, a história *formativa* de Raíza, como consigna Lukács, n’*A teoria do romance* (2009), corresponde à: “[...] história de uma alma que vai pelo mundo aprender a conhecer-se, que procura aventuras para nelas se experimentar e que, através desta prova, dá a sua medida e descobre sua própria essência.” (LUKÁCS, 2009, p. 91). Não à toa, em um diálogo com a mãe, Raíza afirma: “– Vou pedir à titia que vista uma roupa de fada e me transforme num peixe. Deve ser boa a vida de peixe de aquário – murmurei. – Deve ser fácil. Aí ficam eles dia e noite, sem se preocupar com nada, há sempre alguém para lhes dar de comer, trocar a água...” (TELLES, 2010 [1964], p. 103). A mãe, ao perceber esse desejo da filha de permanecer no claustro materno, retruca e alerta para os descaminhos do ímpeto de continuar infantil: “Uma vida fácil, sem dúvida. *Mas não boa. Não se esqueça de que eles vivem dentro de um palmo de água quando há um mar lá adiante. – No mar seriam devorados por um peixe maior, mãezinha. – Mas pelo menos lutariam. E nesse aquário não há luta, filha. [...] não há vida.*” (TELLES, 2010 [1964], p. 103).

Em *As horas nuas* (1989), último romance publicado pela escritora, deparamo-nos com Rosa Ambrósio, uma atriz senil e decadente, que narra – entre doses de uísques – a sua vida, desde os primeiros amores infantis, como sua paixão pelo primo Miguel, que morreu de overdose, bem como o matrimônio com Gregório e o envolvimento amoroso com Diogo, seu

amante, que a trocou por uma moça mais jovem. Entre fluxos íntimos de consciência e narração em terceira pessoa, Rosa retoma vivências antigas, lembranças, fama dos primeiros anos de carreira e seus idos áureos. Entre uma dessas reminiscências da infância, Rosa relata um episódio em que a Tia Lucinda, mãe de Miguel, o primo e objeto do seu desejo infantil, acolhera-o em seus braços, independentemente de ele já ser jovem e corpulento. Juntos, mãe e filho-adulto, enlearam-se aos moldes da relação entre uma mãe e um recém-nascido:

Ali estava tia Lucinda sentada na cama com Miguel nos braços. Ali estava ela no seu longo roupão de lã branca, os cabelos desfeitos, esvoaçantes, a cara branca, o olhar ausente. Fazia um ligeiro movimento de cadeira de balanço como se embalasse o filho que dormia. [...]. Nem ele, nem ela se movia. *E ele tão grande transbordando do colo da mãe.* [...]. Tia Lucinda era uma mulher pequena e ele tão grande, imenso. Vestido só com a calça do pijama azul, o tronco nu, os braços pendendo frouxos até o chão [...]. A cabeça encaracolada tombava para o peito da mãe, uma cabeça tão desvalida que cheguei a pensar em ampará-la como se corresse o risco de rolar por ali. *Mãe e filho quietos na casa quieta* (TELLES, 2010 [1989], p. 157).

Por outro lado, escapando dessas narrativas em que há reencenações, ainda que sob diferentes peles e semblantes, da claustrofobia dos primeiros tempos, da dependência absoluta, em *Ciranda de Pedra* (1954), romance inaugural de Lygia Fagundes Telles, a protagonista vive desamparada pela casa materna e paterna. Abandonada, Virgínia, filha de pais separados, oscila entre a casa de sua mãe instável e a casa do seu pai e suas irmãs, que, juntos, formam uma ciranda petrificada, que escapa incólume às tentativas de Virgínia de adentrar. No início da narrativa, observa-se a visita de Virgínia, ainda com doze anos, indo visitar o quarto de Laura, sua mãe que estava moribunda. Embora não seja dita a etiologia, há, pelo menos, na mitologia da família, uma explicação que ultrapassa à científica: outrora compondo uma tradicional família nuclear juntamente com Natércio, seu ex-esposo, e suas filhas, Laura invoca o castigo divino ao puir sua casa, traindo seu marido indo morar com Daniel, seu amante. Eis a causa da doença, segundo a própria Virgínia: “Bruna disse que se minha mãe não tivesse se separado do meu pai não estava agora assim doente. Ela acha que é castigo de Deus” (TELLES, 2010, p. 20). Com a quebra do matrimônio, seguida pela doença psíquica de Laura, Natércio se muda para uma outra casa, com suas filhas, Otávia e Bruna, enquanto Virgínia fica na casa com a mãe e seu padrasto Daniel: “Ninguém gosta de mim, ninguém! Minhas irmãs não se importam comigo e minha mãe só gosta de tio Daniel.” (TELLES, 2010, p. 20). Porém, essa cisão familiar torna-se significativa, para dificultar, o processo de amadurecimento de Virgínia, que se mostra, ao contrário de Raíza, desenraizada, uma criança sem família, posto que tanto o cosmos do Jardim Europa, onde vivem o pai e

irmãs, assim como o núcleo onde habitam sua mãe e padrasto, são inóspitos e precários para sua sustentação. Enquanto, em *Verão no aquário* (1964), Raíza é presa e se regozija em manter-se dentro dos vidros rijos do aquário familiar, em *Ciranda de Pedra* (1954), Virgínia, encontrando-se em ambientes claudicantes, é “presa para fora das casas”, desamparada pelo ambiente hostil da sua figura materna e impedida de entrar na ciranda composta por seu pai e suas irmãs:

Aproximou-se dos anõezinhos que dançavam numa roda tão natural e tão viva que pareciam ter sido petrificados em plena ciranda. No centro, o filete débil da fonte a deslizar por entre as pedras. ‘Quero entrar na roda também!’, exclamou ela apertando as mãos entrelaçadas dos anões mais próximos. Desapontou-se com a resistência dos dedos de pedra. ‘Não posso entrar? Não posso?’, repetiu mergulhando na fonte as mãos em concha. (TELLES, 2010, p. 79)

A impermanência e a escassez de âncoras se tornam mais graves após a morte de sua mãe e, doravante, a perda de Daniel, posto que é obrigada a mudar-se para a casa de Nartécio e suas irmãs. Como representante espúria da finada Laura, Virgínia, além de não ser bem recebida, é obrigada a desfazer-se de sua personalidade e de seus costumes anteriores: “Seu pai não quer que você venha com as suas roupas... Ela entrou no carro levando apenas a pasta da escola e a boneca de Otávia” (TELLES, 2010, p. 77). A repartição dos pais provoca, dentro de si, também uma cisão. Dessarte, a travessia tortuosa e claudicante de Virgínia escancara, em carne viva, como as configurações familiares interferem, positiva ou negativamente, na assunção da personalidade e do amadurecimento. Eis que a falência do matrimônio a torna vítima do drama. Agora, para conquistar um lugar e ser incluída na ciranda, terá que aniquilar-se, mutilar sua personalidade, que estava se formando – movimentos inúteis, visto a impenetrada constituição familiar do seu pai com suas irmãs: “Virgínia então subiu nos ombros do anão, ‘Vamos, abra a roda que eu quero passar!’. Perdeu o equilíbrio e sacudida por um riso forçado, deixou-se cair” (TELES, 2010, p. 73). A ciranda familiar, em uma leitura freudiana, poderia ser compreendida como um Ideal de Ego¹⁰⁸, cujo eu, para “alcançá-lo”,

¹⁰⁸ Para o pertencimento em uma massa, faz-se necessário sacrifícios pessoais, individuais e narcísicos em prol do coletivo: “Na multidão, todo sentimento, todo ato é contagioso, e isso em grau tão elevado que o indivíduo muito facilmente sacrifica seu interesse pessoal ao interesse coletivo.” (FREUD, 2020 [1921]). Assim, por meio de tais sacrifícios, o indivíduo pode congregar com os seus semelhantes e atingir, ainda que minimamente, um Ideal do Eu, ao qual: “[...] atribuímos as funções da auto-observação, da consciência moral, da censura onírica e a principal influência do recalamento. Afirmamos que ela seria a herdeira do narcisismo original [...]” (FREUD, 2020 [1921], p. 107). Para tanto, o Ideal do Eu: [...] tomaria das influências do meio ambiente as exigências que este coloca ao eu, exigências que o eu nem sempre conseguiria cumprir, de modo que o ser humano, quando não pode estar satisfeito com seu próprio eu, poderia encontrar sua satisfação no ideal do eu, que se diferenciou do eu (FREUD, 2020 [1921], p. 107).

lança mão de táticas que, por vezes, esfacelam as subjetividades no intento de compor um coletivo: para o pertencimento na massa, faz-se necessária a *negação*, o expurgo de qualquer tentativa de individualidade que escape ao figurino imposto. Por outro lado, em uma leitura winnicottiana, o movimento de Virgínia para adentrar, ainda que pelas fissuras, na ciranda de pedra parental, refere-se à confecção de um *falso self*, uma capa protetora capaz de atender às demandas que lhe suplicam. Como custo desse intercâmbio nocivo, o *self* verdadeiro se refugia nos porões do inconsciente, resultando, tanto para Virgínia quanto para os seres humanos na vida ordinária, em um: “terrível aniquilamento de sua personalidade em formação” (SANTIAGO, 2010, p. 210). Enquanto veem-se as tentativas de Virgínia de entrar em uma roda formada por anões de pedra dispostos no jardim do casarão de Natércio, observam-se, em paralelismo, seus ensaios inúteis para pertencer ao círculo de pedras familiar, formado pelos anões de pedra humanos: Bruna, Otávia e seu pai, junto com seus vizinhos, Afonso, Conrado e Letícia – cirandas nas quais, constantemente, tenta adentrar, mas é expelida. A ciranda de anões petrificados é um emblema da rigidez de círculos parentais e fraternos que a excluem e a prendem para fora. Em Lygia, o significante “anão de pedra”, em termos simbólicos, remete-se à inércia, à impossibilidade de movimentação e, ante a vida e a passagem do tempo, o sentimento de ser apenas um espectador desprezado. Não por acaso, no conto “Anão de Jardim”, presente no livro *A noite escura e mais eu* (1995), o narrador-personagem é um anão de jardim que mira, letargicamente, a decrepitude do casarão em que habita e o envenenamento do seu senhor, o Professor, *sem poder avisá-lo*, por causa da sua condição petrificada: “Hortênsia entrou aqui trazendo [...] a caneca fumegante de chá-mate. [...] E levou a caneca ao Professor [...] Ficamos sós. Então eu tive ímpetos de agarrá-lo, sacudi-lo até fazê-lo vomitar o chá, Seu idiota! Ela está te matando, te matando!” (TELLES, 2018 [1995], p. 456). Durante a narrativa, o anão de jardim é alvo fácil, sem reação, do desejo dos outros, como da urina de um cachorro, que, constantemente, vem visitá-lo, ou de uma formiga que se embrenha pelas frestas de uma rachadura em seu peito. Por causa da sua letargia, torna-se um mero espectador da vida sem poder, todavia, vivê-la:

Fui feito de pedra bastante resistente, mas há um limitante, meu nariz está carcomido e carcomidas as pontas destes dedos que seguram o meu pequeno cachimbo. E me pergunto agora, se eu fosse um anão de carne e osso não estaria (nesta altura) com estas mesmas gretas? [...]. Tanto tempo exposto aos ventos, às chuvas. E ao sol. Tudo somado, nesta minha vida onde não há vida (normal) o que me restou foi apenas isto, juntar as lembranças do que vi sem olhos de ver e do que ouvi sem ouvidos de ouvir. Presenciei, assisti

como testemunha impassível (na aparência) ao que vagarosa ou apressadamente foi se desenrolando (ou enrolando) em redor, tantos acontecimentos com gentes (TELLES, 2018 [1995], p. 452).

Ao fim do conto, após o envenenamento do seu senhor, é mais uma vez passivo diante da demolição da casa e da sua eminente própria destruição, *sem poder* sequer protestar ou gritar: “Ontem, os homens derrubaram o último muro e hoje será a vez do caramanchão, ouvi os dois combinando [...]. Deixa o anão comigo, o mais jovem lembrou [...]. Tenho pouco tempo. [...] o braço do homem se levanta e fecho os olhos. Seja feita a Vossa vontade e agora a picareta e então aceito [...]” (TELLES, 2018 [1995], p. 458). Virgínia, em *Ciranda de Pedra* (1954), assim como o anão, está *à deriva* da vontade dos outros, visto que é incapaz, dada sua condição de inércia, de movimentar-se para a existência, pois seus esforços estavam voltados substancialmente apenas para encontrar um ambiente seguro para conseguir *entrar na vida*. Aos moldes de mães deprimidas, que Winnicott investigou, que são incapazes de responderem às solicitações, os filhos ficam no terrífico lugar de alegrar e vivificar o humor da mãe, ao passo que “esquecem” do seu próprio desenvolvimento individual. No caso de Virgínia, suas tentativas debalde *não* a fazem entrar no cerco constituído por lugares bem demarcados entre o pai e suas duas irmãs:

Lançou um rápido olhar para a porta diante da qual – quantas vezes, quantas! – detivera-se ansiosa, à espera de uma palavra, um gesto. Ah! Como era importante para ela o mais ligeiro sinal de afeição. Mas sempre encontrou a porta fechada. Não seria agora que ele iria lembrar-se de abri-la... Não se aproxime muito, parecia advertir-lhe com o orgulho de animal ferido. ‘Não se aproxime tanto’, pedia a ela, principalmente a ela (TELLES, 2010, p. 127).

Em solidão e desamparo, o percurso de Virgínia se sustenta por tentativas agônicas de estabelecer laços no objetivo de conseguir, ainda que minimamente, um ambiente que lhe dê segurança, suporte e afeto – não encontrados nem no círculo familiar nem, seguidamente, em suas relações amorosas: em que pese seu (frustrado) desejo de integrar alguma “ciranda”, seus elos familiares, com seu pai e suas irmãs, assim como seus relacionamentos amorosos, com Conrado e Rogério, são sempre precários, claudicantes e ineptos para a instituição do afeto. Como uma nômade em busca de alimento, Virgínia vaga errantemente entre os núcleos, sem, contudo, encontrar um solo ambiental capaz de sustentá-la. A inércia dos anões petrificados é um sintoma da *exclusão* de Virgínia do círculo de amigos, familiares e vizinhos, que, constantemente, fazem movimentos de *desterritorialização*, a fim de expurgar a filha bastarda da união espúria de Laura e Daniel dos “puros laços familiares”. Eis o que atravessa a

personagem ao longo da narrativa: orfandade e desenraizamento (LUCENA, 2021). Já adolescente, ainda batendo, em vão, na porta das pedras que se fecharam, impedindo-a de participar emocionalmente da família, nasce em Virgínia um desejo ardente de entrar em um internato e, de algum modo, sentir-se pertencente a algum lugar e distanciar-se dos ásperos rochedos que constituíam seu lar: “Eu queria ficar interna... Queria morar no colégio mesmo. Posso? ... Por favor, pai, eu não quero morar aqui” (TELLES, 2010, p. 95). Como colocou Winnicott, em escritos como *A criança desapossada e como pode ser compensada pela falta familiar* (1950) e *Influências de grupo e a criança desajustada: o aspecto escolar* (1955), a escola e outras instituições semelhantes atuam, por vezes, como um “grande ambiente” ou, quiçá, a continuidade do ambiente materno, só que com contornos mais amplos. Enquanto em *As horas nuas* (1989) e *Verão no aquário* (1964), há ambientes preocupados patologicamente, que resultam em uma claustrofobia para os filhos e apegos excessivos da mãe; e, ao contrário, em *Ciranda de pedra* (1954), há um ambiente precário, que desemboca na orfandade psíquica de Virgínia, em *As meninas* (1973), deparamo-nos com a mãe de Lorena, que inobstante às intromissões da amiga Lia, enclausura a filha:

Minha filhinha querida. Perdi tanta coisa, mas ganhei minha filha, agora posso voltar a morar com ela. – Mas ela vai morar com a senhora? Volta pra debaixo de sua asa? Já sei, a senhora é a mãe perfeita, a minha também, mas por isso mesmo tem que cortar o cordão umbilical, entende? Senão ele enrola no pescoço da gente, acaba estrangulando. Castrando. Me desculpe, mas acho essa ideia mais errada do mundo. Se o filho está estruturado tem que voar fora do ninho o mais depressa possível pra não acabar aquela coisa que a gente conhece [...] (TELLES, 2009 [1973], p. 169).

A mãe suficientemente boa, como afiançara Winnicott, é aquela que fornece o ambiente para o ainda não-bebê dos primeiros anos, mas, com amadurecimento do filho, é capaz de liberá-lo para a existência, “castrando-o”, a fim de não “estrangulá-lo” com seus cuidados. Trata-se de um movimento de dar condições, como diz Lia acima, do filho se estruturar para, no fim, “voar para fora do ninho”. Ou seja, como posto na fala de Lia, a mãe suficientemente boa é aquela que é capaz de, com o tempo, cortar o cordão umbilical e autorizar ao seu filho voos rumo à independência. Essa movimentação materna ocorre suficientemente bem no conto “O menino”, presente no livro *Antes do baile verde* (1970), de Lygia. Nos primeiros momentos, deparamo-nos com uma criança já crescida, mas submissa e encantada por sua mãe: “Sentou-se num tamborete, fincou os cotovelos nos joelhos, apoiou o queixo nas mãos e ficou olhando para a mãe. [...]. O menino afundou a cabeça no colo perfumado. Quando não havia ninguém olhando, achava maravilhoso ser afagado *como uma criancinha*.” (TELLES, 2018 [1970], p. 134). Conquanto tivesse pai, a narrativa, em terceira

pessoa, apresenta-o apenas ao final, talvez para testemunhar o seu silenciamento funcional, como também a sua precariedade de constituir o matrimônio. A mãe, em uma das idas ao cinema com o filho, demarca o lugar de um terceiro, um amante, que senta ao lado – na poltrona *desocupada* do pai biológico –, e é capaz de desiludir e desestruturar o menino: “Olha aí, mamãe, acho que aquele homem vem pra cá!”. Veio. Veio e sentou-se na poltrona vazia ao lado dela.” (TELLES, 2018 [1970], p. 137). Antes disso, a mãe começa a “desmamar”, *negando* – o seio – ao filho, quando, por exemplo, não conseguindo ver a tela do cinema, pede à mãe que troque de lugar, mas essa súplica não lhe é atendida: “[...] não estou enxergando direito, mãe! Troca comigo que não estou enxergando! Ela apertou-lhe o braço. Esse gesto ele conhecia bem e significava apenas: não insista! [...] – Não quero que mude de lugar, está me escutando? Não quero. E não insista mais.” (TELLES, 2018 [1970], p. 137). Com efeito, ao ver o outro sentado ao lado da mãe, percebendo que, para além dele, aquela mulher que estava ao seu lado, tem outros interesses que extrapolam a maternidade, o menino se angustia: eis a aflição do desmame; a saída agônica da Terra do Nunca: “O menino continuou olhando, imóvel. Pasmado. Por que a mãe fazia aquilo?! Por que a mãe fazia aquilo?!... Ficou olhando sem nenhum gesto.” (TELLES, 2018 [1970], p. 138). Assim, nas narrativas lygianas, a família e suas funções escapam aos ditames nucleares e prototípicos. No conto “O menino” não é o pai biológico que abala a ilusão onipotente da criança, mas o amante da mãe, que entra como um terceiro na díade mãe-filho.

Para além de determinantes genéticos, a ancoragem subjetiva da filiação, em Lygia, lança-se, e, por vezes, estilhaça-se, no muro do desejo dos pais – ou de um dos pais –, que forja um laço social. Outras vezes, a escritura lygiana incorpora os discursos modernos e contemporâneos, que abordam as novas configurações familiares, capazes de extrapolar as meras convenções socioculturais sobre o que é “família” – compreendida, prototipicamente, sob os ditames do tradicionalismo nuclear. Enquanto em “O menino”, a mulher (mãe) trai o esposo, invertendo a lógica patriarcal que outorgava a traição apenas ao homem, e, por conseguinte, integra o terceiro, o amante, na relação entre ela e o filho, no conto “WM”, contido no livro *Seminário dos ratos* (1977), compreende-se o deslocamento da função materna na cadeia de significantes, sobrepujando a convenção tradicional de que mãe é a que parteja o filho. Na narrativa, ao passo que a mãe é uma artista famosa, envolta por vários homens e dedicada aos seus quadros, é a irmã mais velha, Wanda, que *materna* Wlado, seu irmão mais novo: “era Wanda quem cuidava de mim, quem me contava histórias [...]. Mamãe era uma atriz famosa, mas agitada como um vento de tempestade. [...]. Leva esse menino daqui, gritou certa vez. Wanda me consolou com um sorvete de chocolate e com a história do

Martinho Pescador.” (TELLES, 2018 [1977], p. 206). Capaz de venturosamente desestruturar as frágeis engrenagens que sustentam a família e os laços de parentesco, sejam arcaicas sejam novas indumentárias, na ficção de Lygia Fagundes Telles, das narrativas curtas às longas, antever-se, pelas frestas da fechadura do seu núcleo, o “paraíso perdido da infância” e os seus primeiros associados, do mesmo modo que se compreende as âncoras lançadas, ambientes ora inóspitos ora precários ora ainda claustrofóbicos, que cercam os indivíduos que neles povoam – ou não.

Responsável pela constituição mosaica do indivíduo, a família, em Telles, perde, por vezes, seus pilares, pela sociedade e cultura, sulcados: o lugar psíquico e social, remodelando a compreensão de “função materna” e “função paterna”, abala-se e se intercambia. Em outros termos, a colagem dos atores em seus lugares funcionais – ora inóspitos ora sufocantes –, nos alfarrábios lygianos, não se torna tão direta, posto que os caminhos psíquicos dos personagens são tortuosos; bem como determinados papéis e posições, na dança de cadeiras da parentalidade, mostram-se porosos para as suas assunções ou funcionamentos sólidos. Alçando a família ao palco das relações libidinais, históricas e políticas, as quais, simbolicamente articuladas, lançam (ou não) bases, precárias ou rijas, onde trafega a criança, a escrita da *Dama da Literatura* situa o indivíduo (criança, jovem ou adulto) quer no seu próprio desejo quer no jogo do desejo do fantasma dos pais. Não por acaso, Freud, n’*O romance familiar dos neuróticos* (1909), consigna: “[...] o progresso da sociedade baseia-se nessa oposição entre as duas gerações.” (FREUD, 2015 [1909], p. 420). Com o desenvolvimento emocional, é natural que a criança se desiluda em relação aos pais e perca a idealização dos primeiros tempos, autorizada pela própria família. A “rebeldia” e desobediência¹⁰⁹, típicas da adolescência e da juventude, são, quando suficientemente bons, bem-vindos para a própria independência. Por vezes, os pais, em uma continuação psicopatológica da “preocupação materna primária”, cerceiam os movimentos de liberdade do filho, manejando-o como se ainda fosse um pequeno rebento. Ou, em outros casos, por exemplo, na posição confortável de estar sob a tutela e proteção materna e paterna, o filho, embora maduro, satisfaz-se com o primeiro lar e se nega a sair para o mundo.

¹⁰⁹ Com o progressivo desenvolvimento intelectual, porém, torna-se inevitável que a criança perceba gradualmente a que categorias pertencem os pais. [...]. Pequenos acontecimentos na vida da criança, que nela provocam insatisfação, fornecem-lhe o ensejo para iniciar a crítica aos pais e empregar, nessa atitude contrária a eles, o recém-adquirido conhecimento de que outros pais são preferíveis em vários aspectos (FREUD, 2015 [1909], p. 420).

3.3 REGÚGIOS APRISIONANTES, AMBIENTES CLAUSTROFÓBICOS: ANÁLISE DO CONTO “A FUGA”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Publicado, pela primeira vez, em 1991, no livro *A estrutura da bolha de sabão*, o conto *A fuga* divide a mesma ‘lombada’ com outros contos célebres e, conforme os críticos, testemunhas da maturidade poética, da Dama da Literatura, quais sejam: *A medalha*; *A confissão de Leotina*; *Gaby*; *O Espartilho*; *A Missa do Galo* (*Variações sobre o mesmo tema*); e, o homônimo ao título da coletânea, *A estrutura da bolha de sabão*. À guisa de explicar o motivo que escolhera o título para o seu livro, Lygia diz, na apresentação, que, enquanto tomava café, Paulo Emílio, seu marido, conta que conhecera um jovem físico¹¹⁰ em Paris, que estudava a estrutura da bolha de sabão: “Encarei o Paulo com espanto, a estrutura da bolha de sabão?!... Mas a bolha de sabão não tem nenhuma estrutura, ah! essas bolas eu conhecia desde a infância, quando nos vastos quintais colhia no mamoeiro o canudo mais fino, enchia a caneca d’água com sabão diluído [...]” (TELLES, 2010, p. 3). Nesse relato autobiográfico, continua a escritora, com reminiscências de sua infância e suas brincadeiras com bolas de sabão: “descobri que as bolas nasciam maiores, mas aumentavam os perigos e eu avisando, Olha o armário, a vidraça! Estouravam e pela parede escorria aquele fio de espuma.” (TELLES, 2010, p. 3, grifo nosso). Perícia nas pequenas coisas, como formigas, chaves, ratos e folhas. Nesse relato, autobiograficamente poético, localizado no lugar transicional entre a *invenção e a memória*, com verniz das tramas da infância – ao passo que é impossível criar uma bolha de sabão sem soprá-la, deixando-a livremente voar rumo à independência, o preço da maturidade, das bolhas maiores –, as reminiscências reivindicam, devido aos perigos do mundo externo, uma determinada integração da estrutura da bolha: a coluna temática que atravessa os contos dessa coletânea. Nas resenhas da primeira publicação, o crítico literário Nogueira Moutinho, além de perfrasear Lygia como a “pesquisadora de almas”, consigna: “Esses oito contos [...] apresentam entre si uma unidade perfeita. [...]. Contudo em todos pulsa com idêntica intensidade o fluxo patológico do real e do irreal – fluxo que imprime às ficções da escritora uma instigante pungência, com seu grão de acaso, de loucura e de imprevisto.” (MOUTINHO, 1998, p. 5). Já Michel Nuridsany, no jornal *Le figaro*, de Paris, declara: “Consegue com prodigiosa força e sutileza exprimir a diversidade e os contrastes por meio de uma linguagem extremamente flexível e que se ajusta a todas as metamorfoses, seja de forma apenas alusiva, seca ou com envolvimento e fascínio.” (NURIDSANY, 1998, p. 5). Na edição

¹¹⁰ Em *Da delicadeza*, conto presente em *A disciplina do amor* (1998), o narrador lygiano, mais uma vez, fala acerca desse mesmo físico: “O amigo francês era outro delicado, físico raro que estudava a estrutura da bolha de sabão.” (TELLES, 2010b [1998], p. 42).

publicada pela Companhia das Letras, no posfácio, Alfredo Bosi (2010) afiança o traço de psicologia social que se infiltra, sob uma construção em camadas, pelas fissuras íntimas, até chegar ao núcleo essencial, que está clandestinamente encoberto nos personagens lygianos. Não por acaso, essa arqueologia da Dama da Literatura, que coloca a escrita literária na relação entre ‘camadas’ e ‘âmago’, fora descrita pela voz narrativa do conto *Verde Lagarto Amarelo*, presente em *Antes do baile verde* (1970): “Com a ponta da língua pude sentir a semente apontando sob a polpa. O sumo ácido inundou-me a boca. Cuspi a semente: *assim queria escrever, indo ao âmago do âmago até sentir a semente resguardada lá no fundo como um feto.*” (TELLES, 2018 [1970], p. 23, grifo nosso).

No conto *A fuga* (1991), deparamo-nos, primordialmente, com uma fuga, ainda sem saber de onde, de Rafael, um personagem de 20 anos que se sentia sufocado, por ter sido um cárcere no próprio local que, há muito, fora também uma prisão e que, agora, estava abandonando: “Rafael abriu o portão e correu para a rua. Sentia-se sufocado prisioneiro de uma nebulosa espessa que o arrebatara e agora o levava para longe daquela COISA medonha que ficara para trás.” (TELLES, 2018 [1991], p. 307). Como um detento que fugira, na surdina, de uma cadeia de segurança máxima, Rafael, após atravessar o portão, corre alucinante e freneticamente, a fim de não ser capturado pelos seus carrascos e não se enlear na atmosfera espessa e teratológica que envernizava o local de onde fugira: “Entregou-se num desfalecimento à viscosidade nevoenta e rolou ladeira abaixo. Não podia saber o que era, não se lembrava, mas tinha certeza que era algo monstruoso, monstruoso demais, NÃO QUERO SABER! JÁ ESQUECI!...” (TELLES, 2018 [1991], p. 307). Saíra tão às presas, com medo de que seus perseguidores o capturassem no momento da fuga, que esquecera, em casa, o seu relógio e os cigarros: “[...] já passava do meio-dia, concluiu arregaçando a manga. Esquecera o relógio em cima da cômoda. Apalpou os bolsos. Também os cigarros.” (TELLES, 2018 [1991], p. 308). Numa progressão em terceira pessoa, com um narrador onisciente, o leitor se torna um *voyeur*, um espectador da lancinante e agônica escapatória do personagem, de uma masmorra ainda desconhecida, não apresentada: “A nebulosa chocou-se de encontro a uma e num gesto desvairado, rasgando a névoa, Rafael precipitou-se para fora. Arquejando, os olhos esbugalhados, ele se apoiou na árvore. [...]. Meu Deus, meu Deus! Enxugou no punho da camisa as lágrimas misturadas ao suor.” (TELLES, 2018 [1991], p. 307).

Inclusive, igualmente a um bebê que acabou de sair do ventre, cujos olhos, acostumados com a soturna ‘caverna’ da barriga da mãe, enfrentam a luminosidade desmedida do mundo externo ou como detentos que, após saírem da escura solitária, para irem ao banho de sol, têm seus olhos dilatados bruscamente, Rafael, *semelhante a esses bebês*

e a esses presidiários, incomoda-se e, com a liberdade, regozija-se com os raios solares que, há tempos, ao que parece, não os vira: “Rafael foi andando devagar, os olhos feridos pela luminosidade. Beleza de dia. Inclinou a cabeça oferecendo a cara ao sol, tão agudo desejo.” (TELLES, 2018 [1991], p. 308). No decorrer da narrativa, apreende-se, através das reminiscências de Rafael, as *memórias do cárcere* ou suas *memórias do subsolo*. Sabe-se, dessa forma, que o local de onde fugira era a sua própria casa e os carrascos, que o enjaularam, eram seus próprios pais e que, exceto daquela vez, nunca fora tão longe de casa – ainda que fossem apenas seis quarteirões de distância: “Exausto mas tranquilo. Espantou-se, agradavelmente surpreendido: tranquilo, sim, não era estranho? Essa tranquilidade depois do pânico. [...]. Olhou para trás. Nunca tinha corrido tanto, seis quarteirões de sua casa àquela árvore.” (TELLES, 2018 [1991], p. 307). Ainda que não se trate, de fato, de um ‘sequestro’, trata-se de uma espécie de prisão domiciliar, um cárcere privado, não porque Rafael estava amarrado fisicamente, mas, preso aos excessivos cuidados e vigilâncias dos pais, era *impedido* de se afastar, ainda que desejasse, do ambiente domiciliar – o colo que *nunca* falha: “Ah, se os velhos soubessem! O pai com a bigodeira eriçada, se segurando para não gritar: ‘Você sabe, menino, você sabe que não pode correr!’. E aquele *sabe* pesado de significação. A mãe desolada, concordando num eco: ‘Ora, filho, você *sabe* que não deve se cansar.’” (TELLES, 2018 [1991], p. 307). Eis, na narrativa, o desejo de muitos pais de, tolhendo a liberdade do filho adulto, circunscrevê-lo nas dependências tutelares, mantendo-o, narcisicamente, imbricado nos desejos alheios, cujos motivos, escusos, são múltiplos, seja por causa de solidão dos próprios pais seja por medo do filho sofrer danos e lesões infringidas “pelo mundo externo”, por exemplo:

[...] com demasiada frequência, vemos bebês e crianças servirem de fetiches ou animaizinhos domésticos para adultos que parecem só cuidar deles para desfrutar de sua posse exclusiva para abraçá-los, dar-lhes ordens, vesti-los e servir-se deles para *parasitá-los*, a fim de preencher sua própria solidão (DOLTO, 2006 [1972], p. 239).

À medida que a criança evolui, partindo do claudicante engatinhar no colo para passos cada vez mais firmes no chão do desenvolvimento emocional, a mãe suficientemente boa é capaz de abandonar o estado de preocupação materna primária e retomar seus afazeres para além do bebê: “A mãe emergirá deste estado de devoção espontânea, e logo voltará a sua escrivadinha, ou a escrever novelas, ou a uma vida social junto com seu esposo, mas nesse período [de preocupação materna] ela está nisto até o pescoço” (WINNICOTT 2013a, [1963], p. 83 – 84). Se tudo desenvolver suficientemente bem, a criança desloca-se da dependência absoluta, passa pela dependência relativa e segue *rumo à independência*. Em Winnicott,

nunca há uma independência absoluta, por isso que é uma “teoria da dependência”; se o “homem é um animal político”, como observou Aristóteles, é *impossível viver sem o outro*, sem uma mínima dependência. Ainda *rumo à independência*, no inconsciente adulto, há vestígios dos primeiros cuidados ambientais e dos primeiros tempos, como testemunha o narrador de *Demian* (1919), de Hermann Hesse: “Todos levam consigo, até o fim, viscosidades e cascas de ovo de um mundo primitivo. Há os que não chegam jamais a ser homens, e continuam sendo rãs, esquilos ou formigas. Outros que são homens da cintura para cima [...]. Mas, cada um deles é um impulso em direção ao ser.” (HESSE, 2012 [1910], p. 10). Se, por um lado, há mães que não entram ou ingressam de modo precário na preocupação primária, existe um semblante narcísico e possessivo da maternidade: a mãe *incapaz de sair*, homeopaticamente, desse estado (quase) psicótico de atender diligentemente às necessidades do bebê. Essas mães, dessa maneira, sustentam um claustro ambiental, que, aprisionando, sufoca a criança em seus enleios. A mãe que é *incapaz de falhar* e que é *completamente boa* não permite gestos criativos da criança; mostra-se tão terrífica quanto à mãe que, depressiva, não ofertou colo, nos primeiros tempos:

É normal que a mãe vá recuperando seus interesses próprios à medida que a criança lhe permite fazê-lo. A *mãe patologicamente preocupada* não só permanece identificada a seu bebê por um tempo demais, como também abandona de súbito a preocupação com a criança, substituindo-a pela preocupação que tinha antes do nascimento desta. [...]. [Essa] mãe doente é incapaz de desmamar [...] (WINNICOTT, 2011, p. 16, grifo nosso).

Com pais superprotetores, o desmame impossível, além de interditar o crescimento e a autenticidade, deixam os filhos, por vezes, aflitos e ansiosos. Sempre desejando atender aos pais, a criança (sobre)vive com o seu falso *self* (WINNICOTT, 2011 [1965]). Por isso que as pequenas falhas¹¹¹, quando diminutamente ofertadas, são fundamentais para o crescimento da criança. Refere-se, pois, a passagem de uma redoma, uma estufa, com o tempo abafante, para uma vida no mundo; insta-se o deslocamento de uma simbiose primordial, empreendida pela mãe, para o estabelecimento de um ser espontâneo e criativo, capaz de responsabilizar-se por suas ações. Nessa transição, ocorre uma ruptura, uma descostura dos fios mãe-filho, já puídos, outrora enleados. Se a submissão é a única opção frente a uma mãe ditadora, que se impõe, resta criar uma “fachada”, um falso *self*, que será a sua apresentação, para a apreciação alheia – a submissão é a única opção para a sobrevivência. Em uma perspectiva winnicottiana,

¹¹¹ “[...] as falhas do ambiente tornam-se aceitáveis, compreensíveis, e mesmo toleráveis.” (WINNICOTT, 2000c [1954], p. 312).

desponta-se a dicotomia materna: de um lado, sobressai a mãe saudável, que se envereda em outras atividades, emancipa-se da amamentação, abandona a identificação primordial e viabiliza o florescimento do infante, concedendo-lhe a liberdade para desbravar o vasto mundo; por outro vértice, a maternidade enclausurante e tirânica revela-se incapaz de autorizar a fuga da prole, e, quiçá, do adulto – condenado perpetuamente a um estado infantil. Nessa letargia, retém os cuidados e a atenção para com o rebento, preferindo mantê-lo em sua dependência a lidar com o crescimento que instiga a independência e o desafio.

Há, nesse ínterim, aquelas progenitoras cujos interesses pessoais se mostram inarredáveis, impedindo que se mergulhe na órbita da preocupação primordial e do cultivo de um ambiente propício, ao passo que, em um extremo oposto, despontam mães dedicadas e zelosas, que se imiscuem numa constante vigilância, sem falhas, conduzindo a prole a uma condição de “preocupação patológica”. Eis o perfil opressor e despótico da figura materna, que padece da aptidão em permitir a autônoma emancipação do infante – predestinado à infundável condição de puerilidade. Essa mãe, letargicamente arraigada à sua posição, deleitando-se em sentir-se maternal quando o rebento se encontra sujeito a sua dependência, sofre ao testemunhar a inclinação dos filhos ao desprendimento, à independência e à inquirição. Ademais, enquanto imperam mães cujos interesses pessoais se mostram inexoráveis e inalcançáveis, relegando-as a não se mergulharem na sinergia da preocupação primordial e no provimento de um ambiente aprazível e acolhedor; no extremo oposto, subsistem as progenitoras em constante devoção e inquietude, cuja dedicação inquebrantável engendra o transmutar da criança em um objeto. Os pais, como percebera Winnicott (2011 [1975]), assombrados ante o crescimento, tendem a movimentos de aprisionamento, infantilizando os filhos e os tornando subservientes dos cuidados sem validade. Por isso que, o “passeio” com o bebê é, não raras vezes, fundamental para o desenvolvimento, posto que se trata de movimentos ensaísticos rumo à independência, assim como é um modo homeopático de apresentação do mundo externo:

Também o *passeio* é indispensável para o lactente. Quantas crianças vemos permanecerem *encerradas*, todas cobertas num quarto com as janelas abertas, a pretexto de que os sacolejões são prejudiciais a seu cérebro pequenino? Ora, seu cérebro pequenino, no útero, já viu outros abalos. E, carregada pela mãe ou num carrinho de criança, cujas molas são preparadas para esse fim, o *bebê fica muito melhor, misturado com a vida da cidade, do que encerrado entre quatro paredes de seu quarto* (DOLTO, 2006 [1972], p. 248, grifo nosso).

No conto, ao contrário dos passeios que mães e pais suficientemente bons empreendem – itinerários emancipatórios –, os pais de Rafael o aprisionam, por preocupações excessivas, nos cercados da casa, separando-o do mundo e o mantendo circunscrito ao colo: “A preocupação causada pelo cuidado com os bebês provocou nas mães a preguiça de levá-los para passear, carregando-os no colo [...]” (DOLTO, 2006 [1972], p. 248). Coube a Rafael, ante os cuidados desmedidos e as falhas impossíveis – as falhas que falham – do ambiente familiar, empreender sua fuga: seu caminho rumo à independência. Percebe-se, pelos pensamentos de Rafael que, já com 20 anos, integrado e *capaz de estar só*, desejava sair, libertar-se dos cuidados que lhes endereçavam, como se ainda estivesse nos primeiros tempos: “Rafael endireitou o corpo. Apertou a boca obstinada. ‘Sei que tenho vinte anos, ouviram bem? Vinte anos! [...]. Só sei que tenho vinte anos, paizinho. *Cresci, compreendeu?* E quero viver. *Vi-ver.*’” (TELLES, 2018 [1991], p. 307). Winnicott, em *A família e o desenvolvimento individual* (2011 [1965]) consigna que, nos primeiros tempos, a família converte-se num “cercado”, com vistas a sustentar a imaturidade da criança. Partindo dos braços e do colo da mãe, que envolve e se adapta às necessidades do pequeno rebento, necessita-se que, aos poucos, ocorram desadaptações¹¹². O cercado materno e familiar, necessário para os primeiros tempos, deve alargar-se, permitindo que a criança já desenvolvida se vincule a um novo grupo, um novo cercamento mais amplo. Convém acentuar que a saída de casa e a ida à floresta é um deslocamento fundamental, mas, ao mesmo tempo, amedrontador¹¹³ – lobos esperam Chapeuzinho, bruxas aguardam João e Maria e ogros famintos por crianças: “[...] a saída do cercado é a um só tempo estimulante e amedrontador; que, uma vez do lado de fora, é doloroso para a criança perceber que não pode retornar; e que a vida é uma longa sequência de saídas de cercados, riscos e desafios novos e estimulantes.” (WINNICOTT, 2011 [1965], p. 33). Capaz de espiar a travessia humana, do lar à horrífica floresta que é o mundo externo, a voz poética, no trecho “East Coker”¹¹⁴, dos *Quatro Quartetos*, de T. S. Eliot, declara: “O lar

¹¹² “[...] dá-se à mãe cada vez mais a possibilidade de ser malsucedida nessa adaptação e isso ocorre porque a mente e os processos intelectuais da criança tornam-se capazes de levar em conta e logo permitir certas falhas de adaptação. [...]. Na criação de um filho, a mãe é dependente dos processos intelectuais deste, e, são eles que aos poucos e tornam apta a readquirir sua vida própria.” (WINNICOTT, 2011 [1965], p. 7).

¹¹³ “As falhas gradativas maternas são promotoras e facilitadoras de novas conquistas, entre elas a capacidade de acionar recursos para dar conta de si mesmo diante dessas falhas. De fundamental importância, no entanto, é que nesse contexto ocorre a separação do par e o bebê começa a se dar conta de sua existência como separada da mãe. Os *medos*, sejam normais ou patológicos, pertencentes a essa etapa estão relacionados à estabilização desse novo status identitário pelo qual se inaugura outra modalidade de relação com o outro, com as coisas e com o mundo, condição provida pelos cuidados e sobrevivência materna. A partir desse ponto maturacional, seja este de que existe a unidade, o aspecto da segurança entra no cenário. Dito de outro modo, o *medo* se arvora numa possível defesa, um recurso de alerta diante do sentido de ameaça à segurança que a pessoa pode e está experimentando.” (PONDÉ, 2015, p. 25).

¹¹⁴ Versos utilizados por Winnicott na epígrafe do livro *Tudo começa em casa* (1986).

é nosso ponto de partida. À medida que crescemos. O mundo se torna mais estranho, mais complexos os padrões.” (ELIOT, 1981, p. 88). Na narrativa lygiana, o ‘choque de realidade’ é promovido pelo próprio filho, uma vez que os pais, incapazes de libertá-lo para a vida, aprisionam-no em suas grades de cuidados. Erguendo “os muros de Berlim”, homônimo texto *cultural* de Winnicott, escrito em 1969, a mãe e o pai ditadores, que dominam e tolhem as liberdades do filho em crescimento, assemelham-se a um governo tirânico que submete o povo às diversas formas de opressão e vigilância (WINNICOTT, 1999g [1969]). Por outro lado, a massa popular, bem como o filho, por vezes, acaba por ceder sua espontaneidade e originalidade em troca da manutenção regulada pelo ditador “ambiental”.

Winnicott – e Freud – não diferencia a psicologia social da psicologia individual¹¹⁵; por isso que, em alguns dos seus textos considerados sociopolíticos, ao passo que é possível fazer uma leitura do mundo e das massas, pode-se debruçar-se sobre as questões mais labirínticas do psíquico, ademais, inversamente, o entendimento do cuidado ambiental contribui para a compreensão da cultura – não por acaso, Winnicott escreve *A contribuição da mãe para a sociedade* (1999m[1989]). Em período de pós-Segunda Guerra, Guerra Fria e em momentos de ascensão e queda de regimes totalitários, Winnicott escreve textos capazes de compreender as ditaduras – políticas e *maternas* –, as vicissitudes da democracia e da *liberdade*, que, às vezes, *não chega a algumas crianças*. No conto de Lygia, a travessia do colo à sociedade, da primeira instituição (mãe-bebê) à instituição mais ampla, ocorre através de um itinerário *não tão* direto: remete-se mais a uma cidadania ou uma independência conquistada, a duras penas, pela criança – pelo menos, pelo adulto de 20 anos infantilizado – a contragosto da mãe e do pai. O tão sonhado *desejo de “viver”*, de Rafael, remete ao intento, próprio da clínica winnicottiana, de permitir que o paciente sinta-se real, tenha uma vida que vale a pena ser vivida: “Uma das grandes preocupações[...] é o ‘acontecer humano’, a partir do reconhecimento do bebê da sua existência e do momento em que ele consegue diferenciar o ‘eu’ do ‘não eu’.” (GOMES, 2017, p. 158). Estar eternamente dependente do ambiente materno acarreta, por consequência, a perda dos gestos criativos, da autenticidade e, em termos winnicottianos, prevalece o sentimento de irreidade e de uma vida que *não* vale a pena ser vivida¹¹⁶: “A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à ideia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida. [...] viver criativamente

¹¹⁵ “Na vida psíquica do indivíduo, o outro entra em consideração de maneira bem regular como modelo, objeto, ajudante e adversário, e, por isso, desde o princípio, a psicologia individual também é ao mesmo tempo psicologia social nesse sentido ampliado, porém inteiramente legítimo.” (FREUD, 2020 [1921], p. 35).

¹¹⁶ “O que faz com que a vida valha a pena ser vivida é justamente a possibilidade de agir por si mesmo, com base em uma individualidade que não é constituída reativamente ou, noutros termos, em uma ação que pode ser caracterizada como criativa ou espontânea.” (FULGÊNCIO, 2016, p. 70).

constitui um estado saudável, e de que a submissão é uma base doentia para a vida.” (WINNICOTT, 2019b, p. 108).

Em oposição ao viver criativo¹¹⁷ e, espontaneamente, em contraparte à vida que vale a pena ser vivida e sentir-se real¹¹⁸, tem-se a submissão ao ambiente materno, que aniquila a existência e a possibilidade de agir por si mesmo, deixando a vida frívola e sem sentido. *Independência ou morte*¹¹⁹! Ao longo do conto, percebe-se que, asfixiado no próprio lar, visto que seus pais o monitoravam com severa insistência, Rafael queria ser independente, sair das barras das saias parentais. Por isso que, na diegese, conquanto sem destino certo, o desejo de Rafael, depois de tanto tempo letárgico no colo, dentro dos braços maternos e paternos, era, mapeando autêntica e criativamente seu próprio caminho, engatinhar rumo à independência: “Queria andar, isso sim, ir andando sem destino, um convalescente debaixo do sol. Tão bom convalescer, voltar aos poucos ao dia a dia, verificar que tudo continuava igual, as ruas. As casas. O sol.” (TELLES, 2018 [1991], p. 308). A conquista do “viver” de Rafael, *a entrada para a vida*, só é possível através da rebeldia, do desrespeitar os pais. A fuga realizada, nesse caso, pode ser compreendida como uma petulância necessária para adquirir a liberdade. As “agressões” ao ambiente, como sinais de revolta por parte da criança enclausurada, por vezes, são movimentos fundamentais para a saída do claustro, pois são sinalizações para a mãe que, hipnotizada em sua função, não percebe a necessidade de deixar o filho partir. Em uma comunicação silenciosa, a criança sinaliza, através de uma agressiva insubmissão, seu incômodo, desafiando e, por vezes, odiando o ambiente familiar. Winnicott vislumbra uma agressividade que, fundamental para o desenvolvimento pessoal, reverbera-se sob a forma de insubmissões reconhecidas¹²⁰. Para o verdadeiro desenvolvimento, tem-se que flertar –

¹¹⁷ “A vida winnicottiana que vale a pena é composta por uma série de conquistas alcançadas ao longo do processo de amadurecimento, que vai do nascimento até a morte. A reunião, ainda que parcial, e o uso, até inconstante, das conquistas dessa saga maturacional é a vida criativa: a realização, sempre na dependência de um ambiente facilitador, do potencial herdado na natureza humana como expressão pessoal. Esse potencial inclui capacidades inatas de desempenho (criatividade primária, talentos etc.), bem como tendências inatas para o crescimento físico, o desenvolvimento emocional e mental e a socialização. Inclui, sobretudo, a tendência para a integração, a partir do si-mesmo espontâneo, verdadeiro, dotado de criatividade primária, de todas essas aquisições numa personalidade unida e autônoma.” (LOPARIC, 2022b, p. 3).

¹¹⁸ “Existir no mundo, sentir-se real e se sentir no mundo real, estabelecer relações a partir de uma posição de ser não são coisas dadas, mas conquistas do amadurecimento; para se realizarem, requerem condições; na ausência dessas condições, as conquistas podem fracassar.” (DIAS, 2015, p. 9).

¹¹⁹ Consagrada pela pintura de Pedro Américo, em 1888, a sentença faz referência à suposta declaração de D. Pedro I, em 7 de setembro de 1822, que instituiu a independência da colônia brasileira de terras portuguesas.

¹²⁰ “Em ‘Psicanálise e senso de culpa’, ele se refere às ‘inumeráveis repetições espalhadas por um período de tempo’, que ele chama de ‘círculo benigno’, que constitui o estágio da preocupação: – experiência pulsional; – aceitação de responsabilidade (pelo bebê), o que é chamado de culpa; – um resolver dessas questões; – um gesto restitutivo verdadeiro. Esse círculo benigno depende da compreensão da mãe [...]. Ele depende, escreve Winnicott, ‘da capacidade da mãe de sobreviver ao momento pulsional, e então de estar lá para receber e compreender o gesto reparador verdadeiro’” (PHILLIPS, 2006, p. 157).

suficientemente bem – com rebeldia, desobediência e insubmissão, a fim de que o cercado familiar, às vezes sufocante, esgarce-se:

Na rebeldia, o indivíduo rompe o círculo imediato que o envolve e dá segurança. Mas duas coisas são necessárias para que esse rompimento seja vantajoso. O indivíduo precisa inserir-se num círculo mais amplo que esteja pronto a aceitá-lo, o que equivale a dizer que ele tem necessidade de retornar à situação rompida. Na prática, a criança precisa sair do colo da mãe, mas não daí para o espaço sideral; esse afastamento deve dar-se em direção a uma área maior, mas ainda sujeita a controle: algo que simbolize o colo que a criança abandonou. Uma criança mais velha foge de casa, mas só até a cerca do jardim. A cerca simboliza agora aquele aspecto de holding mais estreito que acabou de ser rompido: a casa, digamos. Mais tarde, a criança elabora tudo isso quando vai à escola e entra em relação com grupos fora do lar. Cada um desses grupos representa uma fuga de casa; mas, ao mesmo tempo, todos simbolizam esse lar que foi deixado para trás e, na fantasia, destruído (WINNICOTT, 2011 [1965], p. 80).

Para existir no mundo, assim como viver de modo saudável, o indivíduo deve ser capaz de quebrar as cascas familiares que o revestem e tentam mantê-lo no ninho por mais tempo que o necessário, como percebe a voz narrativa em *Demian* (1910): “A ave sai do ovo. O ovo é o mundo. Quem quiser nascer tem que destruir um mundo.” (HESSE, 2012 [1910], p. 83). A relação entre a imagética do ovo e a função familiar reaparece, estética e arquetipicamente, por exemplo, no conto “O ovo e a galinha”, presente no livro *A legião estrangeira* (1964), de Clarice Lispector: “Ovo é coisa que precisa tomar cuidado. Por isso a galinha é o disfarce do ovo. Para que o ovo atravessasse os tempos a galinha existe. *Mãe é para isso.*” (LISPECTOR, 1999 [1964], p. 35). Se, em Clarice, o narrador sustenta a importância da mãe-galinha, a fim de proteger e permitir que o ovo-filho atravessasse algumas fases, em Hesse, tem-se a necessidade de o filho quebrar o ovo e o ninho materno para conquistar sua liberdade e “ser”, enquanto sujeito autônomo. Por isso que o ser humano se desenvolve por meio de um processo dialético de ruína e superação, de queda e elevação, de angústia e alegria; por meio de rupturas, o ser parte de uma imaturidade *rumo ao amadurecimento* – visto como um processo contínuo e não uma finalidade. Sempre engatinhando, trata-se mais de um *lugar* onde firma os joelhos e as palmas das mãos: se, em um primeiro momento, era no colo da mãe, em um outro, é saudável que seja no colo da cultura. Para a mudança do paradigma, a fim de se tornar autêntico e criativo, tem-se que flertar com a petulância e, quiçá, a rebeldia: “[...] a rebelião pertence à liberdade que vocês [pais] deram a seus filhos, quando os criaram de modo a que eles existissem por si próprios. Poder-se-ia dizer, em alguns

momentos: ‘Você semeou um bebê e colheu uma bomba’” (WINNICOTT, 1999f [1968], p. 155).

Eis as insígnias da agressividade e da destrutividade¹²¹, por vezes, necessárias, para criar ranhuras no insalubre cativeiro familiar e movimentar-se rumo à independência¹²². Os pais de Rafael, no conto de Lygia, arautos dos cuidados desmedidos – excessivamente bons –, empreendem-nos, permanecendo inertes na condição de “preocupação primária”, endereçando, ao filho já crescido, cuidados *excessivamente* bons, como se ainda fosse um pequeno rebento que necessita do manejo e sustento do colo materno: “Mas por que se preocupavam tanto com ele? *Como se ainda fosse um nenê*. Riu. ‘Queridos paizinhos, o nenê já tem uma amante’.” (TELLES, 2018 [1991], p. 308, grifo nosso). Ainda que namorasse uma garota chamada Bruna, devido ao claustro familiar em que era mantido, há tempos, não a via. Inclusive, vislumbram-se, ao longo do conto, tentativas de vigilância e controle dos pais em relação a vida amorosa do pequeno homem. Ora a mãe, desgostosa com a escolha por Bruna, indicava, para o filho, Elizabeth, uma garota casta e de ‘boa índole’, que a queria como nora, ora o próprio pai, frente às gastanças de Rafael para com Bruna, ameaçava cortar-lhe a mesada: “‘Sua mesada já acabou?’ Estranhara o velho no mês passado. ‘Curioso, antes durava mais’. A mãe, tímida, limitava-se às insinuações: ‘Elizabeth esteve aqui. Que joia de menina! Feliz de quem se casar com uma joia dessas’.” (TELLES, 2018 [1991], p. 309). A própria mesada, nesse caso, servia de prerrogativa do pai, ora cúmplice que assume e adoça os contornos aprisionadores maternos ora o próprio agente penitenciário¹²³, para manter seu filho encarcerado e dependente, como descreve Françoise Dolto: “a proibição de trabalhar ou desemprego deixam na dependência pecuniária e de moradia em relação aos pais, chegando mesmo a uma adolescência prolongada [...]” (DOLTO, 2006 [1972], p. 267). No caso de

¹²¹ “Há um valor positivo na destrutividade compreendida da maneira como Winnicott propõe, pois permite a observação do envolvimento desta tanto na experiência de construção do sentido de realidade (de existir) do bebê como, mais tarde, na experiência de tornar o objeto parte da realidade externa. Da possibilidade de passar por essas experiências surge a condição de criar um mundo de realidade compartilhada, em que os vários sentimentos, situados entre o amor e o ódio, poderão ser experienciados com segurança e responsabilidade. Um outro aspecto merece ser destacado: a destrutividade é uma das raízes da construtividade, que só poderá ser exercida de modo natural, criativo e pessoal quando a pessoa, em seu amadurecimento pessoal, conquistar a consciência de sua destrutividade.” (REZENDE, 2014, p. 171).

¹²² Não se trata de um abandono completo das “dependências” do outro, uma vez que, em Winnicott, a independência é impossível; trata-se de uma independência-dependente, uma dependência (ou uma independência) suficientemente boa.

¹²³ Ao contrário disso, uma das funções paternas, após a permissividade e a sustentação da mãe durante a dependência absoluta, é de ‘lembrar’ à mãe que, além do bebê, há outras demandas, permitindo, ao mesmo tempo: a liberdade da criança e da mãe, que se desenleia da simbiose e pode voltar a outras atividades. Por isso que, para a criança, o pai: [...] facilitará igualmente a passagem do mundo da família para o da sociedade.” (CORNEAU, 1991, p. 29).

Rafael, embora quisesse trabalhar, para conquistar a independência dos pais e abandonar o colo que insistia em enclausurá-lo, o pai o impedia:

Se ao menos me deixassem trabalhar. Um homem da minha idade e vivendo de mesadas. Fechou as mãos enfurecidas. Ridículo. Estava farto de ouvir os argumentos do velho, ‘Sua saúde é frágil, filho. E você é extravagante demais. Trabalhando e estudando como estuda, quando é que vai descansar, quando?’ (TELLES, 2018 [1991], p. 309).

Juntos, o pai e a mãe, enrijecem o “cárcere” onde a criança se encontra e são capazes de manter, para além do tempo saudável, a infantilidade dela. Em *Alice através do espelho*, de Carroll, Alice afirma: “Quero dizer que uma pessoa não pode evitar ficar mais velha.”, como resposta, Humpty Dumpty diz: “Uma não pode, talvez, mas *duas podem. Com a devida assistência, você teria podido parar em sete.*” (CARROLL, 2013b [1971], p. 354, grifo nosso). O poder do ambiente total, encabeçado pela força materna, permanece em preocupação excessiva, seguido pela cumplicidade do pai¹²⁴, que, incapaz de operar, fomenta a prisão, mantendo, por tempo indeterminado, o filho sob sua tutela. Verifica-se que a reclusão da mãe é adornada pelas inépcias paternas, haja vista a sua negligência ocasional em auxiliá-la nos cuidados do rebento, no intuito de viabilizar novos horizontes ao infante. Efetivamente, tal abandono, seja por meio de separação física seja por afastamento simbólico – onde o pai se faz presente no lar, porém ausente no exercício de suas funções – pode conduzir a um quadro indesejado em que a mãe, sentindo-se desamparada, tende a *aderir-se ainda mais* ao lactente e postergar o desmame. Tanto a premência das responsabilidades paternas quanto a sua indiferença pode, dessa maneira, prejudica o desempenho materno e impactar o bem-estar da criança. Para o infante, as falhas maternas saudáveis, quando coadjuvadas pela cooperação do pai, propiciam a abertura de espaços potencialmente transicionais e ambientes propícios à expressão criativa, onde é possível realizar ensaios de autenticidade e emitir sinais para o mundo exterior.

Nos semblantes psicopatológicos da parentalidade, a “cumplicidade” paterna aos enleios maternos, que barra a saída dos filhos, é a instauração de uma ordem familiar tão onipotente que acaba por enclausurar as crianças ainda mais no seio parental, tal como a mãe o faz, nos meandros da narrativa, quando intenta controlar o horário de retorno de Rafael para casa. Além da própria fuga, emblema de uma *delinquência* frente a um ato de *privação* –

¹²⁴ Cumpre dizer que, de um lado, tem-se o pai impotente e societário do sistema prisional do filho, do outro, observa-se o ambiente materno, que, rijo, por vezes, impede o funcionamento suficientemente bom da paternidade: “O pai real poderá ser tudo o que quera: forte ou fraco, presente ou ausente, gentil ou tirano, trabalhador ou negligente, fiel à sua esposa ou infiel...pouco importa! [...], Só há verdadeira autoridade paterna quando esta for recebida de uma mulher.” (JULIEN, 1997, p. 55).

palavras-chaves que constituem o título de um livro de Winnicott –, no afã de ser autêntico e independente, mesmo diante das imposições e insinuações maternas, confinadoras das escolhas amorosas, Rafael flerta com a petulância: “‘Posso me casar com Elizabeth, posso me casar com as onze mil virgens e não abandonarei Bruna, é fácil entender isso?’” (TELLES, 2018 [1991], p. 309). Ainda quando permitem sua saída, na “autorização” para Rafael namorar Bruna, é possível que o ambiente materno e paterno tente, como ocorre na narrativa, *agarrar-se* às aventuras “independentes” do filho. Sabotadores do desenvolvimento emocional, a mãe e o pai dominadores e impositores – ou o analista doutrinador –, que extrapolam os limites dos cuidados, deparam-se com a laboriosa tarefa que é “falhar”; do outro lado, há filhos que se submetem, suprimindo a si mesmos, aos excessos ambientais. O funcionamento da mãe em preocupação primária excessiva e, por isso, patológica, pode ser testemunhada, levando em consideração os ‘desvios’, no célebre jogo da espátula: se a mãe suficientemente boa é capaz de esperar a hesitação do bebê em colocar a espátula na boca, como também lhe permite retirar o objeto da boca e o jogue no chão, a mãe dominadora, além de introduzir violentamente a espátula na boca da criança, obstrui o caminho de saída, impedindo-lhe que retire a espátula da boca e a lance no chão. Invadindo os territórios da criança, a mãe que *nunca* falha, fica tão *abundantemente* boa, que sabe o momento exato de realizar certas ações, por vezes mecânicas, visto que não são arbitrárias nem imprecisas: “Um bebê não se nutre de uma adaptação perfeita às suas necessidades. A mãe que satisfaz bem demais os seus desejos não é uma boa mãe. A frustração produz raiva, o que ajuda o bebê a ganhar experiência.” (WINNICOTT, 2000f [1950-1955], p. 302).

Ao desprezar o crescimento da criança, a mãe tirânica satisfaz todas as necessidades do filho, tal como se ainda fosse um pequeno rebento e necessitasse dos seus cuidados diligentes para existir. Com ações antecipadas, ansiosas e vigilantes, a função materna, nesses casos, de modo sufocante, interdita possíveis ações para além do seu colo, como também inibe o choro e o protesto do filho, como gestos criativos para chamar a atenção dos outros, uma vez que todas as necessidades já foram atendidas: “Deste modo a mãe, por ser uma aparentemente boa mãe, faz pior do que castrar o lactente; este último é deixado com duas alternativas: ou ficar em um estado permanente de regressão e ficar fundido com a mãe, ou então representar uma rejeição completa da mãe.” (WINNICOTT, 2013 [1960], p. 50). Com o processo de maturação não contínuo e sequencial, repleto de idas e vindas da criança, torna-se um serviço laborioso para a mãe entender quando os filhos necessitam de seu cuidado empático e demandam uma fusão, bem como quando querem estar separados. O psicanalista inglês percebe que a mãe, ao antecipar diligentemente as necessidades do filho maduro,

transforma-se em uma “perigosa bruxa”. Por isso que, conforme Françoise Dolto, na adolescência, a atitude ansiosa e superprotetora dos pais revela-se perturbadora para os filhos. Em outros termos, cabe aos pais, se suficientemente bons, parir os filhos para o mundo: “A adolescência é como um parto que não convém retardar. O adolescente experimenta a necessidade soluta de se desvencilhar da influência e do ambiente familiar, devendo o meio respeitar sem críticas esse trabalho de desligamento.” (DOLTO, 2006 [1972], p. 266). Na narrativa de Lygia, essa separação não era possível, posto que os pais de Rafael se movimentavam para mantê-lo no colo-claustro familiar – o colo *nunca falha*. A mãe empreende, diante dos acenos à independência, movimentos de vigilância do filho: “A mãe concordava, constante no seu alvo: ‘Você tem voltado tão tarde, filho! Eu gostaria que se firmasse com alguma moça, tanta moça boa ao redor...Você não pode continuar assim’.” (TELLES, 2018 [1991], p. 309). Eventualmente, o que ocorre na “psicopatologia da vida cotidiana”, assim como se precipita no conto de Lygia, é que os pais são incapazes de ofertar a carta de alforria ao filho, tomando-o possessivamente, monitorando seus empreendimentos¹²⁵ e, conseqüentemente, infantilizando-o: “[...] pais inábeis se tornam *voyeurs* das emoções sexuais e/ou amorosas dos adolescentes, para implicar com eles ou criticá-los. [...]. Em vez de vigilância, é de liberdade e desculpabilização por seus erros que o adolescente e a adolescente precisam [...]” (DOLTO, 2006 [1972], p. 267). Na narrativa de Telles, além de tentar restringir o horário de chegada do filho, a mãe-estrago¹²⁶, onipotente e dominadora, ficava à espreita, no aguardo da volta do filho para casa, no intento de oferecer-lhe leite quente – direto do seio ilusório: “Pensou na mãe, ciumenta. Amorosíssima, vigiando pela noite adentro, ‘É você, Rafael? Quer um copo de leite quente filho?’.” (TELLES, 2018 [1991], p. 309).

Se o amor materno, quando patológico, erguendo torres de Rapunzel e construindo os muros de Berlim, não tem portas, resta uma pequena janela em que a criança pode se atirar: eis por onde Rafael fugiu. Em um estado integrado, a personalidade está capacitada e, por vezes, exige a identificação com unidades cada vez mais amplas, desenvolvendo-se *para além*

¹²⁵ “É muito nocivo para o futuro, salvo raríssimas exceções, que os pais sejam confidentes de seus filhos adolescentes, pois o rapaz ou a moça poderiam recair numa regressão infantilizante. Os jovens têm necessidade de conversar com outros, e todas as facilidades para que participem com eles de atividades lúdicas, esportivas, culturais e artísticas, nas quais os pais não devem intrometer-se, são as melhores soluções para as dificuldades da adolescência, inevitáveis e muito enriquecedoras para a experiência de si mesmo e do outro que o sujeito retira delas.” (DOLTO, 2006 [1973], p. 267).

¹²⁶ Embebido pela noção de “estrago” (em francês, *revenge*), de Lacan, o conceito mãe-estrago diz respeito às mães que: “[...] ocasionam um estrago na vida dos filhos, quando elas se apoderam da vida deles, impedindo-os de viverem o próprio desejo, ou a própria vida. Em outras palavras, o desejo da mãe se impõe e toma conta do corpo e do desejo do filho.” (RIVERA, 2021, p. 17).

das altas torres dos complexos familiares: “Agora, a personalidade unitária é parte de um conceito de totalidade mais amplo. E logo vai se tornar parte de uma vida social cada vez mais ampla, incluindo as questões políticas; e (no caso de algumas pessoas) de algo que pode ser chamado de cidadania no mundo.” (WINNICOTT, 1999b [1968], p. 47). A mãe suficientemente boa, ao passo que, no começo, adapta-se de modo gradual, busca livrar-se desse confinamento simbiótico com o bebê – em uma movimentação da dependência à independência. A partir da desautorização, coordenada pela criança e consentida pelo ambiente materno, o bebê substitui a mãe, e sua fusão primitiva, pelo desconforto do princípio da realidade. Em casos suficientemente bons, a criança, em seu processo de amadurecimento, começa a se deparar, como Freud percebera, com uma transição do princípio do prazer para o princípio da realidade, da ilusão para a desilusão. Relaciona-se a uma passagem necessária para a continuidade do crescimento emocional do indivíduo, que só ocorrerá saudavelmente quando, em períodos anteriores, tiver existido uma área ilusória, proporcionada pelo aparecimento mágico do seio, criado pelo próprio bebê: “[...] atrás do desmame encontraremos o tema mais amplo da desilusão. O desmame implica numa amamentação-bem sucedida, e a desilusão implica no fornecimento bem-sucedido de espaço para ilusão.” (WINNICOTT, 2000c [1954], p. 307).

Se ocorreram movimentos ilusórios proporcionados pela mãe suficientemente boa e, depois, um desmame homeopático, significa que o pequeno rebento experimentou uma onipotência durante a dependência absoluta, dado que a mãe se adaptou às suas necessidades, assim como uma significativa e saudável desilusão. Em *Mais ideias sobre os bebês como pessoas*, Winnicott, após falar que a mãe é necessária para apresentar o mundo ao pequeno rebento e fundamental para sustentá-lo, diz que uma das tarefas essenciais da função materna é o “desilusionamento”, enquanto aspecto amplo do desmame; suscetível a comunicar à criança que, mesmo que o mundo forneça o que ela necessita, não realizará automaticamente. Cabe ao indivíduo, pois, conseguir buscar e bancar seu próprio desejo. O psicanalista recorre às “sombras do cárcere”, verso do poema do romântico William Wordsworth¹²⁷, como uma descrição poética para o processo da dolorosa desilusão e da percepção, por vezes angustiosa, do crescimento. Consequentemente, a criança está apta para desvencilhar-se da dependência,

¹²⁷Trata-se de uma Ode à imortalidade do poeta romântico inglês, escrita em 1802 e publicada na coletânea *Poems, in Two Volumes*, em Londres, em 1807: “Nosso nascimento não é senão um sono e um esquecimento/A Alma que cresce conosco, estrela de nossa Vida/Já teve seu pouso em outro lugar/E vem de muito longe/Não em completo esquecimento/E não em total desnudamento/Mas trilhando nuvens de glória viemos de Deus, que é nossa casa:/ O Céu que circunda nossa infância!/ Sombras do cárcere começam a cobrir/O menino que cresce/Mas ele vê a luz e sua fonte/Com alegria a contempla;/ O jovem, dia a dia afasta-se do oriente/Deve ir embora, da Natureza ainda é sacerdote,/E sua visão esplêndida/Em seu caminho o acompanha;/ Por fim, o Homem percebe como morre/E , na luz de um dia comum, se desvanece.”

proeminente nos primeiros tempos, e espreitar um mundo para além do mundo materno (WINNICOTT, 1978e). No texto lygiano, como o desmame não acontece, coube ao próprio filho, forçosamente, retirar a boca do *seio monstruoso materno*¹²⁸, fugindo de casa. N’*A família e o desenvolvimento individual* (1965), inclusive, Winnicott investiga crianças que, assemelhando-se ao protagonista do conto, fogem de casa. Em suas elucubrações, a criança mais velha, que escapa de casa, rompe semblantes estreitos do holding primitivo que a cercou, atingindo grupos cada vez mais amplos: “Cada um desses grupos representa uma fuga de casa; mas, ao mesmo tempo, todos simbolizam esse lar que foi deixado para trás e, na fantasia, destruído. [...]. Constatamos que se concede às crianças que *fogem* de casa a oportunidade de viver com uma outra família [...]” (WINNICOTT, 2011 [1965], p. 82). Durante o dramático exílio, ainda que distante de casa e dos pais-sentinelas, Rafael, no rescaldo, sente-se como um fugitivo de Alcatraz, perseguido e retalhado por olhares de mulheres desconhecidas e objetos inanimados, como as árvores do parque em que se refugia: “Vagou pelo parque o olhar comovido. Sentiu-se observado, pelas árvores, a folhagem atenta inclinando-se à sua passagem, elas estão me vendo como eu as vejo.” (TELLES, 2018 [1991], p. 309). A presença onipotente das imagos maternas¹²⁹ e paternas, sobrevivendo no seu inconsciente, vêm à tona como, invocando o idioma kleiniano, imagens persecutórias¹³⁰, capazes de acompanhá-lo durante o itinerário. Independentemente do local onde estava, a presença mimética dos pais sobrevinha terrificamente, raptando-o do caminho rumo à independência: “Tudo podia ser perfeito como o azul daquele céu sem mancha. Mas em algum lugar estava escondido o ponto negro, encravado lá no fundo, bojudo e fluido como uma nuvem nebulosa que inesperadamente se dilatava e descia para *arrebatá-lo, sugá-lo com fúria até as raízes.*” (TELLES, 2018 [1991], p. 311, grifo nosso).

Cumprir dizer que tais ensaios de rebeldia e discursos desobedientes – necessários à independência, se suficientemente bons e quando o colo é incapaz de falhar –, *nunca* foram

¹²⁸ No escrito *A família* (1981), Lacan diz que a imagem mnêmica do seio materno *toma toda* a vida do sujeito: “a imago do seio materno domina toda a vida do homem. [...]. Somente a imago que imprime no mais profundo do psiquismo o desmame congênito do homem, pode explicar o poder, riqueza e duração do sentimento maternal.” (LACAN, 1981 [1978], p. 20).

¹²⁹ A partir do livro *Mães que fazem mal* (2018), da psicanalista Silvia Lobo, pode-se categorizar a mãe de Rafael, de um lado, enquanto uma mãe *litiginosa*, que, no desejo que copiar a si mesma na sua criatura, impede o crescimento do filho, bem como sua saída de casa, e, de outro lado, enquanto uma mãe *invasiva*: “[...] invade o corpo dos filhos, que entra nele como se adentrasse por uma porta escancarada ou cuja chave lhe pertencesse. Não se intimida, não pede licença, e sem cerimônia abre, vasculha [...]. A mãe invasiva detém a fantasia de se manter fundida ao corpo dos filhos.” (LOBO, 2018, p. 24-25).

¹³⁰ Fantasiosamente, como resultado da intromissão da pulsão de morte – expurgada pelo ego do bebê – no seio, tem-se, o sentimento de que o objeto que recebeu a projeção (o seio) foi *cindido* em vários pedaços algozes, que se tornaram uma multidão de perseguidores. Em contrapartida, a outra parte da pulsão de morte, que não foi projetada, ou seja, que permaneceu retida no *self* (ego), converte-se em uma agressividade dirigida aos pequenos objetos perseguidores (SEGAL, 1975).

dirigidos exatamente aos pais, mas se passam na *mente* de Rafael; ou seja, as súplicas de independência não chegaram aos ouvidos de seus pais, são meros pensamentos que se projetam durante sua fuga. Prevalece, desse modo, o questionamento se, diante dos pais, a insubmissão e o “desrespeito” vigorariam ou se o personagem agiria apenas passivamente ante os desejos familiares. Outrossim, pode-se questionar, seguindo um outro viés interpretativo que retira do protagonista o ‘peso-culpa’ do claustro imposto, se apenas os pais são os únicos responsáveis pelo infortúnio de Rafael. Ou, imerso no conforto do colo familiar e protegido das agruras do viver independente, Rafael também não assumir-se-ia comparsa no “crime” de seu alheamento? Aproximando-se do final do texto, à revelia¹³¹, suas pernas o conduzem de volta ao lar-prisão de onde escapara: “Fixou o olhar apavorado na árvore da estreita ladeira que agora subia. Aquela árvore...Na fuga, abraçara-se àquela mesma árvore, nela se recostara – mas por que estava voltando? Por que de novo aquele lugar do qual fugira tão cheio de horror? Por que se aproximava mais daquilo?!” (TELLES, 2018 [1991], p. 312). Não à toa, momentos antes dessa movimentação incôscia, Rafael declara o seu verdadeiro desejo – infantil; uma *integração* (quase) impossível entre o mundo das fantasias dos primeiros tempos e o mundo externo, o princípio do prazer e o princípio da realidade, os pais e as suas amantes – aqui, o ímpeto de se separar dos pais, que outrora se sobressaía, dissolve-se: “[...] ah! se pudesse reunir todos, todos juntos! o pai, a mãe, Bruna, Elisabeth, todo mundo de mãos dadas, cantando aos gritos como as crianças, *Somos filhos de um rei!*” (TELLES, 2018 [1991], p. 312).

No artigo *A liberdade* (1999h [1969]), sulcando elementos do cenário político-cultural da Europa, Winnicott percebe que a liberdade e o movimento de independência não cabem apenas ao ambiente (colonizador); é possível que pessoas – e crianças – sintam “terror da liberdade”, quando a tiverem conquistado e, por consequência, preferirem submeter-se a um ambiente tirânico. Ser independente demanda responsabilidade e capacidade de sobreviver ao terrífico mundo externo, habitado, nos termos dos contos de fadas, por lobos, ogros e bruxas –

¹³¹ Em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901), Freud consigna acerca dos chamados “equivocos na ação” ou, em termos vulgares, “o sem querer, querendo” que ocorre nas funções motoras. Nessa obra sobre a vida cotidiana, o pai da psicanálise aponta: “Se os erros que cometemos quando fazemos uso da linguagem, que é uma função motriz, admitem tal concepção [desejo inconsciente], então podemos transpor essa mesma hipótese aos erros que cometemos em nossas outras funções motoras.” (FREUD, 2014 [1901], p. 171). Um caso semelhante, de caminhar incôscio e deparar-se, de modo surpreendente, no mesmo trajeto que acabara de passar, ocorre com o próprio Freud, relatado no artigo *O infamiliar* (1919): “Como certa vez, em uma quente tarde de verão, quando eu caminhava a esmo pelas ruas desconhecidas e vazias de uma pequena cidade italiana, e acabei numa região cujas características não me deixaram por muito tempo em dúvida. À minha vista, havia apenas mulheres maquiadas nas janelas das pequenas casas, e me apressei para abandonar a estreita rua na primeira esquina. Mas, depois de um tempo que vaguei sem direção, encontrei-me, subitamente, de novo na mesma rua, onde, então, levantei os olhos e chamou-me a atenção que meu apressado afastamento teve como consequência ter tomado, pela terceira vez, um novo desvio.” (FREUD, 2019 [1919], p. 68).

viver e ser independente é estar em confronto e tensão: “O sujeito que se pretende responsável tem que experimentar o confronto com a sociedade para adquirir os meios de se manter sozinho, de se desvencilhar por completo da dependência financeira e tutelar.” (DOLTO, 2006, p. 267). Há os que preferem viver dentro da caverna materna, em termos platônicos, e se satisfazem com as sombras projetadas pela luz, depois de tanto tempo presos, mesmo que alguém consiga fugir, *preferem permanecer acorrentados* aos grilhões da dependência a fazerem ensaios de emancipação. Nesse corolário, para permanecer sob a tutela reconfortante dos pais, a criança abdica, ora a contragosto ora passivamente, de seus gestos criativos e elementos de autenticidade, submetendo-se ao ambiente e a seus quereres e projetos: “[...] existem condições ambientais que destroem o sentimento de liberdade mesmo naqueles que poderiam gozá-lo. [...] a essência da crueldade é destruir no indivíduo aquele grau de esperança que faz algum sentido a partir do impulso criativo e do viver e pensar criativos.” (WINNICOTT, 1999h [1969], p. 242). No conto, Rafael, sem ter controle sob o corpo, regressa – ao “nirvana”, como diria Freud –, percorrendo o caminho inverso da sua rota de fuga, para o ambiente primitivo de cuidados excessivos que deixara: “Voltou-se estendendo os braços para o caminho percorrido, não!... E como nos sonhos, as pernas anestesiadas não obedeceram ao comando. ‘Não quero saber...’, repetia debilmente. E prosseguiu subindo ladeira acima [...]” (TELLES, 2018 [1991], P. 312). Winnicott *inverte* a máxima “os mais adaptados sobrevivem”, da teoria evolucionista darwiniana: na verdade, indivíduos que são adaptados a partir da lógica servil ao ambiente, sem ruídos e falhas, certamente não serão autênticos e viverão sob a égide de um falso *self* – para atender a esse ambiente claustrofóbico. Na teoria winnicottiana, o desenvolvimento emocional corresponde a um conflito constante contra a complacência ambiental, seja por mães onipotentes seja por filhos impotentes – ou ambos. Aliás, cumpre destacar que, na dinâmica dos cuidados, há ambientes que não comparecem ou que são incertos, provocando falhas igualmente danosas, e aqueles que cuidam excessivamente, ostentando o verdadeiro semblante da angústia. No *Seminário 10, a angústia* (2005), Lacan declara que não é nem a presença nem a ausência da mãe que é terrificante:

O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação com base na qual essa possibilidade se institui, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada, e *ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade de falta, quando a mãe está o tempo todo nas costas dela, especialmente a lhe limpar a bunda, modelo da demanda, da demanda que não pode falhar* (LACAN, 2005, p. 64).

Não se trata de uma presença patologicamente excessiva e invasiva; a presença, nas palavras do mestre francês, só é reconfortante quando há a garantia da ausência. A ausência da falta é a morte em vida. Voltando-se para Winnicott, na ausência de um convite para sair, aos poucos, desse lugar de dependência absoluta, do isolamento saudável primordial, o *self* verdadeiro do bebê *oculta-se* e, a fim de suprir as demandas desses cuidados excessivos, elabora um *falso self*. Há casos, todavia, em que o falso *self*, mantendo a ‘fachada’ da vida não-autêntica por um tempo, ao vislumbrar que não há, no claustro ambiental, possibilidade para prevalência do *self* verdadeiro, entrega-se a uma morte, mais especificamente, a um suicídio – em termos simbólicos: “o falso *self* percebe que não haverá mais nenhuma chance para o verdadeiro, casos em que a desesperança atinge seu grau máximo, pode ocorrer um *suicídio*, já que o verdadeiro não tem mais possibilidade de ver a luz [...] o falso *self* elimina a personalidade total.” (FULGÊNCIO, 2016, p. 90, grifo nosso). No conto, quando Rafael regressa ao claustro familiar, local onde (sobre)vivia com a fachada do falso *self*, submetido aos desejos do ambiente materno incapaz de falhar¹³², algo lúgubre havia acontecido, *in loco*, dentro de sua própria casa; numa atmosfera inquietante e fúnebre, logo se supõe que alguém morrera, algum membro que compunha aquele ambiente: “Caiu de joelhos, arquejante, a COISA acontecera próximo à sua casa. Estremeceu. A COISA acontecera na sua própria casa! Havia gente no portão. [...]. Pôs-se então a correr desabaladamente, agora tinha que ver, agora era impossível voltar, ‘Meu Deus, o que foi?!’.” (TELLES, 2018 [1991], p. 312).

Acompanha-se, pela descrição da voz narrativa em terceira pessoa, aos moldes de uma testemunha ou uma conhecida da família que também está de luto naquela sala, a ida e as elucubrações de Rafael, para descobrir quem de sua família morrera: “[...] tinha que saber, foi com minha mãe? Foi com ela?... ‘Mãe!’, gritou aproximando-se do grupo compacto de homens. Afastando-os com brutalidade, deu com um caixão. Na sua frente estava agora um caixão negro. [...]. Viu a mãe entrar na sala amparada por suas mulheres [...]” (TELLES, 2018 [1991], p. 312). Agora, pelo olhar trêmulo e claudicante, o leitor se debruça, juntamente com Rafael, sobre o caixão: *eis o próprio Rafael*, um defunto que jaz dentro do seu ambiente familiar: “Inesperadamente, como se o puxassem pelos cabelos, ele debruçou-se sobre o caixão e se encontrou lá dentro.” (TELLES, 2018 [1991], p. 312). Cindido em dois *selves*, o

¹³² De acordo com Maud Mannoni, em *A criança retardada e a mãe* (1964), a mãe, por vezes, *custa* em abandonar esse lugar reconfortante de estar funcionada com o filho, por causa de relações fantasias de completude, por estar ter o filho fusionalmente, que nutre: “[...] a criança retardada e sua mãe formam, em certos momentos, um só corpo, o desejo de um confundindo-se tanto com o desejo do Outro, que os dois parecem viver uma única e mesma história. Essa história tem por suporte, no plano fantasmático, um corpo atingido, por assim dizer, por ferimentos idênticos que adquiriram uma marca significativa. O que na mãe não pôde ser resolvido ao nível da experiência de castração, vai ser vivido, como eco, pelo filho que, nos seus sintomas, muitas vezes não fará mais do que fazer ‘falar’ a angústia materna.” (MANNONI, 1985 [1964], p. 37).

verdadeiro, que tentou ser autêntico ao fugir de casa, e o falso, que ficou para atender aos pais, o vivo-morto encontra-se, em seguida, com o seu duplo, entreolhando-se. Como um bebê nunca parido e que vive eternamente para além dos nove meses, Rafael morre, matando seus ‘gestos criativos’ e sua autenticidade, assassinados dentro da casa-ventre – ficando, com efeito, incrustado nas paredes do colo (materno) do caixão. A morte, ou o suicídio da personalidade total, traduz-se num movimento desesperado do falso *self* diante das penetrantes demandas do ambiente *excessivamente* cuidadoso, que não oferta brechas para a independência da criança; trata-se, também, de uma tentativa de cura, um reinício¹³³. Winnicott, inclusive, teve a psicanalista Margarete Little como uma paciente que, da mesma madeira que Rafael, do conto de Lygia, *regressou*¹³⁴ para a dependência no intento de retomar o desenvolvimento emocional. No caso clínico, Winnicott possibilitou a Little encontrar o verdadeiro *self*, a espontaneidade e a ‘capacidade de brincar, ao passo que, na narrativa literária, o retorno ao ambiente primitivo e à dependência absoluta desemboca na *morte* da criatividade e da autenticidade de Rafael.

No cerne da trama, o que à primeira vista se apresenta como um ambiente moldado sob os auspícios do que Winnicott postulou como o “ambiente suficientemente bom” – um *habitat* que deveria engendrar proteção, nutrição e crescimento saudável por um tempo limitado –, assume, ao longo da análise, contornos distorcidos. Este “ambiente *excessivamente* bom”, de maneira irônica, metamorfoseia-se em um universo no qual a profusão de cuidados, mesmo que embebidos em intenções aparentemente nobres de salvaguardar, escava um abismo de sufocamento subjetivo para a linhagem. Na tessitura poética, delineia-se um panorama no qual os limites benevolentes da família convertem-se em amarras emocionais, enredando o protagonista em um complexo labirinto de relações e responsabilidades que sufocam sua expressão individual. Nessa perspectiva, a teoria winnicottiana elucida o fenômeno pelo qual a proteção excessiva e o afeto asfixiante desencadeiam um paradoxo inusitado: a gênese de uma atmosfera psicologicamente limitadora, onde os elos parentais se erigem, inadvertidamente, como artífices de uma gaiola psíquica. O desfecho trágico do conto, marcado pela incapacidade de o protagonista escapar para os horizontes da cultura

¹³³ “O suicídio é, assim, tanto um desespero convicto quanto um tipo de reinício, o paciente, abraçando a morte, pretende começar tudo de novo (dado que o suicida acredita que poderá livrar-se do sofrimento, acredita que poderá aproveitar da eliminação do sofrimento, sem considerar que ele não poderá aproveitar do desaparecimento deste último).” (FULGÊNCIO, 2016, p. 90).

¹³⁴ No depoimento do tratamento com Winnicott, Little declara: “*Pude viver uma fase inicial e uma infância próprias viver e reviver as da minha mãe para ela. Atingindo os níveis mais primitivos do que às vezes é chamado de ‘posição esquizoide-paranoide’ em um ambiente controlado, seguro, não retaliativo e razoavelmente estável, cheguei a um novo ponto de partida, do qual pude seguir para o ‘estágio de preocupação’ [...]*” (LITTLE, 1992, p. 100).

(sociedade), perpetua a sua prisão emocional nos intrincados novelos da família. A teia complexa de ligações familiares, em sua interconexão, urde uma tapeçaria em que a liberdade é sufocada, relegando o indivíduo a um estado de reclusão psíquica. A investigação, promovida pelos aquedutos da teoria winnicottiana e aliada às reflexões literárias, lança luz sobre a inextricável relação entre os dinamismos familiares e os potenciais desdobramentos patológicos, delineando a rede de influências que podem obstaculizar o florescimento individual e precipitar a inescapável tragédia da submissão parental.

Incapaz de estabelecer-se além dos limites da tutela panopticamente vigilante de seus pais, Rafael se vê compelido a retornar ao claustro da dependência absoluta; uma regressão que, por conseguinte, precipita sua psique rumo à morte imaterial. Rafael, subjugado pela ânsia de independência e pela frustração de sua consecução, perece psiquicamente. A morte, não como evento físico, mas como um derradeiro suicídio da alma, consuma-se em seu íntimo. A conflitante dança entre a busca de liberdade e a amarra da familiaridade configura-se como uma luta incessante, cujo desfecho trágico encobre o conto com um manto de desesperança e inescapabilidade. O ápice dessa desolação emocional manifesta-se quando Rafael, no desfecho, depara-se com o reflexo de seu não-eu, sua projeção simbólica, no caixão. Nesse espelho derradeiro, o encontro com seu duplo, o defunto, simboliza a morte do eu-genuíno ou, em termos winnicottianos, o último suspiro do seu *verdadeiro self*. O tecido narrativo, qual teia que enlaça inexoravelmente, apresenta-nos a angustiante cena na qual Rafael se depara com “um espelho” que é, simultaneamente, uma reflexão de seu não-eu e uma projeção de seu duplo, em termos fantasísticos. Nesse reflexo, que adquire contornos funestos de um caixão, o protagonista contempla a simbólica representação de sua própria morte psíquica. Esse ato de transpor o limiar da sua própria subjetividade, por intermédio do espelho, converte-se, irremediavelmente, em seu próprio suicídio psíquico; um colapso emocional e existencial que se desenha como um abismo intransponível. Tal confrontação revela-se um desfecho de sombras, nas quais as veredas da fuga convergem para um beco sem saída, uma rota para o aniquilamento interno. Em síntese, a intersecção entre a perspicácia de Lygia Fagundes Telles e a lente analítica winnicottiana tece uma narrativa vívida que desnuda as armadilhas emocionais e os paradoxos inerentes às dinâmicas familiares. O conto “A fuga” subsiste como um testemunho eloquente das complexidades da parentalidade, cujas reflexões, enraizadas na psicanálise e na literatura, arcam com a responsabilidade de instigar-nos a decifrar os enigmas profundos que permeiam as relações humanas e a enigmática teia das subjetividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mãe, em todos os meus livros há uma página que me foi inspirada por ti. É aquela em que fala esse amor sublime que se reparte sem dividir-se e remoja quando todas as afeições caducam. Desta vez não foi uma página, mas o livro todo. Escrevi-o com o pensamento em ti, cheio de tua imagem, bebendo em tua alma perfumes que nos vêm do céu pelos lábios maternos. Se, pois, encontrares aí uma dessas palavras que dizendo nada exprimem tanto, deves sorrir-te; porque foste tu, sem o quer e sem o saber quem me ensinou a compreender essa linguagem.

(José de Alencar)

Plasmado ora no claudicante ora no robusto colo familiar primitivo, incumbido por promover o arcaico ambiente onde o sujeito engatinha e responsável pela germinação das primeiras experiências integrativas, o arcabouço lygiano, em seus arranjos diversos, decifra os múltiplos itinerários do desenvolvimento maturacional dos personagens – ordinários e literários –, que compõem a arquitetura da família e da parentalidade. A partir das contribuições de Winnicott, associadas à fortuna crítica lygiana, orquestram-se, nesta pesquisa, ilações analíticas sobre os escritos da Dama da Literatura. Bordejando não somente a poética genesiaca das tarefas individuais e do cuidado ambiental durante a dependência absoluta, a investigação expõe a tragédia que se abate sobre a arquitetura familiar, em seus semblantes desmamatórios e frustradores, conclamada a expurgar o pequeno rebento, quando maduro o suficiente, para cercados mais largos. Eis a potência da estética lygiana que, revirando os calabouços da estrutura parental, espia as diagramações desestruturantes e escusas que a atravessam, de modo a abalar seus pilares cristalizados. Se Rafael, aos moldes de um bebê no colo de uma mãe preocupada patologicamente, é incapaz de, a despeito de que faça seus ensaios independentes, afastar-se do ambiente (re)confortante da família, teriam os personagens lygianos ambientes suficientemente bons, que não falham nem por sua ausência excessiva, como em *Ciranda de Pedra* (1954), ou por sua presença opressora, como no conto *A fuga* (1991)? Além dos precários laços que sustentam a relação entre pais e filhos, de que modo outros elos, que ancoram a parentalidade e compõem ‘outros colos’ não-maternos, apresentam-se na gramatura de Lygia Fagundes Telles?

Numa excursão pelos artefatos literários da escritora paulista, como a parentalidade ganha novos contornos e roupagens alternativas em famílias que escapam à nuclearidade ortodoxa, como a monoparental de *Verão no Aquário* (1964)? Tais questionamentos colocam em evidência a demanda de mais pesquisas que se debrucem, recorrendo a tratados psicológicos, sobre as idiossincrasias e subjetividades da família, das estruturas parentais e da

conjugalidade, na poética da Dama da Literatura. Amamentada pelo gratificante seio da Psicanálise, prene das contribuições winnicottianas, esta pesquisa, capaz de corporificar, à vista investigativa, as arestas, por vezes, fragmentadas da dinâmica entre pais e filhos, pôde contemplar alguns descaminhos psicopatológicos da alcova familiar, cujos recantos, asfixiantes ou flácidos, reatualizam as tramas do bebê no colo da mãe. No conto *A fuga* (1991), percebe-se os (des)arranjos nefastos e claustrofóbicos da redoma materna, com suas paredes nefastas, que proporciona, em conluio com o pai, um encarceramento mordaz de Rafael, um filho de 20 anos com seus direitos românticos e pecuniários cerceados pelas vontades aniquiladoras da parentalidade. A narrativa, em tela, faz parte de um conjunto de textos lygianos que, em suas singularidades, às vezes, consubstanciam os semblantes, devastadores, apáticos, narcísicos, pérfidos ou sufocantes, das estirpes familiares. Em que pese as contribuições desta pesquisa, longe de estar esgotado ou exaurido, o tema da família e da parentalidade em Lygia Fagundes Telles, pela ótica da psicanálise, poderia expandir-se a partir de outros contos, que compõem, inclusive, o mesmo livro do conto *A fuga*, tais como *A medalha* e *O espartilho*, cujas análises poderiam robustecer ou estilhaçar a linha argumentativa, aqui, adotada.

Ademais, se, para a feitura deste trabalho, assumiu-se a abordagem psicanalítica de D. W. Winnicott, poder-se-ia, à vista dos variados trajetos interpretativos da Psicanálise, tomar contribuições de outros analistas consolidados, como Sándor Ferenczi, Françoise Dolto e Melanie Klein, para arrobustar a pesquisa e aventar outras interpretações possíveis na berlinda da ciência psicanalítica e da literatura. Desse modo, ao passo em que a psicanálise lê as subjetividades dos personagens, fornecendo uma lente idiossincrática para o artefato literário, há “inúmeras coisas sutis”, como coloca Winnicott, n’*A natureza humana* (1990, p. 70), “que só podem ser postas em palavras adequadamente por poetas [...]”; ou seja, que escampam à análise psicanalítica. Na narrativa analisada, ora deparamo-nos com funções que escorrem, ofertando um colo esgarçado e em frangalhos para os mais novos, ora com posições maternas e paternas capazes de, pela onipotência parasitária, criar uma redoma claustrofóbica e asfixiante. Pode-se, pela narrativa, antever uma mãe que, permanecendo imobilizada em um lugar preocupado, enclausura, com excesso de cuidados e aflições, um filho crescido; enquanto o pai, ao invés de ser um ‘abre-alas’ para a sociedade, torna-se cúmplice pusilânime dos desejos maternos e agente do próprio enjaulamento. Sintomaticamente claudicante em seu desenvolvimento emocional, o adulto-*infans* permanece com os seus pés, lânguidos como os de um bebê, emaranhados aos fios do tecido do vestido de sua mãe, com o seu rosto soterrado em seu colo e, por isso, incapaz de “fugir para o mundo”.

RERERÊNCIAS

AB’SÁBER, Tales. **Winnicott: Experiência e paradoxo: uma apresentação sobre a teoria de Donald Winnicott**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

ABERASTURY, Arminda; SALAS, Eduardo J. **A paternidade: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

ABRAM, Jan. **A linguagem de Winnicott**: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Rio de Janeiro: Revinter, 2020.

AFANASEV, Aleksandr (1855). In: TATAR, Maria. **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ALENCAR, José (1859). Mãe – drama em quatro atos. In: ALENCAR, José. **Obras completas, volume IV**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar LTDA, 1960.

ANDERSEN, Hans Christian. O patinho feio. In: TATAR, Maria. **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ARCANGIOLI, A. -M.; NASIO, Juan-David. Introdução à obra de Winnicott. In: NASIO, Juan-David. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

ARIÈS, Philippe (1960). **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARRIE, James (1911). **Peter Pan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BARTHES, Roland. **O neutro**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2003.

BEAUMONT, Jeanne-Marie Leprince de. A bela e a fera. In: TATAR, Maria. **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BETELLA, Gabriela Kvacek. Contos quase feitos de silêncio. In: DIMAS, Antonio et al. **Lygia Fagundes Telles**: cadernos de leitura – orientação para o trabalho em sala de aula. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BION, Wilfred. **Aprender com a experiência**. São Paulo: Blucher, 2021.

BITTENCOURT, Gilda Neves. **Retratos do conto: uma reflexão crítica**. Curitiba: Appris, 2019.

BOSI, Alfredo. A decomposição do cotidiano em contos de Lygia Fagundes Telles. In: BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2013.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2017.

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1996.

BOSI, Alfredo. Posfácio. In: TELLES, Lygia Fagundes. **A estrutura da bolha de sabão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BRUM, Stephanie. **De Freud a Winnicott**. Curitiba: Appris, 2021.

BURCHARDT, Grace Emilia. **A escrita Autoficcional de Lygia Fagundes Telles: tessituras entre literatura e psicanálise**. 2021. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

BURROUGHS, Edgar Rice (1912). **Tarzan, O Filho das Selvas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CALLIGARIS, Contardo. Para que serve a Psicanálise? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 de agosto de 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2608201022.htm>. Acesso em: 04 jul. 2023.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CARROLL, Lewis (1865). Aventuras de Alice no país das maravilhas. In: CARROLL, Lewis. **Alice - Coleção Clássicos Zahar - Comentada e Ilustrada: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013a.

CARROLL, Lewis (1871). Alice através do espelho. In: CARROLL, Lewis. **Alice - Coleção Clássicos Zahar - Comentada e Ilustrada: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013b.

CHECCHINATO, Durval. **Psicanálise de pais: criança, sintoma dos pais**. São Paulo: Companhia de Freud, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. Introdução. In: TELLES, Lygia Fagundes. **Seleta**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CORNEAU, Guy. **Pai ausente, filho carente**. São Paulo: Manole, 2014.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

COSTA, Teresinha. **Psicanálise com crianças**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editoria Horizonte, 2012.

DAVIS, Madeleine; WALLBRIDGE, David. **Limite e Espaço: Uma Introdução à Obra de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

DETHVILLE, Laura. **Donald W. Winnicott: uma Nova Abordagem**. São Paulo: Autores Associados, 2019.

DIAS, Elsa Oliveira. **A teoria do amadurecimento em D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

DIAS, Elsa Oliveira. **Interpretação e manejo na clínica winnicottiana**. São Paulo: DWW Editorial, 2015.

DOLTO, Françoise (1972). No jogo do desejo, dados viciados e cartas marcadas. In: DOLTO, Françoise. **No jogo do desejo: ensaios clínicos**. São Paulo: Ática, 2006.

DUMBO. Direção: Ben Sharpsteen. Estados Unidos: Walt Disney, 1941.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ELIOT, Thomas Stearns. **Poesia**. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

EURÍPEDES. **Medeia: edição bolso de luxo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

FERENCZI, Sándor (1927). A adaptação da família à criança. In: FERENCZI, Sándor. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, Sigmund (1897). Destinatário: Wilhelm Fliess. In: MASSON, Jeffrey Mousseiaeff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887 – 1904**. Rio de Janeiro: 1986.

FREUD, Sigmund (1900). **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund (1901). **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. São Paulo: Lafonte: 2014.

FREUD, Sigmund (1907). O delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen. **Obras completas, vol. 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906 – 1909)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund (1908). O escritor e a fantasia. **Obras completas, vol. 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906 – 1909)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund (1909). Análise da fobia de um garoto de cinco anos. **Obras completas, vol. 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906 – 1909)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund (1909). O romance familiar dos neuróticos. **Obras completas, vol. 8: O delírio e os sonhos na *Gradiva*, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906 – 1909)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund (1910). Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, vol. 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva ("o homem dos ratos"), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund (1912 – 1913). Totem e tabu. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912 – 1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund (1913). Os sonhos com material de contos de fadas. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreiber"), artigos sobre técnica e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1914). Introdução ao narcisismo. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, vol. 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1916). Alguns tipos de caráter elucidados pela psicanálise. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, vol. 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1918 [1914]). História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"). In: FREUD, Sigmund. **Obras incompletas, volume 14: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917 – 1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1919). **O infamiliar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, Sigmund (1920). **Além do princípio do prazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund (1920). Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, vol. 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920 – 1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund (1921). **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.

FREUD, Sigmund (1926). A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund (1927). **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

FREUD, Sigmund (1928). Dostoiévski e o parricídio. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund (1933). Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, vol. 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930 – 1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1942 [1905 ou 1906]). Personagens psicopáticos do teatro. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901 – 1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. (1930). O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, vol. 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930 – 1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FULGÊNCIO, Leopoldo. **Por que Winnicott**. São Paulo: Zagodoni, 2016.

FULGÊNCIO, Leopoldo. **Winnicott & Companhia: Winnicott e Freud**. São Paulo: Blucher, 2022a.

FULGÊNCIO, Leopoldo. **Winnicott & Companhia: Winnicott, Klein e Ferenczi**. São Paulo: Blucher, 2022b.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

GARRAFA, Thais. Primeiros tempos da parentalidade. In: In: TAPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera. **Parentalidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia de Freud, 1989.

GOETHE, Johann Wolfgang von (1808). **Fausto**. São Paulo: Martin Clarinet, 2016.

GOMES, Sergio. **A gramática do silêncio em Winnicott**. São Paulo: Editora Zagodoni, 2017.

GÓRKI, Máximo (1906). **A mãe**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

GREEN, André. A mãe morta. In: GREEN, André. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

GREEN, André. **Brincar e reflexão na obra de Winnicott: conferência memorial de Donald Winnicott**. São Paulo, SP: Zagodoni, 2013.

GREENBERG, Jay R.; MITCHELL, Stephen A. **Relações Objetais na Teoria Psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GRIMM, Irmãos. **Contos maravilhosos infantis e domésticos/Jacob Grimm e Wilhelm Grimm**. São Paulo: Editora 34, 2018.

GRIMM, Joseph; GRIMM, Jacob. Branca de neve. In: TATAR, Maria. **Contos de fadas: edição comentada e ilustrada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004a.

GRIMM, Joseph; GRIMM, Jacob. Rapunzel. In: TATAR, Maria. **Contos de fadas: edição comentada e ilustrada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004b.

HESSE, Hermann (1910). **Demian**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da idade média à época moderna**. Rio de Janeiro: Artmed, 2004.

HOFFMANN, Ernst Theodor Amadeus (1816). **O quebra-nozes: edição bolso de luxo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

HUMPHREY, Robert. **O fluxo da consciência**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna**. São Paulo: Zagodoni, 2020.

IACONELLI, Vera. Sobre as origens: muito além da mãe. In: In: TAPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera. **Parentalidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

JACOBS, Joseph. A história dos três porquinhos. In: TATAR, Maria. **Contos de fadas: edição comentada e ilustrada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004c.

JACOBS, Joseph. João e o Pé de Feijão. In: In: TATAR, Maria. **Contos de fadas: edição comentada e ilustrada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004b.

JOYCE, James (1904). **Stephen Herói**. São Paulo: Hedra, 2012.

JULIEN, Philippe. **O mando de Noé: ensaios sobre a Paternidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

KAFKA, Franz. **Carta ao pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KHAN, Masud. Introdução. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

KHAN, Masud. Quando a primavera chegar. **Análise psicológica**, 1-2-3 (VII), 1989, p. 287 – 304.

KIPLING, Rudyard (1994). **Os livros da selva: contos de Mowgli e outras histórias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

KLEIN, Melanie (1932). **Psicanálise da criança**. Rio de Janeiro: Imago: 1997.

KLEIN, Melanie (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921 – 1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, Melanie (1937). Amor, culpa e reparação. In: KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921 – 1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, Melanie (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides (1946). In: KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946 – 1963)**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

LACAN, Jacques (1978). **A família**. São Paulo: Assírio & Alvim, 1981.

LACAN, Jacques. Duas notas sobre a criança (1969). In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAURENTIIS, Vera Regina Ferraz de. Tornar-se mulher. **Revista Cult**, 1 nov. 2022. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/tornar-se-mulher/>. Acesso em: 05 nov. 2022.

LISPECTOR, Clarice (1943). **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice (1946). **O lustre**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

LISPECTOR, Clarice (1973). **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice (1978). **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. O ovo e a galinha. In: LISPECTOR, Clarice (1964). **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LITTLE, Margarete I. **Ansiedades psicóticas e prevenção: registro Pessoal de Uma Análise Com Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

LOBO, Silvia. **Mães que fazem mal**. São Paulo: Pasavento, 2018.

LOPARIC, Zelljko. Onde vivemos criativamente. **Revista Cult**, 13 mai. 2022. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/os-dois-modos-de-vida-de-um-homem/>. Acesso em: 18 out. 2022b.

LOPARIC, Zelljko. Os dois modos de vida de um homem. **Revista Cult**, 14 abr. 2022. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/os-dois-modos-de-vida-de-um-homem/>. Acesso em: 18 out. 2022a.

LOPARIC, Zelljko. **Winnicott e a ética do cuidado**. São Paulo: DWW Editorial, 2013.

LUCAS, Fábio. A ficção giratória de Lygia Fagundes Telles. In: Cult 23. **Lygia Fagundes Telles: a prosa do imaginário**. São Paulo: Editora Bregantini, 1999.

LUCENA, Suenio Campos. O fracasso familiar no romance *Ciranda de Pedra*, de Lygia Fagundes Telles. **R. Letras**, Curitiba, v. 22, n. 39, p. 117 – 136, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/5807>. Acesso em: 02 nov. 2022.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Editora 34, 2009.

MANNONI, Maud (1964). **A criança retardada e a mãe**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 2018.

MARQUES, Ana Martins. **Risque esta palavra: poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MELLO, FILHO, Julio de. **O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott**. Porto Alegre: Ates Médicas, 1989.

MEZAN, Renato. **O tronco e os ramos: Estudos de História da Psicanálise**. São Paulo: Blucher, 2019.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária – Poesia e Prosa**. São Paulo: Cultrix, 2012.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira, volume III: desvairismos e tendências contemporâneas**. São Paulo: Cultrix, 2019.

MONTEIRO, Leonardo et al. **Lygia Fagundes Telles: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Leonardo Monteiro**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

MOUTINHO, Nogueira. Resenha. In: TELLES, Lygia Fagundes. **A estrutura da bolha de sabão**. São Paulo: Círculo do livro, 1998.

NETO, Alfredo Naffah. O caso Margaret Little: Winnicott e as bordas da psicanálise. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, 41(75): 107-121, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v41n75/v41n75a08.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

NURIDSANY, Michel. Resenha. In: TELLES, Lygia Fagundes. **A estrutura da bolha de sabão**. São Paulo: Círculo do livro, 1998.

OLIVEIRA, Katia. **A técnica narrativa de Lygia Fagundes Telles**. Porto Alegre: UFRGS, 1972.

PAES, José Paulo. Ao encontro dos desencontros. In: CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. **Lygia Fagundes Telles**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1998.

PERRAULT, Charles. Cinderela ou O sapatinho de vidro. In: TATAR, Maria. **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

PHILLIPS, Adam. **Winnicott**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006.

PITLIUK, Lia. Winnicott e os desafios da parentalidade. In: TAPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera. **Laço**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

PONDÉ, Danit Zeava Falbel. **O conceito de medo em Winnicott**. São Paulo: DWW Editorial, 2015.

QUINET, Antonio. Lalíngua e sinthoma. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, nº 38, jul.-dez., 2016. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao38/cronica2.pdf>. Acesso em: 22 out. 2022.

RÉGIS, Sônia. A densidade aparente. In: CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. **Lygia Fagundes Telles**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1998.

REIS, Rosa. **O pensamento de Winnicott: a clínica e a técnica**. São Paulo: DWW Editorial, 2011.

REZENDE, Ariadne Alvarenga; MORAES, Engelberg de. **Depressão na obra de Winnicott**. São Paulo: DWW Editorial, 2014.

RIVERA, Gabriel G. **Função Materna: uma aproximação do conceito de estrago materno**. Paraná: Viseu, 2021.

RODRIGUES, Nelson. O gato cego. In: RODRIGUES, Nelson. (1961) **A vida como ela é**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012a.

RODRIGUES, Nelson. O sacrilégio. In: RODRIGUES, Nelson. (1961) **A vida como ela é**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012d.

RODRIGUES, Nelson. O vadio. In: RODRIGUES, Nelson. (1961) **A vida como ela é**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012c.

RODRIGUES, Nelson. A noiva da morte. In: RODRIGUES, Nelson. (1961) **A vida como ela é**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012b.

ROSA, Claudia Dias. **A paternidade em Winnicott**. São Paulo: DWW Editorial, 2022.

ROSA, Claudia Dias. O pai em Winnicott. In: ROSA, Claudia Dias (org.). **E o pai? Uma abordagem winnicottiana**. São Paulo: DWW Editorial, 2014.

ROSA, Claudia Dias. O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. **Natureza Humana**, v. 11, n. 2, p. 55-96, jul.-dez. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200003. Acesso em: 22 out. 2022.

ROSA, Guimarães. A terceira margem do rio. In: ROSA, Guimarães. **Primeiras histórias**. São Paulo: Global Editora, 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUNGE, Philipp Otto. O pé de Zimbro. In: TATAR, Maria. **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

SAFRA, Gilberto. A clínica em Winnicott. **Natureza Humana**, v.1 n.1, São Paulo, jun. 1999. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24301999000100006. Acesso em: 27 set. 2022.

SAFRA, Gilberto. **A Face Estética do Self: Teoria e Clínica**. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2009.

SALMOS. Cântico de Peregrinação. In: **Bíblia Sagrada**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

SALTEN, Félix (1923). **Bambi, a História de uma vida na floresta**. São Paulo: Wish, 2019.

SANTIAGO, Silviano. A bolha e a folha. Estrutura e inventário. In: CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. **Lygia Fagundes Telles**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1998.

SANTIAGO, Silviano. O Avesso da festa. In: TELLES, Lygia Fagundes. **Ciranda de Pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SARAMAGO, José (1977). **Manual de pintura e caligrafia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SARAMAGO, José (1980). **Levantado do chão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SARAMAGO, José. Ciranda de amigos. In: CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. **Lygia Fagundes Telles**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1998.

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SEGAL, Hanna. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. São Paulo: Penguin-Companhia, 2015.

SHAKESPEARE, William. **O Rei Lear**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Rio de Janeiro: Darkside, 2017.

SILVA, Vera Maria Tiezmann. **Dispersos & inéditos**: estudos sobre Lygia Fagundes Telles. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

TELLES, Lygia Fagundes (1970). Venha ver o pôr do sol. In: TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos: Antes do baile verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TELLES, Lygia Fagundes (1973). **As meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TELLES, Lygia Fagundes (1977). A sauna. In: TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos: Seminário dos ratos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TELLES, Lygia Fagundes (1991). A estrutura da bolha de sabão. In: TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos: A estrutura da bolha de sabão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TELLES, Lygia Fagundes Telles (1954). **Ciranda de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TELLES, Lygia Fagundes Telles (1964). **Verão no aquário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TELLES, Lygia Fagundes Telles (1989). **As horas nuas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TELLES, Lygia Fagundes Telles. O muro. **Os contos: Contos esparsos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TELLES, Lygia Fagundes Telles. Resposta a uma jovem estudante de Letras. In: TELLES, Lygia Fagundes. **Durante aquele estranho** (2002). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TELLES, Lygia Fagundes. 16 de dezembro. In: TELLES, Lygia Fagundes (1998). **A disciplina do amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

TELLES, Lygia Fagundes. **A estrutura da bolha de sabão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TELLES, Lygia Fagundes (1991). A fuga. In: TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos: A estrutura da bolha de sabão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TELLES, Lygia Fagundes. Anão de jardim. In: TELLES, Lygia Fagundes (1995). **Os contos: A Noite Escura e Mais Eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TELLES, Lygia Fagundes. Da delicadeza. In: TELLES, Lygia Fagundes (1998). **A disciplina do amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

TELLES, Lygia Fagundes. Gaby. In: TELLES, Lygia Fagundes (1991). **Os contos: A estrutura da bolha de sabão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018a.

TELLES, Lygia Fagundes. Natal na barca. In: TELLES, Lygia Fagundes (1970). **Os contos: Antes do baile verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TELLES, Lygia Fagundes. O menino. In: TELLES, Lygia Fagundes (1970). **Os contos: Antes do baile verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TELLES, Lygia Fagundes. Verde Lagarto Amarelo. In: TELLES, Lygia Fagundes (1970). **Os contos: Antes do baile verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TELLES, Lygia Fagundes. WM. In: TELLES, Lygia Fagundes (1977). **Os contos: Seminário dos ratos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

THOMPSON, Edward Palmer (1963). **A formação da classe operária inglesa, vol. 1**. São Paulo: Paz & Terra, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VAISBERG, Tânia Aiello Vaisberg; GRANATO, Tania. **Ser e fazer na clínica winnicottina da maternidade**. São Paulo: Ideais e Letras, 2006.

WALLACE, William Ross (1865). **Wordsworth: A Poem**. Estados Unidos: Andesite Press, 2017.

WINNICOTT, Clare. D W. W.: uma reflexão. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994e.

WINNICOTT, Donald (1988). **A natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, Donald Woods (1939). A mãe separada do filho. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. WMF Martins Fontes, 2015.

WINNICOTT, Donald Woods (1940). Crianças na guerra. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. WMF Martins Fontes, 2015.

WINNICOTT, Donald Woods (1940). Discussão dos objetivos da guerra. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999i.

WINNICOTT, Donald Woods (1941). A observação de bebês numa situação padronizada. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, Donald Woods (1941). Observação de bebês numa situação padronizada. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000e.

WINNICOTT, Donald Woods (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.

WINNICOTT, Donald Woods (1946). Que entendemos por uma criança normal. In: WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978d.

WINNICOTT, Donald Woods (1947). Pensamentos adicionais sobre bebês como pessoas. In: WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978a.

WINNICOTT, Donald Woods (1948). A reparação relativa à defesa organizada da mãe contra a depressão. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000b.

WINNICOTT, Donald Woods (1948). Pediatria e psiquiatria. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000a.

WINNICOTT, Donald Woods (1949). Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000d.

WINNICOTT, Donald Woods (1949). Um homem encara a maternidade. In: WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978g.

WINNICOTT, Donald Woods (1950 – 55). A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000f.

WINNICOTT, Donald Woods (1950). A criança desapossada e como pode ser compensada pela falta familiar. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. WMF Martins Fontes, 2015.

WINNICOTT, Donald Woods (1950). Algumas reflexões sobre o significado da palavra “democracia”. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999j.

WINNICOTT, Donald Woods (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.

WINNICOTT, Donald Woods (1954). Psicose e Cuidados Maternos. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000c.

WINNICOTT, Donald Woods (1954). Retraimento e regressão. In: WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**. Rio de Janeiro: Artmed, 2013.

WINNICOTT, Donald Woods (1955). Influências do grupo e a criança mal-ajustada. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. WMF Martins Fontes, 2015.

WINNICOTT, Donald Woods (1955). Retraimento e regressão In: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.

WINNICOTT, Donald Woods (1956). A preocupação materna primária. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.

WINNICOTT, Donald Woods (1958). A capacidade de estar só. In: WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**. Rio de Janeiro: Artmed, 2013.

WINNICOTT, Donald Woods (1960). O que te irrita? In: WINNICOTT, Donald Woods. **Conversando com os pais**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, Donald Woods (1960). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**. Rio de Janeiro: Artmed, 2013.

WINNICOTT, Donald Woods (1962). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**. Rio de Janeiro: Artmed, 2013a.

WINNICOTT, Donald Woods (1962). Enfoque pessoal da contribuição kleiniana. In: WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**. Rio de Janeiro: Artmed, 2013b.

WINNICOTT, Donald Woods (1963). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**. Rio de Janeiro: Artmed, 2013b.

WINNICOTT, Donald Woods (1963). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2013d.

WINNICOTT, Donald Woods (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**. Rio de Janeiro: Artmed, 2013a.

WINNICOTT, Donald Woods (1963). O medo do colapso. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994a.

WINNICOTT, Donald Woods (1963). O valor da depressão. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

WINNICOTT, Donald Woods (1964). O conceito de falso *self*. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999e.

WINNICOTT, Donald Woods (1964). O jogo do rabisco. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994c.

WINNICOTT, Donald Woods (1965). **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

WINNICOTT, Donald Woods (1966). A criança no grupo familiar. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999k.

WINNICOTT, Donald Woods (1967). A localização da experiência cultural. WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019a.

WINNICOTT, Donald Woods (1967). O conceito de indivíduo saudável. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999c.

WINNICOTT, Donald Woods (1967). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019b.

WINNICOTT, Donald Woods (1968) O uso de um objeto no contexto de *Moisés e o monoteísmo*. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994f.

WINNICOTT, Donald Woods (1968). A imaturidade do adolescente. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999f.

WINNICOTT, Donald Woods (1968). O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994d.

WINNICOTT, Donald Woods (1968). Sum: Eu sou. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

WINNICOTT, Donald Woods (1969). A liberdade. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999h.

WINNICOTT, Donald Woods (1969). Os muros de Berlim. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999g.

WINNICOTT, Donald Woods (1970). O lugar da monarquia. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999l.

WINNICOTT, Donald Woods (1970). Vivendo de modo criativo. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999d.

WINNICOTT, Donald Woods (1971). **Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

WINNICOTT, Donald Woods (1972). Sobre elementos masculinos e femininos ex-cindidos (Split-off). In: WINNICOTT, Donald Woods. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994b.

WINNICOTT, Donald Woods (1975). O lugar em que vivemos. WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019d.

WINNICOTT, Donald Woods (1977). **The Piggle: o relato do tratamento psicanalítico de uma menina**. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

WINNICOTT, Donald Woods (1987). **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, Donald Woods (1989). A contribuição da mãe para a sociedade. In: WINNICOTT, Donald Woods. Tudo começa em casa. São Paulo: Martins Fontes, 1999m.

WINNICOTT, Donald Woods (1993). Dizer não. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Conversando com os pais**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, Donald Woods. A criatividade e suas origens. WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019b.

WINNICOTT, Donald Woods. E o pai. In: WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978c.

WINNICOTT, Donald Woods. Mais ideias sobre os bebês como pessoas. In: WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978e.

WINNICOTT, Donald Woods. O bebê como organização em marcha. In: WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978b.

WINNICOTT, Donald Woods. O mundo em pequenas doses. In: WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978f.

WINNICOTT, Donald Woods. **Pensando sobre crianças**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.